

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**Faculdade de Letras**



**Mestrado em Estudos Artísticos**

**O ORFEÃO MADEIRENSE: DAS ORIGENS A 1957**

**Maria Amélia Machado Rua**

**ORIENTAÇÃO: Professor Doutor José Maria Pedrosa**

**2010**

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**Faculdade de Letras**

**Mestrado em Estudos Artísticos**

**O ORFEÃO MADEIRENSE: DAS ORIGENS A 1957**

**Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos,**

**Apresentada à faculdade de Letras da**

**Universidade de Coimbra, Sob a orientação do**

**Professor Doutor: José Maria Pedrosa**

**Maria Amélia Machado Rua**

**2010**

*Ao Manuel  
e a meus Pais...*

## **Agradecimentos**

- À Professora Doutora Maria Augusta Barbosa, a incentivadora desta caminhada e verdadeira responsável por este percurso;
- Ao Professor Doutor José Maria Pedrosa pela atenção prestada a um projecto que nos deu muito gosto construir;
- À Professora Doutora Isaura Sousa pela disponibilidade, presença e motivação constantes demonstradas ao longo da realização desta investigação;
- À D. Maria Guida Ferreira e Dr.<sup>a</sup> Fátima Menezes pela disponibilidade, pelo entusiasmo com que sempre encurtou a distância que nos separa em termos geográficos. Na verdade, só com a sua ajuda nos foi possível encontrar o que, aos poucos, íamos dando conta do que nos faltava. De outra forma ser-nos-ia muito mais difícil reaver documentos que, aos poucos, demos conta que nos faltavam.  
Um Bem-haja será muito pouco, relativamente ao dever de gratidão que nos merecem;
- À D. Rita Marques e à D. Teresa Vieira, funcionárias da Secção de Actas da Câmara Municipal do Funchal pela amabilidade com que sempre nos receberam e pela ajuda que nos iam dando na consulta dos documentos necessários à realização deste trabalho;
- A todos os funcionários do Arquivo Regional da Madeira pela simpatia com que sempre nos acolheram e pela abertura à recolha de informação que necessitávamos;
- Aos verdadeiros amigos mais próximos, ou mais distantes, que marcaram uma presença efectiva em todos os momentos cruciais de uma vida profissional que nos prezamos divulgar;

- À minha família de base: pai, mãe, irmão, mulher e filho e tia pela força que manifestaram para que este projecto atingisse o seu ponto culminante:
  
- A todos quantos estiveram presentes nesta caminhada fica um simples, mas sincero: **Muito Obrigada.**

## RESUMO

A música é uma actividade fundamental do ser humano e o seu estudo e divulgação tarefas importantes. Este trabalho trata de uma organização dedicada à música que é o *Orfeão Madeirense*. Ao longo deste trabalho procuramos mostrar a importância deste grupo musical no contexto cultural da Madeira. O Orfeão nasceu em 1920 pela mão de um grupo de militares, convidando para maestro o Dr. Passos de Freitas, estudante de Coimbra que, chegado à Madeira quis pôr em prática os ensinamentos e vivências de Coimbra, onde se licenciou em Direito. O seu percurso não foi uniforme; teve épocas de maior e menor actividade. Ainda hoje existe, embora o presente estudo incida no período entre 1920 e 1957. A justificação para esta escolha reside no facto de nesta última data terem sido aprovados os seus estatutos. Esta colectividade tinha um carácter comercial, pois os espectáculos que faziam eram pagos, embora as entidades oficiais como a autarquia também apoiasse a sua função social de divulgação e lúdica.

## **ABSTRACT**

Music is a fundamental human activity and its study and dissemination are important tasks. This work is an organization dedicated to the music from a group that is called “Orfeão Madeirense”. Throughout this paper we show the importance of this musical group in the cultural context of Madeira. The Choral Society was born in 1920 at the hands of a military group, calling for maestro Dr. Passos de Freitas, a Coimbra student who has reached to Madeira, wanted to put into practice the teachings and experiences of Coimbra, where he graduated in law. His career was not uniform; had times of greater and lesser activity. It still exists today, although this study covers the period between 1920 and 1957. The justification for this choice is that the latter date they were approved its statutes. This community had a commercial character, because the shows that were being paid, although the officials as the agency has also supported the disclosure of its social and playful.

# ÍNDICE

<b>ÍNDICE DE ANEXOS</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>19</b>
<b>1. ESTUDO DA QUESTÃO E METODOLOGIA</b>	<b>19</b>
1.1 . Breve resenha histórico-social	20
1.2 Antecedentes históricos próximos: finais do séc. XIX, inícios do séc. XX	21
1.3. Fundamentos teóricos e metodológicos	23
1.4. A problemática e a questão a investigar	24
1.5 Contextualização científica/intergeracional	25
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>29</b>
<b>2. RECOLHA DE DADOS</b>	<b>29</b>
2.1. Recolha de dados	30
2.1.1. Arquivo do Orfeão	30
2.1.2. Arquivo da Câmara Municipal	31
2.1.3. Entrevistas	31
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>32</b>
<b>3. MÚSICA NA MADEIRA</b>	<b>32</b>
3.1. Divulgação musical	33
3.1.1. Alguns eventos realizados	33
3.1.2. Músicos madeirenses	34
3.1.3. Diminuição dos eventos musicais	36
3.2. A importância da música na região	38
3.3. O ascendente do panorama musical	43
3.3.1. Bandas filarmónicas	44
3.3.2. A riqueza do folclore madeirense	46



3.4. A Música na Sé Catedral	46
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>49</b>
<b>4. ORFEÃO MADEIRENSE</b>	<b>49</b>
4.1. O que é um orfeão?	50
4.2. Organização do orfeão	50
4.3. Apuramento de vozes	53
4.3.1. Elementos do Orfeão Madeirense	53
4.3.2. Ensaaios	57
4.4. Os primeiros concertos	59
4.5. Novos rumos se preparam	62
4.6. Espaços diferentes, causas comuns: Madeira/Canárias”	68
4.7. “Notas soltas de um canhenho de impressões	68
4.8. O regresso à normalidade	69
4.9. Envolvimento social: autarquia e comunicação social	70
4.9.1. Autarquia	70
4.9.2. Comunicação social	71
4.10. Outros eventos/ trocas culturais	74
4.11. Inclusão das Vozes Femininas no Orfeão	78
4.12. Tempos difíceis se avizinham	81
4.12.1. Renascer das Cinzas	85
4.12.2. As festas de fim de ano de 1934	87
4.13. Circuitos entreabertos/ interregno coralístico	92
4.14. O retomar de um trabalho inacabado - 1953	95
4.14.1. Sentida homenagem	97
4.14.2. Des-continuidades	98
4.15. O Orfeão Madeirense e a sua nova fase	99
4.15.1. Novos reveses	103
4.15.2. Superação de expectativas	105
4.16. Recomeço e continuidade: ano 1957	110

<b>CAPÍTULO V</b>	<b>122</b>
<b>5. SEPTETO DR. PASSOS DE FREITAS</b>	<b>122</b>
5.1. Resenha histórica	123
5.2. O Sexteto fora de portas	125
5.2.1. A arte em digressão	128
5.2.2. A Estada em Londres	128
5.3. Um salto no tempo	135
<b>CAPÍTULO VI</b>	<b>139</b>
<b>6. MAESTRO DR. MANUEL PASSOS DE FREITAS</b>	<b>139</b>
6.1. Identificação pessoal	140
6.2. Simplicidade publicitada	142
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>144</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E FONTES</b>	<b>148</b>
<b>ANEXOS DOCUMENTAIS</b>	<b>159</b>

## INDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Artigo do “Diário da Madeira” de 9 de Março de 1913.	160
Anexo 2 – Acta da Sessão da Comissão executiva de 7 de Fevereiro de 1924.	161
Anexo 3 – Membros do Orfeão Madeirense, pertencentes ao coro religioso.	162
Anexo 4 – Nome dos elementos da constituição por naipes do Orfeão Madeirense;	163
Anexo 5 – Idem.	164
Anexo 6 – Conversa sobre o Orfeão Madeirense.	165
Anexo 7 – Informação sobre ensaios.	166
Anexo 8 – Correspondência sobre a viagem do Orfeão às Canárias;	167
Anexo 9 – Idem;	168
Anexo 10 – Idem;	169
Anexo 11 – Idem;	172
Anexo 12 – Idem;	173
Anexo 13 – Orfeão Madeirense vai às Canárias – Documento 9ª;	175
Anexo 14 – Correspondência das Canárias para o Funchal;	177
Anexo 15 – Idem;	178
Anexo 16 – Idem;	179
Anexo 17 – Idem;	180
Anexo 18 – Idem;	181
Anexo 19 – Idem;	182
Anexo 20 - Correspondência entre o Orfeão e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, sobre a aquisição dos passaportes;	187
Anexo 21 - Correspondência das Canárias;	189
Anexo 22 – Idem.	190
Anexo 23 - Correspondência entre o Orfeão e as Canárias sobre o repertório a apresentar;	192
Anexo 24 – Idem;	193
Anexo 25 - Informação sobre os procedimentos da viagem do Orfeão às Canárias;	195
Anexo 26 - Correspondência para às Canárias;	197

Anexo 27 – Idem;	198
Anexo 28 – Idem;	200
Anexo 29 – Idem;	201
Anexo 30 – Idem;	203
Anexo 31 – Idem;	204
Anexo 32 - Ofício da Câmara do Funchal ao Orfeão;	206
Anexo 33 - Correspondência acerca do transporte da ida do Orfeão às Canárias;	208
Anexo 34 – Idem;	209
Anexo 35 - Correspondência para o Orfeão;	211
Anexo 36 - Programas das Festas de Maio ;	213
Anexo 37 - Programas das Festas de Maio ;	214
Anexo 38 - Programas das Festas de Maio ;	215
Anexo 39 - Artigo sobre o 2º concerto nas Canárias;	216
Anexo 40 - Programa do Concerto em La Laguna;	218
Anexo 41 - Programa de Homenagem de despedida dos excursionistas Madeirenses;	219
Anexo 42 - Actas do Arquivo da Câmara Municipal do Funchal;	220
Anexo 43 - Programa de um concerto em inglês;	221
Anexo 44 - Partitura de “Morena”;	222
Anexo 45 - Idem;	223
Anexo 46 - Idem;	224
Anexo 47 – Idem;	225
Anexo 48 – Idem.	226
Anexo 49 - Correspondência do Orfeão de Portugal no Rio de Janeiro para o Orfeão Madeirense - Documento 29;	227
Anexo 50 - Entrevista a Duarte Silva;	228
Anexo 51 - Programa das Festas da ;	229
Anexo 52 - Idem.;	230
Anexo 53 - Receita do espectáculo realizado em 29 de Dezembro de 1934;	231
Anexo 54 - Recibo do Sarau Musical de 29 de Dezembro de 1934;	232

Anexo 55 - Pedido para formar a associação do Orfeão Madeirense	233
Anexo 56 - Carta a D. Maria Campina	234
Anexo 57 - Lápide de homenagem ao Dr. Passos de Freitas exposta à entrada do Teatro Municipal do Funchal	235
Anexo 58 - Convite para a sessão de homenagem	236
Anexo 59 - Quantia apurada na récita de 26 Março de 1953	237
Anexo 60 - Foto do Largo do Colégio	238
Anexo 61 - Voto de louvor da Câmara Municipal do Funchal	239
Anexo 62 - Voto de louvor da Delegação de Turismo da Madeira	240
Anexo 63 - Carta do Orfeão Scalabitano	242
Anexo 64 - Correspondência de Santa Cruz de Tenerife	243
Anexo 65 – Idem	245
Anexo 66 - Pedido de repertório ao Sr. Carlos Alleluia	247
Anexo 67 - Resposta do Sr. Carlos Alleluia	248
Anexo 68 - Ao Sr. Antonino Pestana	249
Anexo 69 – Pedido do programa de 16/06/1956	250
Anexo 70 – Pedido de envio da lista dos membros da comissão organizadora do Orfeão Madeirense	251
Anexo 71 - Correspondência para Tenerife	252
Anexo 72 – Idem	253
Anexo 73 – Idem	254
Anexo 74 - Comissão Organizadora do Orfeão Madeirense	255
Anexo 75 – Idem	256
Anexo 76 - Correspondência de Tenerife	257
Anexo 77 - Felicitações ao Orfeão	259
Anexo 78 - Referente à festa de confraternização do Orfeão Madeirense	260
Anexo 79 - Apreciação da actuação do Orfeão	261
Anexo 80 – Idem	262

Anexo 81 – Idem	263
Anexo 82 - “Aquila é Poesia”	266
Anexo 83 - Condições da viagem para Tenerife	267
Anexo 84 – Idem	268
Anexo 85 - Telegrama de Tenerife	271
Anexo 86 - Aprovação dos Estatutos do Orfeão	273
Anexo 87 - Pretensão da ida do Orfeão ao Continente	274
Anexo 88 - Para aprovação dos corpos gerentes	275
Anexo 89 - Falta de elementos de identificação dos corpos gerentes	276
Anexo 90 - Estatutos do Orfeão Madeirense	277
Anexo 91 - Idem;	278
Anexo 92 – Idem;	279
Anexo 93 – Idem;	280
Anexo 94 – Idem;	281
Anexo 95 – Idem;	282
Anexo 96 – Idem;	283
Anexo 97 – Idem;	284
Anexo 98 – Idem;	285
Anexo 99 – Idem;	286
Anexo 100 – Idem;	287
Anexo 101 – Idem;	288
Anexo 102 – Idem;	289
Anexo 103 – Idem;	290
Anexo 104 – Idem;	291
Anexo 105 – Idem;	292
Anexo 106 – Idem;	293
Anexo 107 – Idem.	294
Anexo 108 – Discos gravados na «His Masté’s voice»	295
Anexo 109 - Informação sobre os discos do Sexteto	296
Anexo 110 - Artigo sobre a digressão do Septeto a Lisboa	297

Anexo 111 - Inscrição no Septeto;	298
Anexo 112 - Anuncio do espectáculo do Septeto em Inglês;	299
Anexo 113 - Livros de partituras do Septeto;	300
Anexo114 - Partitura da música Na Baía do Funchal;	301
Anexo 115 – Idem;	302
Anexo 116 - Partitura do Fado Ruy Coelho;	303
Anexo 117 – Idem.	304
Anexo 118 - – Partitura “Torrento-IIª Tarantella” de G. de Sena;	305
Anexo 119 – Idem;	306
Anexo 120 – Idem;	307
Anexo 121 - Partitura “Serenada Galante” de Virgílio Ranzato;	308
Anexo 122 – Idem.	309
Anexo 123 - Partitura “Milena Czardas”;	310
Anexo 124 – Idem;	311

# **INTRODUÇÃO**



## INTRODUÇÃO

Embora a música na Madeira, tenha estado em evidência ao longo dos tempos, pois eventos musicais eram o que não faltava na referida ilha, quase todos protagonizados por estrangeiros, uma vez que a produção musical da ilha não era suficiente para “entreter” os numerosos turistas que ali assomavam durante todo o ano.

Desta forma, os grupos musicais formados na ilha recebiam dos madeirenses uma considerável admiração.

Sendo assim, por ser um grupo muito falado nos meandros madeirenses e um tema bastante frequente no espaço onde nos encontrávamos a desempenhar as funções docentes, o Orfeão Madeirense, despertou em nós muita curiosidade. Das conversas que íamos ouvindo, concluíamos que havia um primeiro conhecimento do Orfeão, mas nada de profundo, pois quando questionávamos algo mais aprofundado, as respostas eram evasivas, remetendo-nos sempre para terceiros, os quais também nada mais sabiam adiantar. Conseguíamos ver um grande entusiasmo pelo tema mas pouco de concreto. As pessoas abordadas diziam apenas que o grupo tinha sido muito importante para a Madeira e que tinha sido criado nos anos 20.

Pensamos então que seria um tema interessante para desenvolvermos, pois, dado tratar-se de um grupo cuja actividade teve início na década de 20 e pouco ou nada se sabia sobre o mesmo.

A Madeira guardava marcas de quão importante tinha sido para aquela ilha o referido grupo e depois de iniciarmos a pesquisa, fomos dando conta dos muitos artigos que existiam sobre o Orfeão Madeirense.

Mas, nos artigos referidos, também éramos obrigados a tomar conhecimento de todas as actividades do “Septeto Dr. Passos de Freitas”, pois este era indissociável do Orfeão, uma vez que ambos tinham em comum o seu fundador: Dr. Manuel dos Passos de Freitas. Por esse motivo consideramos importante incluí-lo neste trabalho.

Na imprensa local, podia ler-se tudo o que estava relacionado com estes dois grupos, pois a mesma reservava quase diariamente, um espaço onde informava os seus leitores sobre como se iam processando os acontecimentos.

Relativamente ao Orfeão, os madeirenses, puderam acompanhar os trabalhos relativos à sua formação, à selecção de vozes para integração no mesmo, ao início dos ensaios e às suas primeiras actuações. A partir daí, toda a vida do grupo supra citado foi

exposta nas folhas dos diários madeirenses. O mesmo se passou com o Septeto Passos de Freitas.

Dado o trabalho desenvolvido a nível musical nesta ilha e ao facto de ser o mesmo o fundador e maestro, dos grupos musicais em estudo, pensamos que, deveríamos dedicar um capítulo, ainda que de reduzida dimensão ao Dr. Manuel dos Passos de Freitas.

Para além disso, no decorrer das nossas leituras, também nós considerávamos importante o desempenho destes grupos na Madeira.

Talvez o título deste trabalho, suscite alguma curiosidade devido ao facto deste grupo (Orfeão Madeirense), ainda hoje existir e a nossa pesquisa terminar em 1957. Foi, neste ano que foram alterados os Estatutos do Orfeão Madeirense (Aprovados por despacho ministerial de 23 de Abril de 1957) e, tendo em conta esse episódio da vida do referido grupo, achamos oportuno terminar aí a nossa tarefa.

Temos certeza que a partir do referido ano, não seria difícil continuar a investigação do Orfeão, pois na sede do próprio existia um número considerável de documentos, devidamente organizados e fáceis de consultar, mas que tornariam este trabalho muito extenso.

A realização deste estudo envolve, pois, vários procedimentos: (i) escolha do tema a estudar; (ii) definição dos objectivos; (iii) levantamento de documentação existente que nos possibilitasse os contactos com uma realidade algo desfasada no tempo; (iv) consulta aos Arquivos Regionais Madeirenses; (v) entrevistas não estruturadas; (vi) pesquisa em recursos bibliográficos relacionados com a Música Coral.

Entenda-se por Arquivos Regionais Madeirenses: O Arquivo Histórico da Madeira, A Biblioteca Municipal da Madeira, A DRAC (Direcção Regional dos Assuntos Culturais) e a Secção de Apoio aos Órgãos Autárquicos – Actas.

O método utilizado nesta investigação baseou-se no levantamento e análise documental disponível nos arquivos que, ao longo do texto, vamos referindo.

Depois das várias leituras efectuadas na “Máquina dos Microfilmes”, íamos recolhendo o material necessário para a elaboração deste trabalho que se encontra organizado da seguinte forma:

- No primeiro capítulo tentamos enquadrar o nosso trabalho no contexto histórico, sociocultural e geográfico mais abrangente, sobretudo no que se refere ao País a que pertencemos.

- No segundo capítulo procuramos situar-nos na problemática envolvente que nos foi permitindo abrir caminhos de encontro com os fundamentos teóricos de uma metodologia da investigação correspondente aos objectivos que nos propúnhamos atingir.

- No terceiro capítulo faz-se uma breve abordagem à música da Madeira, já que foi, de facto, muita a informação encontrada sobre esta temática. Com ela e através dela pretendemos enquadrar, empiricamente, o papel assumido pelo Orfeão, verificar a acção desenvolvida no campo cultural e artístico do Povo Madeirense, sem o propósito primordial de aprofundar o estudo da música na Madeira.

- O quarto capítulo passa a ser, inteiramente, dedicado à vida e obra do Dr. Manuel Passos de Freitas.

- Já no quinto capítulo é feita uma abordagem aprofundada ao Orfeão Madeirense, na qual constam: a sua origem e fundação, objectivos da sua constituição, os elementos que o constituem, os ensaios, a inclusão das vozes femininas, os concertos e os programas dos mesmos, as viagens, os comentários da imprensa e de pessoas anónimas, reveladores da importância de que o mesmo se reveste, à época, na sociedade funchalense.

- No sexto capítulo falamos do percurso do Septeto Passos de Freitas ao longo dos anos a que o nosso estudo diz respeito. Tal como no Orfeão, analisamos a sua constituição, as suas modificações ao longo dos anos, os seus concertos e os respectivos programas, as viagens, os comentários da imprensa e de pessoas singulares, que, tal como no Orfeão, revelavam, acintosamente, importância do mesmo na sociedade funchalense.

Dos documentos em anexo, os que se encontravam em espanhol, foram traduzidos o mais fielmente possível. Outros foram transcritos dado a ilegibilidade dos mesmos.

Devemos referir que alguns documentos ficaram por anexar, não porque não gostássemos de os expor, mas porque consideramos que o trabalho se tornaria muito extenso.

Relativamente à bibliografia, queremos salientar que este trabalho foi fundamentalmente baseado nos jornais da época, servindo-nos a restante bibliografia de suporte meramente teórico.

**CAPÍTULO I**

**ESTUDO DA QUESTÃO E**

**METODOLOGIA**

## 1.1. Breve resenha histórico-social

“...a música, seja ela erudita, tradicional ou popular, executada nas igrejas, em salas de concertos ou de hotel, em locais de diversão ou nas ruas e praças da Região, nunca esteve arredada do quotidiano dos Madeirenses, tendo deixado uma marca indelével, na sua vivência e na sua cultura”<sup>1</sup>

O estudo da cultura dos povos fica muito aquém do campo económico-político, atingindo o social de forma, também, pouco correcta, quase nula, em nosso entender.

Ainda que o nosso trabalho incida, de forma muito especial, na cultura musical da Madeira, não podemos ignorar que a Madeira se engloba num campo histórico – cultural muito mais vasto do que a sua própria existência e sua a situação geomorfológica.

Tal como o autor citado, também nós consideramos a música como uma das mais antigas aquisições artísticas da humanidade, devendo ser devidamente enquadrada em cada comunidade de base a que pertencemos e que se vem transmitindo de geração em geração, ao longo dos tempos. Eis, aqui, uma boa razão que vem de encontro a esta nossa curiosidade investigadora. É ela que nos tem conduzido, também, através da História dos Povos por razões de curiosidade, de desafio, de interesse pela sua expressão artística. Foi tudo isto e muito mais que, quando tudo nos parece impossível desvendar, nos abriu caminhos sinuosos que nos trazem, agora, alguma luz que, decerto, irá encontrar reciprocidade, não só nas gentes que connosco colaboraram, como poderá encontrar ecos de repercussão nas gerações vindouras.

Não podemos ignorar que a situação privilegiada deste Arquipélago, inserido em pleno Atlântico Norte, sofre, ao longo dos tempos da sua existência, da influência de novos ventos musicais que sopram, de uma forma muito especial do Continente Português a que pertence, não deixando de se reflectir e sofrer das influências de outros povos que o habitaram e que o visitaram.

---

<sup>1</sup> Carita, 2008:017

## 1.2. Antecedentes históricos: finais do séc. XIX, inícios do séc. XX

É João de Freitas Branco (1995) que nos traz a informação de que esses efeitos musicais remontam aos primórdios de uma civilização Político-Militar que “teve o cuidado de proporcionar a instituições religiosas os meios para as suas práticas musicais, dentro da tradição”.<sup>2</sup>

Segundo o mesmo autor, alguns conventos existiam de épocas muito anteriores.

Não poderemos, contudo, adiar uma referência muito especial às manifestações musicais, profanas, aristocráticas e populares que favoreceram o florescimento trovadoresco considerado como ponto fundamental em que as histórias da literatura e da música portuguesas se encontram e interpenetram.

De salientar que, ao longo dos tempos se foi desenvolvendo uma cultura musical não só a nível popular, mas também a nível religioso e cortesã que não poderia ter deixado de passar na Madeira com os primeiros povoadores”<sup>3</sup>. De entre as manifestações de religiosidade, a música estava presente em pequenas representações teatrais, por ocasião de festas litúrgicas, principalmente as ligadas aos ciclos do Nascimento e Morte de Cristo, à vida dos santos e, de uma forma muito especial, às dedicadas à Virgem Maria. Ainda nos tempos actuais essas representações se fazem por todo o Portugal Continental e Ilhas. A intensificação destes actos era de tal maneira forte que até os escravos estavam autorizados a participar com as suas danças, mesmo durante as procissões, que por se considerarem idênticas a desfiles de carnavalescos, a igreja viu-se obrigada a regulamentar tais eventos.

Foi com o Concílio de Trento que a proibição se radicalizou, acabando por estas representações passarem de dentro das igrejas para os adros respectivos, o que originou que, com o passar dos tempos se fizesse a distinção entre música profana e música sacra.

A este respeito, Isabel Santos Clara (2008) refere-nos que “Durante largos séculos, a arte que encontramos na Madeira, à semelhança do que se passa, aliás, no

---

<sup>2</sup> Branco, 1995

resto do país, é predominantemente uma arte religiosa não porque não houvesse outro tipo de manifestações artísticas, mas porque essa foi a mais abundante e preservada das heranças. É por isso que abordar a iconografia musical neste arquipélago implica, antes de mais, equacionar a relação entre as especificidades da temática musical e da temática religiosa no seu conjunto”<sup>4</sup>.

Há, ainda, vários estudiosos de entre os quais salientamos Manuel Pedro S. Freitas (2008), que, referindo-se à vida e história das colectividades musicais deste arquipélago, afirmam que se constituem como um tema pouco abordado, não obstante a importância sociocultural que lhe reconhecem. Como tal, são pouco conhecidas.

“Efectivamente, para além das notícias dispersas nos jornais e escritas, habitualmente, a propósito de efemérides, espectáculos e ultimamente também de encontros regionais de música, são ainda poucas as publicações versando esta temática. Aliás, a mesma situação se verifica ao nível de outras áreas musicais. Naturalmente por mais artigos ou publicações que surjam, a história dos grupos musicais da Madeira, permanecerá sempre incompleta”<sup>5</sup>.

Esta citação remete-nos, naturalmente para o campo de investigação que pretendemos ter levado a efeito sobre os grupos Orfeão Madeirense e Septeto Passos de Freitas a quem dedicamos parte da nossa investigação.

É este autor que ainda nos confirma algumas dúvidas surgidas durante o respectivo trabalho, quando assevera que: “Apesar de ao longo da História da Música na Madeira terem sido inúmeros os protagonistas da expressão musical, na sua maior parte não foram alvo de registo e a distância temporal que nos separa dos acontecimentos é tão dilatada que nada ou pouco sobreviveu aos filtros inerentes à transmissão oral entre gerações”<sup>6</sup>.

Ao nos depararmos com tal depoimento mais uma razão vem fundamentar o trabalho a que nos propusemos dar corpo. Temos consciência plena do quão difícil se tornou esta tarefa. Não obstante, trouxe-nos o prazer indescritível de poder dar o nosso humilde contributo numa área que muito nos afecta.

É isto que, mais ou menos, João Carlos Nunes Abreu, Secretário-geral do Turismo e Cultura, nos convida a expressar: “ A música é uma linguagem universal, sem ideologias, que nos une. Mas, para isso, é sempre necessário levá-la a todos os

---

<sup>4</sup> Clara, 2008:145

<sup>5</sup> Freitas, 2008:403

<sup>6</sup> Freitas, 2008:403

públicos, educando-os, humanizando-os, tornando-os novos mensageiros de uma cultura tão enriquecedora”<sup>7</sup>.

### 1.3. Fundamentos teóricos e metodológicos

“As histórias formaram-nos a todos e, tal como o narrador as utiliza para construir ficções nós servimo-nos delas para prolongar novos relatos, novas experiências nas quais se fundamenta a esperança”<sup>8</sup>.

Os saberes deixados em fontes documentais consideradas «quase que intocáveis», pelo receio de degradação, ou de estima, como nos parece ser o caso em que estamos envolvidos, devem em nosso entender, ser observados, já que o espólio legado pelos nossos antepassados deve servir de consulta, de apoio a novas iniciativas, de ponto de partida para o enriquecimento cultural de gerações vindouras. Face a este desafio compete-nos definir os nossos objectivos gerais:

- Estabelecer relações culturais, relativamente ao período: 1919-1957;
- Situar este período no contexto musical regional e nacional;
- Proceder ao levantamento da acção cultural do Orfeão Madeirense;

São vários os autores que nos remetem para este tipo de trabalho. Entre eles salientamos as autoras Julia Bernal Vázquez e Maria Luisa Calvo Niño (2000:215), cuja mensagem assumimos, no que concerne à música como expressão do povo, reconhecendo a sua existência desde todos os tempos para celebrar todo o tipo de acontecimentos e, geralmente, transmitida de maneira oral de geração em geração. As referidas autoras fazem questão de apelar à necessidade de “fazer menção específica ao nosso património musical”.

---

<sup>7</sup> Abreu, s.d., p. 51

<sup>8</sup> Benito, 2002:272



#### 1.4. A problemática e a questão a investigar

Sabendo que a riqueza de um passado “não consiste na transmissão de conhecimentos porque essa transmissão é impossível”<sup>9</sup>, somos, pelo menos, conscientes de que vem trazer-nos alguma luz para responder a preocupações com que nos debatemos no nosso quotidiano.

O sabor musical, para além de fazer parte de nós mesmos, faz parte das nossas raízes mais profundas: a nossa condição de humanidade<sup>10</sup>.

Indo de encontro ao pensamento do autor acima referido, consideramos que, nessa condição surge a necessidade de divulgação de um passado que vai ao encontro dos anseios da população madeirense.

Também o gosto por este tipo de música e o interesse pela cultura madeirense, deram origem à elaboração de um trabalho de pesquisa sobre a música coral na Região Autónoma da Madeira.

A questão que pretendíamos investigar prendia-se, essencialmente, com:

- O Orfeão Madeirense e sua existência no contexto Sociocultural na vida dos Madeirenses no Período: 1919-1957.

Proceder à elaboração de um trabalho de pesquisa sobre a Música Coral na Região Autónoma da Madeira, concretamente estudar o trabalho desenvolvido pelos diferentes grupos corais, que, actualmente, são cerca de quinze, parecia-nos demasiado. Haveria que nos situar em campos mais precisos e incisivos.

Os meios de que dispúnhamos para proceder ao trabalho de investigação, eram concretamente a procura de bibliografia na Biblioteca Municipal da Madeira, nos arquivos Distrital do Funchal, Histórico da Madeira, Regional da Madeira e Câmara Municipal, eram as hipóteses que nos pareciam mais viáveis para a obtenção da informação desejada e necessária para o trabalho a realizar.

Havia, no entanto, algumas «fontes orais» que nos poderiam fornecer dados pessoais vivenciados como reforço a um trabalho mais pormenorizado no terreno. Para

---

<sup>9</sup> Not, 1991:141

<sup>10</sup> Carvalho, 1978

isso estabeleceram-se contactos com pessoas que, directa ou indirectamente, estão ligadas a esta temática.

No decorrer dos trabalhos fomos constatando que a ideia inicial de trabalhar todos os grupos corais da Madeira, seria uma tarefa árdua e difícil de concretizar e sendo assim, foi necessário reformularmos e delimitar as hipóteses que anteriormente pareciam de concretização viável.

O gosto pelo trabalho de campo, as pesquisas bibliográficas, toda a documentação a que se teve acesso e o interesse de algumas entidades pela elaboração de um trabalho completo relativo à temática agora escolhida, constituíam-se, assim, em motor fundamental a dinamizar.

A opção principal recaiu sobre o Orfeão Madeirense: saber o que é, porque e como surge, quem o fundou, quando se constituiu, quem faz parte, como deu fama à Madeira, como se afirma. É a estas perguntas que tentaremos responder ao longo do desenvolvimento do trabalho, com a fiabilidade que os documentos consultados nos transmitirem.

Salientamos que a inclusão do Septeto Passos de Freitas aparece como acréscimo, uma vez que ambos eram, por assim dizer, indissociáveis.

De entre as razões apresentadas para a referida escolha, é importante referir que o grupo em questão é o mais velho de todos os coros em actividade nesta Região Autónoma. E, dada a sua actividade ao longo dos anos, foi-se “amontoando” informação que urge estudar-se tendo em vista os seguintes objectivos:

1. Reconhecer a importância que este Orfeão teve na cultura Madeirense;
2. Divulgar a actividade desenvolvida pelo Orfeão ao longo dos tempos;
3. Preservar o Património Cultural Madeirense;
4. Reconhecer os traços Culturais da Região;

### **1.5. Contextualização científica / intergeracional**

Ainda que não pretendamos generalizar, consideramos que, na sociedade actual, se colocam em lugar cimeiro as aprendizagens cognitivas, os conteúdos “científicos”, os conteúdos das disciplinas “sérias”, contra os das disciplinas que envolvem o prazer pessoal como sejam as expressões de arte, onde a música tem lugar preponderante.

É este prazer que está, intrinsecamente, ligado à explicação da presença da música e do canto na vida humana.

“Em primeiro lugar, nunca será demais insistir que a música é uma arte transcendente – e como tal associável às mais elevadas manifestações do espírito humano, mas está longíssimo de merecer tais preitos veneradores, se encarada como uma *ciência*”<sup>11</sup>.

Estudos da psicologia humana revelam que o ser humano, em geral, e a criança, em particular, estarão sempre bem encaminhados na aprendizagem se esta lhe for significativa, se os conteúdos forem do seu interesse. Trata-se de uma aprendizagem auto-iniciada, uma vez que o interesse para aprender provém da própria pessoa, onde, a nossa sociedade enriquece em matéria de música: a própria criação musical popular<sup>12</sup>.

Como tal, somos “obrigados” a aproveitar com mais carinho e determinação muito desse repertório, que afinal, é manifestação da alma do povo.

A música para além do mais, é uma escola onde se exercita a inteligência emocional e a sensibilidade. Sendo assim, deveria estar ligada à vida muito antes do ensino infantil e, muito particularmente, neste; deveria ser um dos muitos campos onde a pessoa passa a expandir o seu espírito empreendedor e capacidade de organização, numa base de autonomia.

A prática da música, como elemento de realização artística ou cultural extra profissional, deverá estar ao alcance de todos, visto esta não ser com certeza aquela que desempenha um papel menos importante na sociedade, pois pensa-se que a música é também uma escola de camaradagem e associativismo.

Ao falarmos de associativismo, trasladamo-nos para o movimento associativo e recreativo popular que deve ser fortalecido, como sendo um dos meios de democratização da cultura musical e deve lutar e expandir-se por uma maior liberdade de acção<sup>13</sup>.

É mais ou menos isto a que se refere Horácio Bento (1953), numa conferência cujo título se inscreve em “O homem, a música e o ambiente”, ao deixar-nos como mensagem “A música ou o cantar de sabor regional é que se casa com o coração do povo”; ou, ainda:

---

<sup>11</sup> Almeida, 1993:105

<sup>12</sup> Gordon, 2000

<sup>13</sup> Amaral, 1991

“A música é como incenso que embriaga a alma. É a visão de catedral gótica, cuja arquitectura se ergue para o céu em jeito de mãos postas no fervor dos lábios que bolem ... É vida, porque nasce da vida e regressa à vida. Todo o mundo afectivo, toda a interioridade se traduz em notas musicais. Daí o contágio da música, absinto das almas torturadas que buscam o bálsamo imutável, para longe das formas, da matéria, da mudança, do desagradável.”

Através dos grupos corais, entre outros, a música pode desempenhar um papel activo e progressivo em manifestações de carácter popular.

Assim, será importante conhecer:

1. Quem são as pessoas que este tipo de música chama a si?
2. Para quem se canta?
3. Qual é a população alvo?
4. Quando se canta?
5. Como e porque se canta?

Alan Merriam define etnomusicologia como o estudo da música, como cultura, Afirma ainda que uma das tarefas mais importantes da etnomusicologia é estudar o papel da música em cada cultura, passada e presente<sup>14</sup>.

É mais ou menos isso o que nós tentamos fazer.

Em termos culturais, a Madeira é, uma terra com um património musical vastíssimo, riquíssimo, ousar-se-á mesmo dizer invejável, pois era “senhora” de um património musical, que fazia as delícias daqueles que ouviam os despiques, os xarambas, as mouriscas e as festas populares<sup>15</sup>.

Numa perspectiva de fundamentarmos este interesse pela música popular, passamos a citar o que opinam alguns dos mais ilustres entendidos na matéria, principalmente, sobre a música popular da Madeira:

“A música comum a toda a Ilha Madeirense, reduz-se a dois ou três géneros de trovas, acompanhadas de violas, rajões e machetes, dos quais se tiram sempre as mesmas modulações, ora em acordes simples, ora em dobrados. Nos campos existem algumas cantigas particulares a certas localidades e aplicadas, aos diversos géneros de trabalhos árabes, tendo não só a monotonia destes, mas até os seus ornamentos, formados de sucessões de intervalos mais pequenos que os semi-tonos ”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> cf. Merriam, 1964,p.7

<sup>15</sup> Amaral, 1991

<sup>16</sup> Platão de Vackel, Gazeta da Madeira, 1869

“ A canção da Mourisca, uma das mais antigas e populares melodias da Madeira é tida como herança de escravos mouros trazidos para esta ilha”<sup>17</sup>.

“Temos as canções de trabalho, como as sementeiras, carga, ceifa, eira e erva. Algumas introduzem à mistura modulações de canto-chão, ou, são, inteiramente, puro canto gregoriano afeiçoado à dolente interpretação árabe de influência na Madeira”<sup>18</sup>.

“Ao ouvido inglês parece um grito prolongado. O canto começa pela nota mais alta que ele pode dar e aguenta-a todo tempo que lhe dura a respiração, e só desce ao fim da escada através de tons menores sem ritmo quando os pulmões estão sem fôlego”<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Pereira, 1989, 5ª Edição

<sup>18</sup> Pereira, 1989, 5ª Edição

<sup>19</sup> Johnson, 1885

## **CAPÍTULO II**

### **RECOLHA DE DADOS**

## **2.1.Recolha de dados**

O panorama apresentado, embora vasto, pode tornar-se algo limitativo, uma vez que, nas fontes documentais consultadas, não abundam referências a autores. Apresentam-se-nos como um conjunto de artigos sob a responsabilidade editorial dos órgãos de comunicação e informação social, como sejam: jornais, revistas, e um ou outro livro de autores madeirenses.

Ainda que situadas na época, como se pode constatar, de certa forma, põe em causa o rigor científico que desejaríamos imprimir ao trabalho. Contudo, as alternativas, são poucas. Recorremos, a alguma bibliografia ligada à temática que se constitui como objecto da nossa investigação, em alguns autores, os quais constam na bibliografia deste trabalho, que consideramos de enorme importância, sobretudo, pela consideração da música como uma mais-valia pessoal e social<sup>20</sup>.

O método de investigação utilizado foi, propriamente, a consulta e a análise de conteúdo dos documentos arquivados em dossiers que datam desde 1913 a 1957<sup>21</sup>.

Embora não tenha sido avultado o número de documentos referentes ao ano 1913, centramos a nossa atenção num artigo datado de 9 de Março de 1913 no jornal Diário da Madeira (**Ver Anexo I**).

A máquina de microfímes possibilitou uma consulta documental que, de outra maneira, seria impossível de conseguir.

Para além desta técnica, algo morosa e cansativa, foram vários os jornais consultados, todos quantos nos foi possível encontrar nos arquivos mencionados ao longo deste trabalho e que estavam em estado de conservação digno de folhear.

Foram várias as revistas consultadas com o mesmo objectivo. Tantas quantas cujo conteúdo nos chamava a atenção.

### **2.1.1. Arquivo do Orfeão**

Ainda que algo deteriorado pelo tempo e pela falta de uso, encontramos na sede do Orfeão, documentos que em muito contribuíram para justificar algumas das afirmações proferidas ao longo deste trabalho, a salientar: fichas de inscrições (em

---

<sup>20</sup> Wilson J. Bressan, 1989

<sup>21</sup> H. Eco, 1982

número considerável), correspondência variada (relacionadas com os concertos do Orfeão, dentro e fora da Madeira), facturas de espectáculos, relacionadas com as despesas e receitas dos espectáculos), os estatutos, reservas de bilhetes para espectáculos, uma ou outra partitura e programas das actuações.

Convém salientar que os documentos mais recentes já se encontravam com uma organização bastante diferente, o que nos facilitou a tarefa.

### **2.1.2. Arquivo da Câmara Municipal**

Na secção de apoio aos órgãos autárquicos, foi-nos concedido o acesso às Actas, onde pudemos recolher muita da informação que incluímos no estudo realizado sobre o Orfeão Madeirense e o Septeto Passos de Freitas.

Impossível seria tocar em todos os assuntos aí referenciados sobre a temática em investigação. Contudo, iremos deixar registado um exemplar manuscrito, uma vez que nos era vedado o direito de fotocópias (**Ver Anexo II**).

### **2.1.3. As Entrevistas**

Foram várias as pessoas que foram contribuindo, com os seus conhecimentos acumulados a partir de vivências passadas, para o enriquecimento informativo a que nos propúnhamos. Saliente-se que essas conversas informais incidiam, essencialmente, sobre o Grupo Passos Freitas, mais do que sobre o Orfeão, muito embora todas as informações tivessem contribuído para uma aproximação valiosa entre ambos.

Gostaríamos de reverenciar alguns dos nossos colaboradores mais assíduos. Um deles foi o Senhor Edmundo Barros e Sousa de Olim, o filho mais novo de um dos elementos do Grupo Passos de Freitas.

Também a Senhora D. Madalena Gomes Henriques nos forneceu informações e material digno de relevo. Algum deste material consta deste trabalho, em registos fotográficos e fotocopiados, expostos em anexos.

Contámos ainda com o contributo do professor João Victor Costa, pois foi ele que nos esclareceu sobre o real valor das peças interpretadas pelo Orfeão. De salientar as informações prestadas pela senhora D. Guida Ferreira, que, com as suas informações em muito contribuiu para o enriquecimento deste trabalho.



## **CAPÍTULO III**

### **MÚSICA NA MADEIRA**

### **3.1. Divulgação musical**

“Gostar de música é normal em todo o ser humano.”<sup>22</sup> E, ao que parece a Madeira não era exceção.

Diz-se que a Ilha da Madeira, mais concretamente a cidade do Funchal se tornou, desde muito cedo, um centro de eventos musicais.

Encontrámos referências de que, nesta cidade madeirense, se realizavam, com frequência, espectáculos musicais de tal envergadura que as salas enchiam completamente. Os documentos que nos serviram de apoio são disso o testemunho mais evidente. A música constituía, assim, um ponto de encontro salutar entre todas as gerações.

Muito importante era o papel da imprensa local (e, por vezes, nacional). Nela se revia a importância dos espectáculos a realizar, bem como o destaque a figuras relevantes, sempre que isso se justificasse, sobretudo no que se refere à sua qualidade artística. Eram, ainda, reservados espaços para anúncios culturais de maior relevo. Os seus títulos eram de tal maneira sugestivos que era muito difícil, mesmo ao leitor mais desatento, passarem despercebidos.

Toda a imprensa usufruía de um espaço reservado à cultura.

#### **3.1.1. Alguns eventos realizados**

A título de exemplo, os anúncios, atrás referidos incidiam na realização de vários eventos musicais tais como:

- a) Operetas em que as cenas eram convenientemente discriminadas quanto ao nome, à companhia que as representava, ao número de actos que as integram, eventualmente, ao sucesso obtido, em outras realidades antes da sua chegada ao Funchal;
- b) Concertos de beneficência em instituições abertas a iniciativas do género;
- c) Saraus Musicais com animação em casas senhoriais;
- d) Concertos de Grupos Instrumentais e recitais realizados no Jardim Municipal proporcionados, fundamentalmente, pelos grupos musicais existentes nessa Região Autónoma;

---

<sup>22</sup> Cardoso, 2010

- e) Recitais de Piano, Recitais de Canto e Recitais de Canto e Piano que, muitas vezes, assumiam carácter de caridade;
- f) Tournées Artísticas, mais concretamente, das bandas cuja actuação se realizava ao ar livre;
- g) Festividades Artísticas diversificadas dedicadas às senhoras do Funchal.

Há que salientar que estas actividades dizem respeito às décadas de 20 e 30.

### 3.1.2. Músicos madeirenses

Incluía-se, nesta categoria, os valores individuais existentes na ilha.

Na obra *Elucidário Madeirense*, da autoria dos Padres Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Menezes, podemos encontrar registados, como bons músicos, os pianistas: Joaquim dos Santos Freitas, António Vieira de Castro, D. Elisa Drumond Carregal, D. Maria Adelaide de Meneses, D. Floripes Gomes, D. Elisa Gorjão Caíres, D. Maria Amália Colares Mendes Rocha de Gouveia, D. Maria da Conceição de Meneses Santos Pereira, D. Angelina Pereira Freitas, D. Palmira Pereira, D. Leonor Ferraz Leça e D. Maria Helena Portugal Azevedo Ramos, do capitão Edmundo da Conceição Lomelino e Alfredo Lino, também autor de uma valsa intitulada *Desalento*; o violinista e pianista, Nuno Graciliano Lino; o violinista William Carlton Wilbraham; os violoncelistas Guilherme Honorato Lino e António Rosa Caíres; o bandolinista Manuel Passos de Freitas; os compositores Dário Flores, Gustavo Coelho, Sheila Power e Luís Peter Clode; as cantoras D. Matilde da Veiga Pestana, D. Gabriela de Freitas Martins e D. Violante Montanha (1921).

O *Elucidário* refere ainda a importante obra *A Música e o Teatro* do Major João dos Reis Gomes que, sem ser considerado um músico no verdadeiro sentido da palavra, visto não se ter conhecimento de que se tenha dedicado a qualquer tipo de instrumento musical, era reconhecido como um teórico de alto valor, um filósofo da arte e um profundo conhecedor das origens e da história da música.

“O seu livro, fruto de mais de dez anos de observações e estudos conscienciosos, é não só um trabalho filosófico, como também um repositório de informações variadas sobre as condições da arte musical, a musica e a vida passional, a música sinfónica e a arte, etc., etc..”<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> <http://www.ceha.madeira.net/elucidario/m/mus8.htm>.

Segundo Vítor Sardinha e Rui Camacho, na obra “*Rostos e Traços Das Bandas Filarmónicas Madeirenses*” (2001:20-47) existiam na Madeira, numerosas bandas civis de entre as quais salientamos: Banda Distrital do Funchal (1872), Banda Municipal de Câmara de Lobos (1872), Banda Municipal Paulense (1874), Banda Municipal da Ribeira Brava (1889), Banda Filarmónica do Faial (1895), Banda Municipal de Machico (1896), Banda Recreio Camponês (1910), Banda Municipal de Santana (1926), Banda Municipal do Funchal (digressão a S. Miguel, 1927), Banda Municipal da Ponta do Sol (1944), Banda dos Canudos (1944).

Do mesmo modo, Manuel Pedro S. Freitas relembra-nos a existência de vários grupos musicais de entre os quais salientamos: Grupo Musical Artístico Recreio Operário, também conhecido por Sociedade Musical da Nevada; Grupo União 5 de Outubro de 1913 “que possuía, em 1929, uma escola do ensino primário no sítio do Ribeirinho e estava dotado de uma orquestra” (2001:422); Reunião Musical da Mocidade, mais tarde denominado Recreio Musical União da Mocidade; Orquestra da Banda do Guerrilhas; Tuna da Juventude Católica de Santa Maria Maior; Grupo Musical 6 de Janeiro de 1915; Grupo Musical 6 de Janeiro 1920; Grupo Musical 6 de Dezembro; Grupo Musical 6 de Janeiro de 1925; Grupo Musical 6 de Janeiro de 1923, também designado Grupo Musical Faialense; Grupo Musical 25 de Fevereiro de 1923; Grupo Musical 1.º de Dezembro de 1925; Grupo Musical 1.º de Dezembro de 1926; Grupo Musical Azinhaguense 19 de Maio de 1926; Grupo Musical 10 de Junho de 1929; Grupo Musical 22 de Janeiro de 1930; Grupo Musical 20 de Maio de 1932; Grupo Musical de 24 de Junho de 1933, também conhecido de Grupo Musical da Cancela; Grupo Musical 10 de Maio de 1937; Grupo Musical e Variedades de 7 de Maio; Grupo Musical de 20 de Maio de 1939; Quarteto da Juventude Católica do Funchal; Septeto Fernando Clairouin; Tuna do Grupo Operário União Flor da Mocidade; Tuna do Grupo Artístico Recreio Operário; Tuna do Grémio Musical; Tuna do Círculo Católico de Santa Maria Maior; Trio Clássico; Orfeão Infantil do Colégio Alexandre Herculano; Grupo União Musical Trapichense, etc.

De entre os grupos musicais descritos pelo autor aparece uma referência ao Septeto Dr. Passos de Freitas como sendo “um importante agrupamento que fez história no panorama musical madeirense da primeira metade do século XX” (2001:427). Também na Revista Das Artes e da História da Madeira encontramos a mais ou menos a

mesma opinião: “ (...) o mais célebre dos quais, é o dirigido pelo Dr. Manuel dos Passos Freitas, vulto de destaque social e artístico na Madeira” (1950:65).

Não obstante, há que salientar que Luís de Freitas Branco, em 24 de Maio de 1937, numa palestra proferida na Emissora Nacional, sobre Músicos Madeirenses, referiu, e apelidando-os de celebridades musicais madeirenses, os nomes de Francisco Jorge de Sousa Baía, pianista e compositor, professor e director de Secção de Música do Conservatório de Lisboa, Alexandre de Bettencourt, notável professor de violino do Conservatório de Lisboa, Matilde de Bettencourt, professora de canto em Paris, Nuno Lomelino Silva, tenor de grande carreira no estrangeiro e finalmente o Maestro Pedro de Freitas Branco, antigo aluno do liceu do Funchal e cujos auditores da Emissora Nacional conheciam perfeitamente.

### **3.1.3. Diminuição dos eventos musicais**

Com base nas leituras feitas na imprensa regional, pudemos constatar que, a partir dos finais dos anos 20 e início dos anos 30, a actividade musical começa a escassear. A confirmar esta afirmação, lê-se no Diário da Madeira no artigo “A Arte Musical na Madeira, de 10 de Outubro de 1931” que a Madeira, possuía, para além do bom clima e das belezas com que a Natureza a dotou, qualidades que, a serem metódica e pacientemente propagadas e aperfeiçoadas, lhe realçariam um valor que já existia, de facto, mas que era pouco conhecido, quase ignorado:

“É à música que nos queremos referir. Com um bom número de bandas e filarmónicas, com as que a Madeira tem, não será inconveniente fazermos, neste sentido, um esforço, que unicamente redundará - crêmo-lo - num benefício dos madeirenses em geral.

Possuímos, sem receio de contestação o dizemos - duas excelentes bandas no Funchal, e disseminadas pela ilha muitas filarmónicas, o que vem provar que a Madeira tem pela divina Arte um devotado culto. (...) Os próprios madeirenses que nesta época de terrível crise, vão até ao Jardim Municipal afim de esquecerem as agruras da hora que passa, estranham a falta de música que até há bem pouco naquele recinto público lhes era oferecida. (...) Como toda a gente sabe a música actualmente poucos benefícios dá aos que a cultivam.

As direcções das nossas melhores bandas vêem-se em grandes apuros para poderem suster de pé os seus grémios, e os músicos, quer sejam bons quer sejam medíocres, sofrem as consequências de tais dificuldades.

Os sócios, pouco e pouco, com grande pesar seu, vão abandonando as agremiações musicais em virtude de não poderem pagar as suas quotas.

Por via disso, o cultivo da música na nossa terra está ameaçado terrivelmente. É preciso pôr cobro a êste caótico estado de coisas.

Para êsse fim, urge que todos se entendam, que as rivalidades mesquinhas desapareçam e que, de mãos dadas, todos trabalhem para o desenvolvimento da sublime arte de Mozart.

Aos madeirenses compete, como bons apreciadores, comparecerem às audições pagas e dar-lhes espontaneamente a sua colaboração em tudo que lhes seja possível (...)<sup>24</sup>

Tal como refere a citação anterior, esta diminuição da produção musical ficou a dever-se à crise económica instalada nesta ilha, as pessoas deixaram-se das idas aos espectáculos cujas entradas tinham que pagar. Também os músicos recebiam precariamente, independentemente da sua qualidade, pelo que, se viam obrigados a abandonar a sua devoção pela música.

A evolução dos gramofones, abolia a necessidade da presença dos madeirenses nos eventos musicais.

A outra causa da referida diminuição tem a ver com a proliferação dos espectáculos cinematográficos. As salas de espectáculos eram adaptadas para os referidos efeitos. Em 1930, a imprensa refere que o Patronato de S. Pedro, anunciado sempre como casa de espectáculos, era também usado para projecção de filmes. Líamos muitas vezes nos jornais consultados: (...) “no écran deste cinema (...)”.

Igualmente no jornal, O Povo, de 15 de Julho de 1932: “No teatro Dr. Manuel d’ Arriaga – A inauguração do sonoro, melhoramentos no écran, casa cheia (...)”. O mesmo jornal, em 24 de Outubro de 1932, noticia que na popular casa de espectáculos (Teatro-Circo), “vai ser instalada uma esplêndida máquina de cinema sonoro”.

E, se, inicialmente, a música ocupava grande destaque nas páginas dos diários, posteriormente o que passou a ocupar este espaço foram os anúncios relativos aos filmes que iriam passar nesta ou naquela sala.

Ainda sobre o cinema, supomos que esta arte sobrepôs-se à música na medida em que era novidade no Funchal e a juventude, ficara fascinada pelas actrizes e actores do cinema.

Mas, relativamente à Música, o jornal “A Mocidade”, num artigo intitulado “A Musica e a Madeira” de Julho de 1928, escrevia que o violinista Sr. Luiz Barbosa era, com justiça, considerado o melhor violinista português. A sua demonstração ficou

---

<sup>24</sup> Diário da Madeira, 1931

patente, aquando da sua passagem por Lisboa, nos dois concertos realizados no primeiro teatro da região e nos quais executou com a mestria, a técnica, e a arte de um verdadeiro mestre, peças musicais de compositores consagrados conseguindo arrebatá-lo e comover a alma dos poucos que tiveram o prazer de o ouvir.

Nessa descrição, o referido jornal considera poucos, porque, ao que parece, não contavam duzentas pessoas nos dois concertos. E, duzentas pessoas, contavam-se em qualquer espectáculo cinematográfico. Esse mestre artista como é designado no artigo em questão, está presente, novamente, no Funchal e desta vez fazia parte de um terceto em que figurava o violoncelista Sr. Manuel Silva, um dos bons violoncelistas portugueses, segundo a mesma fonte, e, tal como das outras vezes, teve uma casa fraca, uma insignificância para uma terra que se tinha por amadora da música.

A que será devido isto? Interrogava-se o autor do texto. Porém, a esta questão, o próprio deu respostas supostamente válidas.

Seriam efeitos da crise económica por que passava a sociedade Funchalense? Mas, o mesmo, não acontecia com a bailarina Niako, nem em espectáculos cinematográficos.

- Por ventura a arte dos actores cinematográficos que apareciam nos palcos e nas telas dos teatros Madeirenses, era superior à arte musical, a divina arte?
- Acaso o nu artístico valia mais que a arte de Luiz Barbosa, toda vestida de encanto e deslumbramento?

Para estas perguntas, segundo o autor do artigo, só havia uma resposta: é que, na Madeira, ainda havia poucos amadores e admiradores da arte de Beethoven.

### **3.2. A Importância da música na região**

Já nessa altura o jornal Correio da Madeira de 24 de Agosto de 1928, destacava a importância da música nas Escolas Infantis.

Era, em nossa opinião, uma visão gigantesca, nesta Região. Muito mais se nos situarmos na época e nos deslocarmos até ao momento presente. E a crítica prosseguia considerando lamentável a situação vigente em que se encontravam. Ainda que a sua institucionalização estivesse prevista nos documentos oficiais continuava, passado mais de um século, a não ser contemplada na prática.

Cabe-nos, contudo, salvaguardar algumas realidades que fazem jus à sua importância.

Este jornal defende, ainda, que, a par das primeiras letras do abecedário, se deve ensinar à criança as primeiras notas na pauta, para que, posteriormente, esta integre orfeões infantis conhecendo a diferença entre o “dó” e o “ré”. O mesmo jornal faz um apelo às Escolas Infanto-juvenis para que a música faça parte integrante dos seus currículos.

Na verdade, esta forma de educação infantil proporcionaria um desenvolvimento individual e colectivo, integral e harmonioso, global, ao mesmo tempo que contribuiria para uma maior segurança emocional, e cultivaria o gosto por esta arte em continuidade, até à idade adulta.

Não seria dada grande importância a este assunto, se não se soubesse que, no continente português, só em 1931 foi criado um novo regulamento para substituir as poucas regras publicadas em 1918 relativamente ao Canto Coral nas escolas. É, somente, com a remodelação da Lei nº1941 de 11 de Abril, pelo Ministério, que a situação se foi modificando, ainda que, muito lentamente.

É, pois, na Base XII desta Lei que se reafirma a obrigatoriedade do Canto Coral “em todos os estabelecimentos de ensino com exclusão do superior, (Arte Musical, nº84, Ano 3, 30 de Abril de 1933 tanto oficiais como particulares (...))”.

E segundo a fonte referenciada no parágrafo anterior, a Ilha da Madeira foi pioneira nesta iniciativa. Também o jornal Correio da Madeira dá grande importância ao ensino da música desde tenra idade. Segundo a nossa opinião, havia um grande interesse para que esta forma de cultura proliferasse.

Falando, ainda, da importância que é dada à música na instrução primária, a mesma fonte refere várias vezes, a existência de alguns orfeões infantis onde as crianças adquiriam conhecimentos musicais, factor que supostamente elevava, o nível cultural dos grupos desta faixa etária.

A importância da música não se limita, contudo, ao rincão Madeirense. Estende-se a outros países europeus. Bastaria ler-se o Correio da Madeira, de 16 de Maio de 1922, onde se refere que, “em todas as escolas se cantava, mas não como em Portugal, onde há orfeões cujos cantores não sabem uma nota de música.



Pelo contrário, em Itália, todos os orfeonistas conhecem música. Esta arte tem o seu início educativo ao mesmo tempo que as primeiras letras: conhece-se o “dó” ao mesmo tempo que se aprende o “a”.

Depois de ter sido feita uma crítica pelo diário Correio da Madeira de 20 de Maio de 1922, por autor não identificado, à não inclusão desta arte nas escolas infantis, estas equivalentes às actuais escolas do 1º ciclo, a situação começa a tomar novos contornos. Alguns dias depois era exibido um filme, no Pavilhão Paris, revelando a instrução ministrada no internato de Odivelas dedicado à educação de órfãos dos mortos na grande guerra e onde a música tinha um papel relevante.

É desta forma que as crianças começavam, desde muito cedo, a aprender o nome e o valor das notas, a ligá-las, dividi-las e solfejá-las. Tal facto foi notório quando um numeroso orfeão, composto com crianças de idades compreendidas entre os 6 e 15 anos, de papel na mão, iam entoando e solfejando ao ritmo marcado pela professora - regente sem esforço aparente, a “nuance” da nota, dando-lhe o seu valor relativamente às outras na extensão que cada uma delas deve abranger. Referimo-nos ao orfeão da instituição mencionada anteriormente.

Assim, a criança, nessa aprendizagem da pauta musical, tornava-se apta a, mais tarde, cursar qualquer especialidade musical desde que tivesse vocação, sem que tivesse necessidade de, aprender de novo o «a b c» que aos adultos é enfadonho repisar.

Também, o supracitado jornal, apelava para que as escolas madeirenses se iniciassem nessa cultura, porque todo o mundo civilizado a estava reconhecendo como uma necessidade. Informava ainda que homenagearia a primeira escola que tivesse essa iniciativa.

Ainda referente à temática em questão, na rubrica Artes e Críticas, o mesmo diário referia que pretendia fazer campanha de tal forma que, a mesma não fraquejasse a fim de conseguir que, nas escolas madeirenses, houvesse um grande progresso na educação da criança, como já há tantos anos existia nas mais avançadas nações da Europa.

De salientar que os Funchalenses eram visitados por muitos grupos estrangeiros e nacionais, sem citar nomes porque seriam excessivos, mas no geral, referimo-nos a grupos que presenteavam os madeirenses com operetas, concertos de grupos instrumentais, recitais de canto e piano, tounées artísticas de bandas, festividades artísticas diversificadas etc., o que provocava enchentes nas salas de espectáculo

existentes. Nas leituras efectuadas nos jornais, era frequente a descrição da chegada dos navios à ilha, bem como a descrição dos seus passageiros, que eram quase na totalidade da lotação turistas estrangeiros, os quais traziam como acompanhantes músicos dos diferentes estilos musicais.

A abertura das temporadas dos casinos e casas de espectáculos, o local da aquisição de bilhetes, o número de ingressos disponíveis, o preço dos mesmos também era anunciado na imprensa regional o que facultava aos Madeirenses maior conhecimento dos espectáculos que se iam realizar.

Em 1930, Fonseca Duarte, escreve para a revista “Ilustração Madeirense” ( n.º2) um artigo intitulado “Movimento Musical da Madeira”. Através dele tenta demonstrar quão fragilizada está a música neste Arquipélago, afirmando ainda, que o meio musical madeirense vive num isolamento completo, sem pontos de referência próprios, a não ser um ou outro disco de gramofone que ia trazendo as maravilhas que havia lá fora. Era, por assim dizer, um pouco de música importada, quando poderia e deveria ser produzida pelos artistas madeirenses.

Considera o referido autor que a situação se deve à falta de professores de qualidade verdadeiramente interessados no ensino das artes musicais que o próprio arquipélago possuía e merecia que fossem exploradas. Era o caso do folclore, dos cantos regionais, ainda que influenciados pelas músicas portuguesas à mistura com motivos árabes e castelhanos, provenientes da dinastia Filipina que os foram mesclando sem lhes retirar o seu cunho próprio e a sua originalidade.

Como prova, compete-nos sublinhar a seguinte passagem do autor:

“De famílias deste Arquipélago teem saído figuras marcantes, de um notável valor, que não só em Portugal, como no estrangeiro teem prendido as atenções e conquistado merecidos louros. A testar quanto afirmo, sem ter de recorrer aos tempos passados, onde nas artes abundam tão distintos Madeirenses, eu lembro sem ter de rebuscar muito: Luís de Freitas Branco, compositor dos mais distintos; Pedro de Freitas Branco, elemento de real valor no canto, no violino, no piano, e, como Maestro, conhecedor da arte difícil de reger; Nuno Lomelino Silva, tenor a quem os grandes órgãos da Imprensa Americana não hesitaram chamar “Caruzo Portuguez”; o Dr. Edmundo Bettencourt cuja voz hoje tanto o evidencia; D. Violante Montanha que em Portugal tem conhecido no canto os mais justos elogios; José Procopio de Freitas que é uma prometedora esperança como pianista; Herberto de Aguiar um violinista que aos doze anos se revela um talento que forçosamente será uma glória num futuro próximo, etc....”<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup>Duarte, 1930

Era, pois, de extrema necessidade que essa plêiade de artistas madeirenses retomasse a iniciação que faltava (re)assumir. Havia, como tal, a necessidade do regresso de muitas das figuras que, em busca do prestígio que a Madeira lhes negava, se aventuraram a partir para terras do continente.

Restava, contudo, a esperança de que o “Poder” dedicasse uma parte do seu afã na criação de um instituto que respondesse às necessidades de uma população cujo espírito artístico podia ser rentabilizado em proveito próprio e de outras camadas sociais que o desejassem. Com ele, decerto, se concretizaria o regresso dos professores que abalaram para terras distantes em busca dos louros que a própria terra não soube aproveitar<sup>26</sup>.

Temos consciência que esta preocupação se prolongou no tempo, uma vez que O Jornal, 15 de Março de 1931 continuava a acentuar a mesma preocupação. Aqui fica, pois, mais um depoimento que nos ajudará a compreender melhor este fenómeno da diminuição da produção musical que tanto preocupava o povo madeirense:

"Seguindo a corrente deste momento, a música que mais interessa á maioria dos nossos leitores é sem duvida, a dos discos falantes; são eles os transmissores para todo o mundo da musica clássica e da musica moderna, da musica em todos os seus géneros, que hoje se ouve por toda a parte e invade salões, dancings, casas de espectáculo, cafés e arraiais.

Essa musica, que provocou já uma grave crise de trabalho em todas as capitais da Europa, deixando á miséria milhares de artistas, é também uma grande distração para a população madeirense, nas horas de ócio, de tristeza ou de alegria. Não há aldeia alguma da Madeira onde não chegasse o fonógrafo e com ele o moderno disco falante a musica interpretada pelas melhores orquestras, vozes e instrumentos do Mundo” (Autor desconhecido).

Tal como conseguimos apurar, esta problemática não se reduzia, apenas, ao povo Madeirense, mas alastrava-se por toda a Europa. Numa era em que os meios de comunicação social começavam a despontar, não nos podemos admirar que os grupos musicais tivessem sofrido alguma desestabilização.

---

<sup>26</sup> Duarte, 1930

### 3.3. O Ascendente do panorama musical

Mais tarde, Maria Campina, sobre o” *Panorama Musical da Madeira*” refere que:

“Em todas as actividades realizadas pelas pessoas, há as que se destinam a apreciar e as que realmente trabalham. Qualquer destes atributos resulta dum conjunto de circunstâncias que nascem com o indivíduo, mas que se desenvolverão conforme o seu meio e as suas aptidões e as oportunidades que se lhe oferecem.

Sendo a Madeira uma parcela de Portugal, onde a formosura da natureza, tão espontaneamente, aparece aos olhos embevecidos dos que a visitam, quiseram os seus habitantes, que a sua beleza espiritual, não fosse inferior”.

Com esse fim, funda-se em 1943 a Sociedade de Concertos da Madeira, mais tarde, a Academia de Música da Madeira e posteriormente, o Posto Emissor de Radiodifusão do Funchal. Estes três organismos que, à primeira vista, poderiam parecer diferentes, devido à sua orgânica especial, tinham um único objectivo: divulgar a música. À medida que esse objectivo se cumpria proporcionavam-se momentos de verdadeira alegria a quem a executava e a quem a ouvia. Para além disso ia-se perpetuando a transmissão de conhecimentos às gerações vindouras. Para se seguir uma linha ascendente cultural, salientamos os três organismos que em muito contribuíram para o enriquecimento musical da Madeira: a Sociedade de Concertos da Madeira fundada em 1943 pelo Eng.º Luiz Peter Stanton Clode e pelo Dr. William Edward Clode, com o objectivo de “infundir, no meio social de então, música de qualidade, trazendo ao Funchal artistas nacionais e estrangeiros de renome internacional”. De salientar que esta Sociedade tinha o apoio moral e financeiro da “Delegação do Turismo da Madeira no nome do seu Presidente Dr. João Abel de Freitas”<sup>27</sup>; a Sociedade de Concertos da Madeira, em 1946, sob proposta do Eng.º Luiz Peter Clode e de seu irmão Dr. William Edward Clode, a Academia de Música da Madeira, “visava aproveitar muitas vocações, perdidas por falta de meios próprios para o seu desenvolvimento e valorização”, visto que, os que as possuíam, nem sempre tinham os recursos pecuniários que os estudos exigiam (José Vieira Gomes, 2008:386) e o Posto Emissor do Funchal, fundado em 1948, pelos Eng.º Luiz Peter Clode, Herculano Ramos, Dr. William Clode e

---

<sup>27</sup> Gomes, 2008:373

Arlindo Ramos, que tinham como intuito principal aumentar o nível cultural da população funchalense.

Era este o panorama musical do Funchal dos anos 40, o que se tornava deveras importante para uma cidade bastante populosa.

Os serões musicais realizados pelos professores da Academia e dedicados aos alunos punham em evidência o apreço dos madeirenses pela música. O Salão da Academia era pequeno para conter os ouvintes que se espalhavam pelos corredores e pelos jardins<sup>28</sup>.

Eram consoladores e seguindo as opiniões dos testemunhos deixados pelos espectadores nas entrevistas após os espectáculos relatadas na imprensa. Os mesmos revestiam-se de tal interesse que a Comissão Administrativa da Academia, à qual a Madeira tanto devia em organizações musicais, pensava solucionar o assunto, realizando de futuro esses concertos em sala apropriada.

A actividade da Academia era, na verdade, de uma importância vital, revelada desde a data da sua fundação. O seu primeiro concerto foi dedicado exclusivamente a um compositor português: o Dr. Ivo Cruz. Este concerto que se realizou nas belas salas do Palácio de São Lourenço teve um ambiente de requintada elegância. Depois de uma procura intensiva, não encontramos o programa do mesmo, nem qualquer outro pormenor.

Por outro lado a Sociedade de concertos, que também tinha o seu dedicado e numeroso auditório, iniciou a sua temporada de 1951 com o eminente pianista Moiseiwitch e fechou com um agrupamento de notável categoria, o “Nuovo Quarteto Italiano”. Ouviram-se Victor Schioler, Winfried Wolf, Bernard Michelin – Varella Cid, Ivone Astruc – André Collard.

### **3.3.1. Bandas filarmónicas**

Sabemos que estes agrupamentos musicais, nesta ilha do atlântico, desempenharam um papel preponderante na vida social da Madeira devido à sua situação geográfica, social, económica e cultural, tendo estas bandas grande influência da Banda do Regimento e da Banda do Batalhão, sendo os chefes destas, também os

---

<sup>28</sup> Eco do Funchal de 29 de Abril de 1943

maestros de algumas bandas civis, segundo os autores do livro “Rosto e Traços Das Bandas Filarmónicas Madeirenses”.

Foi nas zonas rurais que as bandas mais se evidenciaram. Eram na maioria dos casos, a única porta para o mundo da Arte e da Cultura e a fonte sonora que reunia as pessoas da vila ou freguesia nas festas tradicionais que ao longo do ano se realizavam<sup>29</sup>.

A banda era uma evasão para todos aqueles que ao fim da tarde procuravam na sala de ensaio um refúgio e um sopro de liberdade para os desígnios e vínculos da colónia.

Embora as bandas civis existissem há já algum tempo, (a banda do Funchal desde 1850, e as do meio rural, desde 1872), constatamos que a actividade de cada uma delas no período em estudo (1919-1957). A Banda do Paul do Mar, participava em festas civis; a Banda Municipal da Ponta do Sol, festas civis e concertos; a Banda Filarmónica do Faial, actuava em festas religiosas (tocavam na missa), em festas civis e em concertos; a Banda Municipal de Santana, actuavam festas civis e concertos; a Banda Recreio Camponês, mostrava o seu trabalho em festas religiosas (tocavam na missa), em festas civis e em concertos; a Banda Municipal do Funchal, a Banda Distrital do Funchal e a Banda Municipal de Câmara de Lobos apenas actuavam em festas civis e em concertos. Neste período, existia também a Banda dos Canudos, não conseguimos porém apurar quais eram as suas actividades.

O interesse cultural crescente, ao longo dos tempos, criou em todos os madeirenses um grau de exigência tal que não se conformava com as condições espaciais existentes.

Dáí que em 1951 novos projectos surgiam: a construção de um auditório, e os festivais da Madeira.

Esta Região Autónoma tinha já um auspicioso presente em matéria musical, mas não poderia viver só dele nem do seu passado, tinha de continuar a preparar uma obra que se projectasse no futuro.

Por isso mesmo a Academia de Música da Madeira, cujo objectivo principal era desenvolver nos jovens o gosto pela música, atingindo assim um certo prestígio por esse facto e, acima de tudo, porque era uma instituição com carácter essencialmente cultural, uma vez que “albergava” alunos de ambos os sexos e de diferentes condições sociais.

---

<sup>29</sup> Sardinha e Camacho, 2001:62

### 3.3.2. A riqueza do folclore madeirense

Danilo Fernandes, escreveu o artigo “Da Investigação à Divulgação do Folclore Madeirense”, (2008:545-560) dedico, exclusivamente, a este tipo de arte, ainda hoje marcante nos vários eventos realizados na Ilha. Segundo ele deve-se a Carlos Maria dos Santos, a origem do folclore, altamente considerada em todo o Mundo.

Em 1937, Carlos Maria dos Santos, publica o seu primeiro livro denominado *Tocares e Cantares da Ilha*.

### 3.4. A Música na Sé Catedral

Não estaria completa esta temática da “Música da Madeira” sem uma referência à música sacra neste período.

Segundo Rufino da Silva (2008:230), o principal impulsionador da música religiosa, foi o coro do Seminário Diocesano desde o início do século XX sob a direcção de Mons. Manuel Joaquim Paiva, que actuava tanto no seminário como na Sé do Funchal. Tal como se refere o livro “Cânticos Religiosos do Natal Madeirense”:

“Foi daquela casa de formação do Clero que saíram os principais dinamizadores da música sacra, alguns dos quais, além de directores do coro do Seminário e da Sé, foram organistas e autores de música sacra”<sup>30</sup>.

Achamos importante mencionar, ainda que sumariamente, alguns compositores de música sacra, bem como algumas das suas obras em actividade no período em estudo (1920-1957): Sheila Power (1903-1971). Compôs obras de música sacra, cantadas na Sé nos anos quarenta pelo Coro do Seminário Diocesano sob a direcção do Padre Joaquim F. Roque Dantas; Padre Joaquim Roque Fernandes Dantas (1905-1996). Ordenou-se sacerdote em 1930, mas já antes tinha sido nomeado capelão cantor da Sé do Funchal e mais tarde organista, subchantre e sacristão-mor da mesma Sé. Foi professor de música e director do coro do Seminário Diocesano que actuava na Sé durante todo o ano litúrgico; Luiz Peter Clode (1904-1990). Compôs várias músicas do género profano e sacro, da sua música sacra, as suas obras fazem parte dos repertórios dos principais maestros e organistas madeirenses; Luiz de Freitas Branco (1908-1987). Das suas

---

<sup>30</sup> Silva, 1998

composições, de quase todo o género, escreveu para o Bispo do Funchal em funções, D. António Pereira Ribeiro, Responsórios de matinas da Imaculada Conceição, Te Deum a duas vozes masculinas, Te Deum a três vozes masculinas e Auto da Primavera, composições que se encontram no Arquivo do Seminário Maior; Capitão Gustavo Coelho (1890-1965). Algumas das suas composições eram dedicadas à igreja; cónego António Damasceno de Sousa (1922). Foi professor de Música dos alunos dos Cursos de Filosofia e Teologia e director do Coro do Seminário e da Sé do Funchal, compôs várias obras religiosas João Arnaldo Rufino da Silva (1929). Foi mestre de capela do Coro da Sé desde 1953 a 1958<sup>31</sup>. Mais compositores houve na Madeira de música sacra, no entanto, os referidos foram os que maior contributo deram no período em estudo.

No entanto, o Elucidário Madeirense (Vol.II, 1945, pág.418) diz que faziam parte dos coros da capela da Sé e da Schola Cantorum, dirigida pelo cónego Manuel Mendes Teixeira, os melhores cantores de música sacra, que existiam nessa altura (1921) na ilha.

O coro religioso, em 1923, era assumido por elementos do Orfeão Madeirense tal como consta no Programa das Festas Comemorativas do V Centenário da Descoberta da Madeira (**Ver Anexo III**).

Um artigo de 8 de Março de 1925, do Jornal da Madeira publicava que, na Sé Catedral, a parte coral tinha sido confiada aos seminaristas.

Este diário informava ainda, que a partir desse momento, os alunos do Seminário de Nossa Senhora do Bom Despacho, constituiriam a parte coral da Sé do Funchal, cantando em todas as solenidades que se realizassem naquele templo. A mesma fonte, dizia que o seminário era uma boa escola de estudo da arte musical, servida com excelentes vozes, produzindo, no seu conjunto, um efeito apreciado e edificante.

Podia ler-se também no mesmo jornal que entre os seminaristas alguns havia que executavam órgão com rara habilidade, sendo um deles quem acompanhava o grande coro de vozes daquela catedral.

Em leituras posteriores, fomos confrontados com novo artigo a confirmar, precisamente, o que acima foi dito. Em O Jornal de 13 de Dezembro de 1936, segundo autor desconhecido, podia ler-se, que, na Sé Catedral, “ao meio-dia, foi exibido, com o maior brilhantismo, o solene Te Deum. Na capela-mor tomaram lugar, além do Corpo

---

<sup>31</sup> Clode, 1983



Capitular e Clero da Sé, os alunos do Seminário que executaram, magistralmente, puro canto gregoriano”.

Quanto ao canto gregoriano, esteve sempre presente no Seminário Diocesano.

“Todos os alunos do Seminário têm aula diária de Cantochão ou de música”<sup>32</sup>.

Devido à atitude de Mons. Cónego Jaime de Gouveia Barreto, nomeado reitor desde 1936, que o canto gregoriano foi sempre ensinado e apoiado no Seminário. Todos os domingos nesta instituição, a missa era cantada a canto gregoriano. Na Sé era costume cantar-se nas missas o canto gregoriano com acompanhamento de órgão ou harmónio.

No ano acima referenciado (1936), o mesmo diário local (O Jornal) dava a informação de que ia ser inaugurado o novo órgão na Sé Catedral.

---

<sup>32</sup> Quinzena Religiosa da Ilha da Madeira, nº 209,15/10/1909.

## **CAPÍTULO IV**

### **ORFEÃO MADEIRENSE**

#### **4.1. O que é um orfeão?**

Ainda antes de nos debruçarmos, propriamente, sobre a vida deste Orfeão, parece-nos oportuno fazer uma breve digressão pelo significado atribuído à palavra «Orfeão», a fim de melhor nos podermos situar em termos linguísticos e semânticos.

Inicialmente designaram-se com este nome os agrupamentos corais constituídos apenas por vozes masculinas; mas, posteriormente, o termo passou a usar-se para conjuntos em que se associavam vozes masculinas com vozes femininas. Embora iniciadas com propósitos didáticos, em breve se denominaram com este termo as associações operárias que dedicavam os tempos livres à música, mais concretamente à entoação de canções. Em 1852, Charles Gounod foi nomeado director-geral de todos os orfeões de Paris e, em 1881, havia em França mais de sessenta mil orfeonistas. Estes conjuntos vocais tiveram um precedente na Alemanha, pois Zelter criou um orfeão em Berlim em 1809, denominado *Liedertafel*.

“Também em Portugal, em 1880, João Arroio, jovem estudante de Direito, consegue no “sábio equilíbrio” entre o estudo e o lúdico fundar o primeiro orfeão português. O Orfeão Académico da Magna Universidade”<sup>33</sup>.

Passados que foram os anos também o Arquipélago da Madeira acolheu esta corrente. Foi então criado o Orfeão Madeirense que é um dos corais mais antigos de todo Portugal e o mais antigo da Região Autónoma da Madeira.

#### **4.2. Organização do Orfeão**

Esta iniciativa pertenceu em 1920, a um grupo de militares do então Regimento de Infantaria 27 (RI 27), destacando-se o alferes Cristóvão Ascensão, o tenente-coronel Dr. Carlos Silva, os capitães Jaime Leal, Santos Pereira e Conceição Lomelino aos quais se juntaram destacados cidadãos da altura entre eles, Dr. Correia de Oliveira, o Dr. Plágio dos Santos, o Dr. Teodoro Borges de Freitas e ainda o secretário da Câmara Municipal do Funchal.

---

<sup>33</sup> <http://pagina.vizzavi.pt>.

Segundo alguns, a ideia de formar esta colectividade, surgiu após um espectáculo realizado no Teatro Municipal por alunos do liceu do Funchal e do qual fez parte um pequeno orfeão daquele estabelecimento de ensino, ensaiado pelo maestro, Cesar Magliano e dirigido pelo professor de canto Júlio Câmara<sup>34</sup>.

Não seria descabido pensarmos que o facto de serem militares os impulsionadores da formação do Orfeão Madeirense, tem a ver com a sua cultura musical, acima da média dos restantes madeirenses, adquirida dos ingleses aquando da sua segunda ocupação em 1807, pois os mesmos davam grande destaque à actividade musical.

Segundo informam os Estatutos do Orfeão no seu Artigo 1º: “O Orfeão Madeirense’, que existe desde Dezembro de 1919, continua a existir com a mesma denominação”.<sup>35</sup> Este oficializou-se, através de um documento próprio endereçado ao Ex. Senhor Governador Civil do Distrito do Funchal o qual vem regularizar uma situação que se vinha arrastando no tempo. Referimo-nos ao pedido de registo dos seus Estatutos que datam de Novembro de 1937, tal como se pode verificar no documento visado e do pedido de constituição da Associação que lhe deu origem (Ver Anexo IV).

Este agrupamento musical, tinha como objectivos:

“Promover e cooperar no desenvolvimento da educação artística, especialmente musical, dos seus associados e do público em geral, auxiliar, sempre que as circunstâncias o permitirem ou aconselhem, quaisquer manifestações artísticas que se destinem a elevar o nível cultural dos seus sócios, dos madeirenses e dos portugueses em geral, demonstrando assim o seu carácter de associação de utilidade pública”<sup>36</sup>.

O Comércio da Madeira de 11 de Maio de 1921, fala ainda de outro objectivo que era servirem de benefício do meio em que viviam, pois segundo afirmavam, o interesse material das audições que iriam realizar, destinar-se-ia a socorrer a miséria da ilha, as instituições de caridade, e outras obras sociais.

---

<sup>34</sup>Eco do Funchal, 10 de Junho de 1956

<sup>35</sup>Estatutos do Orfeão Madeirense, anexo IV, doc.4 a.

<sup>36</sup>Estatutos do Orfeão Madeirense, anexos CV.

Um artigo de 1913, dava conta da intenção da criação do Orfeão Madeirense, informava do número de inscritos até ao dia 8 de Março desse ano bem como informava de uma reunião no dia 9 para fazerem escolha de vozes<sup>37</sup>.

Depois consultados os membros do actual Orfeão, solicitando referências possíveis sobre a notícia, pudemos recolher a informação de que, hipoteticamente, seriam os mesmos militares a ter interesse pela constituição deste grupo musical, uma vez que, na Madeira, não existia qualquer grupo semelhante ao que se pretendia constituir.

Segundo os mesmos, esta iniciativa desmoronar-se-ia, dado anteceder a primeira guerra mundial e a crise (económica e social) estar presente em todo o mundo.

Quanto ao ressurgimento da data de 1919, o Comércio da Madeira de 8 de Abril de 1920, apresenta-nos a seguinte justificação:

“A idéia surgiu há cousa de um ano, num corredor do teatro. Saíu duma permuta de impressões entre um capitão e três alferes, correligionários de predilecções artisticas, que foram logo abordar o dr. Passos de Freitas e lhe baldearam por sobre a cabeça toda uma torrente de esperanças, de fé e de promessas.

Passos Freitas encavalitou os seus óculos de tartaruga, avançou argumentos, opôs algumas objecções, fundadas na experiência que tem do nosso meio, tão amortecedor de iniciativas – mas por fim deixou-se contagiado, tanta era a fé que espadanava daquelas quatro bocas.

A idéia pôs-se em marcha, empurrada através duma ladeira de dificuldades, e o recrutamento começou a fazer-se lançando a rede pelo liceu e pelos cartórios, lojas de comerciantes, teatros, cafés, por toda a parte onde se podia filar uma garganta disposta a entrar na forma”<sup>38</sup>.

Foi então convidado para assumir a Direcção Artística do Orfeão, o Dr. Manuel dos Passos Freitas, responsável por alguns dos grupos musicais da época: “umas com a denominação de Grupo de Amadores de Música Passos Freitas, outras com a denominação de Grupo Musical Dr. Passos de Freitas, ou ainda de Orquestrina Dr. Passos Freitas<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup>Diário da Madeira de 09 de Março de 1913.

<sup>38</sup> Comércio da Madeira, 8 de Abril de 1920

<sup>39</sup>Comércio da Madeira de 26 de Abril de 1922

O diário Comércio da Madeira,<sup>40</sup> informa-nos que em 1921, houve reuniões para tratar de assuntos relacionados com os respectivos grupos. Numa dessas reuniões, tratariam possivelmente dos pormenores relacionados com a sua primeira actuação que se realizaria em Julho desse ano.

Na reunião convocada para o dia 28 de Julho (já depois das duas primeiras actuações), a iniciar às 20 horas, no Teatro Dr. Manuel de Arriaga, resolver-se-ia um assunto, importante para todos os intervenientes, tratar-se-ia da apresentação das contas informando-os de que a receita cobrada nas duas audições se encontrava depositada numa casa bancária da cidade e que os documentos respeitantes às despesas se encontravam expostas ao público no escritório do director do Orfeão, Dr. Passos Freitas<sup>41</sup>.

### **4.3. Apuramento de vozes**

Independentemente da sua profissão, todos os madeirenses tinham oportunidade de se inscrever para fazer parte do referido Orfeão, desde que tivessem voz adequada.

Assim, o Diário de Notícias, fazia um apelo a todos os orfeonistas inscritos que se dirigissem ao Teatro Dr. Manoel de Arriaga pelas 19 horas, a fim de procederem ao apuramento de vozes.

Foi esta a interpretação que demos ao ler dois artigos do Diário de Notícias e do Comercio da Madeira de 5 e 7 de Abril respectivamente<sup>42</sup>.

Ficamos com a ideia de que havia realmente a preocupação de não seleccionar pessoas, mas sim a sua voz, de acordo com os naipes a que melhor cada elemento se adequasse. Esta selecção, era feita não só pelo Dr. Passos de Freitas mas também, pelos restantes “ensaiadores” como lhe chama as fontes acima referenciadas, referindo-se provavelmente aos chefes de naipes.

#### **4.3.1 Elementos do Orfeão Madeirense**

Foram então seleccionadas as vozes e preenchidas as respectivas fichas de identificação dos elementos admitidos.

---

<sup>40</sup> Comércio da Madeira, 28 de Julho de 1921

<sup>41</sup> Comércio da Madeira, 30 de Julho de 1921

<sup>42</sup> Diário de Notícias, 5 de Abril de 1921 e Comércio da Madeira, 7 de Abril de 1921.

Depois de analisadas pormenorizadamente, pudemos constatar que os candidatos tinham idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, quando eram admitidos, pois nas referidas fichas constava a data de nascimento e a data de admissão, pelo que podemos concluir a informação supracitada. Os mesmos, tinham actividades profissionais variadas, informação também retirada da mesma fonte referida anteriormente. Dentre elas destacavam-se os militares, os funcionários públicos, os comerciantes, os médicos e outros com profissões liberais. De salientar que o grosso dos coralistas possuía já cursos superiores, como provam alguns documentos que oportunamente apareceram em anexo.

Os naipes orfeónicos encontravam-se enquadrados da seguinte forma: (**Ver Anexos IV e V**).

### **Primeiros tenores**

Gabriel Henriques, Alfredo Guerra, Constantino d'Ornelas, Eduardo Leça, Adriano Marco, Eduardo Rodrigues, Brito Figueirôa, Nunes Pereira, João Ferraz, Vasco Quental, Ruben Gomes, Furtado Mendonça, Anselmo Vieira, Marcos Caldeira, Diogo de Freitas, Luiz Francisco Xavier, Fredinando Pereira, António Coito, Artur Casa Branca, Alferes Ascensão, Marcelino Gomes, Pedro Andrade, Lucio Camacho, José de Castro, Romão d'Abreu, António Pestana.

### **Segundos tenores**

Aníbal Ascensão, Manuel Bettencourt, Manuel Sardinha, Henrique Martins, António Rodrigues Alves, Major Carlos Marques, Marçal Lino, Bartolomeu d'Abreu, Florêncio d'Abreu Teixeira, Teodoro Fernandes, Alberto Pereira, Francisco Sardinha, Paulo G. de Freitas, António Gonsalves Rocha, Joaquim S. de Sousa, Jacinto Rodrigues de Sousa, Vasco Atouguia, José Aurélio Nóbrega, Vicente G. da Silva, Francisco dos Passos Galvão, Álvaro Fernandes, Capitão Eduardo Pereira, H. Cunha, J. Jorge Mendonça, José M. Câmara Júnior, Figueira Jesus, C. Muller, António Gomes Figueira.

### **Barítonos**

Alberto Abreu, Alberto Gouveia, Manuel Rodrigues, J. Luciano Menezes, Frederico Nunes, Alberto Pereira, Julio Gomes, Alfredo Oliveira, João Carlos Vieira, J. A. Silva Carvalho, Alferes João Gouveia, Capitão Jaime Leal, Major João Vasconcelos, Alferes Pinto Correia, A. Poncio Gonçalves, João Monteiro, Carlos Monteiro, Carlos

Ferreira, Julio A. Borges, José Velloso, António Gregório Ferreira, Manuel Dionísio de Freitas, António Mendes Correia, Humberto d'Ornelas, J. Cecilio de Sales, João Paulo, Manuel Adelino Macedo, Manuel Pereira, Gabriel Alves, Óscar da Silva, José Bernardino Fernandes, Henrique Aguiar, Jorge Gordon, Aníbal Velloso Barreto, João Carlos Barros, Antº da Mendonça, Manuel D. Gouveia Freitas, Julio Figueir

### **Baixos**

João Franco de Castro, Henrique Câmara, Carlos Gouveia, Manuel Gomes Henriques, João Augusto Pereira, Joaquim Henriques, Augusto João Correia, Capitão Abel Vasconcellos, Alferes Brito Figueirôa, Dr. Pelagio dos Santos, Alexandre Pereira, Gabriel Tavares, Clairouin, João Pereira, Mário de Freitas, Alferes Carlos Silva, Jacinto Mendes, Alferes Caldeira, Álvaro Fernandes, Vasco d'Abreu, Cristovam Gomes, José d'Ornellas, J. da Conceição Gouveia, Manuel Maria de Freitas, Capitão Jaime Leal, José J. de Freitas França, J. Agostinho Dinis.

Da análise dos documentos não aparece especificado, em nenhum momento, a formação dos primeiros cantores.

Os chefes de naipes eram pessoas que pertenciam à banda militar. Aos elementos que não sabiam música era-lhes facultada a possibilidade de consultar a partitura que lhes era distribuída com a devida antecedência.

No mesmo Diário de Notícias<sup>43</sup>, assim o referia: Ninguém concebe a exaustiva brutalidade dessa tarefa, afeiçoando as vozes, domesticando as memórias, introduzindo as partituras em cada cérebro, frase a frase e para cada frase dezenas de repetições, até se obter a justa, a segurança própria e o colorido definitivo”.

Do parágrafo anterior, podemos concluir que era deveras muito difícil trabalhar nessas condições. Deprendemos que o conhecimento musical daquelas pessoas era inexistente e que não seria nada fácil chegar ao produto final, para isso, teria que ser feito um trabalho exaustivo para que o objectivo fosse atingido. O trabalho que se impunha, na verdade, era sobre-humano.

Decorria o mês de Março de 1922. A Sociedade Madeirense não fugia ao marasmo que se estendia em todo o território nacional. Tentando resistir, em primeiro lugar e para poder encontrar motivos, já que razões existiam de sobra, alguns dos

---

<sup>43</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922.



personagens que passaram a integrar o próprio Orfeão souberam analisar a situação e reagir a ela mesma de forma positiva. Senão, vejamos o que encontrámos neste documento que, dada a sua deterioração, tentaremos aclarar da melhor maneira possível (Ver Anexo VI).

“É mais ou menos isto o que no *Golden Gate*, quase deserto, ao cair da noite, meia dúzia de mesas, a que se agrupam vários cavalheiros de aspecto sorumbático, remoendo os últimos telegramas chegados de Lisboa, (...) a falta de turistas, o imenso tédio (...), o café estava esgotado até às fezes e eu prepare-me para levantar ferro, cansado de percorrer todas aquelas caras, como quem folheasse um número já velho de uma revista de caricaturas, quando aparece o Dr. X que, com um novo fôlego cultural, coloca em perspectivas formas de acabar com este marasmo. O desafio era, na verdade, aliciente, embora tivesse os seus custos, bem o sabíamos. Não obstante, dispúnhamo-nos a contactar os mais variados cenários: lojas de comerciantes, teatros, cafés, por toda a parte onde se podia filar uma garganta disposta a entrar na forma” (Autor desconhecido).

Foi com este despertar de consciências que surgiram os primeiros resultados. Em breves dias enfileirava uma vasta trupe de duzentos comparsas. Só que a coragem depressa se desvaneceu. As exigências disciplinares que o trabalho dos ensaios impunha goraram as suas expectativas. Como tal, havia que abandonar o barco. Foram-se os renegados. Ficamos com metade. Uma metade rija. Um elenco de cento e tantas figuras...

De resto, a história fala por si. A nós compete relevar uma ou outra página que consideramos mais significativa no intuito de deixar um voto de homenagem a quem se entregou a uma causa que, segundo os jornais da época, veio a redundar num sucesso total, tal como nos iremos apercebendo à medida que damos a conhecer os caminhos de descoberta que, também nós, nos dispusemos a percorrer.

E foi assim que o Orfeão Madeirense e o Grupo Musical Passos de Freitas entravam em grande actividade”<sup>44</sup>.

Tendo em conta a data deste artigo, parece-nos que estamos em condições de afirmar que o mesmo se refere ao início da constituição do Orfeão pois nesta data estava a uns escassos meses da sua primeira actuação e, nós pensamos que esta não seria a altura ideal de recrutar pessoal, pois não estariam à altura de uma apresentação em público, nem ao que nos parece pelas leituras realizadas, que, sendo os seus fundadores tão exigentes não permitiriam a presença em público de pessoas sem a devida formação. Para além disso, o referido artigo, expõe na sua totalidade, embora muito resumidamente o que foi a vida do Orfeão desde o início até à data do mesmo.

---

<sup>44</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922.

Pelo exposto, podemos concluir que os argumentos usados para angariação de elementos para a constituição do Orfeão, eram convincentes. Depois de alguma publicidade nos locais apropriados, agenciaram um número considerável de rapazes, que, dado a exigência dos ensaios, muitos deles renunciaram fazer parte do referido grupo. No entanto, ainda restou um número considerável de interessados, que resistindo às dificuldades variadas, proporcionaram a formação do Orfeão Madeirense.

#### **4.3.2. Ensaios**

Os ensaios foram iniciados, logo que a selecção mencionada no ponto anterior se efectuou. Mas, para que isso fosse possível, era necessário encontrar um espaço onde ensaiar.

O Sr. Alferes Ascensão decidiu, então, pedir aos responsáveis pelas instalações do Teatro Dr. Manoel de Arriaga para aí se realizarem os referidos ensaios. Este foi-lhe concedido desde que o Orfeão se compromettesse a pagar as despesas com a electricidade.

Este pedido ficou registado na Acta da Sessão da Comissão Executiva de 7 de Abril de 1921 da Câmara Municipal do Funchal, tal como se transcreve:

“O Sr. Acácio Martins diz que foi procurado pelo Sr. Alferes Ascensão que lhe pediu o Teatro Dr. Manoel d’Arriaga para nelle realisar os ensaios do “Orfeon Madeirense, o que concedi pagando as despesas com a luz eléctrica, e isso peço que seja discutido o meu procedimento”.

Foi aprovado o procedimento do vogal Sr. António Acácio Martins”<sup>45</sup>.

Depois de conseguido o espaço, surgiam, então, as notícias sobre os trabalhos a realizar pelo respectivo Orfeão, sob a regência de Manuel dos Passos Freitas.

Desta forma, a imprensa local, dava informações sobre os ensaios: A hora a que teriam início, lembravam onde se realizam, e sobretudo faziam apelos para que os elementos inscritos não faltassem aos mesmos<sup>46</sup>.

Nos ensaios, aperfeiçoavam as vozes, “domesticando as memórias, introduzindo as partituras em cada cérebro, frase a frase e para cada frase dezenas de repetições, até se obter a entoação justa, a segurança própria e o colorido definitivo”<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> Acta da Comissão Executiva de 7 de Abril de 1921

<sup>46</sup> Comércio da Madeira, 28 de Abril de 1921, Comércio da Madeira, 30 de Abril de 1921, Diário de Notícias, 5 de Julho de 1921 e Comércio da Madeira, 10 de Julho de 1921.

Estes trabalhos, eram organizados por naipes. O alferes Cristóvão Ascensão, director dos primeiros tenores, o Carlos Silva, era o chefe dos Baixos.

O capitão Lomelino Silva, Gustavo Coelho, o capitão pereira, o Jaime Leal, e o Corrêa de Gouvêa, “ensaiadores tenazes a quem se deve o trabalho de encaixar na cabeça, durante uma longa sucessão de meses, em noites dilatadas de paciência, todo um enorme repertório aos agrupamentos dos seus naipes”<sup>48</sup>.

Depois de cada um ensaiar o naipe que lhe correspondia, apresentavam-se ao Dr. Passos de Freitas para assim ensaiarem em conjunto.

No entanto, também não estava assim tudo tão facilitado, pois apesar do interesse que este grupo despertava, havia a desmotivação, sobretudo para os ensaios.

Não seria de todo agradável para os menos trabalhadores, pois a coragem depressa se desvaneceu devido às exigências disciplinares que o trabalho dos mesmos impunha, goraram as suas expectativas, dá-nos disso conta o seguinte artigo:

“O Carlos Silva, chefe dos Baixos, inteligência escrupulosa e franca, duma compreensão artística larga de horizonte, donatário dum órgão vocal, rico de pureza e de esmalte, empostado e volumoso... O Gustavo Coelho, fino espírito de artista, quasi apagado no sedentarismo atrofiante deste nosso burgo, e que além de nos presentear com a encantadora canção do terreiro, da sua autoria, orfeonizou o Rataplan, dos Huguenotes, de Meyerbeer, o Coro dei Soldati, do Fausto, de Gounod e a Damnation de Faust de Berlioz. O capitão Pereira, o Jaime Leal, o Corrêa de Gouvêa, esplêndidas organizações de missionários da Arte, ensaiadores tenazes a quem se deve o trabalho de encaixar na cabeça, durante uma longa sucessão de meses, em noites dilatadas de paciência, todo um enorme repertório aos agrupamentos dos seus naipes, onde só meia dúzia quando muito, saberá ler os hieróglifos dos papeis, pautados de musicas. Ninguém concebe a exaustiva brutalidade dessa tarefa, afeiçoando as vozes, domesticando as memórias, introduzindo as partituras em cada cérebro, frase a frase e para cada frase dezenas de repetições, até se obter a entoação justa, a segurança própria e o colorido definitivo. Tudo o que se disser da fama admirável dos ensaiadores arrancando-os da penumbra da sua modéstia, será pouco para lhes dar na homenagem fervorosa do publico o relevo a que tem direito. Entre eles, é necessário porém destacar o alferes Cristóvão Ascensão, director dos primeiros tenores – pela exuberância febricitante do seu nervosismo, pela vibração expansiva da sua actividade, multiplicando-se num redemoinho constante, numa lufa-lufa de todas as horas. O Cristóvão Ascensão, pilha de nervos, na fosforescente vivacidade do seu esforço, é um exemplar altamente simpático da fauna curiosíssima dos iluminados da Arte”<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922

<sup>48</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922

<sup>49</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922

#### 4.4. Os Primeiros Concertos

O Orfeão agora, composto por duas centenas de rapazes de elevada qualidade artística<sup>50</sup>.

Segundo os jornais da época, concretamente, no jornal, Luz de 05 de Julho de 1921, os funchalenses interessavam-se muito pelo trabalho dos orfeonistas e aguardavam com alguma ansiedade os primeiros concertos:

“Há o maior entusiasmo em ouvi-lo.

Continua despertando o maior interesse a apresentação do Orfeão Madeirense, da regência do ilustre amador sr. dr. Manuel dos Passos Freitas.

Ontem à noite, fez-se o sorteio dos camarotes, para a sua distribuição pelos membros do Orfeão.

Os restantes lugares continuam a ser vivamente disputados.

Os últimos ensaios – ensaios de apuros – estão sendo muito concorridos por todos os orfeonistas, como lhes cumpre, lidando todos no empenho de apresentar aquele esplêndido corpo coral à altura da ansiedade, com que é esperado pelo público culto da nossa terra”.

Eram sucessivas as interpelações públicas para que o sucesso do referido concerto coincidissem com as expectativas geradas.

A par do Orfeão, apresentar-se-ia também o Grupo Amadores e Música Passos Freitas, grupo este que em 1921 se denominava desta forma, mas como teremos oportunidade de ver, o mesmo foi sofrendo alterações no seu nome, devido ao número de elementos que o compunham. O referido grupo, teve muita importância na vida cultural dos madeirenses, foi formado muito mais cedo do que o Orfeão, em 1906<sup>51</sup> e por ser quase indissociável do grupo em estudo, dedicamos-lhe um capítulo neste trabalho. Nesta fase o referido grupo denominava-se “Grupo amadores de música Passos Freitas”, sendo mais tarde o Septeto Dr. Manuel Passos de Freitas como adiante se poderá verificar.

O primeiro espectáculo realizou-se no dia 7 de Julho de 1921 com o seguinte programa:

---

<sup>50</sup> Comércio da Madeira, 11 de Maio de 1921

<sup>51</sup> Jornal da Madeira de 02 de Março de 1920

## PROGRAMA

### 1.<sup>a</sup> Parte → Grupo amadores de música Passos Freitas

- |                              |                     |
|------------------------------|---------------------|
| 1. Marche .....              | <b>Mendelscohn</b>  |
| 2. Romance .....             | <b>Gonnod</b>       |
| 3. Tarantella .....          | <b>Messucapo</b>    |
| 4. Chanson Triste .....      | <b>Tschaikowsky</b> |
| 5. Sereneta .....            | <b>Alfieri</b>      |
| 6. Rapsodia Portuguesa ..... | <b>Figueirêdo</b>   |

### 2.<sup>a</sup> Parte → Orfeão Madeirense

- |  |                  |
|--|------------------|
| 1. No Terreiro .....                   | <b>R. Coelho</b> |
| 2. Coro Dei Soldati (huguenotes) ..... | <b>Meyerbeer</b> |
| 3. Fado .....                          | <b>R. Coelho</b> |
| 4. Canção do Bicho .....               | <b>T. Borba</b>  |
| 5. L' Enclume .....                    | <b>Gonnod</b>    |

A fim de fazermos um juízo de valor das capacidades do Orfeão, achamos conveniente entrevistarmos, ou melhor, conversarmos com o madeirense professor João Victor Costa, dedicado desde sempre à música e grande impulsionador da música sacra nesta Região autónoma.

Relativamente às peças interpretadas por este agrupamento, disse-nos que, as mesmas eram adaptações corais a 6 vozes e peças de grande gabarito. Algumas delas, eram feitas por músicos portugueses mas outras eram feitas no estrangeiro, pois, segundo ele, os responsáveis pelo grupo, tinham uma visão muito abrangente sobre estes assuntos. Estas orfeonizações, só eram possíveis devido ao facto de fazerem parte do Orfeão um elevado número de pessoas.

Quando abordado o tema se os coralistas sabiam música ou não, ele diz que na maioria dos grupos corais portugueses, não sabiam música e as peças eram aprendidas de cor. Também este Orfeão não era excepção. No entanto, refere, que havia nessa época na Madeira muita gente a ter aulas particulares de música, nomeadamente de solfejo. A par disso o Orfeão Madeirense, tinha muitos elementos cuja ocupação eram

militares e estes a nível musical eram muito bem formados o que facilitava a tarefa, refere o professor.

Em nossa opinião, e depois das leituras efectuadas, parece-nos que efectivamente o Orfeão, “importaria”, grande parte do repertório que apresentava, pois a presença dos estrangeiros na ilha era uma constante e depois há também a questão dos militares, para além de “muito bem formados a nível musical”, também teriam as suas saídas da ilha, em missões e outros actos militares, o que lhes abria novas perspectivas culturais.

O Diário de Notícias,<sup>52</sup> faz uma referência muito positiva a todo o espectáculo realizado por ambos os grupos: Passos de Freitas a par com o Orfeão Madeirense, não só no que diz respeito à qualidade do programa elaborado, como à própria execução, até porque era a primeira vez que ambos os grupos se assumiam em separado.

Já relativamente ao público presente, constatou-se que o programa gerou um entusiasmo na assistência. As manifestações expressas, quer a nível dos aplausos, quer a nível dos comentários ouvidos, não só relativamente ao Orfeão, como também ao seu Director Artístico, através das mais elogiosas referências, são disso a prova evidente. Assim o confirma o Diário de Notícias,<sup>53</sup> onde se podiam ler algumas referências das quais salientamos: “O Orfeão Madeirense marca a elevação de um meio”; revela-nos o “velho mito de Orfeu”; “é a dignificação da mentalidade madeirense”; “traz à Madeira um presente e uma dádiva ao espírito”.

A afluência a este evento foi de tal ordem numerosa que os responsáveis pela sua organização, decidiram solicitar autorização para mais um espectáculo, uma vez que, não seria possível, nos dois primeiros, responder, eficazmente, a todo o público que manifestava o desejo de aplaudir o Orfeão<sup>54</sup>.

Na realidade, o público estava ansioso, para admirar esse numeroso grupo de vozes. Também estas dezenas de vozes, estavam desejosas de agradarem ao público deixando-o, assim, com uma ponta de entusiasmo para os trabalhos que este Orfeão iria desenvolver, posteriormente.<sup>55</sup>

Quanto ao segundo espectáculo, que estava previsto realizar no dia 8 do mês de Julho, no mesmo teatro, foi, por motivos imperiosos e imprevistos, adiado para tempos

---

<sup>52</sup> Diário de Notícias, 10 de Julho de 1921

<sup>53</sup> Diário de Notícias, 08 de Julho de 1921

<sup>54</sup> Comércio da Madeira, 6 de Julho de 1921

<sup>55</sup> Comércio da Madeira, 07 de Julho de 1921

mais próximos. Seria, oportunamente, comunicada ao público, a data da sua actuação, pois tratava-se da última audição daquele núcleo artístico, neste par de espectáculos.

Nos documentos consultados, conseguimos apurar que, se realizaria no dia 13 do mesmo mês a 2ª audição do Orfeão Madeirense com o reportório anteriormente referenciado. Ainda na publicação do Comércio da Madeira,<sup>56</sup> se pode ler que, para esse concerto, os pedidos de bilhetes, “estão quasi todos tomados”.

O horário de funcionamento da bilheteira também é anunciado, pois a avaliar pelo impacto do primeiro espectáculo previam que a referida sala estivesse completamente cheia, informação dada pelo jornal mencionado no parágrafo anterior.

O Orfeão volta ao trabalho com um apelo da sua direcção para a comparência de todos os orfeonistas no Teatro Dr. Manuel de Arriaga, a fim de resolverem assuntos importantes relacionados com o grupo<sup>57</sup>.

Entre os vários assuntos tratados, um dizia respeito à apresentação de contas que se davam a conhecer aos interessados em reuniões anunciadas para o efeito. De salientar que não conseguimos encontrar qualquer documento no qual se referenciassem as contas. As referências a estas temáticas, apenas dizem respeito ao ano de 1937, como à frente fazemos referência.

#### **4.5. Novos rumos se preparam**

Depois das primeiras actuações, começaram as férias de Verão. Findas estas, coube à imprensa, que desempenhou um papel preponderante na divulgação, dinamização e avaliação de todas as actividades do Orfeão, comunicar aos orfeonistas, a data, a hora e o local da realização dos ensaios, os adiamentos dos mesmos, bem como os lugares dos respectivos trabalhos, supondo-se, assim, que, no ano em questão, ainda não havia uma sede própria (**Ver Anexo VII**).

Segundo o jornal Comércio da Madeira, uma grande parte dos referidos ensaios realizava-se no Teatro Dr. Manuel D'Arriaga e na casa de ensaio, juventude católica à Rua Gomes Freire, antiga Rua do Bispo.

A Direcção do Orfeão começava, agora, a pensar seriamente em realizar algumas digressões, a intenção era mesmo sair da ilha, mas para lugares perto e com

---

<sup>56</sup> Comércio da Madeira, 12 de Julho de 1921

<sup>57</sup> Comércio da Madeira, 30 de Julho de 1921

baixos custos, o que não seria de todo fácil. Então, dos seus organizadores, surgiu a ideia: Açores ou Canárias<sup>58</sup>.

Optaram pelas Canárias, uma vez que se realizavam, nessa ilha espanhola, as Festas de Maio, que tinham grande projecção turística.

Tomada a decisão, os organizadores dirigiram-se à Câmara Municipal do Funchal, para lhe dar a conhecer a decisão e para que esta tomasse as devidas diligências com o arquipélago vizinho a fim de saberem se seria possível ou não esta deslocação.

Desta forma, o Vice-presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal do Funchal, em exercício, F. G. Gouveia Junior, no dia 26 de Janeiro de 1922, fez um ofício para as Canárias, concretamente ao Sr. Alcaide da Cidade de Santa Cruz de Tenerife, informando-o da intenção do Orfeão e usando os seguintes argumentos: trata-se de um gesto de confraternização e simpatia, contribuiria para marcar uma época de relações mais íntimas entre os dois arquipélagos, estavam na mesma situação, ambas estavam longe da Metrópole e as milhas que os distanciavam não eram significativas **(Ver Anexos VIII, IX e X)**.

Em resposta, surge um ofício do Governador Civil das Canárias, dando a conhecer o interesse pela visita dos portugueses **(Ver Anexos XI e XII)**.

As perspectivas e esse desejo de partilhar a sua cultura com outras gentes e outros povos, tomavam proporções tais, que a própria Câmara Municipal do Funchal se abriu em apoios incondicionais.

Com esta potencial saída da ilha, havia a necessidade de rigor na qualidade a imprimir a todas as peças musicais, as aspirações de sair da Madeira para divulgação da sua arte, era mais um motivo das exigências colocadas quer nos ensaios, quer nas actuações que se iam desenrolando no território madeirense.

Os momentos vividos desde a preparação da viagem às Canárias à sua realização, tão vivamente desenhada nos vários Órgãos de Comunicação Social da época, realçam o empenhamento de ambas as Comunidades locais: Madeira e Canárias, a fim de que o sucesso fosse a correspondência total relativamente ao esforço dispendido. Achamos conveniente, integrar alguns documentos que retratam o trabalho dos seus organizadores sob a colaboração incondicional de organizações oficiais.

---

<sup>58</sup> Comércio da Madeira, 09 de Outubro de 1921



Os documentos comprovativos destas incursões/excursões são a demonstração de tais preocupações (**Ver Anexos de XIII a XXXV**).

Da responsabilidade da Direcção, surgia, em forma de convite publicado no Diário de Notícias,<sup>59</sup> a abertura de inscrições para todos quantos desejassem participar na excursão às Canárias que, em breve, se realizaria. Alertava-se, também, para a vantagem de o fazerem o mais cedo possível, a fim de se proceder a uma organização atempada da viagem, da estadia e respectivos custos.

Ainda que a viagem estivesse prevista a quase um ano de distância, convinha que a organização se processasse atempadamente, até porque as demoras previstas nas trocas de correspondência, à época, assim o exigiam, para além disso tinham que conseguir as autorizações do Ex.º Senhor Ministro do Interior para poder integrar o grupo de orfeonista na deslocação às Canárias.

A comprovar tal preocupação situamo-nos, agora, em O Diário de Notícias, de 19 de Abril de 1922, referindo-se à viagem a efectuar no dia 28 do mesmo mês e ano, assente na mensagem que segue:

“No dia 28, partirão do Funchal, com rumo a Santa Cruz de Tenerife, o Orfeon Madeirense e o Grupo Musical Passos de Freitas. A notícia desta «tournée» ergueu naquela cidade o mais fervoroso entusiasmo; jornais chegados das Canárias dedicam longos artigos de aplauso á iniciativa daquelas duas agremiações artísticas, que irão realizar três ou quatro concertos no Teatro Municipal de Santa Cruz, dirigindo-se em seguida a Las Palmas, onde efectuarão algumas audições.

Consta-nos que antes de largarem do Funchal, o Orfeon e o Grupo darão uma récita no Teatro-Circo, á qual está reservada, por certo, uma enchente semelhante a que temos observado nos outros espectáculos daqueles dois organismos artísticos que, através da magnífica beleza dos seus cânticos, saberão agora em terras espanholas, honrar o nome de Portugal.”

A persistência e a perseverança de todos quantos acreditavam na possibilidade de realização de tal evento, levam-nos a concretizar aquilo que, em princípio, lhes poderia parecer impossível.

À medida que recuamos no tempo, mais nos certificamos da forma como esses artistas nos legaram, acima de tudo, uma lição de verdadeiro amor social.

---

<sup>59</sup> Diário de Notícias, 14 de Outubro de 1921

O Jornal,<sup>60</sup> fazia uma referência aos preços por bilhete de acordo com a configuração respectiva: “butacas de palco, plateas (frisas) camarotes de primeira fila, asientos de anfiteatro de primera fila e segunda fila, asientos del paraíso e entradas de paraíso...” ao número de acompanhantes, aos alojamentos, ao traje, cuja transcrição fazemos questão de incluir, a fim de podermos reflectir sobre a importância e o rigor que, antanho, se dava à apresentação em público.

Quanto ao elenco artístico houve também algumas recomendações, tal como ficou atrás registado, referimo-nos à sugestão feita pelos espanhóis que manifestavam, alguns desejos de especial atenção. É o caso, muito concreto da integração de Fados variados a que a população aderiu extraordinariamente, pois esse tipo de música caracterizava muito bem Portugal. Solicitavam também a partitura do Hino Nacional, tal como indica o artigo do jornal, Diário de Notícias de 15 de Outubro de 1921.

Tendo conhecimento do dispêndio económico-financeiro que exigia esta deslocação não se poupou a mais uma chamada de atenção para tal facto. Sugeria-se, assim, a solicitação de um apoio económico às respectivas entidades responsáveis pelo poder local. Deixamos uma referência muito relevante para a Câmara Municipal do Funchal que não se poupou a esforços para corresponder plenamente aos anseios dos seus munícipes.

A cumplicidade verificada entre a Câmara do Funchal e a sua congénere de Santa Cruz de Tenerife era tal que, o caso foi levado aos órgãos competentes madeirenses tal como consta no Livro de Actas<sup>61</sup> da Câmara Municipal, que acederam ao apoio e às facilidades necessárias para que aquelas colectividades artísticas pudessem, no ano em questão, tomar parte nas grandes festas de Maio. Para além disso também há registos na correspondência Expedida entre 1921 e 1924. Tal como o seu próprio nome indica, foram expedidos dois ofícios, números 245 e 258, datados de 27 de Janeiro e 6 de Fevereiro respectivamente. O primeiro endereçado ao Director do Orfeão Madeirense e Grupo passos Freitas, dando-lhe a conhecer que seria prestado todo apoio possível a estes dois agrupamentos artísticos na deslocação a Santa Cruz de Tenerife, o segundo, era dirigido ao Alcaide da cidade de Santa Cruz de Tenerife, manifestando o apreço por esta confraternização entre os dois arquipélagos, pois assim seria lançada uma ponte de curiosidades e de interesses entre os dois povos.

---

<sup>60</sup> O Jornal, 29 de Dezembro de 1921

<sup>61</sup> Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 da Câmara Municipal, Acta da sessão da Comissão Executiva de 26 de Janeiro de 1922

Os vários documentos que conseguimos recolher são disso a prova. Muitos deles encontram-se anexados e devidamente organizados em original e em traduções mais ou menos conseguidas, dado a deterioração em que se encontravam os documentos que serviram de suporte à recolha efectuada.

Na verdade, uma intensa actividade se esperava dentro e fora. Como prova desta nossa asserção deixamos registado o reportório desses momentos que brindaram o povo Madeirense antes da sua partida para as Canárias. Constituía-se, assim, de certa forma, um primeiro contacto, como que um ensaio geral de tudo quanto se desejava oferecer aos tenerifenhos. E, na verdade, foi um programa que deu que falar nos tempos que se seguiram, tal como nos aparecem relatados em momentos muito evocados pelos órgãos de comunicação social.

Segue-se, assim, o referido programa:

**PROGRAMA DO SARAU MUSICAL**  
**DO**  
**Grupo de Amadores de Música Passos Freitas**  
**E DO**  
**Orfeão Madeirense**

---

PRIMEIRA PARTE

**(Pelo grupo)**

- |                                |                        |
|--------------------------------|------------------------|
| 1.º -- Overture -----          | <b>K. Bela</b>         |
| 2.º -- Romance -----           | <b>C. Gounod</b>       |
| 3.º -- Dois Fados -----        | <b>R. Campos</b>       |
| 4.º -- Minuetto -----          | <b>A. Alfieri</b>      |
| 5.º -- Rapsódia -----          | <b>J. Figueiredo</b>   |
| 6.º -- Ballade -----           | <b>E. Grieg</b>        |
| 7.º -- Chant saus perole ----- | <b>P. Tschaikowsky</b> |
| 8.º -- Marcha -----            | <b>F. Mendelssohn</b>  |

## SEGUNDA PARTE

### (Pelo Orfeão)

- 1.º -- L' Enclume ----- **C. Gounod**
- 2.º -- Paixão de Cristo ----- **J. S. Bach**
- 3.º -- Canções Transmontanas (Rapsódia) ----- **Pinto Ribeiro**
- 4.º -- Coro dei Soldati (Huguenotes) ----- **Meyerbeer**
- 5.º -- Canção do Mar Bravo ----- **A. Sarti**
- 6.º -- Coro di Cacciatori ----- **Weber**
- 7.º -- Canções da Nossa Terra ----- **I. Aranha e A. Joyce**
- 8.º -- Coro dei Soldati (Fausto) ----- **C. Gounod**

Tal como podemos verificar a diversidade musical é notória. Num reportório tão variado encontram-se obras dos mais variados estilos, compositores. Esta variedade denota bem a intensidade de ensaios a que os orfeonistas estiveram sujeitos, até porque segundo o Jornal de Notícias,<sup>62</sup> o programa era constituído, na sua grande maioria, por “números novos”. Só isso justificaria todo o empenhamento a que os mesmos se votaram. O referido jornal acrescenta, ainda, a modo de compensação pelo esforço que tal espectáculo se constitui como uma oferta “surpreendente de beleza, num concerto que tem despertado o mais vivo interesse nas camadas cultas da população funchalense”.

Segundo o Jornal de Notícias,<sup>63</sup> previa-se mais uma noite ruidosa de triunfo para o Orfeão e para o Grupo, cujo labor aturado e consciencioso de preparação iria ser publicamente premiado pelo povo madeirense, em homenagem justa e vibrante de carinho, simpatia e de orgulho (Autor desconhecido).

Como se pode constatar, ainda, também os autores das peças são diversos. A sua origem está patente em cada uma das peças musicais constantes do respectivo programa.

---

<sup>62</sup> Jornal de Notícias, 21 de Abril de 1922

<sup>63</sup> Jornal de Notícias, 26 de Abril de 1922

#### **4.6. Espaços diferentes, causas comuns: Madeira / Canárias**

São vários os documentos que fazem referências muito vivas aos espectáculos realizados pelos grupos orfeónicos em excursões levadas a efeito no território Madeirense e também às Ilhas Canárias.

Considerando que foi nestas ilhas que se manifestou um dos pontos mais altos do Orfeão Madeirense, cumpre-nos integrar alguns dos documentos comprovativos dos eventos aí realizados: dia 2 de Maio de 1922, em Santa Cruz de Tenerife, às 9 horas, realizou-se o primeiro concerto do Orfeão Madeirense e do Grupo Musical Passos de Freitas, no Teatro Municipal, dia 4 de à mesma hora, teve lugar o segundo concerto dos referidos grupos. A 12 de Maio, na cidade de La Laguna, os mesmos grupos apresentaram ainda um concerto, integrado nas mesmas festas e no dia 13 realizaram uma “Festa Artística” de despedida em homenagem aos excursionistas madeirenses, onde os dois grupos actuaram. (**Ver Anexos de XXXVI a XLI**).

Muitos outros documentos comprovativos das «andanças por estas paragens» poderiam ser integrados. Estes surgem, apenas, como referência, em nosso entender, bem significativa, enquadrados numa pequena amostra representativa do muito que foi dito e feito pelos representantes de ambas as comunidades.

#### **4.7. “Notas soltas de um canhenho de impressões”**

Para além de tudo o que foi ficando, pareceu-nos interessante não só o título dado ao conjunto de ideias publicadas pelo Diário de Notícias nos dias que medeiam entre 17 e 26 de Maio de 1922, como a elevada qualidade da comunicação escrita onde se pode ler uma mensagem de relevante teor educativo. Dado a extensão do documento, apenas fazemos referência ao artigo: “MADEIRA-CANÁRIAS: O que foi a excursão do Orfeon Madeirense”<sup>64</sup>.

Achamos também importante, expor as opiniões da imprensa das ilhas visitadas, colhidas na imprensa local da Madeira:

1. *La Gaceta de Tenerife*”, diário católico, órgão das direitas, refere-se com amplidão ao notavel concerto, verdadeira solenidade artística da noite

---

<sup>64</sup> Diário de Notícias de 22 a 26 de Abril de 1922

passada: o teatro, com todos os lugares acupados pelo mais selecto da nossa sociedade, apresentava um aspecto deslumbrante... Os orfeonistas cantaram admiravelmente, revelando bom gosto e arte na matização das obras musicais que tiveram a seu cargo<sup>65</sup>.

2. Também em “*La Prensa*”, porta-voz da corrente republicana da provincia frisa a extraordinária concorrência que ocupou totalmente o Teatro Municipal, enchendo de entusiasmo e da vibração de vivíssima simpatia que em todo o publico despertava a presença dos nossos estimados hóspedes<sup>66</sup>.

Em todos os lugares se fazia uma referência muito abonatória e gratificante relativamente às partilhas culturais resultantes da presença dos grupos orfeónicos:

Na Igreja Matriz da Concepcion o Arcediago da Catedral da Laguna, Dr. Santiado Beyro, por ocasião dos festejos do seu centenário, teve frases de especial saudação para os excursionistas madeirenses que tinham vindo enriquecer as festas com a sua presença<sup>67</sup>.

No copo de água oferecido pelo Ayuntamiento, aos excursionistas portugueses, dizia uma das personalidades marcantes de Tenerife que, abandonadas pela ingratidão das respectivas metrópoles a Madeira e as Canárias eram como duas orfãs que precisavam de se conhecer e aproximar em eventos comuns. Assim se fortaleceriam laços culturais, de respeito e amizade.<sup>68</sup>

Impossível descrever o significado, o entusiasmo que dominavam em todas as festas oficiais e particulares e em todas as manifestações de hospitalidade com que a população de Santa Cruz brindou os nossos patricios<sup>69</sup>.

#### **4.8. O Regresso à normalidade**

Segundo o Diário de Notícias<sup>70</sup> passados que foram os dias que marcaram um sucesso pleno em termos culturais de intercâmbio, de convívio, de encontro entre culturas afins, o regresso à Madeira pautou-se por necessidades imperiosas de mudança, de renovação de material orfeónico no que se refere a recolhas «importadas» nessas paragens enriquecedoras.

---

<sup>65</sup> Diário de Notícias, 27.Abril.1922

<sup>66</sup> Comércio da Madeira, 27.Abril.1922

<sup>67</sup> Correio da Madeira, 30 de Abril de 1922

<sup>68</sup> Idem

<sup>69</sup> Idem

<sup>70</sup> Diário de Notícias, 25 de Junho de 1923

Na realidade, as trocas interculturais foram relevantes para as comunidades madeirense e tenerifenha. Assim se iam divulgando temas musicais dos mais distintos compositores e enriquecendo um repertório que ia renovando os grupos corais de uma e outra.

Chegado à Madeira, os trabalhos foram retomados, tal como é informado pela imprensa:

“Os ensaios do Orfeon são uma lição contínua de quanto pode persistencia no esforço. Assistir a êles é tigar a gente com uma impressão comovida, enternecedora, contemplando a fidelidade, a devoção quasi mística, com que aquela falange de criaturas tão diversas se agregam e sacrificam as suas horas, num trabalho intensivo, diario e exgotante – amalgamadas por uma disciplina em que só um ideal transcendente de beleza pode fundir as almas alheias e dispersas”<sup>71</sup>.

Não obstante, o Diário de Notícias,<sup>72</sup> salientava que no recrutamento de orfeonistas, em breves dias, se contava com uma “vasta trupe de duzentos rapazes”, muitos dos quais não conseguiram integrar-se nas exigências reguladoras o que os levou a desistir “desbaratados pela indolência, falhos da coragem que se impunha para a submissão ao regime disciplinado de trabalho, exigido nos ensaios.”

#### **4.9. Envolvimento social: autarquia e comunicação social**

##### **4.9.1. Autarquia**

Para além do empenhamento demonstrado pela Direcção dos respectivos grupos havia que implicar os Responsáveis Políticos nos eventos programados. Daí a necessidade de seguir os trâmites legais.

A confirmá-lo estão as actas da Câmara do Funchal, nas quais se pode ver o esforço que a mesma instituição fazia para que a actividade do Orfeão não desmoronasse, concedendo sempre que possível os espaços solicitados para a realização de audições, bem como os esforços que fez para que a viagem às Canárias se realizasse **(Ver Anexo XLII)**.

---

<sup>71</sup> Diário de Notícias, 4 de Julho de 1923

<sup>72</sup> Diário de Notícias, 09 de Março de 1922

#### 4.9.2. Comunicação social

Os Meios de Comunicação Social (como vem sendo mencionado) contribuíam, em nossa opinião, para divulgar, projectar e enaltecer o referido Orfeão, pois o mesmo grupo sem a ênfase que a comunicação social lhe atribuía, provavelmente e frisando novamente, em nossa opinião, não teria o protagonismo que provavelmente mereceria.

Mas também o Correio da Madeira de 05 de Julho de 1922, é da nossa opinião, demonstrando isso mesmo ao escrever que divulgação dos eventos realizados e a realizar divulgados pela imprensa local foi, na verdade, um grande contributo para que a elevada consideração e o imprescindível respeito se impusessem como factor de qualidade, de exigência, de crescimento e de prestígio local, regional.

Esta importância da imprensa na “vida do Orfeão”, já se retrata desde a formação do mesmo, pelo que poderíamos ter incluído esta temática mais precocemente, no entanto, dada a quantidade de informação publicada no ano 1922, consideramos que faz sentido a exploração neste momento do assunto em epígrafe.

Sempre em estreita colaboração, iam, portanto, informando a hora dos ensaios, as excursões que, a seu tempo, pretendiam fazer, a realização de concertos e ainda pequenas curiosidades que despertavam nos admiradores destes eventos, grande expectativa.

A título de exemplo deixamos, apenas, alguns excertos referenciais que vêm confirmar tudo quanto vai ficando dito relativamente aos trabalhos do “Orfeão Madeirense” registados das mais diversas formas comunicativas:

- a) As convocatórias para tratar de um assunto muito urgente;
- b) Os apelos aos ensaios orientados pelo distinto Sr. Dr. Passos de Freitas onde se dava conta até da inclusão de estudos de novos trechos musicais;
- c) A organização de eventos de vária ordem quer dirigida à sociedade local, quer às comunidades dispersas pelos mais variados confins. É o exemplo da viagem cultural às Canárias, realizada no navio de guerra «Vasco da Gama» e onde se fez ouvir num dos teatros de Santa Cruz de Tenerife<sup>73</sup>;
- d) Amanhã tem lugar o 2º concerto, 12 de Março, no Teatro municipal, a que não faltará, por certo, a mesma animação, palmas e flores”<sup>74</sup>;

---

<sup>73</sup> Correio da Madeira, 6 de Julho de 1922

<sup>74</sup> Trabalho e União, 11 de Março de 1922



e) Concerto promovido pelo Orfeão Madeirense e Grupo de Amadores de Musica, sob a direcção comum do regente, Dr. Passos de Freitas, para o dia 26 de Março, informa o Diário de Notícias<sup>75</sup>.

Dado o entusiasmo que se fazia sentir pelo novo espectáculo das duas corporações artísticas, na ansiedade de admirar a execução de um programa, quase todo ele constituído por números novos, pensava-se que o Teatro-Circo seria pequeno para comportar a concorrência à aquisição de bilhetes, escreve o Diário de Notícias de 26 de Abril.

A mesma fonte dava a conhecer que a direcção do Orfeão teria já recebido numerosos pedidos de lugares para o referido espectáculo não só pela novidade, mas também pela expectativa das peças que seriam interpretadas nessa noite.

Mas o papel dos jornais fazia-se notar não só pelos anúncios informativos e apelativos, mas também pelos comentários dos jornalistas às actuações, entrevistas a personalidades do meio musical, quer da Madeira, quer do exterior sempre que sentiam a sua presença neste arquipélago, é disso prova a conversa publicada pelo jornalista do Diário de Notícias, Armando Pinto Corrêa, nomeadamente as do *Golden Gate*, Café do Funchal.

Neste âmbito, passamos a salientar uma entrevista que o maestro Ruy Coelho deu ao Diário de Lisboa, no dia 25 de Março de 1922. Ao descrever os primeiros concertos do Orfeão a que ele assistiu, deixa bem vincadas as suas impressões muito favoráveis sobre a Ilha da Madeira coincidentes com aquilo que vinha sendo apregoado no que se refere à hospitalidade do seu povo e às suas belezas naturais.

Já no que se liga ao Orfeão Madeirense, ainda que, tecendo-lhe rasgados elogios, o referido maestro, questiona a sua organização, dizendo que o regente deste agrupamento não sabia música porque se assim não fosse esta colectividade seria “apresentável em qualquer parte do mundo”.

Esta afirmação, deixa-nos a pensar que embora Ruy Coelho gostasse de ouvir o Orfeão, este teria algumas lacunas, as quais seriam colmatadas se o seu maestro soubesse música.

A asserção proferida em desabono do regente, logo é desmentida pela imprensa local, alegando que das palavras do maestro apenas se deveria interpretar que o regente,

---

<sup>75</sup>Diário de Notícias, 26 de Abril de 1922

muito embora soubesse música, desconhecia a harmonia, o que considera ser bem diferente. O Correio da Madeira,<sup>76</sup> atenua esta radicalização, afirmando que tal observação crítica se deveria ao facto de estar “possivelmente mal informado”.

Claro que, nem sequer há comparação de opiniões, pois a imprensa defenderia sempre o que “era seu”, enquanto o referido maestro era provavelmente visto como um intruso na arte da ilha.

Houve, ainda, quem duvidasse da continuidade dessa iniciativa, dizendo que não passava de uma aventura efémera, onde estava sentenciada uma vida transitória. Contamos o Sr. Armando Pinto Correio no artigo “Vida Artística” do Correio da Madeira<sup>77</sup>, que, segundo alguns, o Orfeão apareceria então, como uma espécie de lendário Ícaro, destroçado em labaredas e do qual bem cedo veríamos apenas o rescaldo fumegante.”

Já em Julho de 1922, surge nova crítica. Só que, esta referia-se mais concretamente à falta dos orfeonistas aos ensaios. Daí a referência à possível interpretação de obras com sonoridades desiguais que redundariam numa execução imperfeita por mais bem cantadas que fossem.<sup>78</sup>

Estas faltas, são justificadas, segundo autor desconhecido, pela insegurança, enquanto outros, confiando extremamente no seu ouvido musical, provocavam dissonâncias assinaláveis. Segundo a mesma fonte, ter bom ouvido musical, ou saber ler a pauta correspondente, é pouco para que se justifiquem as faltas aos ensaios. Fala-se no brio artístico, ou seja, do grande inconveniente de não servirem de apoio aos menos privilegiados. Porque não basta a um bom Orfeão possuir vozes claras, timbres bonitos e boa afinação. Há, ainda, outros «senãos» provenientes da falta de ensaios: a pouca firmeza no ataque que origina quase sempre oscilações perigosas e a imperfeita fusão dos naipes.

O autor do artigo fundamenta toda a sua sensibilidade crítica referindo que, apesar de tudo, o Orfeão Madeirense, não patenteia os defeitos acima mencionados e felicita-o por isso. Mas, é apenas como amigo de quase todos os orfeonistas que manifesta a sua opinião no intuito de providenciar uma melhoria qualitativa, pois, é apologista que o mesmo mantenha o estatuto de que já goza<sup>79</sup>.

---

<sup>76</sup> Correio da Madeira, 01 de Abril de 1922

<sup>77</sup> Correio da Madeira, 06 de Abril de 1922

<sup>78</sup> Correio da Madeira, 07 de Julho de 1922

<sup>79</sup> Diário de Notícias, 08 de Julho de 1922

Também nós somos da mesma opinião do autor do artigo anterior. Sabemos que são necessários muitos ensaios e com todos os elementos presentes para que os objectivos sejam atingidos, ou seja, para que os espectáculos sejam perfeitos. Poderiam ser assim adjectivados os concertos do Orfeão com pouca assiduidade aos ensaios? Em nossa opinião seria um pouco difícil.

Parece-nos também que quando o autor referiu que “apesar de tudo, o Orfeão Madeirense, não patenteia os defeitos acima mencionados”, poderia ser como gesto de simpatia, pois ele mesmo tem consciência de que é amigo de quase todos os orfeonistas.

#### **4.10. Outros eventos/ trocas culturais**

É assinalável que o Orfeão e o Grupo Dr. Passos de Freitas também participavam noutros eventos sociais importantes. “A título de exemplo refere-se o caso da grande festa de homenagem que os mais cotados artistas amadores do Funchal promoveram em honra do maior artista português<sup>80</sup>, o eminente compositor, Óscar Silva”.

No Correio da Madeira,<sup>81</sup> encontrámos registados o respectivo programa

### **PROGRAMA**

#### **PRIMEIRA PARTE**

1 – Overture .....	<b>K. Bella</b>
2 – Tarantella .....	<b>Mezzo-Capo</b>
3 – Marcha .....	<b>Mendelsohn</b>
4 – a) 2.º Scherzo .....	<b>Chopin</b>
b) Nocturno (Obra Póstuma) .....	»
c) Polaca Militar .....	»
d) Impromptu .....	»
e) Duas Valsas .....	»
f) Marcha Fúnebre .....	»
g) Estudo (dó menor) .....	»

**Piano por Óscar da Silva**

<sup>80</sup> Diário de Notícias, 08 de Julho de 1922

<sup>81</sup> Correio da Madeira, 23 de Julho de 1922

## SEGUNDA PARTE

5 – Coro dei soldati (Fausto) .....	<b>Gounod</b>
6 – Canção do Mar Bravo .....	<b>A. Sarti</b>
7 – L’ enclume .....	<b>Gounod</b>
Pelo Orfeon	
8 – Capriccio .....	<b>Schumann</b>
9 – Valsa .....	<b>Brahms</b>
10 – Dia de casamento na Noruega .....	<b>Greig</b>
11 – Momento Musical .....	<b>Schubert</b>
12 – Presto .....	<b>Saint-Saens</b>
13 – Scherzo-Impromptu .....	<b>Greig</b>
14 – Duas páginas portuguesas .....	<b>Óscar da Silva</b>
15 – Rhapsodia .....	<b>Óscar Silva</b>
<b>Piano por Óscar da Silva</b>	

Os comentários mereceram as mais vivas referências, tal como já vai sendo habitual em todos os eventos realizados e constantes ao longo do trabalho que temos em mãos.

O Orfeão Madeirense levou a sua música a vários territórios nacionais e estrangeiros mas receberam, também, outros parceiros, como é habitual nestas andanças. Quem recebe também gosta de ser recebido, e foi nesse sentido que alguns corais visitaram a Madeira, em feitos cuidadosamente organizados. Um deles foi realizado pelo Orfeão do Porto, numa visita à Madeira<sup>82</sup>.

Convém referir que a prestação do Orfeão do Porto lhe valeu a atribuição de “*real valor,*” informa um outro diário<sup>83</sup> pela maneira patriótica como se portou na capital espanhola. Por idênticos motivos foi-lhe atribuído um louvor por parte do Sr. Dr. Augusto Nobre, Mui Digníssimo Reitor da Universidade do Porto e, ao tempo, Ministro da Instrução Pública.

Servindo o Orfeão Madeirense de Anfitrião, ao Orfeão Nortenho, também os madeirenses manifestaram gestos de agrado com as actuações dos visitantes, refere a

---

<sup>82</sup> Notícias da Madeira, 01 de Junho de 1922

<sup>83</sup> Diário de Notícias, 01 de Junho de 1922

fonte anteriormente referida. Mas, defendendo o seu Orfeão e elevando-o sempre ao mais alto nível.

Só isto justificaria o comentário do Diário de Notícias, 1 de Junho de 1922:

Porisso mesmo, e achando justo o louvor ao Orfeon do Porto, quere-nos parecer que bem andaria o sr. Ministro englobar na sua portaria o Orfeon Madeirense, que tão brilhantemente honrou a Madeira - que Portugal é - em terras de Espanha, por ocasião das Festas de Maio nas Canárias.

Assim, havia um critério igual para premiar eguaes serviços á Pátria.

Todavia, não nos admira que a acção notabilíssima do Orfeon Madeirense passasse despercebida no Terreiro do Paço: separa-nos uma distancia de 500 milhas marítimas, o que constitue uma triste razão para que nos considerem estranhos – na própria casa...”

Ainda que ficando-se apenas por pretensões em determinadas situações, pois em 16 de Março de 1922, O Diário de Lisboa, noticiava que o Orfeão Madeirense pretendia ir a Lisboa dar dois espectáculos e nunca conseguimos apurar nenhuma informação que dissesse respeito da viagem à capital.

A mesma fonte e no mesmo artigo, podia ler-se que no ano seguinte (1923) preparariam uma recepção aos tenerifenhos.

Em Janeiro de 1923, o Diário de Notícias informava<sup>84</sup> em nome da Direcção dos dois agrupamentos, e tendo como objectivo prevenir os elementos dos mesmos que a festa em honra dos excursionistas de Tenerife se realizaria nesse mesmo dia, pelas 15 horas, no «Monte Palace Hotel», para o que deveriam comparecer na Rua Carvalho de Araújo ás 11,30H e 13,30H, a fim de tomarem lugar nos autocarros, gentilmente cedidos, pelas casas Hinton e Henrique Figueira da Silva.

De salientar que, na sequência deste intercâmbio, se comemorava, na Madeira, o V Centenário da descoberta e início da colonização, pelo que se integraram nestes eventos “várias figuras das mais representativas da cidade” que se associam às respectivas comemorações “tendo sido atribuído, simultaneamente, a uma praça de Tenerife o nome da Madeira e a uma praça do Funchal o nome de Tenerife”, refere a mesma fonte.

Entretanto, e de acordo com notícias vindas a lume no Correio da Madeira,<sup>85</sup> actividade do Orfeão diminuía nesta segunda metade do ano, mas os ensaios

---

<sup>84</sup> Diário de Notícias, 03 de Janeiro de 1923

<sup>85</sup> Correio da Madeira, 06 de Junho de 1923

continuavam com afinco, aproveitavam os seus elementos para aperfeiçoar e alargar o repertório em estudo, refere o jornal, Correio da Madeira de 08 de Junho de 1923, já que os dirigentes do Orfeão projectavam, em época ainda não fixa, uma excursão aos Açores.

Os intercâmbios continuam o seu ritmo normal. Abriam-se novos horizontes. Perspectivam-se novos encontros. As trocas culturais vinham fortalecer outros espaços que se abriam.

É a 21 de Fevereiro de 1924, que se realiza no “nosso primeiro teatro, o concerto pelo «Grupo Passos Freitas» e «Orfeon Madeirense», em honra da oficialidade dos couraçados ingleses Ramillies e Resolution e da colónia britânica do Funchal (**Ver Anexo XLIII**). O Orfeão, aqui já era Coro misto, como adiante se poderá ler.

Escreve a imprensa, que o teatro se achava ornamentado com simplicidade mas bom gosto, oferecendo um magnífico aspecto. A numerosa assistência era constituída, na sua maior parte, por estrangeiros, vendo-se no camarote municipal o presidente e vários membros da Comissão Executiva da Câmara.

Os dois grupos musicais, desempenharam bem o seu papel, pois o público assim os avaliou ao aplaudir com bastante entusiasmo de palmas, segundo o Diário de Notícias.

O espectáculo terminou ao som do «God save the King» e da «Portuguesa», vivamente entoado pelo Orfeão e ouvido de pé por toda assistência”<sup>86</sup>.

Outros eventos se esperavam e de grande responsabilidade. Aproximava-se, a passos largos, “O primeiro concerto dos Tenerifenhos no Teatro Dr. Manuel d’Arriaga”. Relativamente a este evento apenas conseguimos recolher as seguintes informações<sup>87</sup>:

“Realizou-se, no domingo último, no Teatro Dr. Manuel d’Arriaga, com uma casa à cunha, o primeiro concerto dos Tenerifenhos, que deram ao programa uma brilhante execução. O público aplaudiu os talentosos executantes com grande entusiasmo”.

Nesta sequência de sucessos contagiantes aparece, como à frente se poderá ler, a transcrição de um artigo que informava, que o Orfeão entraria em ensaios mais assíduos

---

<sup>86</sup> Diário de Notícias, 23 de Fevereiro de 1924

<sup>87</sup> Diário de Notícias, 16 de Março de 1924

no mês de Setembro do ano em questão, tendo em vista a ida a Lisboa na Primavera seguinte para se fazer ouvir no Coliseu dos Recreios.

#### 4.11. Inclusão das vozes femininas no Orfeão

Esta inclusão surge, em 1923, segundo registo encontrado no Diário da Madeira,<sup>88</sup> anunciando que o Orfeão Madeirense enriquecera a sua massa coral com dois naipes femininos, o que, por si só, seria de vital importância para despertar a curiosidade de quantos se empenhavam em assuntos deste precioso género artístico.

Esta inserção, ficou a dever-se, segundo a explicação da mesma fonte, à necessidade de haver vozes agudas, face à exigência do repertório cuja orquestração empregava notas altas e timbres menos intensos, as vozes dos sopranos e contraltos eram uma necessidade.

Há que referir que, no século XIX, durante o romantismo, dá-se uma revolução no mundo coral com a megalomania dos conjuntos corais e o fenómeno de socialização sendo os coros considerados como meios de solidariedade e formação dos indivíduos. No século XX continua com o fenómeno de socialização<sup>89</sup>, pelo que, também nos parece que, sendo a Madeira visitada por muitos turistas, quereriam os dirigentes do Orfeão, transmitir a ideia de modernidade, uma vez que, como já foi referido, um dos objectivos da sua constituição era a solidariedade, também agora a inclusão das vozes femininas pode ser a socialização.

Seguem-se os nomes das senhoras que constituíam cada um dos naipes:

**Sopranos:** D. Floripes Henriques, D. Ariete Henriques, D. Galiana Henriques, D. Cristiana Betencourt, D. Henriqueta Gordon, D. Ida Faria, D. Amelia pereira, D. D. Lôres Figueira de Sousa, D. Luisa madalena Figueira de Sousa, D. Isabel Monteiro, D. Merita da Silva Carvalho, D. Merita Camacho, D. Ema Camacho, D. Gabriela Delgado, D. Vera Maria de Jesus.

**Contraltos:** D.Olimpia Andrade Oliveira, D. Isaura Ferreira, D. Dores Doria de castro, D. Merita Doria Castro, D. Olinda Pereira, D. Margarida Figueira de Sousa, D.

---

<sup>88</sup> Diário da Madeira, 04 de Julho de 1923

<sup>89</sup> <http://pt.wikilingue.com/es/coro#Hist.C3.B3ria>

Georgina Pereira, D. Maria Tereza Pereira, D. Clarisse Ramos, D. Ermelinda faria, D. Maria Clairouin, D. Elvira de Ascensão, D. Melle. Andrade Oliveira<sup>90</sup>.

Como que a enriquecer todo o conteúdo, aqui fica, o registo fotográfico do respectivo grupo:



**Orfeão Madeirenses - Inclusão das vozes femininas 1923**

O Proletariado,<sup>91</sup> lança o convite e, ao mesmo tempo, o apelo à participação nos espectáculos, durante a semana, em dia ainda não fixado. Para além de se poder ouvir o Orfeão Madeirense com todos os seus novos elementos entre os quais se contavam inúmeras senhoras, a curiosidade por este concerto tornou-se, assim mais aguçada e foi, pois, com “amoroso cuidado e valor” que ambos os grupos prepararam o programa para mais uma série de concertos. Esta novidade, porém, suscitava toda uma enorme curiosidade, pois o Orfeão podia contar com a inclusão dos dois naipes femininos que concerteza o iriam enriquecer.

O Jornal da Madeira,<sup>92</sup> de certa forma, vem reforçar a mais-valia que a integração das vozes femininas veio trazer ao grupo, deixando registado, nas suas páginas, que os dois grupos femininos do Orfeão Madeirense se portaram admiravelmente. Na sua

<sup>90</sup> Jornal da Madeira, 1 de Julho de 1923

<sup>91</sup> O Proletariado, 30 de Julho de 1923

<sup>92</sup> Jornal da Madeira, 01 de Julho de 1923



apresentação, a mesma fonte faz referência muito especial aos efeitos do “Côro dos Pastores”, da *Serrana*; de expressão encantadora, o “Desengano” do Cancioneiro Inglês; soberbo, como trecho, o “Crucifixo”, de Gounod. De salientar que a «Morena» de João Arroio (Ver Anexos XLIV a XLVIII) empolgou por tal modo a assistência que foi um dos números bisados, com os mais frenéticos e prolongados aplausos, informou o mesmo diário.

O articulista terminava a sua tarefa, com um agradecimento singular, revelador de um enriquecimento digno de realce, pois endereçava saudações e, de um modo especial, ao grupo de senhoras que no sarau fizeram uma auspiciosa e tão lisonjeira estreia<sup>93</sup>.

Também o Diário de Notícias,<sup>94</sup> falava da apresentação do Orfeão ao público da seguinte forma:

“Como novidade sensacional deu-nos desta feita e, por primeira vez, o Orfeão, em delicioso conjunto, vozes masculinas com vozes femininas, a cargo de um encantador núcleo de senhoras e meninas, que vieram fazer do Orfeão, com o cristalino brilho das suas vozes e o encanto extremo da sua gentileza um todo brilhante, que este ainda não atingira e o colocará por sem dúvida entre os primeiros, dos primeiros grupos orfeônicos portugueses.

E que encantadora novidade foi essa, que causou no publico um arrepio de entusiasmo e de franca admiração.

O Grupo que já sem este formoso acessório enchia por completo o vasto palco do funchalense abre agora em duas alas os seus elementos masculinos, tendo apinhadas ao centro, no seu lugar de honra, em grupo de magia, as gentis cantoras, que nas suas lindas «toilettes» brancas completam o conjunto de deliciosa gravidade com que essa grande mancha negra enche o tablado e donde se evola um não sei quê de mistério e de profundamente sensibilizador (...)

Não nos permite o espaço fazer a longa referência que cabia às gentis estreantes. A todos porém os protestos do nosso maior entusiasmo fazendo votos para que, com tão ricos elementos, o Orfeão não esmoreça e siga na carreira triunfal em que com tanta galhardia entrou e que ora se completou, com o encantador reforço que lhe trouxe a parte mais linda da humanidade, a mulher, perante a qual nos curvamos com a mais respeitosa reverencia.”

Mas mesmo com os êxitos sucessivamente alcançados pelos coralistas, agora toda a gente também admirada com o desempenho das senhoras, inclusiva a imprensa local, na difusão da música coral polifónica teve que se proceder a um pequeno interregno devido a circunstâncias inevitáveis.

---

<sup>93</sup> Idem.

<sup>94</sup> Diário de Notícias, 04 de Julho de 1923

As razões desta paragem são diversas e de índole acentuada. Por isso mesmo, lhe dedicaremos um tratamento merecido e tão pormenorizado quanto possível. Tentaremos explicitar as causas e deter-nos nas consequências que daí advieram.

#### **4.12. Tempos difíceis se avizinham**

Foi em 1924 que o Dr. Passos Freitas se aposentou indo residir para a Calheta e ressentindo-se, deste facto, o Orfeão, que sem o seu director artístico sofre um interregno na sua actividade. Não obstante, os esforços desencadeados para encontrar um substituto que pudesse dar continuidade a um trabalho que correspondesse à qualidade até então demonstrada, não apareceu quem se disponibilizasse a prosseguir tal tarefa, pois este agrupamento, segundo um jornal da época, já exigia alguém com muita responsabilidade e sabedoria<sup>95</sup>.

Para além do afastamento do seu regente, pouco mais apuramos quanto à sua paragem, uma vez que dos documentos analisados, apenas podemos ler no diário, Jornal, que o desaparecimento do Orfeão Madeirense aconteceu por motivos estranhos à vontade dos seus organizadores, para além de que ninguém mais falou no seu nome, a não ser aqueles que lhe tinham dedicado todo o seu carinho, aqueles que deram os primeiros passos para o organizar, aqueles que se sacrificaram o máximo para o tornar um agrupamento artístico superior, um verdadeiro Orfeão, em toda a acepção da palavra.

Ainda que ressentidos do afastamento do seu director, havia que romper com a inércia a que tinham sido votados. Esta paragem ia-se tornando, cada vez mais acentuada, rondando mesmo a preocupação<sup>96</sup>.

Nos anos seguintes, não encontramos qualquer notícia referente a este grupo, o que nos levou a concluir que de 1924 a 1927 o grupo teria parado mesmo a sua actividade. Também os actuais coralistas, são da mesma opinião, pelo que iam ouvindo de alguns antepassados.

Mas, em 1928, veio à luz uma notícia que previa a organização do grupo em estudo. Mas esta, foi apenas uma e só uma notícia encontrada. Desencadeamos alguns

---

<sup>95</sup> Diário de Notícias, 12 de Março de 1924

<sup>96</sup> Jornal, 25 de Janeiro de 1934

esforços à procura de novas informações mas em vão, pois o que apenas pudemos apurar passamos a transcrever:

“Este agrupamento artístico, que há poucos anos proporcionou ao público Madeirense algumas noites de boa arte, vai dentro em breve sêr reorganizado por êsse espirito de incansavel trabalhador que é o sr. Tenente Cristovam Jaime de Ascensão, a cujo porfiado esfôrco déve o mesmo grupo a sua ida a Tenerife em 1922, por ocasião das tradicionais festas de Maio levadas a efeito naquela ilha.”<sup>97</sup>

Mas, embora essa notícia tenha aparecido, foi só passada quase uma década, e em quase toda a comunicação social da região, que as notícias iam engrossando sobre os trabalhos retomados do Orfeão Madeirense. No entanto, destacava-se no Jornal,<sup>98</sup> que, nesse mesmo dia (15 de Junho de 1933), pelas 20 horas, começariam as inscrições de novos elementos para a classificação de vozes, com continuidade na semana seguinte a fim de recommear, definitivamente, os ensaios á mesma hora e no mesmo local.

Ainda que sem resposta à vista, não se deixavam abater pelo desânimo e, como consequência, o Orfeão Madeirense reabriu as suas portas, a 16 de Junho de 1933, para reinício de trabalhos. A selecção de vozes, foi a primeira tarefa desempenhada e esta actividade teve lugar no “Hotel Reid”, no Carmo, cedido pelo Ex.º Senhor Luís da Rocha Machado.

E é, de novo, o Dr. Passos Freitas quem o faz ressurgir. Reassumindo o seu comando artístico. Anunciava-se que o seu primeiro espectáculo teria lugar a 7 de Fevereiro de 1934.<sup>99</sup>

A ele se vem juntar, como reorganizador o alferes Cristóvão Ascensão, mantendo-se ligado à instituição a maioria dos elementos fundadores, numa estrutura que continuava a contar com uma centena e meia de coralistas, contando-se homens e senhoras.<sup>100</sup>

E, na tentativa de encontrar o maior número de documentos possíveis para melhor fundamentar este trabalho, deparamo-nos com alguma correspondência entre o Orfeão Portugal, do Rio de Janeiro e o Orfeão Madeirense. Do Brasil chegava a informação sobre a Direcção dos novos corpos gerentes dessa colectividade brasileira

---

<sup>97</sup> Trabalho e União, 08 de Dezembro 1928

<sup>98</sup> Jornal, 15 de Junho de 1933

<sup>99</sup> Diário de Notícias, 23 de Junho de 1933

<sup>100</sup> Diário de Notícias, 25 de Junho de 1933

(Ver Anexo XLIX). Em resposta a essa missiva, o Orfeão Madeirense agradecia a informação e mostrava o seu interesse em estreitar as relações com o mesmo. Para isso, solicitava alguma informação que considerava pertinente, tais como: quantos elementos e naipes o compunham e se possuíam repertório para cantar em conjunto com a orquestra. Por outro lado, disponibilizava a biblioteca, ainda que reduzida, e, sempre que se proporcionasse, sugeria, também, que houvesse a troca de programas de concertos já realizados, sobretudo as peças de maior agrado do público, a fim de poder engrandecer, ainda mais o Orfeão Madeirense.

Ainda, em 1934 que este agrupamento artístico activa os seus últimos ensaios para dar um concerto segundo nos informa o Diário da Madeira de 12 de Janeiro de 1934, ao publicar uma entrevista feita aos senhores: Dr. Passos de Freitas, Sr. Cristovam Jaime de Ascensão e o Sr. Alfredo Guerra, como foi anunciado anteriormente.<sup>101</sup>

Nela se falava da enorme vontade que impelia estes responsáveis pelo renascimento do Orfeão Madeirense. Contando com cento e cinquenta figuras, divididas em quatro naipes: primeiros e segundos tenores, barítonos e baixos, ensaiavam-se, então, canções portuguesas de António Joice, as canções «Morena» de João Arroio e «Mar Bravo» de Sarti, um coro religioso, de Bach, «Serenade d’Hiver», de Saint-Saens, os coros do «Barqueiro de Volga». Já mais afinadas estavam, também, a «Marcha do Tannhauser» de Wagner, o coro dos Pescadores, da Zarzuela «Marina», o coro da Conjuração, da ópera «Guilherme Tell» de Rossini e outras que iriam ser tocadas pelo Grupo «Passos de Freitas».

Quando questionados sobre as vozes femininas, responderam que tencionavam introduzi-las, como tencionavam duplicar, se fosse possível o número de orfeonistas.

A entrevista prosseguiu, relatada nas páginas do Diário da Madeira,<sup>102</sup> afirmando que a educação musical de um povo se tem tornado, em toda a parte, uma necessidade, benefícios sociais que advêm da sua existência. Para além disso há os benefícios pessoais de que os próprios elementos podem usufruir: um regado exercício respiratório, desenvolvimento da caixa torácica e dos pulmões, como pelos ensinamentos adquiridos.

---

<sup>101</sup> Diário de Notícias, 10 de Janeiro de 1934

<sup>102</sup> Diário da madeira, 19 de Janeiro de 1934

Acrescenta, ainda, a mesma fonte que em todos os países os orfeões progrediam duma maneira bastante notável. E os madeirenses podiam também, sem dúvida, estar presentemente a par dos grandes grupos orfeónicos.

A finalizar esta intervenção deixa um apelo aos mais distraídos, reforçando a esperança no desafio confiante expresso nas seguintes: “Vejam se desta vez não sofressem mais nenhuma interrupção. Para tanto trabalhamos e para tanto nos unimos. Todos se compenetraram do seu dever e da responsabilidade moral que tomam perante o público”<sup>103</sup>.

Finalmente, são conhecidos os dias e o local em que o Orfeão se apresenta a um público, que o vem aguardando com muito entusiasmo: 6 e 8 de Fevereiro de 1934, no Teatro Municipal.

Do Programa constavam as seguintes obras:

### **PRIMEIRA PARTE**

#### **(Grupo Passos de Freitas)**

- |  |                       |
|--|-----------------------|
| 1- Ouverture .....                       | <b>Mozart</b>         |
| 2- Sérénade Milonga .....                | <b>R. Huguet</b>      |
| 3- Marche(Casse Noisette).....           | <b>P. Tchaikowsky</b> |
| 4- Minuet de lor a XI Symphonie .....    | <b>Haydn</b>          |
| 5- Mon Cœur est pour toi – Melodie ..... | <b>Lao Silésu</b>     |
| 6- Tarantella (2ª) .....                 | <b>G. Sena</b>        |
| 7- Scéne Russe .....                     | <b>F. Salabert</b>    |

### **SEGUNDA PARTE**

#### **(Orfeão Madeirense)**

- |                                  |                             |
|----------------------------------|-----------------------------|
| Morena .....                     | <b>J. Arroio</b>            |
| Coral .....                      | <b>Bach</b>                 |
| Canção do Mar Bravo .....        | <b>A. Sarti</b>             |
| Sérénade d’Hiver .....           | <b>C. Saint-Saens</b>       |
| Canção dos Barqueiros do Volga → | <b>(Autor desconhecido)</b> |
| Canções Portuguesas .....        | <b>A. Jo</b>                |

---

<sup>103</sup> Diário da Madeira, 19 de Janeiro de 1934

Tal como podemos verificar, as obras eram da responsabilidade de compositores musicais de renome: O Coral de Bach, e a Canção do Mar Bravo, de Sarti, orfeonizadas pelo músico Sr. Capitão Gustavo Coelho e os Barqueiros do Volga, com adaptação do mesmo maestro.

È de salientar que muitas das peças interpretadas eram orfeonizadas pelo maestro, o que nos leva a concluir que o referido grupo não usava as partituras originais das peças. No entanto, também deduzimos que o maestro tivesse alguns conhecimentos de harmonia, pois se assim não fosse as peças não seriam alteradas.

Após cada concerto surgem os comentários da imprensa local, como vinha sendo habitual, sempre que o Orfeão actuava. A título de exemplo anotamos A Lanterna de 15 de Fevereiro de 1934, que referia o seguinte: “Com a lotação do Teatro Arriaga exgotada, deram ontem o seu primeiro concerto o «Orfeon Madeirense» e «Grupo Musical Dr. Passos de Freitas», o que pode classificar-se como o maior acontecimento dos últimos tempos, nesta terra onde são raríssimos os sucessos que emocionem e façam vibrar a apatia em que todos nós vivemos.

A Madeira que é tida, e com certa razão, como mãe pouco desvelada, tem sabido, neste capítulo, compreender o esforço que é necessário despender para apresentar espectáculos de tal envergadura.”

#### **4.12.1. Renascer das cinzas**

De qualquer forma, e, depois de nos termos debruçado sobre os mais variados elementos de consulta relativamente ao assunto em investigação, cabe-nos salientar que o Orfeão ouvido há anos, já mencionado ao longo deste trabalho, renasce, agora “das proprias cinzas, como a Phenix da fábula, devido à energia indomavel do nosso amigo Snr. Cristovam de Ascensão, antigo oficial do exército, a verdadeira alma do «Orfeon Madeirense», embora a sua excessiva modéstia o não deixe transparecer”<sup>104</sup>.

Ainda, na mesma fonte se podia ler que, uma palavra importante cabia, agora, à actual direcção, como resposta ao apelo e desafio lançado por esta elite jornalística da época, traduzido num «oxalá» que permitisse a continuidade destes eventos, a fim de oferecer, ao maior número de pessoas um pouco da arte da sua terra.

---

<sup>104</sup> O Povo, 7 de Fevereiro de 1934

Apelo idêntico é, também, dirigido às entidades governativas deste espaço universal ao referir que empreendimentos como estes que honram a Madeira deveriam merecer a melhor coadjuvação das entidades superiores. Para isso sugeria que deveria ser dado um espectáculo dedicado aos estrangeiros que se encontravam nos hotéis da Madeira. Esse espectáculo viria, decerto, dissipar os juízos pouco lisonjeiros, que surgiam relativamente à falta de intuição artística da Madeira.

Um outro diário, o *Renhau-nhau*,<sup>105</sup> pondo um pouco de humor naquilo que escrevia, dizia que este agrupamento, na sua maior parte constituído de leigos em música, cantar a *Sérénade d’Hiver*, a *Canção do Mar Bravo*, etc., com aquela segurança e afinação de profissionais sabedores, representava um esforço titânico e uma persistência a toda a prova da parte do seu «Chefe».

Ainda no mesmo jornal se pode ler que o Orfeão se constituía como um grupo muito homogêneo apresentando uma excelente sonoridade, naipes bastantes igualados, e uma rara segurança nos tempos e afinação dos sons. De acordo com a indicação da batuta do regente saíam as entradas e os efeitos de dinâmica com uma nitidez impecável.

Depois das actuações em Fevereiro, o Orfeão e o Grupo voltam a fazer-se ouvir nas Festas da Cidade. A sua apresentação era aguardada sempre com grande expectativa. Em *O Povo*,<sup>106</sup> podia ler-se que ao concerto assistiram excursionistas portugueses que, nesse mesmo dia, chegaram de Lisboa no vapor «Lima».

Tal como se pode deduzir das referências bibliográficas que nos serviram de ponto de partida e de apoio ao longo deste trabalho, podemos verificar que, embora os referidos agrupamentos estivessem algum tempo sem actuações, os ensaios decorriam com normalidade. Quando apareciam em público eram muito acarinhados, felicitados e aplaudidos. A imprensa local da época é disso testemunho.

Depois das actuações em Fevereiro, os dois grupos em estudo, voltam a fazer-se ouvir nas referidas Festas da Cidade.

---

<sup>105</sup> *Re-nhau-nhau*, 10 de Fevereiro de 1934

<sup>106</sup> *O Povo*, 20 de Dezembro de 1934

### **4.12.3. As festas de fim de ano de 1934**

Sendo o turismo uma das fontes de sobrevivência dos madeirenses, havia que valorizá-la, fazendo com que os turistas gostassem de visitar esta ilha. Para isso, realizavam-se alguns eventos durante o ano com tal ênfase que eram sempre um chamariz de turistas para a Madeira. Um dos ex-líbris desses eventos, eram precisamente as Festas da Cidade que se realizavam no final de cada ano. Estas festas eram famosas não só pelos concertos que aí se realizavam, mas também pela caracterização da ilha, pois encontrava-se toda iluminada ainda pelos enfeites de Natal e pelo espectacular fogo-de-artifício que ainda hoje se mantém.

No programa deste ano, foram incluídos os dois grupos: Grupo Dr. Passos de Freitas e Orfeão Madeirense. A sua apresentação era aguardada sempre com grande expectativa.

Do Programa, elaborado constava o seguinte reportório:

#### **PRIMEIRA PARTE**

- |                            |                      |
|----------------------------|----------------------|
| 1. Ouverture-----          | <b>G. A. Trigolo</b> |
| 2. Nocturne-----           | <b>A. H. Monfred</b> |
| 3. Scène Russe-----        | <b>F. Salabert</b>   |
| 4. Patrouille Arabe-----   | <b>A. H. Monfred</b> |
| 5. Suite Marinaresca:----- | <b>A. Amadei</b>     |

- a) Serenata delle Naiadi,
- b) La Danza delle Ondine,
- c) Il Canto delle Sirene,
- d) La Fuga dei Tritani.

**Pelo Grupo «Dr. Passos de Freitas»**



## SEGUNDA PARTE

Ecoss de Coimbra (Fa -----**L. Vieira**  
Retoioço (nº1 da Suite Potugueza)-----**Raul Campos**  
Variações em Sol----- **L. Barbeito**  
Fado nº4-----**Raul Campos**  
Variações em lá maior-----**Armandinho**

**Pelo «Grupo de Guitarras»**

## TERCEIRA PARTE

Fausto Coro dei soldati (\*)-----**G. Gounod**  
Canção do mar bravo (\*)-----**A. Sarti**  
Danação de Fausto Fuga-----**H. Berlioz**  
Canção dos Barqueiros do Volga (\*\*)------\*\*\*  
Canções portuguesas-----**A. Joyce**

**Pelo «Orfeão Madeirense» (vozes masculinas)**

## ENTREACTO DE 1 MINUTO

Grito de Guerra-----**R. Schumann**  
Coral-----**J. S. Bach**  
Alceste-----**C. W. Gluk**  
Marcha das Ruinas de Atenas-----**L. Beethoven**

**Pelo «Orfeão Madeirense» (vozes mixtas)**

(\*) Orfeanisação do Exmo Snr. Capitão Gustavo Coelho

(\*\*) Adaptação » » » » » »

O Diário da Madeira,<sup>107</sup> fala do sarau da noite de 29 como sendo, indubitavelmente, um dos melhores. O teatro «Arriaga», completamente, à cunha. Com este concerto registou-se uma riquíssima noite de arte, que se tornaria inolvidável, ao espírito daqueles que receberam do público calorosas e longas ovações.

---

<sup>107</sup> Diário da Madeira, 01 de Janeiro 1935

Todo o programa foi, escrupulosamente, executado. Podia ler-se, ainda, nas páginas deste célebre comunicador que aquela «Danação de Fausto (Fuga), de Berlioz, que a assistência quase exigiu que o Orfeão bisasse, foi, para os presentes um número de valor supremo, não só pela apresentação em palco como pela ligação perfeita dos sons.

Também as «Canções Portuguesas», de António Joyce, apesar de já terem sido ouvidas várias vezes, parecem que tiveram, nessa noite, outro impacto. Havia, segundo o diário acima mencionado e pela mão de um autor desconhecido, mais segurança no canto. Talvez por isso e pela homogeneidade das vozes se notasse no grupo mais à vontade. Aquela massa de gargantas, unas, conjugadas, exteriorizava, com uma visível vivacidade, toda a alegria da letra, toda a vida da composição.

De salientar que outros jornais madeirenses de renome como sejam: Jornal, Diário de Notícias, Re-nhau-nhau, o Diário da Madeira, não se poupavam a referências distintas relativamente aos espectáculos que iam valorizando, cada vez mais, uma cultura que prometia. Os mesmos aludiam que na numerosa assistência se encontravam muitos continentais e estrangeiros.

Mas, O Povo, sendo da mesma opinião da restante comunicação social, quanto à actuação do Orfeão, mostra-se descontente ao dizer:

“Não é um acontecimento vulgar a apresentação entre nós, do Orfeon Madeirense e do Grupo Passos Freitas.

E que o não é, prova-o o facto de se esgotar a lotação do Arriaga sempre na véspera dos espectáculos. Assim sucedeu o passado sábado, contando-se por dezenas de pessoas que não tiveram ensejo de alcançar logar – Entre as pessoas que deviam ter assistido a esse magnífico espectáculo, e que não o puderam fazer por falta de bilhetes à venda, contam-se os nossos visitantes alfacinhas, que era necessário conhecessem o pouco que temos de marcante, nesta terra onde os logares comuns abundam, infelizmente. Porque assim é, não se compreende que não se tenha realizado ontem a repetição do espectáculo de sábado, como estava planeado os jornais da manhã anunciar, e de que nós fizemos eco.

É um mau serviço prestado à Madeira pela Comissão de festas da cidade, se é que a ela cumpre, como julgamos, a organização desta parte do programa.

Porque nos mingua a competência para cronistas da sublime arte musical, limitamo-nos a dirigir as nossas felicitações ao Exmo Sr. Passos Freitas, Sr. Ascensão e restantes membros e componentes dos grupos que sábado deliciaram a enorme enchente do Arriaga, com programa confeccionado a capricho, pelo êxito obtido, o que lhes foi potenciado pelas vibrantes palmas, e sublinhado com pedidos de repetição”<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> O Povo, 31 de Dezembro de 1934

Tendo-se vindo a falar da importância deste Orfeão, achamos que o Sr. Duarte Silva, fundador e regente do Orfeão Académico e Tuna Académica de Lisboa (embora extintos, segundo refere o Diário da Madeira,<sup>109</sup> viveram horas de brilho e de glória) poderia talvez melhor do que ninguém, validar a importância da arte orfeónica na Madeira (**Ver Anexo L**).

Andando ele directamente interessado por todas as manifestações de cultura musical no nosso país e encontrando-se, por esta ocasião, das Festas da Cidade, na Madeira e era necessário, ouvi-lo acerca do Orfeão Madeirense, visto ser um apaixonado cultor e verdadeiramente dedicado a essa causa artística.

Interrogado sobre o referido Orfeão, prontamente respondeu que o mesmo se apresentou esplendidamente. Referiu-se ao repertório interpretado afirmando que um grupo coral que canta o que cantou o Orfeão, já tem muito valor artístico. Frisou também que esta colectividade madeirense, apresentou um programa muito variado dando a cada uma das peças a interpretação justa e adequada e que o conjunto era equilibrado e homogéneo.

Relativamente aos naipes femininos apelidou-os de harmoniosos, havendo aqui ou ali pequeninas falhas, que logo eram colmatadas com a direcção e o cuidado constante do maestro.

Quando lhe foi colocada a questão se o Orfeão Madeirense estaria em condições de se deslocar ao continente ou a qualquer outra parte, para actuar ao lado de outros agrupamentos congéneres, sem desprestigiar a Madeira, ele foi peremptório em responder: “- Mas, incontestavelmente”.

Quanto ao grupo Dr. Passos de Freitas, refere que o entusiasmou com a sua afinação maravilhosa e o repertório muito bem escolhido. A aspereza que é constante ouvir-se em instrumentos daquele género não existia e acrescenta ainda que o grupo deu uma excelente interpretação.

Mais uma paragem, mas desta vez supomos que era para ensaios, pois é novamente em Novembro do ano em questão (1935), que o grupo volta a ser notícia, uma vez que a Madeira recebe a visita de milhares de turistas para assistirem à entrada

---

<sup>109</sup> Diário da Madeira, 05 de Janeiro 1935

do novo ano, era compreensível que se lhes oferecesse algo sempre apreciado, algo que constitua novidade, é desta opinião o Diário de Notícias.<sup>110</sup>

O trabalho prosseguia a sua rota sempre sob a exigência da qualidade, segundo a referida fonte.

No Teatro Arriaga, por ocasião das Festas da Cidade, realizaram-se espectáculos encantadores, tendo o Grupo de Amadores de Música Dr. Passos de Freitas e o Orfeão Madeirense oferecido recitais dos quais ainda os funchalenses conservam a melhor e a mais agradável recordação.

Os visitantes, em números surpreendentes, como aparece registado nos arquivos dos grandes hotéis da região, ansiavam por voltar a ver as audições dos dois núcleos, aos quais os Funchalenses não negavam uma ovação sempre sentida, significando assim, o muito apreço que lhes votavam.

Sobre a responsabilidade da comissão das Festas da Cidade, estas duas organizações artísticas tiveram mais uma grande apoteose no seu concerto inaugural das festas da cidade segundo o diário, Jornal.<sup>111</sup>

O programa apresentado encontra-se em anexo (**Ver Anexo LI e LII**).

Esta constatação fez eco em toda a imprensa local, pois todos os diários fizeram referência ao evento. Alguns deles dedicaram-lhes mesmo uma página completa e, todos eles mantinham a mesma opinião.

Uma referência muito especial a um elogio vindo do jornal Re-nhau-nhau, que sendo reconhecido como um jornal “acostumado ao riso”, neste dia abre um parêntesis para dizer muito a sério ao Dr. Passos Freitas: “Bis, bis.”<sup>112</sup>

Na Ilha da Madeira perspectivavam-se uma nova série de concertos. Também o Re-nhau-nhau, que se “lambe todo por coisas de arte,”<sup>113</sup> se dirigiu à sede, que supostamente será no Hotel Reid, no Carmo, pois como já referimos, era aí que os ensaios se realizavam depois da reorganização do Orfeão, onde falou com o Sr. Cristovam Ascensão sobre realizações futuras.

Até mesmo os registos desses momentos constituíam verdadeiras obras literárias onde a gratidão e o reconhecimento dos madeirenses, a todos esses amadores que não se poupavam em sacrificar os seus afazeres profissionais e as suas múltiplas preocupações

---

<sup>110</sup> Diário da Madeira, 10 de Novembro de 1935

<sup>111</sup> Jornal, 31 de Dezembro de 1935

<sup>112</sup> Re-nhau-nhau, 03 de Janeiro 1936

<sup>113</sup> Re-nhau-nhau, 04 de Janeiro de 1936

nessas horas de trabalho musical. A ele dedicavam, persistentemente, um estudo aprofundado da arte.

O empenho e dedicação de todos os elementos constituintes do grupo, tanto dos rapazes como das raparigas honravam a terra que os viu nascer.<sup>114</sup>

É, ainda, nesse contexto que se realiza a viagem do Orfeão à Camacha, organizada pelo Sr. Luiz Timoteo e pelo Sr. Gabriel Tavares, dois “eméritos pinga-amores do «Orfeão».”<sup>115</sup>

Por ocasião das festas da cidade, no Teatro Arriaga, tiveram lugar espectáculos, que segundo a imprensa se revelavam encantadores, tendo, em 1934, o Grupo de Amadores de Música Dr. Passos de Freitas e o Orfeão Madeirense oferecido recitais dos quais ainda os funchalenses, passado pois um ano conservam a mais agradável recordação.<sup>116</sup>

Outros depoimentos, desta etapa final, surgem em outras fontes informativas da Região e todos eles partilham da mesma opinião, escrevendo que o repertório era difícil, mas que as vozes estavam sempre muito afinadas, os repetidos pedidos de *bis* eram uma constante e a sala estava sempre completamente cheia. É estes os resumos que fazemos dos tantos artigos consultados sobre esta temática<sup>117</sup>.

#### **4.13. Circuitos entreabertos/ interregno coralístico**

Cumpria-se, assim, de forma admirável, o círculo de um tempo pleno de musicalidade, de cultura, de festa, de partilha entre actores e públicos dos mais variados quadrantes sociais, como foi ficando dito ao longo das páginas deste nosso trabalho.

Tais foram as marcas deixadas pelos diferentes momentos musicais que, de vez em quando, surgiam eventos esporádicos como que a ressurgir em pedaços que clamavam por continuidade.

Foi isso o que fomos apurando ao longo da nossa investigação. É isso que deixaremos alinhado num novo fôlego que nos conduzirá à ponta final desta primeira fase coralística cuja historicidade nos propusemos recolher: 1919-1957.

---

<sup>114</sup>Diário de Notícias 05 de Fevereiro de 1936

<sup>115</sup>Diário de Notícias, 17 de Fevereiro de 1936

<sup>116</sup>Diário de Notícias, 19 de Fevereiro de 1936

<sup>117</sup>Diário de Notícias, O Jornal, Diário da Madeira e Re-nhau-nhau de 31 de Dezembro de 1935

Dado o teor das circunstâncias que já fomos referindo e do agravamento da situação em que o coral se encontrava, pelo desaparecimento do seu principal impulsionador, o Dr. Manuel Passos de Freitas, a paragem tornava-se a hipótese mais naturalmente assumida. Assim o provam os documentos que serviram de apoio ao trabalho em que estamos envolvidas/os.

Foram, apenas, dezassete anos, durante os quais se foram reconstituindo forças, vontades, anseios, necessidades pessoais e culturais que era necessário (re)assumir e ultrapassar.

Para melhor nos situarmos perante um período de que nos faltam referências palpáveis relativamente à existência marcante e continuada dos grupos coralísticos em estudo, consideramos, ser importante e oportuno apresentar alguns documentos que justificam, de certa forma, o que acabamos de referir.

Para já, fica a análise do artigo que o jornal Re-nhau-nhau, publicou a 11 de Janeiro de 1936 bem revelador das preocupações vividas e sentidas na época. Dele retiramos apenas que a apresentação do Orfeão Madeirense no Teatro, constituiu o maior acontecimento das Festas da Cidade, alcançando o sucesso merecido sempre que se apresenta em público<sup>118</sup>.

Ainda no referido artigo, podemos ler que este Orfeão era qualquer coisa de enormemente honroso para a Madeira, chegando mesmo, este autor não identificado, a comparar este agrupamento musical da Madeira, com outros orfeões, entre eles o Orfeão Scalabitano, mas que nem pela sua harmonia, nem pelo seu equilíbrio, se sobrepunham ao Orfeão em estudo. Os mais ousados chegavam a questionar-se se não seria um Orfeão grande demais para uma terra tão pequena.

E, se a pergunta ficou, a resposta veio confirmar, apenas, o muito que essa terra tinha para oferecer em termos musicais. Muitas eram as vozes que se perfilavam reconhecendo o valor de uma instituição que valeria a pena prosseguir nos seus objectivos. Assim houvesse quem assumisse a liderança da mesma.

Era esta a preocupação que rondava todos quantos foram deixando gravada a força que já lhes ia faltando e que era necessário reencontrar em jovens dispostos a contribuir com o seu entusiasmo nas suas lides directivas.

---

<sup>118</sup> Re-nhau-nhau, 11 de Janeiro de 1936

O Diário de Notícias,<sup>119</sup> vem uma vez mais, relevar essa preocupação no desafio que lança através do reconhecimento a vários dos seus membros que, para além do já reconhecido mérito ao seu Maestro, Dr. Manuel dos Passos de Freitas, várias vezes registado, têm manifestado um trabalho excelente, embora extenuante na preparação do Orfeão.

Aqui fica, pois, numa referência merecida pelo empenhamento exemplar que muito tem contribuído para o sucesso de tão nobre associação, aos chefes de naipe: senhores Cristovam Ascensão, Tenente Carlos Silva, Alfredo Guerra, Alberto Pereira e Damião Henriques.

Para além disso, havia uma louvável preocupação de render as mais justas homenagens aqueles que mantiveram em actividade, há já alguns anos, o Orfeão Madeirense – e por isso era justo que se lembrassem, da pedra mestra daquela linda instituição, isto é, da massa anónima dos orfeonistas que não se poupavam a ensaios longos e fatigantes, exigências de assiduidade, estudo de arrastados meses – tudo suportavam os orfeonistas, de ambos os sexos, para que aquando da apresentação em público, o núcleo saísse prestigiado<sup>120</sup>.

Da autoria de Ilhéu e publicado no Diário da Madeira,<sup>121</sup> fazia-se referência à realização de uma nova excursão às Canárias com os objectivos que os meios de comunicação locais iam deixando expresso e que referimos como que a finalizar esta jornada que, durante 17 anos, auspiciou os mais elevados resultados.

Esta viagem sugeriu algumas reflexões algo merecedoras de serem publicamente exteriorizadas, que segundo o autor, mais do que o aspecto material, trata-se de avivar a coragem, decisão e entusiasmo no verdadeiro inter-câmbio insular luso-espanhol.

Não podemos encerrar este capítulo sem que façamos referência ao ano de 1937 que marca o final deste percurso realizado.

Ficam mais três registos que nos falam do ano de 1937. Dois, dizem respeito às contas relativas ao Sarau Musical com os dois grupos, datados de 29 de Dezembro onde estão expressas todas as despesas e receitas referentes ao espectáculo do mesmo dia; o outro faz referência à criação da Associação – Orfeão Madeirense (**Ver Anexos LIII, LIV e LV**).

---

<sup>119</sup> Diário de Notícias, 12 de Janeiro de 1936

<sup>120</sup> O Jornal, 15 de Janeiro de 1936

<sup>121</sup> Diário da Madeira, 16 de Janeiro de 1936

Foi esta a única fonte de referência a que tivemos acesso, relativamente ao evento coralístico que, em tempos passados auferiu grande importância.

Destes tempos não conseguimos recolher informação digna de nota. Apenas podemos constatar, em documentos, posteriormente publicados, os feitos passados que, na mente dos coralistas da época, urgia reformular.

O tempo passara inclemente sobre os antigos componentes deixando, nestes, a voz ligeiramente velada e enrouquecida. Os trabalhos profissionais, as preocupações de diversa ordem, a doença, a luta pela vida, não se faziam sentir em vão. Para além de concordarmos com as justificações proferidas quanto ao final do Orfeão, também somos levados a concluir, que para além das razões expostas, consideramos que o período em questão, antecedia a segunda Guerra Mundial, pelo que se viveriam tempos conturbados, quer a nível económico, social e cultural.

Também a muita idade do maestro contribuiriam para a paragem ainda que temporária das Actividades deste grupo musical.

Perante um trabalho de tal maneira relevante, numa sociedade que a ele se entregou sem limites, a nossa esperança crê que não poderia estar condenado a um terminus sem retorno.

#### **4.14. O retomar de um trabalho inacabado – 1953**

Como adiante se lerá, o maestro Dr. Manuel Passos de Freitas, viria a falecer a 20 de Abril de 1952.

No entanto, demo-nos conta que dentro do coração desses orfeonistas amadores, palpitava um sentimento que não envelhecera: o reconhecimento, a gratidão.

E é em nome dessa sentimento, que a Câmara Municipal do Funchal se propõe, organizar uma homenagem àquele que ouvira outrora. Era, por assim dizer, o reencontro com o fruto do trabalho e da paciência do Maestro falecido, que com muita ou pouca sabedoria musical, sempre desinteressadamente, muito fez em prol do desenvolvimento musical da Madeira<sup>122</sup>.

---

<sup>122</sup> Diário da Madeira, 19 de Março de 1953



Foi a justa gratidão pela memória respeitabilíssima do seu antigo Chefe, que fez reunir a «una voce» o Orfeão Madeirense, de tão honrosas tradições – Diz-nos o Jornal da Madeira.<sup>123</sup>

Ninguém se recusou.

A mesma fonte acrescenta que, não se poupando a sacrifícios de ordem pessoal, os componentes meteram-se ao ensaio, e, em quatro meses de persistente preparação, em queurgia relembrar peças ensaiadas há dezassete anos, apresentam todo um programa, que pelos documentos analisados, constatamos que seria ouvido com o maior prazer.

O espectáculo foi, então, anunciado através dos órgãos de Comunicação Social local.

Em, Eco do Funchal,<sup>124</sup> é referido que o convite foi accionado com especial referência a autoridades superiores do Distrito, ao Senhor Bispo do Funchal e muitas outras entidades oficiais convidadas para tal fim bem como todas as pessoas presentes no recital.

Do programa anunciado, constavam peças de valor incalculável, refere a fonte anterior. Procurava-se, assim, alertar para a invulgar qualidade do evento, bem como referenciar compositores que, em toda a sua magnificência, nos legaram obras de elevado mérito e de renome inigualável no mundo da música.

Obras que ultrapassaram os limites estabelecidos, que se afirmavam pelo seu valor musical numa época em que seria indispensável ultrapassar fronteiras são, agora, integradas no seguinte programa:

## **PROGRAMA**

### **1ª PARTE**

- |                                   |                                |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| 1º En la mesquita de Cordoba----- | <b>V. Romero</b>               |
| 2º serenade-----                  | <b>J. Passos</b>               |
| 3º Gavote (Pizzicato)-----        | <b>A. Caires</b>               |
| 4º Napolitana (Serenata)-----     | <b>P. Fauchey</b>              |
| 5º Aubade à Mimi-----             | <b>A. Scanola</b>              |
| 6º Serenata a Coimbra-----        | <b>R. Campos e C. Magliano</b> |

---

<sup>123</sup> Idem

<sup>124</sup> Eco do Funchal, 26 de Março de 1953

7º Marcha Turca-----Mozart

(Pelo Septeto Dr. Passos de Freitas)

## 2ª PARTE

1º Oração da tarde-----C. Gounod

2º Canção do mar bravo (\*)-----A. Sarti

3º L'Enclume-----C. Gounod

4º Canções portuguesas (Rapsodia)-----A. Joyce

(Pelo Orfeão Madeirense)

(\*) Orfeonização do Exmº. Sr. Capitão Gustavo Coelh

### 4.14.1. Sentida homenagem

Segundo intenção dos representantes da Câmara Municipal, já em 1935, homenagear o maestro Dr. Passos de Freitas. No entanto, atendendo ao seu pedido a homenagem posteriorizou-se por tempos indeterminados, para ressurgir, em apoteose, já a título póstumo.

Nesta homenagem usou a palavra o Sr. Major Carlos Silva e finalizou o Sr. Coronel José Maria de Freitas, irmão do homenageado, que agradeceu, comovido, à Câmara Municipal a iniciativa então (re) tomada.

Consideramos, também, ser pertinentes referir que as partituras que repousavam na estante, eram da autoria do homenageado, assim como a batuta que, momentos antes, fora entregue ao novo maestro, Sr. Coronel Santos Pereira, pelo membro mais velho do Orfeão.

Foi, nos dias 24 e 26 de Março de 1953, respectivamente, que se realizaram o primeiro e o segundo concerto. O produto do segundo, reverteria a favor da Academia de Música da Madeira, a fim de ser instituído um prémio ou prémios com o nome do Dr. Manuel dos Passos de Freitas ao aluno melhor classificado. Este concerto era uma forma de os antigos componentes do Orfeão colaborarem na festa de homenagem que a Câmara do Funchal deliberou prestar ao seu falecido director (**Ver Anexo LVI**).

Terminado o concerto, pelo Septeto Dr. Passos Freitas, seguiu-se o habitual intervalo, no decurso do qual se realizou, no Salão Nobre do Teatro, a cerimónia do descerramento da lápida de homenagem ao Dr. Manuel dos Passos de Freitas com a presença das autoridades superiores do Distrito (**Ver Anexo LVII**).

Num «simples» registo fotográfico, cuja deterioração é notória, fica demonstrada a imponência do espaço onde decorriam as realizações dos espectáculos, bem como o convite da Câmara Municipal do Funchal para assistirem à sessão de homenagem ao Dr. Manuel dos Passos de Freitas. **(Ver Anexo LVIII).**

#### **4.14.2. Des-Continuidades...**

Após estes tempos, de certa forma conturbados, os madeirenses, mantinham-se expectantes relativamente à forma como iria ser o futuro do Orfeão. Tendo em conta o esforço dispendido na reorganização deste agrupamento era, naturalmente, pena que se não aproveitasse o trabalho feito para dar continuidade a esta obra, para mais representando ela, como se tem verificado, um lisonjeiro índice de cultura e do gosto artístico daquela gente. A ideia foi posta a circular e deu origem a uma reunião de Assembleia-Geral do Orfeão Madeirense, que teve lugar no dia 9 de Abril de 1953<sup>125</sup>.

A mesma fonte continua a referir que, à reunião, presidida pelo Sr. Coronel Eduardo Santos Pereira, e, em conjunto com os antigos directores, vinha dando a esse agrupamento artístico uma acertada orientação, comparecendo quase, a totalidade dos orfeonistas. Apresentaram várias ideias. Sugeriram diversas iniciativas. Extraíram algumas conclusões, ficando assente que não só se iriam dar continuidade ao Orfeão, mas ainda recrutar elementos novos, principalmente primeiros tenores, tendo em vista duas tournées: aos Açores e a Canárias, onde há 33 anos se exibiu, em vários espectáculos e com grande entusiasmo da parte do público. Embora, houvesse quem se sentisse cansado, quem julgasse que uma vez paga a dívida de gratidão para o Dr. Passos de Freitas, o orfeão devia acabar.

Porém, o encanto ia mais longe e uma nova fase iria ter início. Nesta reunião ficou, logo, agendado o primeiro ensaio no Teatro Municipal.

Tal como tinha sido anunciado, após a reunião supra citada, procedeu-se à entrega das receitas auferidas pelas duas instituições.

O Jornal da Madeira,<sup>126</sup> esclarecia que embora a receita do espectáculo fosse de 3.360\$00, iria ser entregue a quantia de 1.586\$00, como refere o documento em anexo, dado que a despesa tinha sido de 1774\$00. **(Ver Anexo LIX).**

---

<sup>125</sup> Diário de Notícias, 11 de Abril de 1953

<sup>126</sup> Jornal da Madeira, 12 de Abril de 1953

As informações prosseguem dizendo que, no dia 21, do mesmo mês, no Hotel da Camacha, se realizaria um almoço de confraternização do Orfeão Madeirense em homenagem aos chefes de naipes, Srs. Coronel Eduardo Santos Pereira, Major Dr. Carlos José da Silva, Tenente Cristóvão Ascensão e Alfredo Guerra.

#### **4.15. O Orfeão Madeirense e a sua nova fase**

Sob a condição inalienável, «imposta» por um amigo especial, foi comunicado, ao Sr. Coronel Eduardo Santos Pereira de que o Orfeão não participaria na homenagem ao maestro, Dr. Passos de Freitas, se da sua decisão não saísse a aceitação da regência do grupo.

Nas colunas do jornal Voz da Madeira,<sup>127</sup> anunciava-se que a solução estava encontrada ao afirmar que o cargo de maestro iria ser aceite. Ao entrar no salão, os velhos orfeonistas saudaram-no com palmas, o que, segundo este autor desconhecido, o encorajou para assumir as hostes do respectivo grupo.

O mesmo, depois de fazer algumas observações, que não era mais do que as do anterior maestro: responsabilidade, boa dicção e humildade no desempenho das funções atribuídas a cada elemento, começou o ensaio. Tudo decorreu de forma a deixá-lo satisfeito, pois no final do ensaio, concluiu que iria continuar na regência.

E, no dia 29 de Maio de 1954, o Orfeão Madeirense e o Septeto Dr. Passos de Freitas, exibiram-se no Teatro Municipal, agora designado Baltazar Dias, acontecimento que vinha despertando, grande interesse, entre os Madeirenses.

Organizado de molde a agradar em absoluto, seguem-se as peças que, segundo o jornal Eco do Funchal,<sup>128</sup> constituíam o respectivo programa, bem como a fotografia que caracterizava o mesmo:

---

<sup>127</sup> Voz da Madeira, 27 de Abril de 1953

<sup>128</sup> Eco do Funchal, 28 de Maio de 1954

## PROGRAMA

### Pelo Orfeão Madeirense

Oração da Tarde-----	<b>Charles Gounod</b>
Coro dos Huguenotes-Rataplam-----	<b>Meyrbeer</b>
Canção do Mar Bravo-----	<b>Alberto Sarti</b>
Coro dos Soldados, Fausto-----	<b>C. Gounod</b>

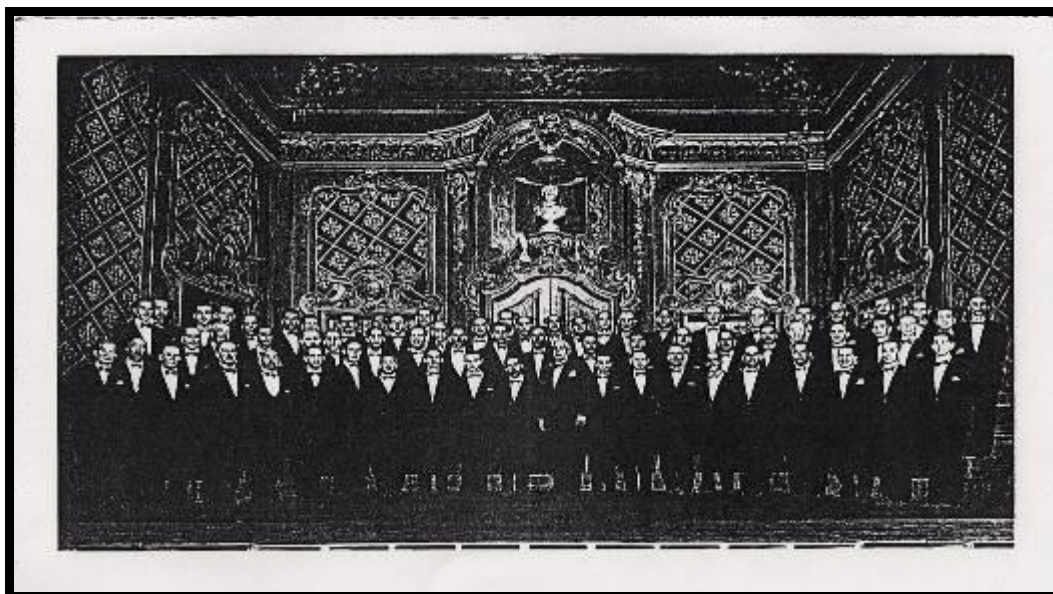
### Pelo Septeto Dr. Passos de Freitas

Melodia em Fá,-----	<b>Rubinstein</b>
Serenata Mourisca-----	<b>Chapi</b>
V. <sup>a</sup> Dança-----	<b>Granados</b>
Serenata Milonga-----	<b>R. Huguet</b>
Rapsódia de Fados-----	<b>Mantua</b>
Air de Ballet,-----	<b>J. Massenet</b>

### Pelo Orfeão Madeirense

Canções Portuguesas – Rapsódia-----	<b>A. Joyce</b>
Morena-----	<b>João Arroio</b>
La Esclava – Habanere-----	<b>S. Masvernats</b>
L'Enclume-----	<b>C. Gounod</b>

Aqui deixamos o registo fotográfico no momento de actuação do Orfeão.



**Orfeão Madeirense: 1954**

Da fotografia, podemos concluir que para esta reconstituição do Orfeão, só foram “convidados” os homens, embora fosse intenção dos seus organizadores, introduzir as vozes femininas mais tarde, tal como aconteceu nos anos trinta. Também supomos que sendo esta reorganização se ficou a dever à necessidade de se organizarem para prestar homenagem ao maestro, esta seria com os elementos iniciais do grupo, e nessa altura também este era um coro masculino.

Da análise feita a este concerto pelo *Correio Desportivo*,<sup>129</sup> deduz-se que a casa estava fraca pela apatia quase geral da gente madeirense pela música séria, situação que, segundo esta fonte informativa, se devia às Emissoras onde abunda música “sensual e destoante”, enquanto que em outras épocas, não se ouvia música em casa, o que fazia com que as pessoas se deslocassem aos concertos.

Esta constatação, ainda que hipotética, levou a que o *Jornal da Madeira* na sua crónica «Página dos Estudantes», fizesse referência aos dois espectáculos testemunhando a sua admiração pela persistência, boa vontade, submissão e sacrifício, às exigências daquelas instituições, elementos imprescindíveis da parte dos componentes e que totalmente contribuíram para a efectivação daquela “Noite de Arte.” Destacava, também, a importância da música, podendo ser utilizada como elemento espiritual, que pode diminuir os atritos da complicada engrenagem da sociedade.

---

<sup>129</sup> *Correio Desportivo*, 31 de Maio de 1954

Era óptimo que, segundo este diário, fossem oferecidas muitas possibilidades para a cultivação da música, pois dela viria uma fineza de ideias e um passatempo espiritual, incontestavelmente, necessários e úteis.

Novas peças se apresentavam, em estudo: «Aquela Moça», «Sérénade d’hiver» e um «choral», de Bach.

Para o concerto do dia 3 de Junho, os bilhetes encontravam-se esgotados já no dia anterior, tal era o interesse da população em assistir a mais um espectáculo.

O Diário de Notícias,<sup>130</sup> salientava que havia quem dissesse que mais do que a acção conjugada e vitoriosa dos dois grupos era a Madeira que ali estava galhardamente a apresentar-se.

Estes dois agrupamentos apresentaram-se nas escadarias do templo do colégio, interpretando trechos de autores consagrados com impecável afinação e intuição artística, refere um artigo não assinado do mesmo diário (**Ver Anexo LX**).

Tudo era retransmitido com perfeição por meio de altifalantes instalados para o efeito em diversos pontos do adro da igreja.

Saliente-se que o Orfeão não estava habituado a cantar ao ar livre.

Para além do programa já apresentado, o Orfeão, cantou extra programa “O bailinho da Madeira”, que foi entusiasticamente aplaudido.

A audição finalizou com o Hino Nacional, respeitosamente ouvido pelos milhares de pessoas que se encontravam no Largo do Colégio.<sup>131</sup>

A este acontecimento foi-lhe atribuída tal importância que na última sessão da vereação, cujo mandato terminava a 31 de Dezembro daquele ano, foi deliberado exarar na Acta um voto de louvor ao Orfeão Madeirense e Septeto Dr. Passos Freitas pelo concerto realizado no dia 29, que constituiu um verdadeiro acontecimento artístico e uma feliz iniciativa cultural (**Ver Anexo LXI**).

Todos os jornais noticiaram tal acontecimento. O Eco do Funchal,<sup>132</sup> vai mais longe, deixando a ideia de que este concerto foi um dos melhores números do Programa das Festas do Fim do Ano.

Congratulando-se com o êxito obtido na audição, também a Delegação de Turismo da Madeira, em reunião de 5 de Janeiro de 1955, segue os passos da Câmara Municipal, enviando ao Orfeão um ofício onde ressaltava a sua congratulação com o

---

<sup>130</sup> Diário de Notícias, 24 de Junho 1954

<sup>131</sup> Jornal da Madeira, 30 de Dezembro de 1954

<sup>132</sup> Eco do Funchal, 01 de Janeiro de 1955

êxito obtido na actuação, no Largo do Município, nas Festas do Fim do Ano. Resolvia, assim, deixar um voto de louvor aos dois agrupamentos musicais na acta da mesma reunião (**Ver Anexo LXII**).

Os mesmos agradecimentos foram reiterados pelas duas instituições, não só à Delegação de Turismo da Madeira, mas também à Agência Rádio-Marcóni, pela divulgação prestada ao referido concerto.

#### **4.15.1. Novos reveses**

Após esta actividade, o Sr. Coronel Eduardo Santos Pereira, devido a afazeres e por motivo de saúde, viu-se forçado a deixar a direcção do Orfeão, assumindo-a o Sr. Tenente Francisco António Marques, antigo e distinto Chefe da Banda do Comando Militar da Madeira.

A 25 de Agosto, as duas instituições, foram convidadas pela Delegação de Turismo da Madeira para assistir à Festa Regional da Camacha, no dia 28, no Hotel Camacha, pelas 17 horas, em honra do grupo de excursionistas do Clube Náutico de Las Palmas.

Coube a esta delegação, através do ofício nº714, Lº19 de 31 de Agosto de 1955, agradecer a colaboração prestada pelos dois grupos artísticos.

Novamente as Festas da Cidade de 1955 reclamam a sua presença. É, pois, no dia 29 deste ano que O Orfeão e o Septeto, subiram novamente ao palco do Teatro Municipal para dar mais uma vez cumprimento ao programa das festas de Fim de Ano, acontecimento artístico, a que a imprensa diária já teria dado o seu relevo.

Do programa exibido, e, a par dos trechos já conhecidos, apresenta, cinco novidades, em que se destacavam «Aquela Moça», de Freitas Branco, «As andorinhas», de Manuel Ribeiro, e «Serenata d'Hiver» de Saint-Saens, que têm assegurado os aplausos da plateia, incontidos, entusiásticos.”<sup>133</sup>

No programa constavam as seguintes peças:

---

<sup>133</sup> Diário de Notícias, 28 de Dezembro de 1955



## PROGRAMA

### I

#### Orfeão Madeirense

Oração da tarde-----	<b>Ch. Gounod</b>
La Esclava -----	<b>S. Masvernats</b>
Serenade d'Hiver-----	<b>Saint-Saens</b>
Aquela Moça -----	<b>Freitas Branco</b>
Marcha dos Soldados (Fausto) -----	<b>Ch. Gounod</b>

### II

#### Septeto Dr. Passos Freitas

Napoli – Taratella-----	<b>E. Mezzacapo</b>
Mon Coeur est pour toi. Melodie-----	<b>Lao Silésu</b>
Serenade Galante-----	<b>Virgilio Ranzate</b>
Nocturno opus 19 (nº4)-----	<b>Tschaikowsky</b>
Fado Nº 10-----	<b>Raul Campos</b>
Arraial Beirão – Dança Portuguesa-----	<b>Raul Campos</b>

### III

#### Orfeão Madeirense

Amen (Damnation du Faust) Fuga-----	<b>Berlioz</b>
Morena-----	<b>João Arroio</b>
Barqueiros do Volga -----	(Autor desconhecido)
Canção do Mar Bravo-----	<b>Alberto Sarti</b>
As Andorinhas-----	<b>Manuel Ribeiro</b>

Os bilhetes para este concerto poder-se-iam adquirir na Casa da Figueira, na rua dos ferreiros, 45, sendo o preço de cada bilhete 20\$00.

Após o referido espectáculo, todos os jornais foram unânimes em escrever que se notou uma excelente afinação em todos os naipes, dando ao conjunto em equilíbrio notável.

Mereceram, também, registo de notabilidade os solos de Rafael de Ascensão, Alfredo Guerra e Dr. Carlos Silva, cantores muito apreciados pelos madeirenses. A

orfeonização, entregue ao Sr. Capitão Gustavo Coelho, foi considerada, de uma maneira geral, perfeita.

Quanto ao Sr. Tenente António Marques, sendo esta a sua primeira apresentação em público, revelou-se um maestro à altura do seu papel, mostrando nítida segurança na direcção do grupo, diz a mesma fonte.

A instâncias pedidas por numerosos apreciadores da música coral, o Orfeão Madeirense e o Grupo Passos Freitas, promoveriam, no dia 4 de Fevereiro de 1956, um novo concerto no Teatro Municipal.

#### **4.15.2. Superação de expectativas**

Também logo a iniciar o ano de 1956, o Orfeão Scalabitano, tendo conhecimento da intensa actividade desta colectividade, manda, através de uma carta, saudações ao Orfeão Madeirense, desejando-lhe as maiores venturas e os mais assinalados êxitos artísticos e mostrando interesse em manter laços com este grupo da Madeira (**Ver Anexo LIII**).

Por certo ninguém duvida, perante os artigos que a imprensa vai escrevendo que estes dois agrupamentos categorizavam a Madeira e impunham-se ao apreço das pessoas de bom gosto musical, tanto no que respeita à escrupulosa organização dos programas, como no acerto e brilho interpretativo. Um e outro, agremiando individualidades de diversas categorias sociais, dão um exemplo de compreensão da música coral e instrumental.

A prová-lo, está a carta que este Orfeão recebeu da comissão de festas de Santa Cruz de Tenerife para uma possível participação nas Festas de Primavera, na mesma cidade.

Na recepção desta missiva, ficou o Orfeão a saber de que esta cidade espanhola acatou, com entusiasmo, o interesse deste grupo em se deslocar à referida cidade para participar nas Festas da mesma. Mas, antes de se iniciarem as formalidades, era necessário saber quais eram as possibilidades de transporte do Orfeão, qual o número de concertos que poderia realizar, as condições económicas, etc. (**Ver Anexo LXIV**).

Embora o Orfeão não tivesse disponibilidade para se deslocar às Canárias nas Festas de Maio, deu a conhecer aos seus congéneres espanhóis que o grupo cantava a 4

vozes de homens e a 6 vozes de homens e senhoras, mas não pôs de lado a ideia de se deslocar às mesmas, em Setembro, nas Festas da Laguna (**Ver Anexo LXV**).

Este desdobramento das vozes, provavelmente seria: primeiros tenores, segundos tenores, Barítonos, Baixos, para 4 vozes e sopranos e contraltos para as peças a 6 vozes.

Ainda em Março deste ano, o poeta Rogério Correia, manifesta a ideia de levar aos Açores estes dois agrupamentos musicais, com o objectivo da divulgação da Cultura Madeirense junto do povo Açoriano<sup>134</sup>.

A actividade deste agrupamento musical vai sendo cada vez mais activa. Logo surge a preocupação de adquirir novas peças musicais. Estas foram pedidas ao Sr. Carlos Alleluia, por intermédio do Dr. Antonino Pestana, residente em Lisboa. As canções pretendidas eram: Tia Anica e Josézinho já te tenho dito, do Dr. Antonino Pestana. Em estado adiantado de ensaios encontravam-se: Canção dos Moinhos, Canção das Ceifeiras, Canções Transmontanas e Marcha das Ruínas de Athenas (**Ver Anexo LXVI**).

As peças foram enviadas ao Orfeão, não se especificando, no entanto se eram ou não as pedidas. Este, apenas refere que são três peças todas harmonizadas pelo Maestro Rui Barral e que as melodias foram extraídas do livro do Carlos Santos: “Tocares e Cantares da Madeira”, pedindo ainda o favor de devolver as peças emprestadas. (**Ver Anexo LXVII**).

Apesar da carta ser dirigida ao Sr. Cristovam Ascensão, quem respondeu foi o Sr. Carlos Silva, informando de que o regente do Orfeão tinha gostado das orfeonizações e que o mesmo tinha feito um arranjo para duas vozes femininas e quatro masculinas (**Ver Anexo LXVIII**).

Toda, a imprensa local estava, pois, de olhos postos no concerto que se iria realizar a 16 de Junho. Não só fazia referência às peças novas que iriam ser apresentadas, como também salientava a apresentação dos naipes femininos.

O Orfeão apresentou-se em palco na data anunciada, composto por 80 homens e 46 senhoras, apresentando seis números novos ensaiados durante quatro meses.

A inclusão das vozes femininas fez avolumar a curiosidade do público, que assomou em grande número no dia da audição.

---

<sup>134</sup> Diário de Notícias, 12 de Março de 1956

Parece-nos, que os que presidiam aos destinos do Orfeão, pretendiam fazer cada vez mais e melhor, nos seus planos, estava incluído agora, o ensino de solfejo e um curso infantil de preparação para futuros orfeonistas<sup>135</sup>.

Porém, não é só na Madeira que estes agrupamentos artísticos são notícia.

A revista feminina «Modas e Bordados», de 29 de Fevereiro de 1956, insere um «Documentário da Madeira», onde refere a apresentação, no Teatro Municipal, do Orfeão Madeirense e do Septeto Dr. Passos de Freitas. Este acontecimento mereceu do jornalista palavras de apreço e louvor<sup>136</sup>.

Também estes dois grupos são notícia na Estação Rádio da Madeira.

Este organismo, relembra-se o próximo concerto do Orfeão e do Septeto e evoca-se alguns motivos justificativos de apoio a estes dois agrupamentos: eram completamente madeirenses; cultivavam uma das artes mais nobres com o maior desinteresse por tudo quanto eram proventos materiais; lutavam pela cultura do público madeirense, dando-lhes a conhecer boa música através de boas interpretações; esforçam-se por introduzir no público da sua terra a preferência pelas obras dos mestres consagrados; mostravam ao público o que valia a união de um punhado de pessoas, voluntariamente sujeitas a uma disciplina; valorizavam aquilo que existia na sua terra; não cobravam quotas de ninguém e não gozavam de protecção de amadores endinheirados<sup>137</sup>.

Já, numa entrevista ao Diário de Notícias, o Sr. Tenente Cristóvão Jaime de Ascensão, então director do Orfeão, manifestou interesse pela deslocação deste a Lisboa, bem como a outras cidades portuguesas, acrescentando, ainda, que a deslocação aos Açores também figurava nos seus projectos.

---

<sup>135</sup> Diário de Notícias, 17 de Junho de 1956

<sup>136</sup> Eco do Funchal, 19 de Março de 1956

<sup>137</sup> Palestra radiofónica de 13 de Junho de 1956



Teatro Municipal de Baltazar Dias, 16 de Junho 1956 - Arquivo do Orfeão

Quanto à inclusão de vozes femininas, o diário, O Jornal,<sup>138</sup> referiu que o naipe de contraltos esteve perfeito, assim como o de sopranos, embora este tenha possibilidade de render muito mais em intensidade e expressão.

Escreve-se ainda que foi possível, num prazo relativamente curto, enquadrar no plano de conjunto dois novos naipes que emprestaram às peças interpretadas particular beleza e harmonia<sup>139</sup>.

Referente ao espectáculo do dia 16 de Junho a Sociedade de Escritores e compositores Teatrais Portugueses, na pessoa do Agente Geral na Madeira desta Sociedade, solicita o programa do concerto realizado no referido dia, com objectivo de ser enviado para Lisboa a esta Sociedade. Esta confirmação pode ser feita através do documento em anexo (**Ver Anexo LXIX**).

---

<sup>138</sup> Idem

<sup>139</sup> O Jornal, 19 de Junho de 1956

## PROGRAMA

### 1ª PARTE

O Ampordão (do folclore Catalão) -----	(Autor desconhecido)
As Andorinhas-----	<b>Manuel Ribeiro</b>
Aquela Moça-----	<b>L. Freitas Branco</b>
Sérénade dH'hiver-----	<b>C. Saint-Saens</b>
Coro dos Barqueiros do Volga -----	<b>(Autor desconhecido)</b>
Coro dos Caçadores-----	<b>C. Weber</b>

Pelo «Orfeão Madeirense» (vozes masculinas)

### 2ª PARTE

Czardas nº2-----	<b>G. Michiels</b>
Canção de Solvig-----	<b>E. Grieg</b>
Aubade a Mimi-----	<b>A. Scanola</b>
Serenata a Coimbra-----	<b>R. Campos</b>
Árias Andaluzas-----	<b>E. Lucena</b>

Pelo «Septeto Dr. Passos de Freitas

### 3ª PARTE

Ceifeiras-----	<b>A. de Moraes</b>
Canção dos Moinhos-----	<b>Costa Ferreira</b>
Canções Transmontanas-----	<b>A. Joyce e I. Aranha</b>
Marcha das Ruínas de Atenas-----	<b>L. Beethoven</b>

Pelo «Orfeão Madeirense» (vozes mistas)

Não deixam de ser apresentados, publicamente, os agradecimentos às estações de rádio e restante imprensa pela excelente propaganda feita aos eventos destes dois agrupamentos musicais.

Quanto à estrutura do programa, numa primeira parte estaria a cargo do Orfeão, a vozes masculinas (cerca de 80 figuras) que executaria sete números dos quais se destacavam as canções: “Canto à Madeira” da autoria de Belo Marques, regente da orquestra típica da Emissora Nacional que a orfeonizou especialmente para aquele agrupamento artístico e “Saudade” de Silveira Pais. A segunda parte seria apresentada pelo grupo Dr. Passos de Freitas e na terceira parte exhibir-se-ia o Orfeão misto com cerca de 115 figuras. Este executaria também sete números e em destaque estava: “Granada” de Augustin Lara, composição muito conhecida dos madeirenses através de diversas interpretações gravadas em disco, “Un jour vis un foulon qui fouloit”, trecho de música do século XVI e um com novo arranjo e o “Bailinho da Madeira”, este do regente do Orfeão, Sr. Tenente António Eduardo Marques.

A Estação de Rádio da Madeira informou ao diário “O Jornal”, que no dia 8 seria transmitida às 9.30 horas, a terceira parte da audição do concerto realizado no dia 2 de Fevereiro, dada a importância do mesmo<sup>140</sup>.

#### **4.16 – Recomeço e continuidade: Anos 1956/1957**

Estas paragens prolongadas do Orfeão ficaram a dever-se, fundamentalmente, à preparação do repertório, refere a imprensa local. Deste, só se podia apresentar uma ou duas obras, já que o público era sempre o mesmo e não era de bom-tom apresentar sempre o mesmo programa. Havia, ainda, outros problemas de ordem financeira. Não se passava o mesmo com outros agrupamentos artísticos congéneres, do continente, uma vez que se deslocavam com pouco dispêndio de tempo e dinheiro.

Podiam, com o mesmo repertório, exhibir-se em vários palcos com auditórios diferentes o que não era só grande estímulo para os seus coralistas, mas também as receitas eram maiores. Como consequência, permitia-lhes maior desenvolvimento, enquanto se o Orfeão Madeirense, pretendesse deslocar-se a qualquer parte, Continente, Açores ou Canárias, teria que se debater com gastos superiores a 1500\$00 por pessoa. Para além disso, era muito complexo fazer deslocar 120 elementos, das mais diversas categorias profissionais, ligados aos mais díspares contratos de trabalho. Conciliar todos estes requisitos, não era, na verdade, tarefa fácil.<sup>141</sup>

---

<sup>140</sup> O Jornal, 15 de Junho de 1956

<sup>141</sup> Eco do Funchal, 10 de Agosto de 1956

Mas, a actividade deste grupo continuava, sendo disso prova a correspondência encontrada no arquivo deste Orfeão: um ofício datado de 28 de Junho de 1956, solicitando ao director do mesmo, uma lista de todos os membros que constituíam a comissão organizadora do Orfeão bem como mais alguma troca de correspondência entre Tenerife e a Madeira (**Ver Anexos LXX a LXXIII**).

Relativamente ao primeiro documento o mesmo foi enviado, constando nele os nomes de Dr. Ivo do Sacramento Nunes Pereira, Tenente António Francisco Marques, José Jorge Gomes Caldeira, João Agostinho da Silva Dinis e Carlos José da Silva (**Ver Anexos, LXXIV e LXXV**).

Entretanto iam trocando correspondência com Tenerife sobre a viagem que hipoteticamente se realizaria, não em Setembro como tinha sido anunciado, mas nas Festas de Maio datada de 11 de Agosto de 1956 como é disso prova a carta que anexamos (**Ver Anexo LXXVI**).

Mas, o tempo passava e as notícias iam escasseando, sabe-se apenas que estas colectividades iam continuando a ensaiar. Uma notícia do jornal Voz da Madeira, informava que os dois grupos voltaram a participar nas festas do Fim do Ano de 1956<sup>142</sup>.

O que, efectivamente era notícia em toda a imprensa da ilha, eram os dois concertos anunciados anteriormente: 2 e 9 de Fevereiro de 1957.

O diário, O Jornal,<sup>143</sup> informava que o Orfeão Madeirense tinha pedido à Câmara Municipal do Funchal a cedência do Teatro Municipal de Baltazar Dias para a realização dos mesmos.

Os concertos mencionados, de “pura arte,”<sup>144</sup> causavam o mais vivo interesse, particularmente entre aqueles que prestavam culto à música, nas suas manifestações, bem como a quanto se refere às actividades culturais da vida Madeirense. É desta forma que o mesmo diário notifica que sendo estes dois grupos, orfeónico e de palheta, duas instituições do mais alto nível artístico que entre eles contavam e que, verdadeiramente, honravam a sua terra, natural seria que à sua acção correspondesse não só ao carinho mas ainda a mais calorosa simpatia da gente culta da Madeira.

Desde o anúncio dos concertos mencionados, um movimento de curiosidade, de interesse e simpatia acolheu esta notícia colocando-a entre os maiores acontecimentos

---

<sup>142</sup> Voz da Madeira, 30 de Novembro de 1956

<sup>143</sup> O Jornal, 13 de Janeiro de 1957

<sup>144</sup> Diário de Notícias, 23 de Janeiro de 1957



artísticos que se iriam realizar na Madeira naqueles tempos. Estes concertos, continuavam despertando justificado interesse, uma vez que os bilhetes para os dois espectáculos se esgotavam, precocemente.

À casa Figueira, onde os bilhetes para o espectáculo eram vendidos ou marcados, a afluência do público era muita, a qual se traduziria por um notável êxito<sup>145</sup>.

O diário, O Jornal,<sup>146</sup> descrevia, desta maneira, o concerto que se iria realizar no dia 2 de Fevereiro: “E os camarotes serão também música silenciosa de gratidão, porque gratos devem ficar, quantos tenham a dita de poder ouvir e sentir, aqueles que cheios de amor pela Madeira, nossa linda Terra, amor pela linda música, não sentem o cansaço e com persistência trabalham um tesouro e dele vão tirar moedas de oiro, feitas de notas que toda a gente apanhará e guardará religiosamente, saudosamente. Vai ser assim na noite do dia 2 de Fevereiro”.

Quanto à estrutura do programa, uma primeira parte estaria a cargo do Orfeão, vozes masculinas (cerca de 80 figuras) que executaria sete números dos quais se destacavam as canções: “Canto à Ilha da Madeira” da autoria de Belo Marques, regente da orquestra típica da Emissora Nacional que a orfeonizou, especialmente, para aquele agrupamento artístico e “Saudade” de Silveira Pais. A segunda parte seria apresentada pelo grupo Dr. Passos de Freitas e na terceira parte exhibir-se-ia o Orfeão misto com cerca de 115 figuras. Este executaria, também, sete números. E, em destaque, apareceriam: “Granada” de Augustin Lara, composição muito conhecida dos madeirenses através de diversas interpretações gravadas em disco, “Un jour vis un foulon qui fouloit”, de Roland de Lassus, trecho de música do século XVI, todos cantados, pela primeira vez, e, com um novo arranjo, o “Bailinho da Madeira”. Este da autoria do regente do Orfeão, Sr. Tenente António Eduardo Marques.

O programa do dia 2 de Fevereiro, comportava números merecedores do mais alto conceito daqueles que têm opinião, enquanto à música respeita. Esta era a opinião geral da imprensa que íamos consultando, uma vez que o programa, incluía a apresentação de célebres páginas de Beethoven, Gounod, Berlioz, Grieg e Albeniz, tal como fica expresso nos registos que se seguem:

---

<sup>145</sup> Idem

<sup>146</sup> O Jornal, 27 de Janeiro de 1957

## PROGRAMA

### 1ª PARTE

Oração da tarde-----	<b>C. Gounod</b>
Fuga de «A danação de Fausto»-----	<b>H. Berlioz</b>
Canto à Ilha da Madeira-----	<b>Belo Marques</b>
O Ampordão -----	(Autor desconhecido)
Canção do Mar Bravo (*)-----	<b>A. Sarti</b>
Saudade-----	<b>Silveira Pais</b>
Coro dos Soldados do «Fausto»-----	<b>C. Gounod</b>

Pelo Orfeão Madeirense (Vozes Masculinas)

### 2ª PARTE

Une Fête a Rome-----	<b>E. Macchini</b>
Danses Norvegiennes-----	<b>E. Grieg</b>
En la Mesquita de Cardoba-----	<b>V. Romero</b>
Serenata (op. 15)-----	<b>M. Moszkowski</b>
Sevilha-----	<b>I. Albeniz</b>

Pelo «Septeto Dr. Passos De Freitas»

### 3ª PARTE

Canções Transmontanas-----	<b>A. Joyce e I. Aranha</b>
Un jour vis un foulon qui foulait-----	<b>Roland de Lassus (Séc. XVI)</b>
Canção do Moinhos-----	<b>Costa Ferreira</b>
Granada (Fantasia)-----	<b>A. Lora</b>
Ceifeiras-----	<b>A. de Moraes</b>
Bailinho da Madeira-----	<b>Ten. A. Marques</b>
Marcha das Ruínas de Atenas-----	<b>L. Beethoven</b>

Pelo Orfeão Madeirense (Vozes Mistas)

(\*) Orfeonização do Sr. Gustavo Coelho

A Estação de Rádio da Madeira informou à mesma fonte que no dia 8 seria transmitida, às 9.30 horas, a terceira parte da audição do concerto realizado no dia 2 de Fevereiro, dado o interesse que o mesmo despertara na assistência.

Tanto um agrupamento como outro subiam muito no conceito da crítica pública, mercê de um trabalho aturado e profícuo de dirigentes e componentes em homogénea colaboração.

A título de exemplo cabe-nos uma referência muito particular a D. Maria Lamas que, em nome individual, fazia jus aos referidos grupos. Para além disso, toda a imprensa, reconhecedora dos seus valores, lhes desejava, publicamente, as maiores felicidades, augurando votos dos maiores sucessos. **(Ver Anexo LXXVII).**

Após o último espectáculo, todos os elementos do Orfeão, do Septeto e respectivas famílias se dirigiram ao Casino da Madeira onde, nos vastos e luxuosos salões deste estabelecimento turístico se efectuou uma festa de confraternização, cujo baile seria abrilhantado pelo conjunto musical do Casino e dirigido pelo acordeonista Correia Martins. Para além disso exibir-se-iam os artistas de variedades que, habitualmente, ali actuavam. **(Ver Anexos LXXVIII).**

O jornalista responsável pelos artigos do diário O Jornal<sup>147</sup>, evidenciava a importância do Orfeão fazendo um apelo aos funchalenses, para que estes o estimassem e o honrassem na medida em que este era um conjunto que sempre prestigiava a Madeira.

Num artigo assinado por M. A., no mesmo jornal, surgia o mesmo sentir num apelo de gratidão: “Pagai-lhe o que lhe deveis – o tributo da vossa admiração e reconhecimento pela sua importantíssima quota-parte dos nossos foros de povo civilizado. Ide ao encontro do seu desinteressado amor pela Arte, afluindo em grande escala e espontaneidade aos seus próximos concertos”.

Cada audição era uma reafirmação do esforço e da cooperação entre os elementos dirigentes e componentes do Orfeão e do Septeto, reunidos nos seguintes objectivos: servir a arte e dignificar a terra que os viu nascer<sup>148</sup>.

O Diário de Notícias, o Eco do Funchal, o Jornal da Madeira, o Jornal, a Voz da Madeira, bem como toda a imprensa Radiofónica subscreviam comentários abonatórios em relação à actuação dos grupos supraditos.

Deixamos, assim, num breve resumo, um pouco das mensagens emitidas nos muitos artigos lidos em que, de uma maneira geral, se dizia que no concerto do dia 2, o Teatro Municipal, registou uma total enchente, facto que, não se verificava em muitos

---

<sup>147</sup> O Jornal, 24 de Janeiro de 1957

<sup>148</sup> Voz da Madeira, 26 de Janeiro de 1957

espectáculos de arte: O Orfeão, mais uma vez acentuava a sua ascendência de valor, impressionou, muito agradavelmente, pela harmoniosa combinação dos naipes, originária dos maravilhosos efeitos de música que se ouvira. O êxito que coroou a exibição do Orfeão Madeirense é o justo prémio ao esforço de todos os seus orfeonistas e do seu Director Artístico, Sr. Tenente António Francisco Marques, que, com a sua boa vontade e o seu saber, conseguiu satisfazer as aspirações de todos os madeirenses que se interessavam pela melhoria do nível artístico da sua terra.

O Diário de Notícias,<sup>149</sup> escrevia que, o programa para o dia seguinte, anteriormente anunciado, fora “escolhidíssimo” e que o mesmo incluía alguns dos números que seriam apresentados, durante a excursão daqueles agrupamentos às Ilhas Canárias.

Tal tinha sido o impacto causado pela actuação do dia 2 que, depois de um pedido feito à Direcção do Orfeão, o espectáculo se repetia no dia 9 de Fevereiro incluindo todas as obras desse concerto, para que todos pudessem aplaudir “na sua arte excelsa, aqueles maravilhosos agrupamentos”<sup>150</sup>.

Após esta apresentação em público, um admirador da Ribeira Brava, cujo nome, dado a deterioração do documento, não é possível identificar, escreveu ao Sr. Tenente Marques a felicitá-lo pela óptima apresentação do Orfeão. Mas, nem por isso, deixou de alertar o regente para alguns erros que, na sua opinião, e não sendo eles significativos para denegrir a excelente actuação do Orfeão, precisavam de ser corrigidos. Referia-se, este senhor, às entradas dos naipes, que segundo ele, entravam a medo, atrasando-se um pouco, questionando-se se seria porque os orfeonistas se teriam esquecido do tom, ou, não ouviriam bem a nota dada pelo maestro. Assim sendo, aventava uma sugestão: “deveria ser dada uma só nota através do diapasão e cada naipe iria buscar a sua própria nota”. Chama, também, a atenção para o facto de que algumas senhoras desviavam o olhar da regência e fixavam-no na assistência, facto que poderia prejudicar a prestação do grupo (**Ver Anexos LXXIX, LXXX e LXXXI**).

O Correio da Ilhas,<sup>151</sup> vai mais longe ao publicar um artigo cujo título é: “Aquilo é Poesia!” e, tomando esta deixa ou não, Mário Relvas, no Correio Desportivo,<sup>152</sup>

---

<sup>149</sup> Idem

<sup>150</sup> Diário de Notícias, 6 de Fevereiro de 1957

<sup>151</sup> Correio das Ilhas, 15 de Fevereiro de 1957

<sup>152</sup> Correio Desportivo, 18 de Fevereiro de 1957

reforça esta ideia dizendo “que é preciso ser poeta para saber ouvi-los e compreendê-los” (**Ver Anexo LXXXII**).

Grato pelo reconhecimento público do seu trabalho, o Orfeão, na voz dos seus dirigentes, agradeceu, através de carta, a amabilidade que estes dois cidadãos funchalenses tiveram. Convém aludir que, em matérias de agradecimentos os Srs. Tenente-Coronel Dr. Carlos Silva, Tenente António Francisco Marques e Alfredo Guerra, se deslocaram, pessoalmente, às redacções dos jornais a agradecer o apoio prestado<sup>153</sup>.

Depois de termos analisado devidamente a correspondência encontrada, sabemos que, simultaneamente, à actividade desenvolvida nesta Região Autónoma, se iam desenvolvendo esforços para mais uma deslocação às Canárias nas Festas de Maio, que correspondiam naquele Arquipélago, às Festas da Cidade do Funchal, no Fim do Ano.

Particularmente, o Eco do Funchal informava, também, que acabava de saber que o Orfeão Madeirense tinha recebido o convite oficial da Comissão das Festas de Santa Cruz de Tenerife, para participar nas mesmas. A participação da Madeira, em programas oficiais, era uma honra e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade, pois, ali, costumavam reunir-se visitantes da península e de vários países da Europa<sup>154</sup>.

Não obstante, o empenhamento de ambas as partes, para que esta viagem se tornasse uma realidade, a verdade é que, depois de analisadas as possibilidades através dos respectivos documentos, constatou-se que não seria, assim tão fácil esta deslocação, devido à dificuldade de transporte (**Ver Anexos LXXXIII e LXXXIV**).

Na realidade, verificamos que depois dos esforços desencadeados tanto pelos portugueses como pelos espanhóis, não foi possível a viagem realizar-se pois as dificuldades com que se depararam dificultaram a realização da mesma.

A 22 de Março, foi enviado um telegrama ao Sr. Cristovam Ascensão, informando-o de que o grupo que este representava seria substituído por uma companhia de Ópera, oferecida pelo governador de Las Palmas que actuará nas datas reservadas aos portugueses. (**Ver Anexo LXXXV**).

Uma vez despreocupados da viagem às ilhas espanholas, as atenções viraram-se para outro assunto: os Estatutos do Orfeão.

---

<sup>153</sup> O Jornal, 19 de Fevereiro de 1957

<sup>154</sup> Eco do Funchal, 20 de Fevereiro de 1957

Os referidos Estatutos foram enviados para o Ministério da Educação Nacional, a fim de serem aprovados. Os registos encontravam-se no Livro N.º B e Processo N.º 163.

A sua aprovação dependia do acréscimo seguinte: “os sócios eleitos para os corpos gerentes e os eleitos ou nomeados para quaisquer funções de direcção ou orientação só podem entrar em exercício depois de o Ministro da Educação Nacional ter sancionado a eleição ou nomeação” (**Ver Anexo LXXXVI**).

Aproximadamente um mês depois e já com a devida correcção, recebia este agrupamento musical um novo ofício datado de 30 de Maio informando de que era devolvido o duplicado dos Estatutos do Orfeão Madeirense e que os mesmos tinham sido aprovados.

Entretanto, a actividade continuava e para além da imprensa escrita, era a imprensa radiofónica que dava ênfase ao trabalho destes dois agrupamentos, nomeadamente a viagem que estes fizeram à Camacha. Conta a imprensa que a actuação não obteve aquele estrondoso êxito do costume, o que justificavam com o desfalque dos naipes. O seu equilíbrio sofreu da insegurança, não saindo perfeito, também com a falta de ensaios e com o desajuste da sala<sup>155</sup>.

Por sua vez, desencadeavam-se esforços para uma deslocação ao continente através do Sr. Capitão Armando Fernandes (**Ver Anexo LXXXVII**).

Entretanto, pelo Diário de Notícias local, é feita uma convocatória para uma reunião no dia 10 de Outubro tendo como objectivo a eleição dos corpos gerentes do Orfeão<sup>156</sup>.

Os mesmos ficavam assim constituídos<sup>157</sup>:

### ASSEMBLEIA GERAL

#### Efectivos

**Presidente** – Dr. Carlos Silva

**Vice-Presidente** – Florêncio de Abreu

**1º Secretário** – Luis V. de Freitas

**2º Secretário** - João Nobrega Pontes

#### Suplentes

José Maria ribeiro

Agostinho Dias

João N. pereira

Rui Ornelas

<sup>155</sup> Voz da Madeira, 20 de Setembro de 1957

<sup>156</sup> Diário de Notícias, 03 de Outubro de 1957

<sup>157</sup> Diário de Notícias, 19 de Outubro de 1957

## Direcção

### Efectivos

**Presidente** – Ten. Cristovão Ascensão

**Vice-Presidente** – Mário Tomé de Freitas

**Tesoureiro** - Alfredo Guerra

**1º Secretário** – J. veríssimo Nunes

**2º Secretário** - António Afonso

### Suplentes

Francisco Figueira

Edmundo Olim

José Paulo de castro

Rafael Ascensão

José Veríssimo

## Conselho fiscal

### Efectivos

Dr. Ivo Nunes

António de Ornelas

José Damião G. Henriques

### Suplentes

Eduardo Valério de Castro

José da Conceição Gouveia

Luis de Freitas Ferraz

Realizada a eleição, o Sr. José Afonso, eleito vice-presidente da Direcção, numa carta dirigida ao Sr. Presidente da Assembleia Geral do Orfeão Madeirense, informa que tinha como norma, não aceitar quaisquer cargos directivos, fosse em que colectividade fosse, desde que não se tratasse de funções, directamente, ligadas à sua vida profissional.

Num ofício datado de 10 de Dezembro de 1957, podia ler-se que foram submetidos à aprovação do Sr. Ministro da Educação Nacional os corpos gerentes do Orfeão, eleitos em Assembleia-Geral, de 10 de Outubro do mesmo ano (**Ver Anexo LXXXVIII**).

Porém, em ofício de 23 de Dezembro, os membros desta colectividade, eram informados que os elementos de identificação eram insuficientes, pois deles deveria constar: data de nascimento, estado civil e número dos bilhetes de identidade com indicação de datas e respectivos arquivos. Apenas, a 18 de Fevereiro de 1958 é que a nova lista é enviada ao respectivo Ministério (**Ver Anexo LXXXIX**).

Ultrapassando as burocracias próprias destes meandros, a actividade dos dois agrupamentos prosseguia. Eram, então, convidados para a actuação das Festa da Cidade. Sempre referenciados como sendo um dos pontos altos das referidas Festas, tanto um como o outro, demonstravam elevado nível artístico, bem patente nas consecutivas apresentações em público, sempre acolhidas por nacionais e estrangeiros com fortes aplausos, elementos indispensáveis à elevação das mesmas<sup>158</sup>.

Sob a regência do Sr. Tenente Francisco Marques, a preparação durou longos meses. Os ensaios intensificavam-se à medida que o tempo de apresentação se aproximava. Seria a única maneira de se apresentarem de forma brilhante oferecendo um programa repleto de boa música, noticiava o “O Jornal”<sup>159</sup>.

No recital programado para o dia 28 de Dezembro o Orfeão apresentou-se apenas com números mistos, referia, ainda, o mesmo periódico. Do programa constavam escritos novos números e expressamente para serem executados em 1ª audição, no Funchal, com o seguinte programa

## **PROGRAMA**

### **1ª PARTE**

Fiandeira (\*)-----**Manuela Câncio Reis**  
Canções Transmontanas-----**A. Joyce e I. Aranha**  
Marcha das Ruínas de Atenas-----**L. Beethoven**  
Canção dos Moinhos-----**Costa Ferreira**  
A Feira Nova (\*\*)------**A. sarti**

**Pelo «Orfeão Madeirense»**

### **2ª PARTE**

Torrento (2ª tarantella)-----**G. de Sena**  
Nocturno (op. 19 N°4)-----**Tschaihowasky**  
The parade of the tio soldiers-----**Léon Jessel**  
Granada (serenata da «Suite Espanhola»-----**Albeniz**  
Serenata mourisca-----**Chapi**  
Polonaise en la-----**Chopin**

**Pelo «Septeto Dr. Passos de Freitas»**

<sup>158</sup>O Jornal, 10 de Dezembro de 1957

<sup>159</sup>O Jornal, 20 de Dezembro de 1957



### 3ª PARTE

Folclórica Madeiren-----	<b>Ten. A. Marques</b>
Un jour vis un foulon qui fouloit-----	<b>Roland de Lassus</b>
Bailinho da Camacha-----	<b>Rui Barral</b>
Ceifeiras-----	<b>A. de Morais</b>
Granada (fantasia)-----	<b>A. Lara</b>

Pelo «Orfeão Madeirense»

(\*) Orfeanização do Exmº Sr. Tem. A. Marques

(\*\*) Orfeanização do Exmº Sr. Cap. Gustavo Coelho

O concerto oferecido por estes dois agrupamentos musicais abriu as cerimónias das Festas da Cidade do Funchal.

Por entre a numerosa assistência, destacavam-se “Sua Excia o Senhor Governador do Distrito, Senhor Comandante Inocêncio de Freitas e esposa, o Prelado da nossa Diocese, D. David de Sousa e outras autoridades”<sup>160</sup>.

O Orfeão primou pela bela afinação, os naipes femininos, apresentaram-se unidos, afinados e precisos, manifestando um acentuado progresso, é a opinião do Jornal de 31 de Dezembro.

Refere, ainda, a mesma fonte que se deve ao Sr. Tenente Marques a consagração e o notável esforço dispensado àquele grupo orfeónico para que atingisse o encanto que, nessa, noite revelou

Depois seguiu-se o Septeto Dr. Passos de Freitas, que, segundo o Diário de Notícias,<sup>161</sup> executou um programa selecto, “à altura das suas brilhantes tradições”, pelo que foi forçado a conceder três “extras”, que também conquistaram largas ovações.

A instantes pedidos de inúmeras pessoas que não puderam assistir ao último concerto, por se ter esgotado rapidamente a lotação do Teatro Baltazar Dias, estes dois agrupamentos artísticos, realizariam novo recital a 11 de Janeiro de 1958.

Sabemos, devido à muita documentação encontrada relativa aos anos seguintes à nossa investigação, que, a actividade musical do Orfeão Madeirense continuou a cumprir a sua missão, ainda patente nos nossos dias.

<sup>160</sup> Diário de Notícias, 30 de Dezembro de 1957

<sup>161</sup> Diário de Notícias, 31 de Dezembro de 1957

Para conclusão deste capítulo, achamos conveniente dar a conhecer os Estatutos do Orfeão Madeirense, aprovados por despacho ministerial de 23 de Abril de 1957 (**Ver Anexos de XC a CVII**).

## **CAPÍTULO V**

### **SEPTETO DR. PASSOS DE FREITAS**

## 5.1. Resenha histórica

Já referido algumas vezes ao longo deste trabalho, o Septeto Dr. Passos de Freitas, era um grupo inseparável do Orfeão Madeirense.

Dos documentos analisados, podemos constatar que, depois de ter regressado à Madeira, o Dr. Manuel dos Passos de Freitas, ingressou no grupo “dos Cavaquinhos”, sob a regência do professor Agostinho Martins. Em 1906, formou ele próprio, um grupo de cinco executantes.

Sob o seu comando surgia, assim, o quinteto do qual foi o 1º bandolim. Tocando com Alberto da Veiga Pestana (2º bandolim), Dr. Alfredo Portugal da Silveira e Luiz Nascimento (violões) e Eduardo de Sousa (bandoleta), o grupo ia ganhando a admiração de todos quantos o ouviam. Segundo o Jornal da Madeira de 6 de Março de 1927, o seu valor saía reforçado pela escolha de programas especialmente elaborados o que proporcionava magníficos serões à sociedade de então.

Em 1909 o “Grupo de Amadores de musica Dr. Passos de Freitas” aumentou para 8 e, depois, para 16 elementos o que nos leva a crer que este grupo terá iniciado em 1908. Em Maio de 1912 foi a Tenerife, exhibir-se no Teatro Leal, entre outros congéneres. Ao grupo foram-se juntando novos cultores, chegando a possuir 29 elementos.

Em 1914 voltou a Tenerife, em visita oficial, a tomar parte nas Festas de Maio em representação da Câmara Municipal do Funchal alcançando grandes triunfos tendo sido condecorado pelo governo espanhol.<sup>162</sup>

Ainda que na viagem já descrita no capítulo IV, “Orfeão Madeirense”, tenhamos referido que o Septeto se deslocou juntamente com o Orfeão às Canárias, em 1922, parece-nos digno de uma justiça total referir, este acontecimento, mais uma vez neste capítulo pois o mesmo é a ele que se refere.

Este grupo ocupou um lugar de destaque no panorama musical da Madeira como temos vindo a demonstrar onde o Septeto se fazia representar obtendo sempre feitos gloriosos a par do Orfeão Madeirense.

Em Maio de 1924, aparece “só”, o Sexteto do Grupo «Passos Freitas», designado assim nesta data, a actuar no primeiro Teatro do Funchal num espectáculo em

---

<sup>162</sup> Jornal da Madeira de 02 de Março de 1920

benefício do cofre do corpo dos Bombeiros Voluntários do Funchal. Da exibição faziam parte os números de maior sucesso da récita do último concerto.<sup>163</sup>

O grupo Passos de Freitas apresentou na referida actuação, um novo programa, estreando alguns números novos, acrescenta a mesma fonte.

O programa executado foi: La Clemenza di Tito, ouverture de W. Mozart, Rapsódia de Fados Populares de C. Magliano, Danzas Portuguezas nº2 de M. Ribeiro e Arias Andaluzas de E. Lucena. Serenata da fantasia mourisca de Chopin e Napoli, Tarantele, de Mezzacopo.

Dizemos “só” porque, num concerto realizado a 21 de Fevereiro de 1924, em honra da colónia britânica no Funchal, os dois agrupamentos ainda actuaram juntos.

É ainda nesse ano, que o Diário de Notícias,<sup>164</sup> volta a fazer referência ao Sexteto, apelidando-o de excelente. A notícia, prende-se com a realização de um concerto efectuado no dia 21 do mês de Abril de 1924, no Casino Pavão no Funchal.

Era por assim dizer, o concerto de despedida deste grupo, uma vez que, no dia 24, embarcaria para Santa Cruz de Tenerife, onde iria tomar parte nas tradicionais e brilhantes Festas de Maio.<sup>165</sup>

Este concerto constituiu mais uma afirmação de valor artístico do grupo dirigido pelo maestro Sr. Dr. Passos de Freitas. É desta opinião o mesmo diário.

É, pois, a partir de 1925 que este grupo começa a aparecer isolado nos artigos dos jornais, facto que despertou, em nós, uma grande curiosidade e nos levou a dedicar-lhe este capítulo.

Em Agosto do mesmo ano foram referenciados, uma vez mais, pela imprensa, nomeadamente pelo jornal Diário de Notícias,<sup>166</sup> que informava que este grupo bem como o Orfeão Madeirense iriam entrar em ensaios no mês de Setembro.

Em 1926, não há qualquer referência a estes senhores da música, o que supomos que os mesmos entrariam mesmo em ensaios porque, no ano seguinte, voltavam a ser notícia. Desta vez, este agrupamento musical sob a direcção do músico amador Sr. Fernando Clairouin, tencionava, em breve, projectar-se fora de portas, numa digressão artística à Inglaterra. Esta mudança de director artístico, coincidiu com a data do

---

<sup>163</sup> Diário de Notícias, 11 de Maio de 1924

<sup>164</sup> Diário de Notícias, 23 de Abril de 1924

<sup>165</sup> Diário de Notícias, 24 de Abril de 1924

<sup>166</sup> Diário de Notícias, 09 de Agosto, de 1925

primeiro interregno do Orfeão, o que nos leva a deduzir que o maestro (Dr. Passos de Freitas), interromperia o trabalho nos dois grupos.

## 5.2. O Sexteto fora de portas

Para esse fim o Sexteto «Passos Freitas» entrou em ensaios. Tencionava, antes da sua partida para aquele país, dar um concerto no Teatro Municipal, diz-nos, ainda o diário, O Jornal.<sup>167</sup> Para esse efeito, foi enviado um requerimento às entidades competentes solicitando a cedência do referido Teatro ao Sexteto «Passos Freitas», para a realização de um concerto no dia 18 do corrente mês, como consta no livro de Actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal do Funchal, Acta de 6 de Junho de 1927: “Do sexteto «Passos Freitas» pedindo cedência do Teatro para um concerto no dia 18 do corrente (pág. 263).”<sup>168</sup>

Nesse concerto, tomaria parte o pianista Sr. Francisco Laboret, de passagem pela Madeira.

O produto do mesmo destinava-se a custear as despesas do referido sexteto na sua próxima “tournée”, à Inglaterra, segundo a fonte acima referenciada. Este grupo continuava a participar nas mais variadas iniciativas.

O «O Jornal»,<sup>169</sup> anunciava a realização do concerto no Teatro Municipal, que, segundo a mesma fonte, estava a despertar vivo interesse.

O programa incluído reflecte o repertório dessa festa de arte.

## PROGRAMA

### I

- 1- Sevilla(Nº III da Suite Española)-----**Albeniz**
- 2- Dance Norvêgienne nº2-----**E. Grieg**
- 3- Serenara a Coimbra, fado fantasia-----**R. Campos**
- 4- Dansa-----**V. Granados**
- 5- Polonaise en La-----**Chopin**

---

<sup>167</sup> O Jornal, 05 de Junho, de 1927

<sup>168</sup> Livro de actas de 13 de Setembro de 1926 a 18 de Julho de 1927 da Câmara do Funchal

<sup>169</sup> O Jornal de 11 de Maio de 1928

## II

- 1- S´rénade-----**G. Pierné**
- 2- Fado (Nº2 da 2ª Suite Portuguesa)-----**Ruy Coelho**
- 3- Fausto-----**Gounod**
- 4- Fantasia de Concerto-----**D. Alard**
- 5- Serenata, Ultimo addio-----**Alfieri**

Como despertou muito interesse a ida do Sexteto «Passos Freitas» ao estrangeiro, o Diário de Notícias,<sup>170</sup> questionou o seu maestro, Senhor Fernando Clairouin, músico e compositor, sobre a iniciativa e objectivos da excursão do seu grupo e da bagagem artística com que se iria apresentar nos dois maiores centros musicais da Europa.

Pensamos ser importante expor aqui a referida entrevista porque resumi-la seria pensamos nós, subverter ou perverter o seu conteúdo do que nos parece uma riqueza de pormenor digna de registo.

Ao Sr. Fernando Clairouin que é despretencioso e modesto não despertou grande surpresa nem entusiasmo a nossa investida jornalística. Fita-nos com o olhar parado e sonhador dum idealista que vive para a sua arte e não se lembra da existência das gazetas.

Quando lhe inquirimos pela paternidade da iniciativa da viagem do Sexteto ao estrangeiro, Fernando Clairouin poz-se a rebuscar na memoria transviada a resposta e disse:

- Os estímulos recebidos dos estrangeiros que nos têm ouvido no Funchal, entre eles muitos distintos músicos, resolveram-nos a meter hombros a esta empreza.
- Qual é o objectivo da excursão?
- Tornar conhecidos lá fora as nossas canções e os nossos fados.
- Se são apreciados cá dentro...
- É natural que tenham o mesmo acolhimento em Inglaterra e França.
- O elenco de que se compõe o grupo?
- Florêncio de Abreu, Manuel Pereira e Roldão Ferreira Abreu, bandolins; Carlos Gonsalves, bandoloncelo; Carlos Gouvea, bandoleta; e eu, viola.
- Existe algum grupo deste género em Portugal?
- Que eu saiba, com a mesma constituição, não.
- Onde tencionam exhibir-se?
- Esperamos exhibir-nos em Londres e Paris.
- Com que recursos de apoio contam para a sua apresentação?
- Apenas chegarmos a Londres, daremos um concerto particular só para críticos, empregarios e músicos, afim de por eles avaliarmos do nosso valor artístico e decidir dos lugares apropriados para as nossas audições.
- E em Paris?

---

<sup>170</sup> Diário de Notícias, 12 de Maio de 1928

- Vamos apresentar-nos no salão «Gauveau», esperando ainda fazer-nos ouvir noutras casas de espectáculo.
  - De que consta o reportório?
  - De cerca de vinte peças de autores portugueses, entre os quais Rey Colaço, Raul Campos, Mantua, etc; de cerca de trinta os compositores estrangeiros, entre eles; Grieg, Choupin, Gounod e Tschaikowskiy.
  - Quando partem?
  - A 16 de Maio, no vapor «Ceylan».
  - Que tempos tencionam gastar nesta «tournee»?
  - Perto dum mês. Na volta passaremos por Portugal onde contamos dar alguns concertos no Porto ou em Lisboa.
  - Têm já alguns contratos?
  - Ainda não; pois nenhum empresario se abalançaria a firmar contratos com um grupo cujo valor inteiramente desconhece.
  - Que prevê do êxito do seu grupo?
  - Nada posso prever, pois ninguém é juiz do seu valimento próprio. Temos muita boa vontade e muita esperança, mas o futuro, para bem dizer, não depende propriamente dos nossos desejos.
  - É, de crer, porém, que sejam bem sucedidos: levam boa musica e bons elementos; o resto, a arte e a ocasião, certamente os hão de favorecer.
- Sempre realizam o seu concerto de despedida no Teatro Municipal?
- Assim está determinado. É sábado, 12 do corrente. Esperamos que o publico do Funchal nos ajudará, por este meio, a levar a bom termo a nossa jornada artística ao estrangeiro, onde queremos tornar conhecida a nossa musica e honrar o nome da Madeira.
- Este concerto foi noticiado em vários jornais nomeadamente no jornal da Madeira: “ o excelente sexteto Passos Freitas vai partir na próxima semana para a Inglaterra, em excursão artística musical.
- Hoje realizará, no Teatro Dr. Manuel D’Arriaga um concerto, para o qual se acha como muita antecipação, marcada um grande número de lugares. Desejamos uma florida estrada para os nossos já assas admirados patrícios, nas suas execuções primorosas.<sup>171</sup>

Embora, tudo apontasse para que o concerto de despedida se realizasse no dia 18 de Maio, depois de analisarmos a entrevista acima transcrita, podemos constatar que o mesmo se realizou no dia 12, pois o grupo teria que partir no dia 16 do referido mês.

---

<sup>171</sup> Jornal da Madeira, 12 de Maio de 1928



### **5.2.1. A Arte em digressão**

Continuando a falar da tournée artística, deste agrupamento, à Inglaterra e à França, para além das exibições com carácter lúdico, também participava em concertos destinados a contemplar a pobreza de alguns dos habitantes da Ilha, nomeadamente para o Asilo de Mendicidade e Órfãos e Bolsa de Estudos Antonia Georgina.<sup>172</sup> A mesma fonte, explica que, só fez esta indiscreta revelação porque nessa hora de partida, era justo que o público avaliasse não só os méritos artísticos do grupo, como também os seus sentimentos de caridade. Subiam a muitos contos de reis os óbolos obtidos por este grupo.

Podemos ler no mesmo artigo que o vapor «Seylan» da «chargeurs Reunis» transportaria o grupo constituído pelos Srs. Fernando Ascensão Clairouin, José Florêncio de Abreu, Carlos E. Gouveia, Carlos Gonçalves, Manuel Pereira e Roldão Ferreira de Abreu, membros do aplaudido Sexteto Passos de Freitas, neste mesmo dia pelas 7 H da noite para Havre, iniciando assim a sua digressão artística á Inglaterra e França.

O Diário de Noticias reiterava ao Sexteto «Passos de Freitas» os seus melhores votos de boa viagem, desejando-lhe o mais retumbante sucesso na sua tournée artística.

### **5.2.2. A estada em Londres**

Entretanto, algumas notícias foram dadas aos leitores acerca da estadia em Londres do apreciado Sexteto Passos de Freitas, nomeadamente aquando da sua chegada, á grande capital inglesa. Foram os nossos conterrâneos recebidos por algumas famílias da aristocracia londrina, que já os conhecia da Madeira por terem assistido a vários concertos de caridade, que o Sexteto realizou nos nossos principais hotéis.

Sucessivamente, iam sido convidados para diversas festas particulares em salões aristocráticos, onde, a par de uma fidalga recepção, eram na mesma muito apreciados sob o ponto de vista artístico.

O Senhor D. Manuel de Bragança, por sua vez, também acolheu os nossos patrícios como muito interesse e simpatia, tendo-os auxiliado em dois concertos

---

<sup>172</sup> Diário de Notícias, 17 de Maio de 1928

públicos levaram a efeito com o maior êxito, num dos mais conhecidos Music Halls de Londres.

Na afamada Companhia de gramofones «His Masté's voice» gravaram doze discos, tendo sido unanimemente aplaudidos pelos críticos musicais que os ouviram previamente.

As notícias sobre a actividade do grupo em Londres, iam chegando à Madeira, mais uma vez, através da comunicação social. As informações divulgadas nos parágrafos anteriores foram recolhidas do Diário de Notícias.<sup>173</sup>

Dos 12 discos gravados apenas podemos encontrar 5 em casa da Senhora D. Madalena Gomes Henriques, num estado bastante degradado como pode ser observado na imagem em anexo (**Ver Anexo CVIII**).

Nos referidos discos, gravados pela Columbia, figuram de entre os números escolhidos para gravação o Fado de Ruy Coelho, o Bailarico Minhoto e o Fado de Raul de Campos, as Canções populares de M. Figueiredo, a Polonaise em La de Chopin e a Serenata a Arlequim, de Lambert. A toda estas obras deu o Sexteto Passos de Freitas uma interpretação justa e brilhante, afirmando mais uma vez o talento dos seus componentes e a sua superioridade técnica.<sup>174</sup>

Souberam os Madeirenses que passaram na Estação Rádio-Paris, vários números executados pelo Sexteto, no entanto, o telegrama que comunicava esta transmissão, informa a mesma fonte.

O Sexteto regressava à Madeira, via Paris, nos finais do mês de Junho.

Os discos gravados seriam posteriormente enviados para a referida ilha para serem divulgados.

Quanto à recepção dos mesmos ficou a cargo da «Maison Blanch», famosa casa de partituras e da Central Bazar, agência da Columbia. (**Ver Anexo CIX**).<sup>175</sup>

No Diário de Notícias,<sup>176</sup> fez-se também uma referência muito especial do seu regresso à Madeira, dizendo-se que este grupo musical, era uma das Organizações d'Arte mais completas que, no género, se têm constituído, causando admiração de nacionais e estrangeiros, vai entrar num período de grande intensidade de ensaios, sob a direcção do Sr. Dr. Manuel dos Passos de Freitas, uma autêntica autoridade entre os

---

<sup>173</sup> Diário de Notícias, 19 de Junho de 1928

<sup>174</sup> O Jornal, 25 de Maio de 1930

<sup>175</sup> O Jornal, 25 de Maio de 1930

<sup>176</sup> Diário de Notícias, 17 de Julho de 1928

grandes amadores de música. Os ensaios, realizar-se-iam numa das salas do antigo Hotel do Carmo, cedida para esse fim.

Após uns tempos de clausura e depois da digressão, o Sexteto aparece de novo. Foi em Novembro de 1929 e no dia 16 do mês atrás referido, que, o grupo apareceu em público dando, o seu primeiro concerto, no Teatro Manuel de Arriaga. O mesmo apresentou-se com mais um elemento, introduzindo assim um novo instrumento. O “Guitarron”, instrumento este idêntico ao contrabaixo do qual se encarregou, o Sr. António Rosa Caíres, bastante conhecido entre os madeirenses como distinto violoncelista. O Grupo passou assim a designar-se de Septeto Passos de Freitas. A introdução deste novo instrumento seria ideia segundo o Diário da Madeira,<sup>177</sup> do maestro Francisco Lacerda.

O artigo que se segue é mais um testemunho a ter em linha de conta:

(...) para que o virtuosismo dum Artista se manifesta melhor, para que a sua Arte bem se predisponha e se requinte, contribuem bastante, a existência de selecção na plateia, a esbeltesa do programa a executar.

Na ultima apresentação do «Septeto», assim aconteceu.

E que assim não fosse, a execução não deixaria de ser, como sempre: -admiravel. E ainda, nomeadamente:- a tocam da «V Dança», de Granados, e da «Danza delle are» de Ponchielli, foram, sem vislumbre de duvida, lápides de harmonia e de som, que o «Septeto» colocou e gravou, para sempre, na saudade da plateia que o ouvi.<sup>178</sup>



**Septeto Dr. Passos de Freitas – 1929**

<sup>177</sup> Diário de Notícias, 08 de Outubro de 1928

<sup>178</sup> Trabalho e União, 23 de Novembro de 1929

Depois deste concerto podia ler-se na imprensa que o Septeto se deslocaria a Lisboa onde faria várias actuações.<sup>179</sup>

Ainda na busca de referências comprovativas da actividade do Septeto, pudemos encontrar restos de alguns documentos consumidos pelos tempos. Devido à relevância que lhe imputamos cumpre-nos o subido dever de os incluir como marco importante de épocas passadas dignas da nossa história musical.

No seu conteúdo alude-se aos espectáculos realizados em Lisboa, no Teatro da Trindade, no Salão de Belas Artes, na Academia dos Amadores de Música e no Conservatório, a convite do seu Director, o grande pianista Viana da Mota.

Ressalte-se a presença de S.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> o Senhor Presidente da República no concerto realizado no Salão de Belas Artes (**Ver Anexo CX**).

Para além dos espectáculos mencionados, também havia a informação da fonte acima referenciada de que o Septeto gravaria em discos gramofónicos o que nos parece que efectivamente tenha acontecido, pois no diário «O Jornal»,<sup>180</sup> informava que acabava de chegar ao Funchal os novos discos com a reprodução dos trechos musicais executados pelo Septeto Passos de Freitas e gravados pela Columbia. Entre os trechos escolhidos, figuravam: o Fado de Ruy Coelho, o Bailarico Minhoto e o Fado de Raul de Campos, as Canções Populares de M. Figueiredo, a Polonaise em lá de Chopin e a Serenata a Arlequim, Lambert. Referia também que os mesmos se encontravam à venda no Central Bazar, agencia da Columbia.

Mas, embora a designação de Septeto só ser referida nesta data, o grupo também foi assim designado em 1915, como prova a ficha de inscrição do senhor José Florêncio Pedro de Abreu, admitido em Maio desse ano, “Sócio Efectivo nº1/S” (**Ver Anexo CXI**).

Os seus ensaios, realizavam-se agora com nova sede, na Rua 5 de Outubro, num prédio acabado de reconstruir e pertencente ao Sr. Alfredo Vitorino Gomes, digno tesoureiro da Fazenda Pública no concelho da Calheta como admirador deste grupo ofereceu a casa para a sua nova instalação. Iniciou-se a actividade com 14 executantes, passando a designar-se Grupo «Passos Freitas».<sup>181</sup>

---

<sup>179</sup> Diário da Madeira, 08, 24 e 30 de Novembro de 1929; O jornal, 19 de Novembro, 05 e 17 de Dezembro de 1929

<sup>180</sup> O Jornal, 25 de Maio de 1930

<sup>181</sup> O Jornal, 12 de Janeiro de 1932

Prosseguiam, com intensidade os ensaios dos vários naipes, para um concerto que este agrupamento artístico iria dar ainda no mês de Abril, no Teatro Municipal.

O seu reaparecimento foi motivo para grande entusiasmo por parte da população funchalense que se interessava por audições musicais e que tinha, neste grupo, uma das opiniões mais convincentes.

É certo que esta notícia agradava vivamente ao público do Funchal. O Seu director, o Sr. Dr. Manuel dos Passos de Freitas, incansável e admirável da virtuosidade e arte sempre soube comunicar ao seu grupo os seus mais profundos sentimentos.

Em 1933 «O Grupo Passos de Freitas» apresentou-se novamente em palco e, refira-se, que mais uma vez, havia o maior interesse em ter na assembleia os estrangeiros que visitavam a Madeira, a prová-lo estava o anúncio escrito totalmente em inglês, pois reflectia-se em nosso entender, a preocupação que havia em satisfazer os turistas ali presentes (**Ver Anexo CXII**).

O reportório apresentado foi a abertura de «II Re Pastore» de Mozart; Serenata Napolitana, de S. Fauchey; Madrigal de P. Floridia e El Guitarrico, de A. P. Soriano.<sup>182</sup>

Algumas destas peças eram de difícil execução pelo que exigiam dos instrumentistas segurança e homogeneidade e a que, o Grupo conseguiu responder, plenamente como o saudaram alguns dos mais conceituados periodistas, após uma ausência que já se fazia sentir. O Dr. Passos de Freitas apresentou-se à frente do seu Grupo, e o que mostrou á sociedade não foi nenhuma novidade. O valor artístico do mesmo estava comprovado, refere a fonte supra citada. O que era preciso, pediam estes profissionais da comunicação social a Passos de Freitas, era que não se demorassem a aparecer pela segunda vez em público, após essa ausência que julgavam interminável.

O grupo que, nas Festas da Cidade teve a melhor oportunidade de reaparecer, apresentou desta vez uma modalidade na sua constituição instrumental: Tocaram a Abertura de II Re Pastore; Mozart, Serenata Napolitana; S. Fauchey; Madrigal, P. Floridia e El Guitarrico; A. P. Soriano.<sup>183</sup>

Saliente-se que este agrupamento musical, do género palheta, ultimava os seus ensaios cujo programa, brevemente, seria apresentado no Teatro Dr. Manuel de Arriaga.

---

<sup>182</sup> Diário da Madeira, 01 de Janeiro de 1933

<sup>183</sup> Diário da Madeira, 1 de Janeiro de 1933 e O Jornal, 3 de Janeiro de 1933

“Nesse concerto, que iria marcar, mais um triunfo para a notável orquestra madeirense, iriam ser executados trechos dos melhores autores nacionais e estrangeiros.”<sup>184</sup>

Ainda no mês de Fevereiro de 1933 o grupo é apelidado de Orquestrina Passos de Freitas, apresentando-se o Grupo com um total de 20 figuras sob a regência do seu antigo e mui competente director artístico Sr. Dr. Manuel Passos de Freitas<sup>185</sup>. É disso prova o registo fotográfico que acabámos de integrar.



**Orquestrina Passos de Freitas**

Depois destes tempos em que o Grupo Dr. Passos de Freitas, aparece sozinho nas notícias da imprensa local, a partir de agora é um acompanhante assíduo do Orfeão, actuando em todos os concertos em que o Orfeão está presente.

A 27 de Julho de 1933, realizou-se uma excursão deste grupo musical ao Santo da Serra. Dela faziam parte muitos amigos, a fim de testemunharem ao grupo e ao seu regente o seu grande apreço.<sup>186</sup>

Como a segunda parte do concerto estava a cargo do Orfeão Madeirense, à actuação do grupo estava reservada a primeira parte com o reportório apresentado no seguinte programa:

---

<sup>184</sup> Diário da Madeira, 16 de Fevereiro de 1933

<sup>185</sup> Diário da Madeira, 23 de Fevereiro de 1933

<sup>186</sup> Diário da Madeira, 26 de Julho de 1933

## PROGRAMA

1. Ouverture-----**Mozart**
2. Sérénade Milonga-----**R. Huguet**
3. Marche (Casse Noisette)-----**P. Tschaikowsky**
4. Minuet de la XI Symphonie-----**Haydn**
5. Mon Coeur est pour toi-Melodie-----**Lao Silésu**
6. Tarantella (2ª)-----**G. Sena**
7. Scène Russe-----**F. Salabert**

Uma vez mais, no dia 16 de Setembro de 1934, estando alguns elementos deste grupo em veraneio em Santa Cruz e Machico, levaram a efeito um serão de arte em honra das numerosas pessoas do Funchal que estavam a passar esta estação naquelas paragens.

Ao referido serão de arte, que teve lugar pelas 20.30 horas, numa das dependências da Câmara Municipal de Machico, assistiram muitas pessoas, não só da colónia veraneante, às quais era dedicado o concerto, como também aos residentes nas duas freguesias. Segundo documentos analisados, o amplo salão apresentava-se, literalmente, cheio.

Destacava-se, sobretudo, «Estremanhas», de Raul Campos, que teve que ser repetido, a insistentes pedidos dos ouvintes.

O grupo que actuou neste concerto era composto pelos Srs.: Edmundo de Olim, Agostinho Gonçalves, Carlos Henriques, Julio Barreto, João de Freitas, Roldão Ferreira e Manuel Barreto.<sup>187</sup>

Entretanto, o Grupo Passos de Freitas, ia fazendo as suas actuações por terras que lhe eram familiares. As críticas, também, eram as melhores. Dizia-se que tocava com «virtuosismo» impondo-se sempre à simpatia e admiração do público.<sup>188</sup>

Segundo os documentos analisados, podemos constatar que, tal como o Orfeão, também o Septeto, sofreu um interregno

---

<sup>187</sup> O Jornal, 18 de Setembro de 1934

<sup>188</sup> Diário da Madeira, 10 Outubro de 1934

### 5.3. Um Salto no Tempo



**Septeto Dr. Passos Freitas - Anos 50**

No registo fotográfico, podemos ver os vários elementos do Septeto: sentados e da esquerda para a direita, os Srs.: Álvaro António, Carlos Gonçalves, Edmundo Olim (Director Artístico), Florêncio Abreu; de pé, e também da esquerda para a direita, estão os Srs. Damião Henriques, José da Silva, e João Ferreira. Esta informação foi fornecida pela Sr<sup>a</sup> D. Maria Guida Ferreira, elemento do actual Orfeão Madeirense. Numa consulta ao Jornal da Madeira,<sup>189</sup> podia ler-se a seguinte notícia: “Quando a Câmara Municipal, numa deliberação muito acertada, resolveu descerrar no salão nobre do Teatro Municipal, uma lápide não contava com a colaboração do Orfeão e do Septimino, tanto mais que estes agrupamentos estavam desorganizados.

O Septimino, de tempos a tempos reunia, mas não aparecia, nem se fazia ouvir, com regularidade”.

Segundo nos parece esta realidade prolongou-se durante algum tempo, pois, não encontrámos, em nenhum diário noticioso qualquer notícia alusiva a este grupo. Ou seja, a coincidência dos interregnos de ambos os grupos era uma evidência.

---

<sup>189</sup>Diário da Madeira, 24 de Março de 1953



Nos documentos analisados podemos constatar que em 1953, o Grupo era constituído pelos Srs.: José Florencio de Abreu, 1º Bandolim, João Graceliano Lino, Edmundo Menezes Olim, José Damião Gomes Henriques, Agostinho Carlos Gonçalves, José Martinho Gois e João Ferreira, sob a regência de A. Olim.

Este grupo apresentou-se assim constituído na homenagem póstuma em honra ao Dr. Manuel dos Passos Freitas, tocando peças de autores consagrados, escritas e superiormente orquestradas, especialmente, para instrumentos de palheta.<sup>190</sup>

Retomando o seu afã, o Grupo Passos de Freitas, fez-se aplaudir, nas Festas do Fim do Ano de 1954. Da sua execução fazia parte o seguinte programa:

#### **PROGRAMA (1954)**

1. Los Corsários – Paso-Doble-----**F. Alonso**
2. Serenatas-----**G. Passos**
3. Vira-----Autor desconhecido
4. Fado nº4-----**Raul Campos**
5. Bailarico minhoto-----Autor desconhecido

Sempre ao lado do Orfeão, o Septeto, aparece também nas Festas da Cidade em 1955 onde interpretou, com a mesma qualidade que sempre o caracterizou:

#### **PROGRAMA (1955)**

1. Napoli – Tarantella-----**E. Mezzacapo**
2. Mon Coeur est pour toi. Melodie-----**Lao Silésu**
3. Nocturno opus 19 (nº4)-----**Tschaikowsky**
4. Fado nº 10-----**Raul Campos**
5. Arraial Beirão – Dança Portuguesa-----**Raul Campos**

Este grupo, estritamente madeirense, não só em Portugal, mas também no estrangeiro, goza de merecido apreço e justa admiração.

A prova inequívoca desta afirmação era o facto de se ouvirem, em emissoras radiofónicas estrangeiras, discos que o Septeto Passos Freitas tinha gravado em 1926 e

---

<sup>190</sup>Comércio do Funchal, 29 de Março de 1953

que continuavam a ter aceitação do público apreciador de música de palheta. Assim nos informou o jornal Trabalho e União.<sup>191</sup> De relevar que o Septeto, Passos de Freitas, se mantinha à altura a que já tinha habituado o seu público. A sua qualidade excedia-se com programas muito leves, executados com expressão e verdadeiro sentimento artístico. Este grupo de palheta entusiasmava as plateias que o obrigava sempre a executar números extra.

A sua actuação, traduzia o devotadamente com que os seus componentes trabalhavam para que o Septeto nunca desdisse da sua gloriosa história, mas, pelo contrário, continuasse a afirmar-se, ainda, com mais segurança e maior valor artístico<sup>192</sup>.

Aos sucessos somados juntamente com o Orfeão Madeirense, julgamos importante, acrescentar uma notícia da revista Modas e Bordados, de 29 de Fevereiro de 1956. Aí se pode ler um «Documentário da Madeira», referido já na no capítulo do “Orfeão Madeirense,” onde foca que quanto ao Septeto Dr. Passos de Freitas, foi uma agradável surpresa. Estavam à espera do tradicional conjunto de arco – violoncelos, violinos, viola, talvez uma violela...- e surge no palco um grupo de bandolins, banjo, guitarra e violão. Mas, segundo o que interpretamos, o autor do artigo, gostou de ouvir, e de ver, o Septeto Dr. Passos de Freitas, afinadinho, interpretando apropriado repertório, e tendo ainda o merecimento de mostrar à actual geração uma modalidade antiga que era ali, uma novidade.

Aproximando-nos do final deste trabalho, gostaríamos, ainda, de referir que no concerto de 16 de Junho de 1956, o Septeto apresentou-se na segunda parte do mesmo interpretando obras que pelo seu valor artístico, segundo o Diário de Notícias, fazemos intenção de destacar, isoladamente:

- ❖ Czardas nº2 de A. De Moraes;
- ❖ Canção de Solveig de E. Grieg; Aubade a Mimi de A. Scanola;
- ❖ Serenata a Coimbra de R. Campos e Árias Andaluzas de E. Lucena.
- ❖ A finalizar foi tocado como número extra o «Bailinho da Madeira».<sup>193</sup>

O programa, segundo o diário,<sup>194</sup> e respectiva execução, agradaram, em especial naquelas peças que melhor se prestavam a serem interpretadas com instrumentos de palheta: peças vivas, alegres, de efeitos melodiosos muito expressivos.

---

<sup>191</sup> Trabalho e União, 31 de Dezembro de 1955

<sup>192</sup> Trabalho e União, 31 de Dezembro de 1955

<sup>193</sup> Diário de Notícias, 10 de Janeiro de 1956

<sup>194</sup> O Jornal, 19 de Junho de 1956

Honram, deveras, a Madeira, estes dois Grupos Musicais: Orfeão e Septeto, considerados como únicas relíquias dum passado que foi fértil em manifestações desta natureza, quer a nível, regional, nacional e internacional.

E, se nos tempos áureos de melhor gosto pelas harmonias sónicas, a que correspondia a existência de vários bons grupos de palheta e de duas bandas civis, se fazia música de qualidade, o Septeto e o Orfeão distinguiam-se como as mais representativas revelações do género.

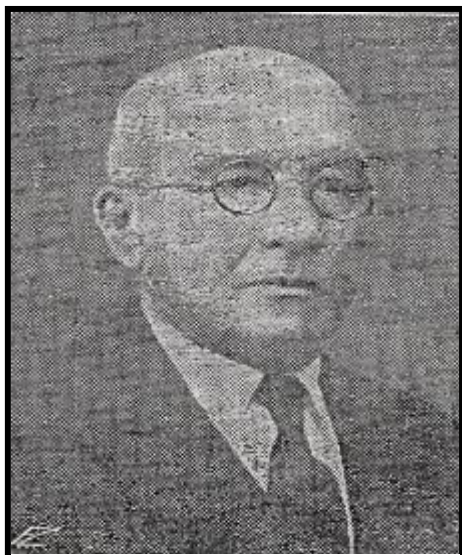
Se eles são os únicos sobreviventes das, cada vez mais graves, calamidades artísticas, das dificuldades económicas, forte entrave de lazeres espirituais e a da insana tendência colectiva para coisas pífias, se agora sós, sem concorrentes, as colectividades em causa têm continuadores dedicados e perseverantes, podemos considerar, com mais convicção que isto é uma espantosa realidade que as tornas mais queridas e admiradas do que nunca.

Deixamos em anexo alguns materiais que serviam de instrumento de trabalho ao Septeto Dr. Manuel de Passos Freitas: livros e partituras (**Ver Anexos de CXIII a CXXV**)

**CAPÍTULO VI**  
**MAESTRO DR. MANUEL PASSOS DE**  
**FREITAS**

## 6.1. Identificação pessoal

Manuel Passos de Freitas, embora em alguns documentos apareça Manuel dos Passos de Freitas, filho de José Joaquim de Freitas e de Sofia Amélia de França e Freitas, nasceu na Calheta a 3 de Março de 1872 e faleceu na sua casa Solarenga do Vale da Bica, Calheta, a 20 de Abril de 1952, com 80 anos de idade.



Dr. Manuel dos Passos de Freitas

Depois de frequentar o Liceu do Funchal, rumou a Coimbra onde se formou em Direito em 1896, tendo-se destacado no meio Coimbrão fazendo parte da Tuna Académica e do Orfeão.

Depois da sua formatura em direito regressou à Madeira, tendo continuado as suas actividades artísticas, onde ingressou num grupo que se tornou célebre, o dos “Cavaquinhos,” sob a regência do professor Agostinho Martins.<sup>195</sup>

Em 1906, formou ele próprio, um grupo de 5 executantes, sob a sua regência e do qual foi o 1º bandolim, tocando, com Alberto de Veiga Pestana 2º bandolim, o Dr. Alfredo Portugal da Silveira e Luiz Nascimento, especialistas em violões e Eduardo de Sousa em bandoleta, quinteto que, pelo seu valor e de acordo com os programas escolhidos, proporcionou magníficos serões artísticos à sociedade de então. Este grupo, foi passando por várias etapas, até que permaneceu com o nome de “Septeto Dr. Passos de Freitas, que teve continuidade até ao início da década de 60. Formou também o Orfeão Madeirense, cuja actividade se prolongou até aos nossos dias.

A inspiração para a criação destes agrupamentos terá vindo da temporada que Passos Freitas frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Mesmo assim, o seu contributo para com esta obra foi de tal ordem que “pode ser considerado como o precursor, criando e desenvolvendo o verdadeiro movimento musical na Madeira.”<sup>196</sup>

<sup>195</sup> Diário de Notícias, 10 de Outubro de 1924

<sup>196</sup> Das Artes e da História da Madeira, nº11, 1952, pág. 38

No entanto, tendo em consideração que a música já era uma arte muito praticada e difundida no Funchal no início do século XX, esta exagerada atribuição de "pioneiro musical" ao advogado madeirense deverá ser entendida à luz do tipo de repertório clássico, que os dois grupos que dirigia interpretavam. Por exemplo, na publicação trimestral "Ilustração Madeirense", de Outubro de 1930 - o articulista Fonseca Duarte defendia que apesar de "não haver rua [no Funchal] onde não se ouça piano [...], o repertório escolhido era acentuadamente caracterizado pelo mau gosto". Perante este cenário negativo, Fonseca Duarte destacava o "heróico esforço do Dr. Passos Freitas".

A qualidade musical dos grupos liderados pelo Dr. Passos Freitas não era apenas constatada por Fonseca, refere o artigo Web.<sup>197</sup>

Jurisconsulto e homem dedicado à música, o Dr. Passos de Freitas foi uma das primeiras pessoas convidadas para fazer parte do Conselho Directivo da Sociedade de Concertos da Madeira, mas recusou dando a desculpa de que se iria retirar para a Calheta e, logicamente, não poderia exercer a sua actividade como devia.

Foi nomeado Sócio Honorário da Sociedade de Concertos pelo Conselho Directivo, em 20 de Dezembro de 1945, como homenagem pelo trabalho reflectido nos serviços prestados à música.

Foi criada a "Academia de Música da Madeira" e de novo foi o Dr. Passos de Freitas convidado a reger a disciplina de Acústica e História da Música; mas, pelo mesmo motivo, recusou o convite com muita mágoa, porque para ele seria ainda um grande prazer ser útil à juventude musical da sua terra.

O Dr. Passos de Freitas, desde muito novo, mostrou aptidão para a música. Em Coimbra conquistou uma situação de invulgar relevo, tanto no que diz respeito à Tuna Académica como ao Orfeão.

Foi durante muitos anos, até à sua aposentação Secretário da Junta Geral. Exerceu também as funções de Juiz de Direito substituto na Comarca do Funchal presidindo a importantes julgamentos.<sup>198</sup>

Depois de se ter retirado das actividades que exercia no Funchal para o seu solar na Calheta, continuou a escrever música e a ensinar grupos locais de amadores em instrumentos de palheta.

---

<sup>197</sup> [www.recursoonline.org/](http://www.recursoonline.org/)

<sup>198</sup> Eco do Funchal, 25 de Outubro de 1925

## 6.2. Simplicidade publicitada

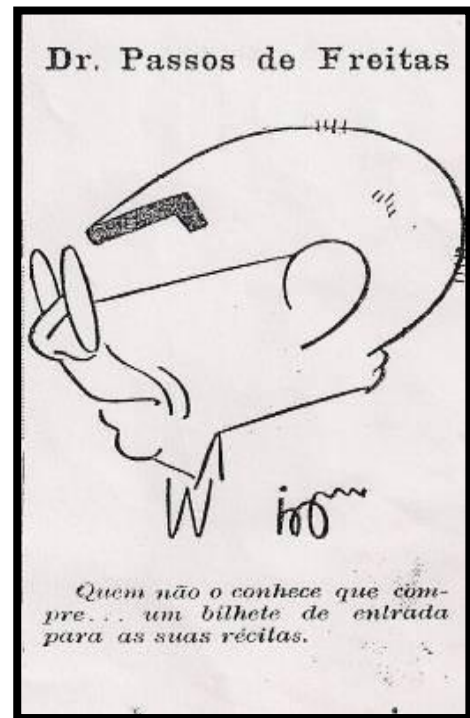
No seu primeiro concerto, não se fizeram rogar os elogios a este maestro, pelo seu saber e extraordinária força de vontade, eram estes alguns dos tantos comentários/elogios a este senhor.<sup>199</sup>

Modesto por temperamento não deixou de, em 1936, ser homenageado pela Câmara Municipal do Funchal, com descerramento de uma lápide no Salão Nobre do Teatro Dr. Manuel D' Arriaga. Perpetuava-se, assim, a sua passagem por numerosos concertos.<sup>200</sup>

Deste senhor da música e das leis, é dito que “...é hoje um grande nome de heráldica da arte portuguesa. Pela atitude do seu espírito apaixonado de artista, pela sólida competência, pelo grandioso apostolado do seu idealismo e da sua acção. Há nessa figura ardorosa de boémio antigo, um idealismo veemente que se polariza em duas obras dinamizadas de beleza vibrando no mesmo ritmo de ansiedades: O Grupo dos Amadores de Musica e o Orfeon Madeirense”<sup>201</sup>.

Mas, o Dr. Passos de Freitas tinha também a tarefa de, após lhe ser fornecida a matéria-prima, pelos ensaiadores, nos ensaios de conjunto, tal como podemos ver nos excertos que, em épocas distintas, nos deixam os registo:

“ (...) o prestígio impressionante da sua regência, esculpida de personalidade, examina, experimenta, corrige, modifica os contornos, esfuma os cambiantes, desenha as minúcias, imprime a ondulação a cor sugestiva, gradua os andamentos, acelera ou atenua a vibração, fluidifica rugosidades, e comunica aos pedaços baços e frouxos, a



Caricatura do Dr. Passos de Freitas

<sup>199</sup> Das Artes e da História da Madeira, nº11, 1952, pág.38.

<sup>200</sup> Voz da Madeira, 15 de Junho de 1952

<sup>201</sup> Voz da Madeira, 18 de Junho de 1952

expressão, a intensidade, a firmeza sem balanço, que todos observaram nos concertos do ano passado”<sup>202</sup>.

“Nota-se no inteligente ensaiador, um temperamento cheio de força de vontade, uma elevada concepção artística e sobretudo um extraordinário methodo de organisador e a propensão para os trechos musicaes de nervosa acentuação, de formas grandiosas e de formidável sonoridade.”<sup>203</sup>

Gostaríamos de acrescentar uma nota que consideramos importante para melhor caracterizar a personalidade deste senhor: “homem probo, digno, afável e acima de tudo distinto cultor da arte musical.”<sup>204</sup>

De forma um tanto ou quanto caricaturada, o Renhau-nhau,<sup>205</sup> diz também que: “Dr. Passos de Freitas – Quem não o conhecer que compre...um bilhete de entrada para as suas récitas.”

Fica-nos, ainda, a impressão positivista do reconhecimento do povo madeirense a esta personagem.

Havia quem o apelidasse de musicólogo, o que efectivamente nos parece um pouco exagerado, pois, concordamos inteiramente com o que é dito num artigo retirado da internet<sup>206</sup>, cujo título do mesmo è: “ Manuel dos Passos Freitas (1872--1952) - "A influência de Coimbra no Funchal". E è o que efectivamente nos parece que tivesse acontecido, pois o referido maestro, chegaria à Madeira imbuído de toda aquela actividade musical vivida em Coimbra, o que provocou nele uma enorme vontade de aplicar na Madeira os conhecimentos adquiridos naquela cidade continental. O referido artigo chamava-lhe “músico-advogado”, o qual consideramos mais adequado do que musicólogo.

---

<sup>202</sup> Diário de Notícias, 9 de Março de 1922

<sup>203</sup> Trabalho e União, 7 de Julho de 1923

<sup>204</sup> Jornal da Madeira de 2 de Março de 1953

<sup>205</sup> 10 de Fevereiro de 1934

<sup>206</sup> [www.recursoonline.org/index.php?Option=com\\_docman&task](http://www.recursoonline.org/index.php?Option=com_docman&task)



# **C**ONCLUSÃO

## **Conclusão**

E, “se a conclusão está nos factos”, tal como nos assevera Freinet, 1967:103, pouco mais haveria que acrescentar.

Com o desenvolvimento deste trabalho, podemos concluir que o Orfeão Madeirense e o Septeto Passos Freitas, ao longo de quase meio século de histórias de vida, tiveram um papel muito importante na sociedade da Madeira.

Para além dos altos e baixos, ou seja, de haver períodos áureos e períodos inactivos, podemos constatar que sempre que quando havia um espectáculo de qualquer um destes agrupamentos, a sala onde este se realizava, enchia completamente.

É de referir que as viagens efectuadas por estes dois grupos tinham sempre uma razão de ser muito forte. De grande interesse cultural, animavam o Teatro Municipal, (principal sala de espectáculos da época) e outros espaços, repletos de gente ávida de eventos significativos que elevassem os sentimentos espirituais mais profundos, numa época em que a monotonia se fazia sentir de uma forma bem evidente.

São vários os eventos relatados em toda a imprensa escrita de então.

Do Orfeão, há que salientar a participação em numerosos convívios e espectáculos de beneficência, nas Festas da Cidade do Funchal, que se realizavam nos finais do ano, entre muitos outros eventos que deixamos concretizados nos respectivos capítulos desta investigação. Para além disso destaca-se a viagem efectuada às Ilhas Canárias em 1922, embora se perspectivassem outras de igual interesse incluindo uma ao Território Nacional.

Quanto ao Septeto, para além de Londres e Paris, deslocou-se também ao Continente, nomeadamente a Lisboa, onde efectuou vários espectáculos.

Mas, do nosso trabalho, consta também um capítulo sobre o Dr. Manuel dos Passos de Freitas, fundador dos dois grupos referidos anteriormente.

Sendo assim o nosso trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: nos capítulos primeiro e segundo, referimos aspectos meramente teóricos: Estudo da questão a investigar e metodologia e Recolha de dados, respectivamente; no capítulo terceiro referimo-nos à Música na Madeira tendo como objectivo enquadrar o Orfeão e o Septeto; o quarto capítulo, dedicamo-lo inteiramente ao Orfeão Madeirense, onde é

referida toda a sua actividade; o quinto capítulo faz referência ao grupo Dr. Manuel Passos de Freitas, uma vez que era indissociável do Orfeão e por último achamos conveniente dedicar um capítulo (o sexto) ao maestro dos dois grupos, os quais estiveram na base deste trabalho.

O passado não nos parece indigno do presente e eleva-nos, de algum modo, acima do que, em média e em função das diferentes épocas foi a vida musical madeirense ao longo dos tempos a que o nosso trabalho se reporta.

A grande lição que os nossos antepassados nos legaram constitui, decerto, uma das fontes inspiradoras dos tempos presentes e vindouros. Assim saibamos todos nós aprender a grandiosidade das suas lições de vida, numa época em que as vias de comunicação, onde se incluem as linguísticas, apresentavam dificuldades que só impulsos verdadeiramente arrojados conseguiam ultrapassar.

Por outro lado, encontramos neste tipo de investigação qualitativa, concretizada na recolha e tratamento de dados, razões mais que justificativas à necessidade de registos atempados, devidamente arquivados e abertos a uma consulta que dê validade a futuras investigações. A música e os músicos necessitam da confiança do povo que os ouve, do povo que os canta.

Os poucos meios de registo utilizados, à época, levaram, decerto, à perda de um espólio rico e de documentos de interesse que poderiam ser uma mais-valia para o progresso cultural das gerações que se seguiram.

A importância sociocultural, a vida e a história das colectividades musicais madeirenses são um tema pouco abordado e, por conseguinte, pouco conhecido, sobretudo em relação àquelas que se extinguiram ou que não se encontram em actividade, são palavras e ideias que conseguimos apurar de Manuel Pedro S. Freitas (2008).

Tal como podemos ler nos seus depoimentos, foi através das notícias dispersas nos jornais, a propósito de efemérides e de espectáculos que, esporadicamente, se realizavam no âmbito geográfico mais restrito ou mais alargado além fronteiras terrestres que recolhemos algumas das informações que emolduram o nosso trabalho.

Também nós consideramos que são em número muito reduzido as publicações que versam esta temática. De qualquer forma, consideramos que por mais artigos ou publicações que surjam, a história dos grupos permanecerá sempre incompleta. Acresce

o facto de que os protagonistas referenciados nos deixaram como legado a sua obra que vale a pena redescobrir e divulgar.

São estas boas razões, as razões mais que justificativas para o trabalho que temos em mãos. Tudo quanto conseguimos apurar foi retirado com alguma dificuldade dos documentos que se encontravam completamente esquecidos em armários, caixotes, gavetas mais esquecidas ainda. Durante o seu passar pudemos:

1. Reaver e reavivar memórias que não se perderam, mas que se ignoravam.
2. Reatar laços de complementaridade com um passado riquíssimo em termos culturais e sociais;
3. Abrir caminhos a outros agentes investigativos que pretendam valorizar um património artístico esquecido no tempo;

Todo este percurso nos tem oferecido uma satisfação imensamente indescritível. Através de uma análise mais ou menos profunda desses documentos a que tivemos oportunidade de aceder poder-se-á compreender um sentido de vida tão diferente das nossas actualidades. O esforço, a motivação, a persistência, a perseverança, o entusiasmo sempre redobrado na execução das diferentes tarefas, pormenorizadamente programadas, artisticamente apresentadas, pela gratidão expressa em cada notícia produzida após cada espectáculo, foi o que demos a conhecer neste trabalho.

Há, decerto, que reconhecer, com toda a humildade que nos caracteriza, que nem tudo foi tratado com a profundidade merecida, muito menos desejada, por nós próprias.

Porém, foi o possível. Sentimo-nos felizes, porque trabalhamos um tema que reconhecemos de uma actualidade sem limites, numa época em que nos parece que tudo sai facilitado e, ingloriamente, desperdiçado.

Essa foi uma das lições que aprendemos. Quiçá a mais importante!

# **B**IBLIOGRAFIA E FONTES

## **1. Fontes Manuscritas**

### **1.1. Secção de Apoio aos Órgãos Autárquicos – Actas.**

- Livro de Actas de 3 de Abril de 1920 a 21 de Abril de 1921 da Câmara do Funchal – Acta da Sessão da Comissão Executiva de 7 de Abril de 1921.
- Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 30 de Junho de 1921;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 26 de Janeiro de 1922;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 23 de Fevereiro de 1922;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 2 de Março de 1922;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 30 de Março de 1922;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 15 de Junho de 1922;
- Livro de Actas de 12 de Julho de 1923 a 23 de Outubro de 1924 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 7 de Fevereiro de 1924;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 28 de Fevereiro de 1924;
- Livro de Actas de 30 de Outubro de 1924 a 6 de Setembro de 1926 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 28 de Maio de 1925;
- Livro de Actas de 13 de Setembro de 1926 a 18 de Julho de 1927 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 6 de Junho de 1927;
- Livro de Actas de 11 de Fevereiro de 1929 a 21 de Outubro de 1929 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 10 de Setembro de 1929;
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 7 de Outubro de 1929;
- Livro de Actas de 9 de Maio de 1933 a 20 de Fevereiro de 1934 da Câmara do Funchal:

- Acta da Sessão da Comissão Executiva de 23 de Janeiro de 1934;
- Livro de Actas de 11 de Outubro de 1934 a 23 de Maio de 1935 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 22 de Novembro de 1934;
- Livro de Actas de 6 de Junho de 1935 a 13 de Fevereiro de 1936 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Executiva de 5 de Dezembro de 1935;
  - Acta da Sessão da Comissão Administrativa de 12 de Dezembro de 1935;
- Livro de Actas de 19 de Março a 17 de Dezembro de 1953 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Administrativa de 19 de Março de 1953;
- Livro de Actas de 30 de Setembro de 1934 a 12 de Maio de 1955 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Administrativa de 30 de Dezembro de 1954;
- Livro n.º 51 – 19 de Março a 17 de Dezembro de 1953 da Câmara do Funchal:
  - Acta da Sessão da Comissão Administrativa de 19 de Março de 1953;
- Livro n.º 54 – 19 de Maio de 1955 a 26 de Janeiro de 1956 da Câmara do Funchal:
  - Acta de 19 de Janeiro de 1956;
- Livro n.º 55 – 26 de Janeiro 26 de Julho de 1956 da Câmara do Funchal:
  - Acta de 7 de Junho de 1956;
- Livro n.º 56 – 26 de Julho de 1956 a 31 de Janeiro de 1957 da Câmara do Funchal:
  - Acta de 10 de Janeiro de 1957;
- Livro n.º 58 – 26 de Setembro de 1957 a 8 de Maio de 1958 da Câmara do Funchal:
  - Acta de 28 de Novembro de 1957;

- Acta de 2 de Janeiro de 1958;
- Livro n.º 58 – 26 de Setembro de 1957 a 8 de Maio de 1958 da Câmara do Funchal:

## **1.2. Arquivo regional do Funchal**

- Correspondência Expedida 1921-1924

## **2. Fontes Impressas**

Lei nº1941 de 11 de Abril de 1931

Ofício nº714, Lº19 de 31 de Agosto de 1955

## **3. Bibliografia Auxiliar**

AMARAL, Kleide Ferreira do Amaral (1991). *Pesquisa em Música e Educação*. São Paulo. Edições Loyola.

BELL, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Gradiva. Lisboa.

BENITO, Escolano, A. (2002). “*La Educación Deseada*”. In A. Escolano Benito, J. M. Hernández Díaz (Coords), *La memoria y el Deseo, Cultura de la Escuela y Educación Deseada*. Valência, Tirant lo Blanch. (pp. 267-285).

BORGES, H. P. (s/d) *Encontros da Eira: Música Tradicional Madeirense*. Funchal. Grafimadeira.

BRANCO, João de Freitas (1995). *História da Música Portuguesa*. Mem-Martins. Publicações Europa-América.

BRESSAN, Wilson (1989). *Educar cantando*. Rio de Janeiro. Editora Vozes Lda.

CARDOSO, José Maria Pedrosa (2010). *História Breve da Música Ocidental*. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.

CARITA, Rui (2008). “Introdução”. In M. MORAIS (coord.). *A Madeira e a Música*. Funchal 500 Anos, 2008 (pp: 011-017).

CARVALHO, Mário Vieira de (1978). *Estes sons, esta linguagem*. Lisboa. Editorial Estampa.



- CLARA, Isabel Santa (2008). “Olhar a Música. Uma perspectiva sobre a Iconografia Musical da Madeira.” In, M. MORAIS, (coord). *A Madeira e a Música*. Funchal 500 Anos, 2008 (pp. 143-194).
- CLODE, Luiz Peter (s/d) *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses sécs XIX e XX*. Edição da Caixa Económica do Funchal, 1983.
- CLODE, Luiz Peter (1952). *Das Artes e da História da Madeira, Vol. II*, Fascículo 11. Funchal. Edição “O jornal”.
- CLODE, Luiz Peter (1950-1951). *Das Artes e da História da Madeira, Vol. I - 1º Ano*. Funchal. Edição “O Jornal”.
- D’ALMEIDA, António Victorino (1993). *O que é a Música*. Lisboa. Difusão Cultural.
- ECO, Umberto (1982). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Porto. Editorial Presença,
- FERNANDES, Danilo (2008). *Da Investigação à Divulgação do Folclore Madeirense*. In M. MORAIS (coord). *A Madeira e a Música*. Funchal 500 Anos, 2008 (pp. 545-560).
- FREINET, Célestin (1976). *O Jornal Escolar*. Lisboa. Editorial Estampa.
- FREITAS, António Aragão/VIEIRA, Gilda França (1984) *Madeira-Investigação Bibliográfica, catálogo por assuntos, Vol. II*. Funchal. Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Centro de Apoio de Ciências Históricas.
- FREITAS, Manuel Pedro Silva (2008). *Grupos Musicais Madeirenses entre 1850 e 1974*. In M. MORAIS (coord). *A Madeira e a Música*. Funchal 500 Anos, 2008
- GORDON, Edwin E.(2000). *Teoria de Aprendizagem Musical, competências, conteúdos e padrões*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- MERRIAM, Alan P. (1964). “*Social Behavior: The Musician*” In *The Anthropology of Music*. Evanston, Illinois. Northwestern University Press. Pp. 123-144.
- KEMP, Anthony E.(1995). *Introdução à investigação em Educação Musical*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- LIVROS DA CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA DA CÂMARA MUNICIPAL DO FUNCHAL.
- MORAIS, M. (coord.) (2008). *A Madeira e a Música*. Funchal. Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.
- NOT, Louis (1991). *Ensinar e Fazer Aprender*. Porto. Edições ASA.

PEREIRA, Eduardo Clemente Nunes (1989). *Ilhas de Zargo*. Funchal. Câmara Municipal.

RAUGEL, Félix (1958). *Le chant choral – Que sais-je?*. Paris. Presses Universitaires de France.

SANTOS, Carlos Maria (1937). *Tocares e cantares da ilha. Estudo do folclore da Madeira*, Funchal. ed. Autor.

SOARES, Maria Fernanda Martins/FERREIRA, Vítor Wladimiro (2000). Grande Dicionário Enciclopédico. Alfragide. Clube Internacional do Livro.

SILVA, Fernando Augusto da/MENEZES, Carlos Azevedo de, (1984). *Elucidário Madeirense*. Vol. I, Funchal. Fac-símile da Edição de 1946, Vol. II, Vol. III.

SILVA, João Arnaldo Rufino da (1998). *Cânticos religiosos do Natal Madeirense*. Funchal. Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

SARDINHA, Vítor/CAMACHO Rui (2001). *Rostos e Traços das Bandas Filarmónicas Madeirenses*. Funchal. Associação Musical e Cultural Xarabanda: Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

SUSSAMS, John E. (1983). *Como fazer um relatório*. Lisboa. Editorial Presença.

VACKEL, Platão de (1869). *Gazeta da Madeira*.

VÁSQUEZ, Julia Bernal/NIÑO, Maria Luisa Calvo (2000). *Didáctica de la Expression Musical*. In, L. Rico Romero, D. Madrid Fernández, *Fundamentos Didácticos de Las áreas curriculares*. Madrid. Editorial Síntesis, (pp.209-248).

### **3.1. Artigos**

BENTO, Horácio (1953) “*O homem, a música e o ambiente*”. *Diário da Madeira*, 28 de Março.

DUARTE, Fonseca (1930) “*Movimento Musical da Madeira*”. *Ilustração Madeirense*.

JOHNSON, James Yate (1885). *Handbook for Madeira*.

ABREU, João Carlos Nunes (2004). “*O Folclore na Madeira*”. *Jornal da Madeira*.

### **3.2. Entrevistas**

Edmundo Barros e Sousa de Olim em 18 de Outubro de 2008.

Madalena Gomes Henriques em 10 de Novembro de 2008.

João Victor Costa em 16 de Abril de 2009

Guida Ferreira em 10 de Março de 2010.

### **3.3. Alguns Sítios na Internet**

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs\\_de\\_Freitas\\_Branco](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_de_Freitas_Branco)

<http://pt.wikilingue.com/es/Coro#Hist.C3.B3ria>

[www.recursoonline.org](http://www.recursoonline.org)

<http://www.ceha.madeira.net/elucidário/m/mus8.htm>.

### **4. Gravação**

*Palestra Radiofónica* (1956), 13 de Junho.

### **5. Periódicos**

*A Luz* (1921), 5 de Julho.

*A Mocidade*, (1928). A Música e a Madeira.

*Arte Musical*, nº84, ano 3, 30 de Abril de 1930.

*Comércio da Madeira* (1921), 8 de Abril, 28 de Abril, 30 de Abril, 06 de Julho, 08 de Julho, 10 de Julho, 30 de Julho, 9 de Outubro.

Id. (1922), 27 de Abril, 08 de Dezembro.

*Comércio do Funchal* (1953), 29 de Março.

*Crónica de Arte* (1922), Agosto.

*Correio Desportivo* (1954), 31 de Maio.

Id. (1956), 05 de Julho.

Id. (1957), 18 de Fevereiro.

*Correio das Ilhas* (1957), 15 de Fevereiro.

*Correio da Madeira* (1922), 08 de Março, 1 e 30 de Abril, 20 e 23 de Maio, 05 e 06 de Julho.

Id. (1928), 25 de Julho.

*Correio das Ilhas* (1957), 15 de Fevereiro.

*Diário de Lisboa* (1922), 16 e 25 de Março.

*Diário da Madeira* (1913), 9 de Março.

Id. (1923), 4 e 7 de Julho.

Id. (1929), 8,24 e 30 de Novembro.

Id. (1931), 10 de Outubro.

Id. (1932), 24 de Outubro.

Id. (1933), 1 de Janeiro.

Id. (1934), 12 e 19 de Janeiro e 10 de Outubro.

Id. (1935), 1 e 5 de Janeiro e 31 de Dezembro.

Id. (1936), 16 de Janeiro.

Id. (1953), 24 de Março.

*Das artes e da história da Madeira*, vol.II, págs. 33, 34, Junho 1950.

*Das artes e da história da Madeira*, vol.I, pág.24, Janeiro 1950.

*Das artes e da história da Madeira*, nº11, pág.38, 1952.

*Diário de Notícias* (1921), 5 de Abril, 5, 8 e 10 de Julho, 14 e 15 de Outubro.  
Id. (1922), 9 e 12 de Março, 26 e 27 de Abril, 18 e 26 de Maio, 1 de Junho e 4 de Julho.  
Id. (1923), 3 de Janeiro, 24, 25 e 27 de Junho e 4 de Julho.  
Id. (1924), 6 de Janeiro, 23 de Fevereiro, 12 de Março e 19 de Outubro.  
Id. (1925), 25 de Agosto.  
Id. (1928), 12 de Maio e 17 de Julho.  
Id. (1935), 31 de Dezembro.  
Id. (1936), 12 e 19 de Janeiro.  
Id. (1953), 28 de Março e 11 de Abril.  
Id. (1954), 24 de Junho.  
Id. (1955), 28 de Dezembro.  
Id. (1956), 10 de Janeiro, 12 de Março, 14 e 17 de Junho.  
Id. (1957), 23 de Janeiro, 6 e 8 de Fevereiro, 3 e 19 de Outubro, 30 e 31 de Dezembro.

*Eco do Funchal* (1953), 26 de Março.  
Id. (1954), 28 de Maio.  
Id. (1955), 1 de Janeiro.  
Id. (1956), 19 de Março, 10 de Junho e 10 de Agosto.  
Id. (1957), 20 de Fevereiro.

*Ilustração madeirense*, (1930). Movimento Musical da Madeira.  
*Ilustração madeirense*, nº2, págs. 10, 11, 20, 1948.

*Jornal da Madeira* (1923), 1 de Julho.  
Id. (1927), 06 de Março.  
Id. (1953), 24 de Março e 12 de Abril.

Id. (1954), 30 de Dezembro.

*Jornal de Notícias* (1922), 21e 26 de Abril, e 1 de Junho.

«*Modas e Bordados*», 29 de Fevereiro de 1956

*O Comércio da Madeira* (1921), 7 e 8 de Abril.

Id. (1928), 28 de Julho.

*O Jornal* (1921), 29 de Dezembro.

Id. (1931), 15 de Maio.

Id. (1933), de 15 de Junho.

Id. (1934), 25 de Janeiro e 7 de Fevereiro.

Id. (1935), 31 de Dezembro.

Id. (1936), 15 de Janeiro.

Id. (1956), 15 e 19 de Junho.

Id. (1957), 24 e 27 de Janeiro, 19 de Fevereiro, 10 e 20 de Dezembro.

*O Povo* (1934), 7 de Fevereiro, 20 e 31 de Dezembro.

*O Proletariado* (1923), 30 de Junho.

*O Retalhista* (1920), 3 de Março.

*Renhau-nhau* (1935), 9 de Janeiro, 10 de Fevereiro e 31 de Dezembro.

Id. (1936), 11 de Janeiro.

*Revista Girão*, (1990). Revista de temas culturais do Concelho de Câmara de Lobos.  
Nº4,1º semestre.

*Revista Ilustração Madeirense*, (1930), Nº2. Editores companhia de Petróleos da Madeira, Lda. Funchal.

*Revista música, psicologia e educação*, (2001). Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical. Porto, N°3.

*Trabalho e União* (1922), 11 de Março.

Id. (1923), 7 de Julho.

Id. (1928), 8 de Dezembro.

*Tribuna do Povo* (1955), de 31 de Dezembro.

*Voz da Madeira* (1952), 18 de Junho.

Id. (1953), 27 de Abril.

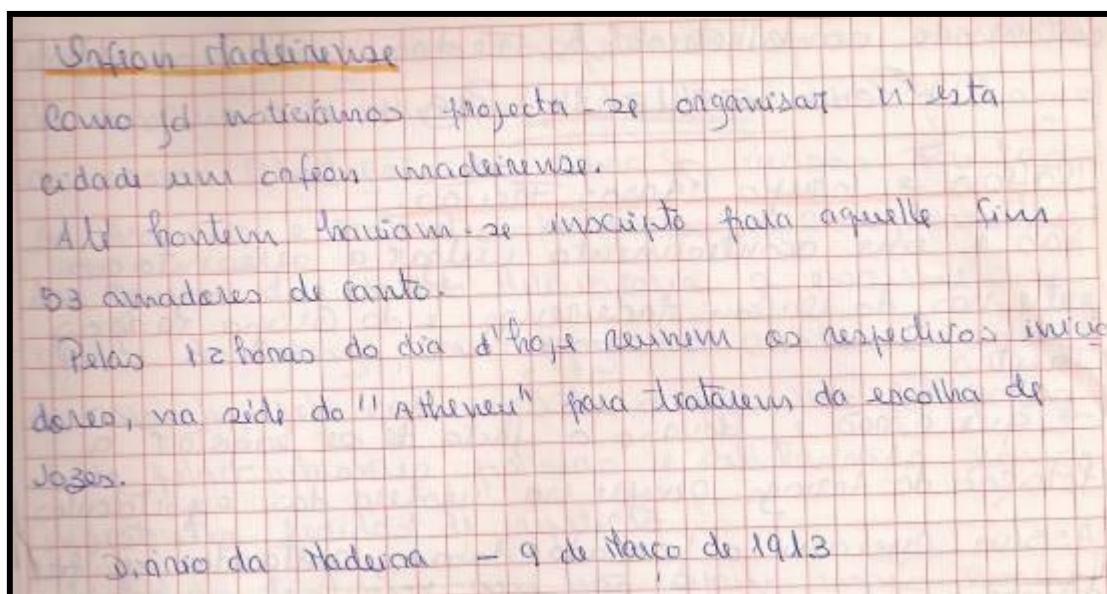
Id. (1956), 30 de Novembro.

Id. (1957), 26 de Janeiro e 20 de Setembro.

# **ANEXOS DOCUMENTAIS**



## ANEXO I



**Documento 1 – Artigo do “Diário da Madeira” de 9 de Março de 1913**

### Transcrição do documento 1

Orfeon Madeirense

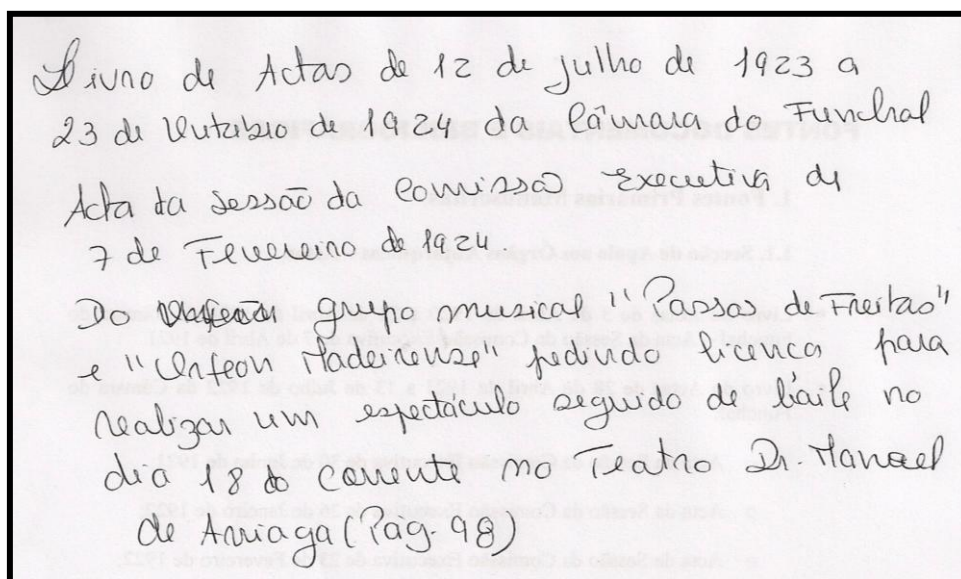
Como já noticiámos projecta-se organizar n’esta cidade um orfeon madeirense.

Até hontem haviam-se incripto para aquelle fim 53 amadores de canto.

Pelas 12 horas do dia d’hoje reúnem os respectivos iniciadores na sede, do “Atheneu” para tratarem da escolha de vozes.

Diário da Madeira – 9 de Março de 1913

## ANEXO II

A photograph of a handwritten document on aged paper, enclosed in a black rectangular border. The text is written in cursive and is organized into three distinct paragraphs. The first paragraph describes a book of minutes from the Funchal Municipal Chamber. The second paragraph mentions a request for a license from a musical group. The third paragraph provides details about a performance at a specific theater.

Livro de Actas de 12 de julho de 1923 a  
23 de Outubro de 1924 da Câmara do Funchal  
Acta da sessão da Comissão Executiva de  
7 de Fevereiro de 1924.  
Do ~~Orfeão~~ grupo musical "Passos de Freitas"  
e "Orfeon Madeirense" pedindo licença para  
realizar um espectáculo seguido de baile no  
dia 18 do corrente no Teatro Dr. Manoel  
de Arriaga (Pág. 98)

Documento 2 – Arquivo da Câmara Municipal do Funchal

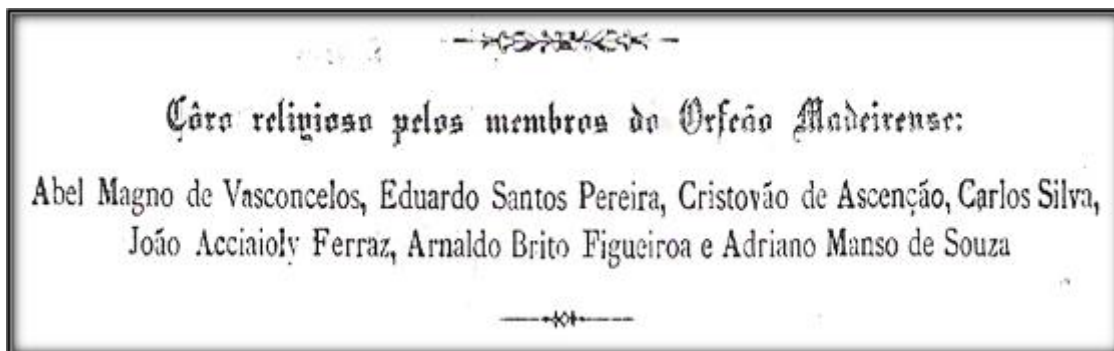
### Transcrição do documento 2

Livro de Actas de 12 de Julho de 1923 a 23 de Outubro de 1924 da Câmara Municipal do Funchal

Acta da Sessão da Comissão executiva de 7 de Fevereiro de 1924

Do grupo musical "Passos de Freitas" e Orfeon Madeirense" pedindo licença para realizar um espectáculo seguido de baile no dia 18 do corrente no Teatro Dr. Manoel de Arriaga (Pág. 98)

### ANEXO III



**Documento 3 – *Membros do Orfeão Madeirense, pertencentes ao coro religioso -***  
**Arquivo do Orfeão Madeirense**

#### Transcrição do Documento 3

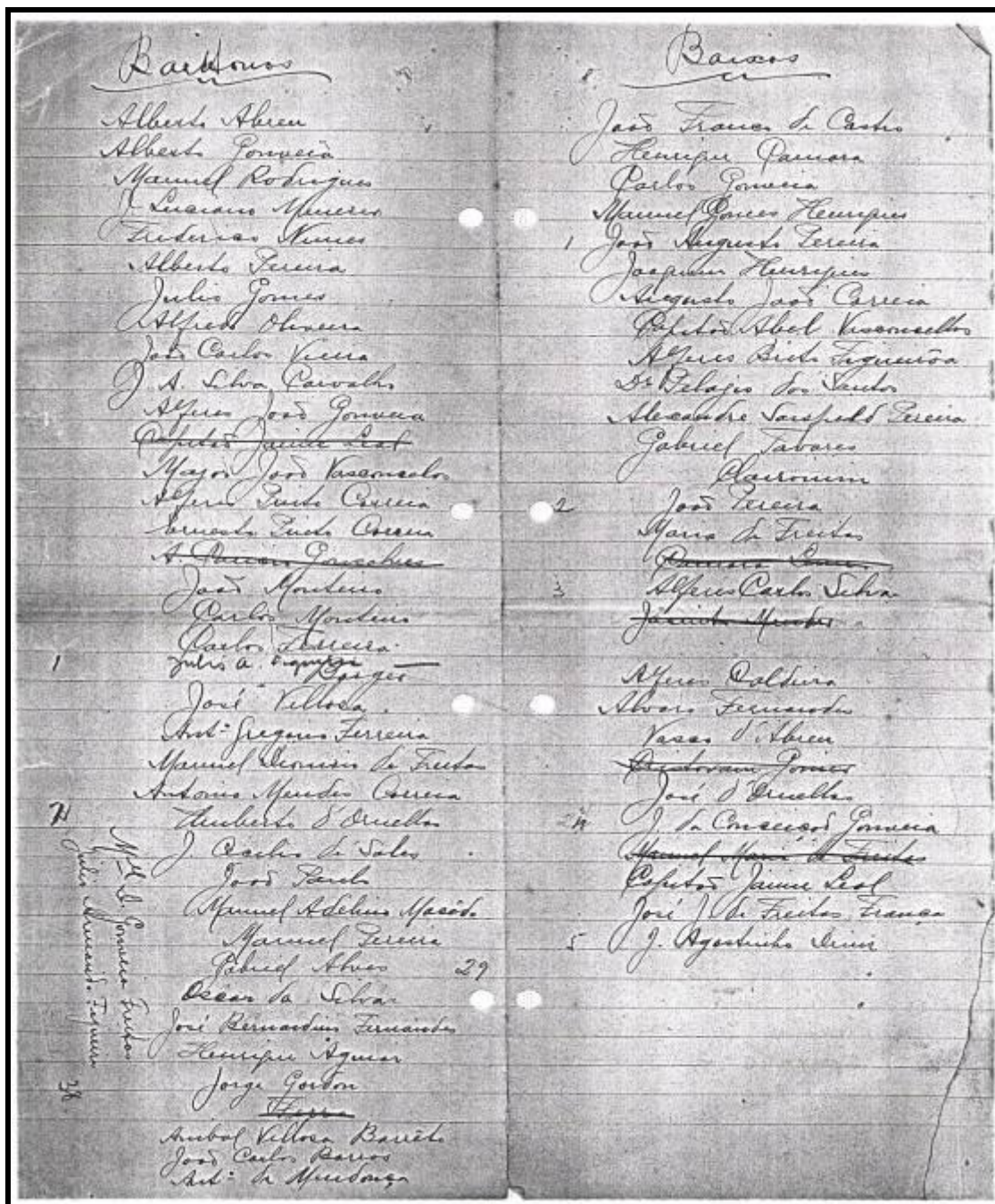
#### **Coro religioso pelos membros do Orfeão Madeirense:**

Abel Magno de Vasconcelos, Eduardo Santos Pereira, Cristovão de Ascensão, Carlos Silva, João Acciaioly, Arnaldo Brito Figueiroa e Adriano Manso de Souza

ANEXO IV

Orfeão Madeirense	
1 <sup>o</sup> Tenente	2 <sup>o</sup> Tenente
Gabriel Henriques	Antão Augusto
1. Alfredo Guerre	Manuel Bernardino
Pedro António Rodrigues	Luís Costa ?
Augusto de Azevedo	Manuel Sardinha
Eduardo Reis	Henrique Martins
Alvaro Gomes ?	José Joaquim de Sousa
Adriano Gomes	António Rodrigues Alves
Eduardo Rodrigues	Agar Paula Marques
Rui Figueira	Alfonso Gomes
<del>Luís de Sá</del>	Margot Reis
2. J. José Nunes Pereira	Luís Nobrega
José Assis de Sousa	Marcelo Caldeira
Vasco Queiroz	Barbomem Ribeiro
Romário	Thomas S. Allen
Teresa ?	Teresa
Agostinho Almeida	Teodoro Fernandes ?
Rui Gomes	Alberto Pereira
Luís de Albuquerque	Francisco Sardinha
Anselmo Vieira ?	Luís de Freitas (veterano)
3. Marcos Caldeira	António Gonçalves Rocha
Luís de Freitas	Jaime S. de Sousa
Agostinho Almeida	Luís Rodrigues de Sousa
Luís Francisco Xavier	Vasco Albuquerque
Luís Augusto	José Anselmo Nobrega
Fredinando Pereira	Alfredo P. de Silva
Eduardo C. Gomes	Vicente P. de Silva
António Brito	Francisco de Sousa Junior 3
Luís Para Branca	Alvaro Fernandes
4. Agostinho Almeida 28	28. José de Sousa Pereira
Marcos Gomes	Alfredo P. de Sousa ?
Pedro Andrade	Luís Costa
Luís Camacho ?	José de Albuquerque
Edmundo Júlio Almeida ?	José de Camargo Junior
Roberto de Almeida ?	Figueira Junior
5. José de Costa 33	C. Müller
Luís de Almeida	António Gomes Figueira
António Fernandes	

Documento 4 a – Nomes dos elementos da constituição por naipes do Orfeão Madeirense o – Arquivo do Orfeão



Documento 4 b – Nomes dos elementos da constituição por naipes do Orfeão  
 Madeirense o – Arquivo do Orfeão

<p>Quinta-feira</p> <p>9</p> <p>MARÇO</p> <p>1922</p>	<p>Redactor Principal</p> <p><b>Ciriaco de Brito Nobrega</b></p> <p>Secretario da Redacção e Editor</p> <p><b>José da Silva Coelho</b></p> <p>Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprensa</p> <p>Rua da Alfândega No. 8</p>
---	--

**VIDA ARTISTICA**

## O ORFEON MADEIRENSE

### A sua vida íntima desfraldada, numa entrevista

No *Golden Gate*, quasi deserto, ao cair da noite. Meia dúzia de mesas, a que se agrupam varios cavalheiros de aspecto sorumbatico, remocendo os ultimos telegramas chegados de Lisboa. Faz-se um grande consumo de politicos e de *champagne-laranja*, em vozes lentas, apagadas, e maneiras entuosas de velhos jogadores de gamão. A falta de turristas, um imenso tédio enche o café, de ponta a ponta. As mesas dão a impressão de tragico-maritimo, de *ajungada* de naufrégios, conciliabulo, qual detenha de ser tragado para matar a fome aos restantes. E neste cenário macabro de *Nau Catrineta*, faz-se uma má lingua, sem verde e sem saúde, doentia e magrumba, como um desdójo de reumatismo e decepções insuportaveis.

Arrumados contra o balcão, as bocas encanaradas em bocejos, immobilizadas á Jazia de caritativas de *Notre-Dame*, os criados produzem no meu espirito a cómica illusão de *surjorettes* de *pin-pain-pain*. Ao centro da sala, encadernado na edição de luxo dum magnifico cheviote inglês, fabricado na Covilha, um peraltas de cabelo ás pastinhas, debruça-se por sobre a mesa, com um ar muito estúpido de mancoço charadista, tentando decifrar o meu perfil num exemplar dos *Bosquejos* da minha gentil camarada, M.lla Loup. Um homemsinho flácido, gordanchudo, ostentando nas beicças da gelia a expressão enfiada dum novo rico, biscaño e lanfardo, pousa na minha frente, a sós com uma garrafa de cerveja, tendo a figura sinistra de quem vela uma urna funerária.

O café está exgotado até ás fezes e eu preparo-me para levantar ferros, cansado de percorrer todas aquellas caras, como quem folheasse o numero já velho duma revista de caricaturas, quando

rios, lojas de comerciantes, teatros, cafés, por toda a parte onde se podia fi-lar uma garganta disposta a entrar na forma. Em breves dias, antecorávamos uma vasta *troupe* de duzentos comparsas, muitos dos quais foram desertando á formiga, autênticos *lázarus* desbaratados pela indolencia, falhos da coragem que se impunha para a submissão ao regime disciplinado de trabalho, exigido nos ensaios. Foram-se os renegados. Ficamos com metade. Uma metade rija como o quadrado de Lambertoune.

Então, um elenco de cento e tantas figuras.

Em que se destacam alguns *estrelas* de primeira grandeza. O Carlos Silva, chefe dos *quizes*, intelligencia, esmerpuloza e franca, duma compreensão artistica larga de horizonte, donatário dum orgão vocal, rico de pureza e de esmalte, empastado e volúncio. O Gustavo Coelho, fino espirito de artista, quasi apagado no sedentismo atrofante do nosso burgo, e que além de nos presentear com a encantadora *Canção do Ferreiro*, da sua autoria, orthonisou o *Rap-plan* dos *Huguenotes*, de Meyerbeer e o *Caro dei Soldati* de Fausto de Grond, e a *Damnation de Faust*, de Berlioz. O capitão Pereira, o Jaime Leal, o Cortes de Gouvea, esplendidas organizações de missionários da Arte, ensaiadores, tenazes a quem se deve o trabalho de encaixar na cabeça, durante uma longa successão de meses, em noites dilatadas de paciencia, todo um enorme repertorio de agrupamentos dos seus naipes, onde se meia dúzia quando muito, sabra ler o hieroglifos dos papéis, pantados de muscaas. Ninguém concebe a exaustiva bntalidade dessas tarefas, arriscando as vozes domesticando as memórias, introduzindo as partituras em cada cerebro.

Documento 5 – Conversa sobre o Orfeão Madeirense

-- Arquivo do Orfeão



# Orfeon Madeirense

**Volta brevemente a ter ensaios**

Após uma temporada de férias, volta brevemente a reunir no Teatro Funchalense o *Orfeon Madeirense*, que continuará a ensaiar sob a habil batuta do sr. dr. Passos Freitas.

A ideia da ida a Canarias ou Açores, do *Orfeon Madeirense* radica-se cada vez mais no espirito dos seus organizadores, parecendo que será um facto dentro em breve.

Documento 6 – *Ensaio* – Arquivo Regional do Funchal

## ANEXO VIII

*Processo Civil de Servidão*  
Excelentíssimo Senhor Alcaide da ~~Município~~ ~~Real~~, ~~Invicta e Bene-~~  
~~fica~~ ~~Cidade~~ ~~de~~ ~~Santa~~ ~~Crus~~ ~~de~~ ~~Tenerife~~: *Tenerife*

Consinta que no começo deste officio eu saude em Vossa Excelencia todo o Povo de Hespanha. Raça de tradições gloriosas— recordo neste momento toda a sua Historia altívola de belleza. Desfilam deante dos meus olhos deslumbrados, numa galeria maravilhosa de painéis, toda uma theoria ~~de~~ ~~minosa~~ ~~de~~ ~~Santos~~, ~~de~~ ~~Artistas~~, ~~de~~ ~~Batalhadores~~, vibrantes dum alto idealismo e duma magnifica Fé Patriótica, erguendo a Hespanha sobre o mundo e redimindo a Humanidade pelo apostolado da sua Crença e da sua Arte e pela universalização civilizadora das suas Descobertas e das suas Conquistas. Patria de aventura e de heroismo, Patria esplendorosa e bendita, illuminando o globo com o clarão espiritual dos seus Philosophos, dos seus Pintores e dos seus Homens de Letras.

Portugal é um Povo irmão da Hespanha e em país nenhuma como o nosso se pôde comprehender e amar tão perfeitamente a épica Alma Hespanhola. Ha muito que o meu espirito vem registando, na exaltação dum grande prazer, tanto à quea como à lem fronteiras, um movimento intenso e fecundo de aproximação entre os dois Povos, mutuamente se estendendo os braços, na certeza fulgurante da communhão do seu passado e do seu destino historico. O congresso scientifico luso-hespanhol e a exposição de Arte Catalã, recentemente celebrada no Continente da Republica Portuguesa sam as ultimas etapas dessa fraternização das duas Nacionalidades, polarizadas em aspirações identicas de Progresso e de Belleza.

Póliticos e pensadores de ambas as Patrias reconhecem que o tem

Documento 7a - Correspondência sobre a ida do Orfeão às Canárias - Arquivo do Orfeão



## ANEXO IX

po já de fechar o cyclo dos nossos antagonismos, raagando deante dos dois Povos um caminho em que ambos possam marchar de par numa intima collabora-  
ção que a geographia, a anthropologia e os interesses collectivos decidida-  
mente nos impõem. E' preciso que essa alliança não afrouxe e dia a dia se  
vá radicando no intercambio de manifestações intellectuais e economicas,  
numa união a que os tratados darão mais tarde a estabilidade necessaria  
para que no Occidente da Europa um bloco homogeneo de Nacionalidades af-  
fins se possa erguer na balança da politica internacional contrapesando  
o imperialismo absorvente das grandes potencias.

E' por isso que, na qualidade de supremo magistrado do archipe-  
lago da Madeira, tenho o maior jubilo em poder concorrer para esse estre-  
tamento de relações levando até junto da mais alta Auctoridade dessa <sup>Madeira</sup> ~~Madeira~~  
gnifico florão da Corôa de Hespanha, ~~que são as Canarias~~, o pedido que aca-  
ba de me fazer a Direcção do Orpheon Madeirense e do Grupo Musical Doutor  
Passos <sup>Sr</sup> Freitas no desejo de se associar e dar luzimento ás festas anuais  
da grande Feria em Santa Cruz de Tenerife. O Orpheon Madeirense e o Grupo  
Musical Doutor <sup>Sr</sup> Passos Freitas constituem as mais encantadoras collectivi-  
dades artisticas que me tem sido dado conhecer. Delias fazem parte elemen-  
tos de todas as classes sociais do Funchal entre as quais destaco — escri-  
tores, jornalistas, advogados, professores, officiais do Exercito, funciona-  
rios publicos, commerciantes e escolares do Lyceu. Será como que uma embai-  
xada da élite madeirense, indo, em nome de Portugal, abraçar com alvoroço a  
população das Canarias, levando-lhe um pouco do muito amor que todos nós  
sentimos pela grande Patria Hespanhola, Mãe fecunda e gloriosa de Cortez e  
de Velasquez, de Goya e de Cervantes, de Galdós e de Blasco, de Vega-Inclan

Documento 7b – Idem

## ANEXO X

e de Ramon y Cajal e de tantas outras figuras acclamadas pelo fervor do nosso culto e que rompem de toda a Historia de Hespanha, numa constellação deslumbrante como nenhuma outra Raça póde levantar por sobre a admiração do mundo.

A Vossa Excellencia, Excelentissimo Senhor Alcaide, tenho a honra de me dirigir, na certeza de que o seu fidalgo espirito de eleição, comprehendendo as consequencias que desta romagem artistica não de resultar para uma ligação mais profunda entre os dois Povos que representamos— se empenhará em criar na população do seu Districto aquelle ambiente de expectativa carinhosa e aquella franca hospitalidade fundindo todos os obstaculos na chama duma alta sympathia e que são o lidimo epanagio das tradições cavalleirescas da Raça Hespanhola.

Para os detalhes deste projecto estou informado de que a Direcção do Orpheon e do Grupo Musical convidou o Ex<sup>mo</sup> Senhor Capitão Don José Zamorano a representá-la nessa Cidade afim de prestar á Commissão dos Festejos todos os esclarecimentos necessarios á consecução de tam sympathico projecto.

Queira Vossa Excellencia, Excellentissimo Senhor Alcaide, acceptar as mais respeitosas homenagens do que se confessa, com muita honra,

De Vossa Excellencia,

m<sup>to</sup> att<sup>o</sup> ven<sup>o</sup>r c<sup>o</sup>. obg<sup>o</sup>

Funchal, 28 de Janeiro de 1922.

## **Transcrição dos Documentos 7a, 7b e 7c**

Excelentíssimo Senhor Governador Civil da Província de Tenerife

Consinta que no começo deste ofício eu saúdo em V. Ex.<sup>a</sup> todo o Povo de Espanha. Raça de tradições gloriosas – relembro neste momento toda a sua História altívola de beleza. Desfilam diante dos meus olhos deslumbrados, numa galeria maravilhosa de painéis, toda uma teoria luminosa de Santos, de Artistas, de Batalhadores, vibrantes dum alto idealismo e duma magnífica Fé Patriótica, erguendo a Espanha sobre o Mundo redimindo a Humanidade pelo apostolado da sua Crença e da sua Arte e pela universalização civilizadora das suas Descobertas e das suas Conquistas. Pátria de aventura e de heroísmo, Pátria esplendorosa e bendita, iluminando o globo com o clarão espiritual dos seus Filósofos, dos seus Pintores e dos seus Homens de Letras.

Portugal é um Povo irmão de Espanha e em país nenhum como o nosso se pode compreender e amar tão perfeitamente a épica Alma Espanhola. Há muito que o meu espírito vem registando, na exaltação de um grande prazer, tanto aquém como além fronteiras, um movimento intenso e fecundo de aproximação entre os dois Povos, mutuamente se estendendo os braços, na certeza fulgurante da comunhão do seu passado e do seu destino histórico. O congresso científico luso-espanhol e a exposição de Arte Catalã, recentemente celebrada no Continente da República Portuguesa são as últimas etapas dessa confraternização das duas Nacionalidades, polarizadas em aspirações idênticas de progresso e de beleza.

Políticos e pensadores de ambas as Pátrias reconhecem que é tempo já de fechar o ciclo dos nossos antagonismos, rasgando diante dos dois Povos um caminho que ambos possam marchar a par numa íntima colaboração que a geografia, antropologia e os interesses colectivos decididamente nos impõem. É preciso que essa aliança não afrouxe e dia a dia se vá radicando num intercâmbio de manifestações intelectuais e económicas, numa união a que os tratados darão mais tarde a estabilidade necessária para que o Ocidente da Europa um bloco homogéneo de Nacionalidades afins se possa erguer uma balança política internacional contrapesando o imperialismo absorvente das grandes potências.

É por isso que, na qualidade de supremo magistrado do arquipélago da Madeira, tenho o maior júbilo em poder concorrer para esse estreitamento de relações levando até junto da mais alta Autoridade dessa província magnífico florão da Coroa de Espanha, o pedido que acaba de me fazer a Direcção do Orfeão Madeirense e do Grupo Musical “Passos de Freitas” no desejo de se associar a dar luzimento às festas anuais da grande Feria em Santa Cruz de Tenerife. O Orfeão Madeirense e O Grupo Musical “Passos de Freitas” constituem as mais encantadoras colectividades artísticas que me tem sido dado conhecer. Delas fazem parte elementos de todas as classes sociais do

Funchal entre as quais destaco – escritores, jornalistas, advogados, professores, oficiais do Exército, funcionários públicos, comerciantes e escolares do Liceu. Será como uma embaixada da elite madeirense, indo, em nome de Portugal, abraçar com alvoroço a população das Canárias, levando-lhe um pouco de muito amor que todos nós sentimos pela grande Pátria Espanhola, Mãe fecunda e gloriosa de Cortez e Velásquez, de Goya e de Cervantes, de Galdóz e de Blasco, de Vega-Inclan e de Ramon y Cajal e de tantas outras figuras aclamadas pelo fervor do nosso culto e que rompem de toda a História de Espanha, numa constelação deslumbrante como nenhuma outra Raça pode levantar por sobre a admiração do mundo.

A V. Ex.<sup>a</sup>, Ex.<sup>o</sup> Senhor Alcalde, tenho a honra de me dirigir, na certeza de que o seu fidalgo espírito de eleição, compreendendo as consequências que desta romagem artística hão-de resultar para uma ligação mais profunda entre os dois Povos que representamos – se empenhará em criar na população do seu Distrito aquele ambiente de expectativa carinhosa e aquela franca hospitalidade fundindo todos os obstáculos na chama de uma alta simpatia e que são o lídimo apanágio das tradições cavalheirescas da Raça Espanhola.

Para os detalhes deste projecto estou informado de que a Direcção do Orfeão e do Grupo Musical convidou o Ex.<sup>o</sup> Senhor Capitão D. José Zamorano a representá-la nessa Cidade a fim de prestar à Comissão dos Festejos todos os esclarecimentos necessários à consecução de tão simpático projecto.

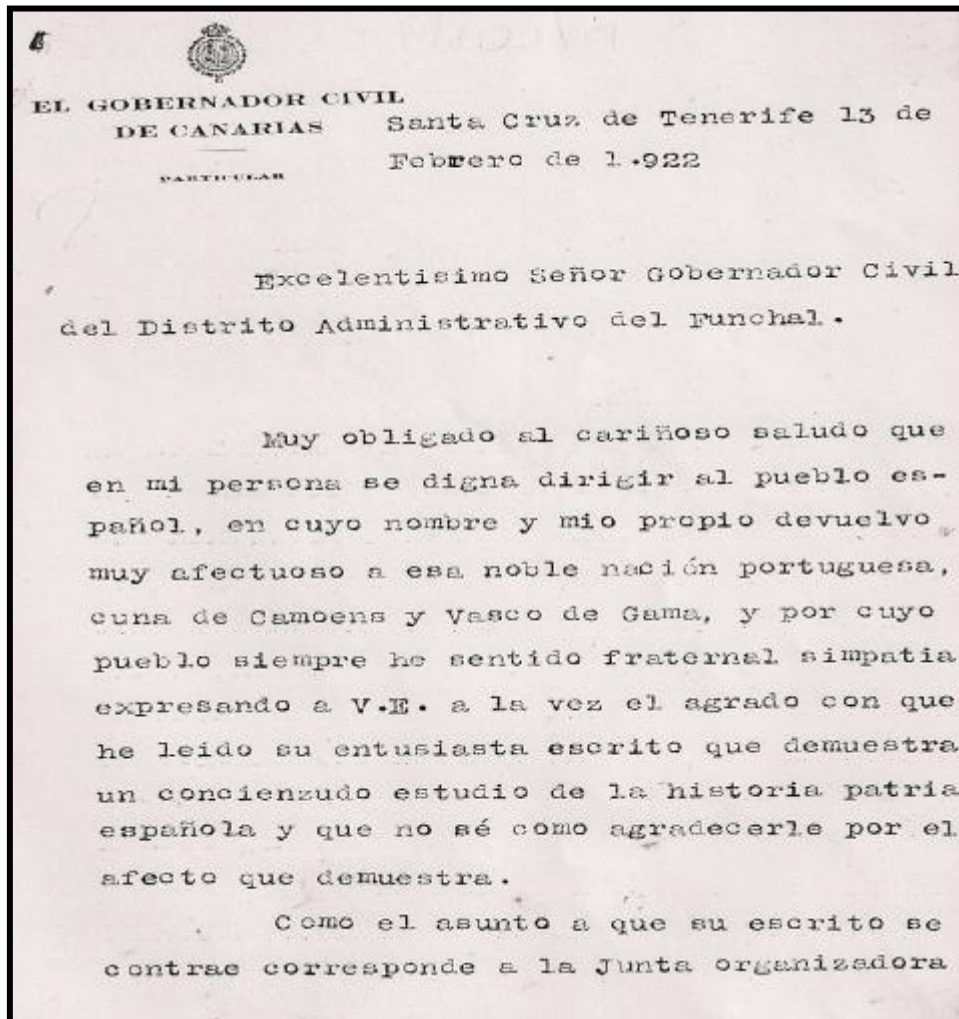
Queira V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, Ex.<sup>o</sup> Senhor Alcalde, aceitar as mais respeitosas homenagens do que se confessa, com muita honra,

De V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>.

Muito atento venerador como obrigadíssimo.

Funchal, 28 de Janeiro de 1922.

ANEXO XI




Documento 8a – *Correspondência entre o Orfeão e as Canárias em 13 de Fevereiro de 1922 - Arquivo do Orfeão*

## ANEXO XII

de los festejos de Mayo próximo, se lo he  
remitido al Presidente de dicha junta que  
es el Alcalde de esta capital y tendré una  
verdadera satisfacción en que nos visite  
ese Orfeón del que según me informan tan  
grato recuerdo se conserva de su anterior  
visita y nos proporcionará nueva ocasión  
de admirarle y aplaudirle.

Dígnese V.E. aceptar el testimonio  
de la consideración con que soy suyo atto.  
s. s.

A handwritten signature in cursive script, appearing to read "C. J. Santos", written in dark ink on a light-colored paper.

Documento 8b - Idem

## Tradução dos Documentos 8a e 8b

Santa Cruz de Tenerife 13 de Fevereiro de 1922

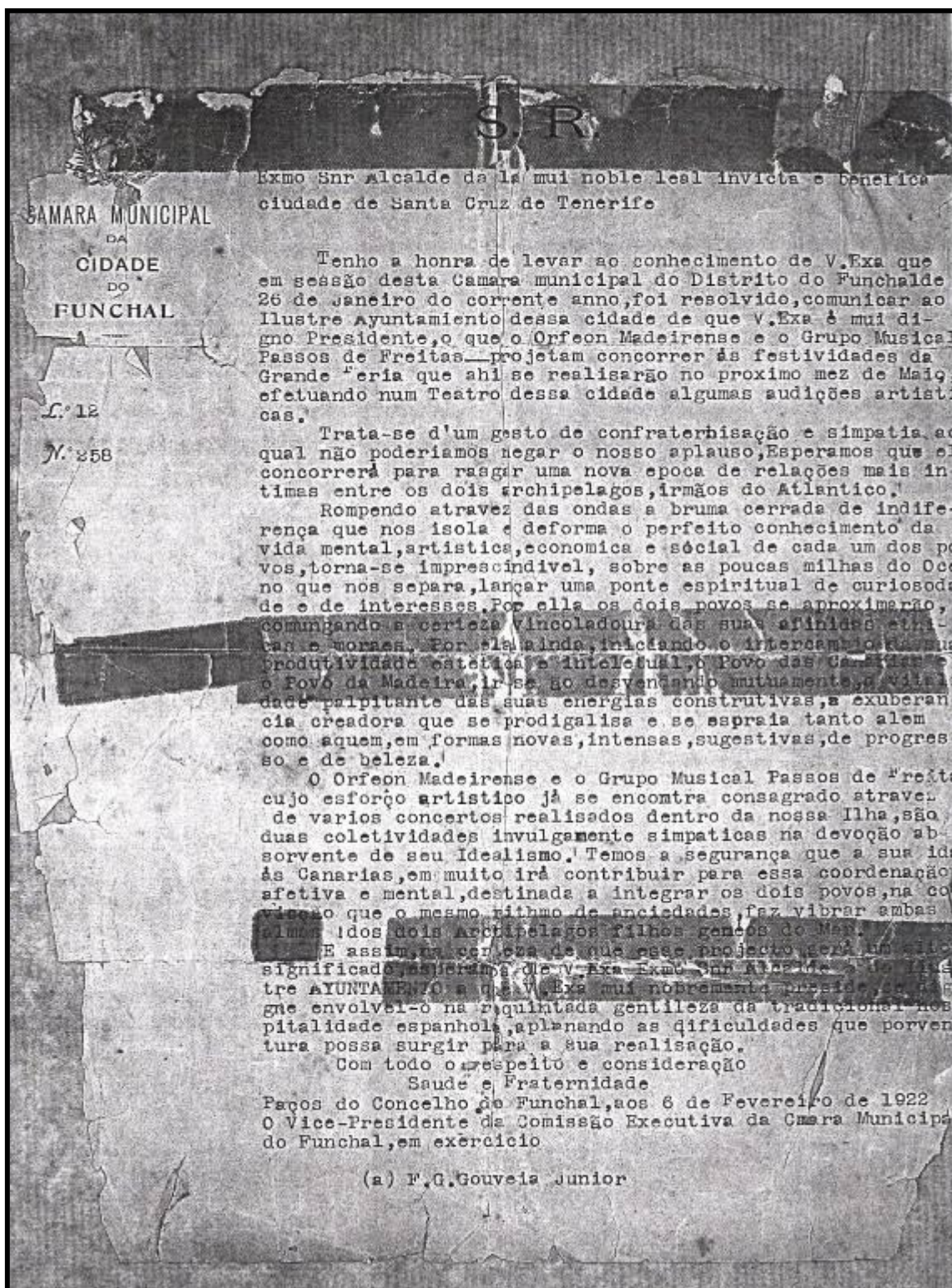
Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito Administrativo do Funchal.

Muito obrigado à carinhosa saudação que em minha pessoa se digna dirigir ao povo espanhol, em cujo nome e eu próprio desenvolvo muito afectivamente a essa nobre nação portuguesa, berço de Camões e Vasco da Gama, e por cujo povo sempre senti fraternal simpatia, expressando a V. Ex<sup>a</sup>, por sua vez o agrado com que li a sua entusiasta carta que demonstra um consciencioso estudo da história espanhola e que não sei como agradecer-lhe pelo afecto que demonstra.

Como o assunto a que a sua carta diz respeito, corresponde à Junta organizadora dos festejos de Maio próximo, enviei-o ao presidente da dita junta que é o Alcaide desta capital e terei uma verdadeira satisfação de que nos visite esse Orfeão do que segundo me informam, tão grata recordação se conserva da sua anterior visita e nos proporcionará nova ocasião de admirá-lo e aplaudi-lo.

Digne-se V.Ex<sup>a</sup> aceitar o testemunho da consideração por si atenciosamente

(rubricado)



CAMARA MUNICIPAL  
DA  
CIDADE  
DO  
FUNCHAL

L.º 12  
N.º 258

S R

Exmo Snr Alcalde da mui noble leal invicta e Benefica  
cidade de Santa Cruz de Tenerife

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa que em sessão desta Camara municipal do Distrito do Funchal de 26 de Janeiro do corrente anno, foi resolvido, comunicar ao Ilustre Ayuntamiento dessa cidade de que V. Exa é mui digno Presidente, o que o Orfeon Madeirense e o Grupo Musical Passos de Freitas, projectam concorrer ás festividades da Grande "eria que ahí se realisargo no proximo mez de Maio, efetuando num Teatro dessa cidade algumas audições artistí cas.

Trata-se d'um gesto de confraterbisação e simpatia, ao qual não poderiamos negar o nosso aplauso, Esperamos que el concorrerá para rasgar uma nova epoca de relações mais íntimas entre os dois archipelagos, irmãos do Atlantico.

Rompendo através das ondas a bruma cerrada de indifferença que nos isola e deforma o perfeito conhecimento da vida mental, artistica, economica e sócia de cada um dos povos, torna-se imprescindivel, sobre as poucas milhas do Oce no que nos separa, lançar uma ponte espiritual de curiosidade e de interesses. Por ella os dois povos se aproximam, comungando a certeza vincoladoura das suas afinidades etnic as e moraes. Por ella ainda, iniciando o intercambio de sua produtividade estetica e intelectual, o Povo das Canárias e o Povo da Madeira, ir-se-ão desvendando mutuamente, a vitalidade palpitante das suas energias constructivas, a exuberancia creadora que se prodigaliza e se espraia tanto alem como aquem, em formas novas, intensas, sugestivas, de progresso e de beleza.

O Orfeon Madeirense e o Grupo Musical Passos de "reito cujo esforço artistico já se encontra consagrado através de varios concertos realísados dentro da nossa Ilha, são duas coletividades invulgarmente simpaticas na devoção absorvente de seu Idealismo. Temos a segurança que a sua ida ás Canarias, em muito irá contribuir para essa coordenação afetiva e mental, destinada a integrar os dois povos, na co visão que o mesmo ritmo de anciedades, faz vibrar ambas almas. Idos dois Archipelagos filhos gencos do Mar.

E assim, na certeza de que esse projecto terá um alto significado, espreimo de V. Exa Exmo Snr Alcalde e de mui lú tre AYUNTAMIENTO a que V. Exa mui nobremente preside, a que lhe envolvi-o na riquintada gentileza da tradicional hospitalidade espanhola, aplanando as dificuldades que porventura possa surgir para a sua realisação.

Com todo o respeito e consideração  
Saude e Fraternidade

Paços do Concelho do Funchal, aos 6 de Fevereiro de 1922  
O Vice-Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal do Funchal, em exercício

(a) F. G. Gouveia Junior

Documento 9 – Orfeão Madeirense vai às Canárias – Arquivo do Orfeão



## Transcrição do Documento 9

CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DO FUNCHAL – Livro 12 – N.º 258.

Ex.º Senhor Alcalde da Mui Nobre leal Invicta e benéfica cidade de santa Cruz de Tenerife.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V.ª Ex.ª que em sessão desta Câmara Municipal do Distrito do Funchal de 26 de Janeiro do corrente ano, foi resolvido, comunicar ao Ilustre Ajuntamento dessa cidade de que V.ª Ex.ª é mui digno Presidente o que o Orfeão Madeirense e o Grupo Musical Passos de Freitas – projectam concorrer às festividades da Grande Feria que aí se realizarão no próximo mês de Maio efectuando num Teatro dessa cidade algumas audições artísticas.

Trata-se de um gesto de confraternização e simpatia ao qual não poderíamos negar o nosso aplauso. Esperamos que ele concorrerá para rasgar uma nova época de relações mais íntimas entre os dois arquipélagos, irmãos do Atlântico.

Rompendo através das ondas a bruma cerrada de indiferença que nos isola e deforma o perfeito conhecimento da Vida mental artística, económica e social de cada um dos povos, tornando-se imprescindível sobre as poucas milhas do Oceano que nos separa, lançar uma ponte espiritual de curiosidade e de interesses. Por ela os dois povos se aproximarão, comungando a certeza vinculadora das suas afinidades étnicas e morais. Por ela ainda, iniciando o intercâmbio da sua produtividade estética e intelectual, o Povo das Canárias e o Povo da Madeira, ir-se-ão desvendando mutuamente, a vitalidade palpitante das suas energias construtivas, a exuberância criadora que se prodigaliza e se espraia tanto além como aquém, em formas novas, intensas, sugestivas, de progresso e de beleza.

O Orfeão Madeirense e o Grupo Musical Passos de Freitas cujo esforço artístico já se encontra consagrado através de vários concertos realizados dentro da nossa Ilha, são duas colectividades invulgarmente simpáticas na devoção absorvente do seu Idealismo. Temos a segurança que a sua ida às Canárias, em muito irá contribuir para essa coordenação afectiva e mental, destinada a integrar os dois povos, na convicção que o mesmo ritmo de ansiedades, faz vibrar ambas as almas dos dois Arquipélagos filhos gémeos do Mar.

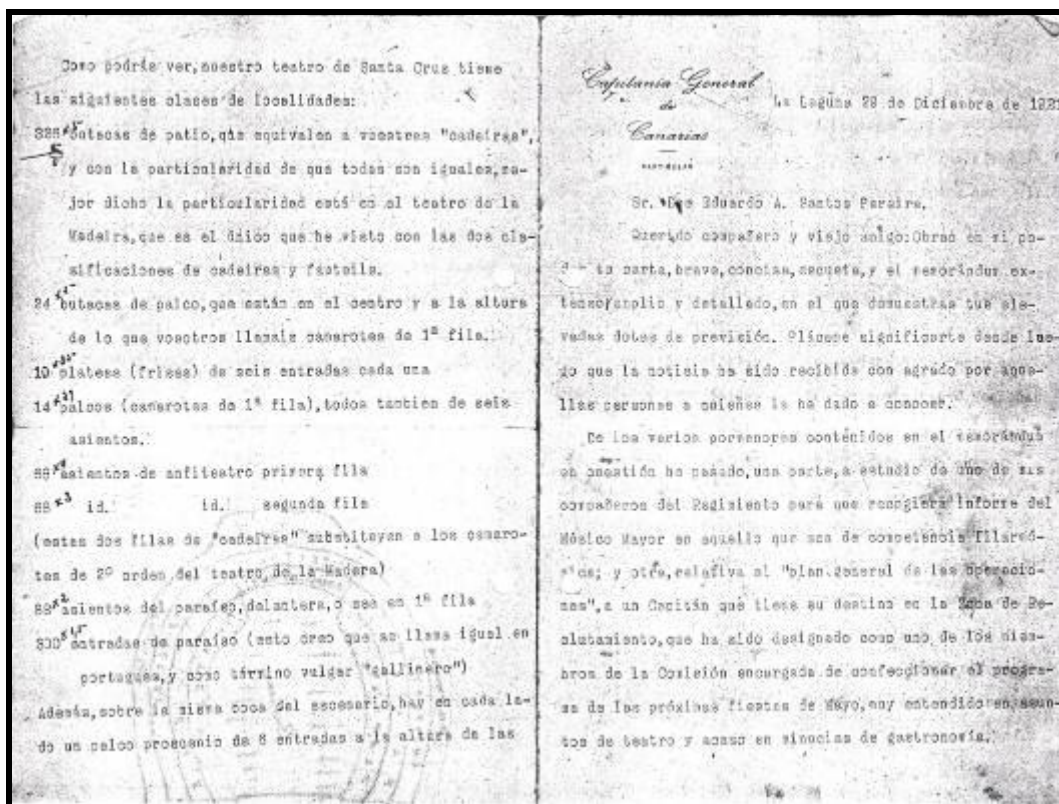
E assim, na certeza de que esse projecto será um alto significado, esperamos de V.ª Ex.ª Ex.º Senhor Alcalde e do Ilustre Ayuntamiento a que V.ª Ex.ª mui nobremente preside, se digne envolvê-lo na requintada gentileza da tradicional hospitalidade espanhola, aplanando as dificuldades que porventura possa surgir para a sua realização.

Com todo o respeito e consideração  
Saúde e Fraternidade

Paços do Concelho do Funchal, aos 6 de Fevereiro de 1922  
O Vice-Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal do Funchal, em  
exercício

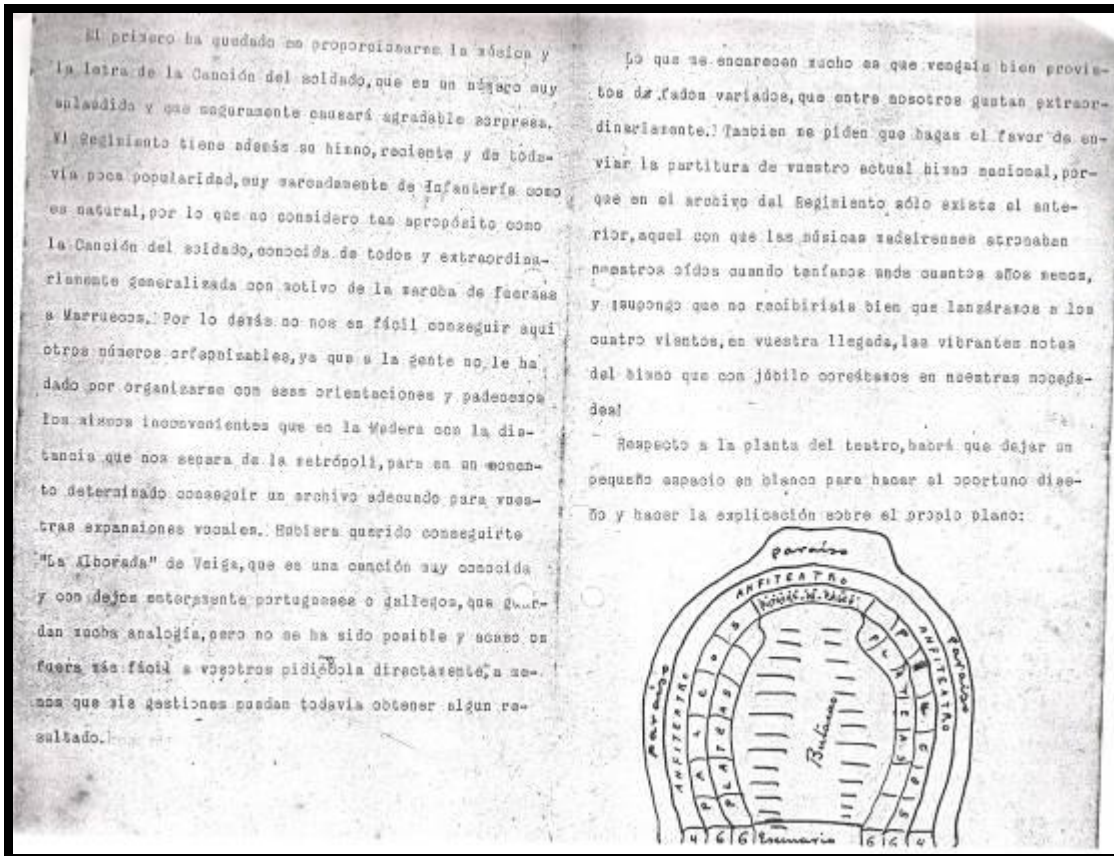
(a) F. G. Gouveia Junior.

ANEXO XIV



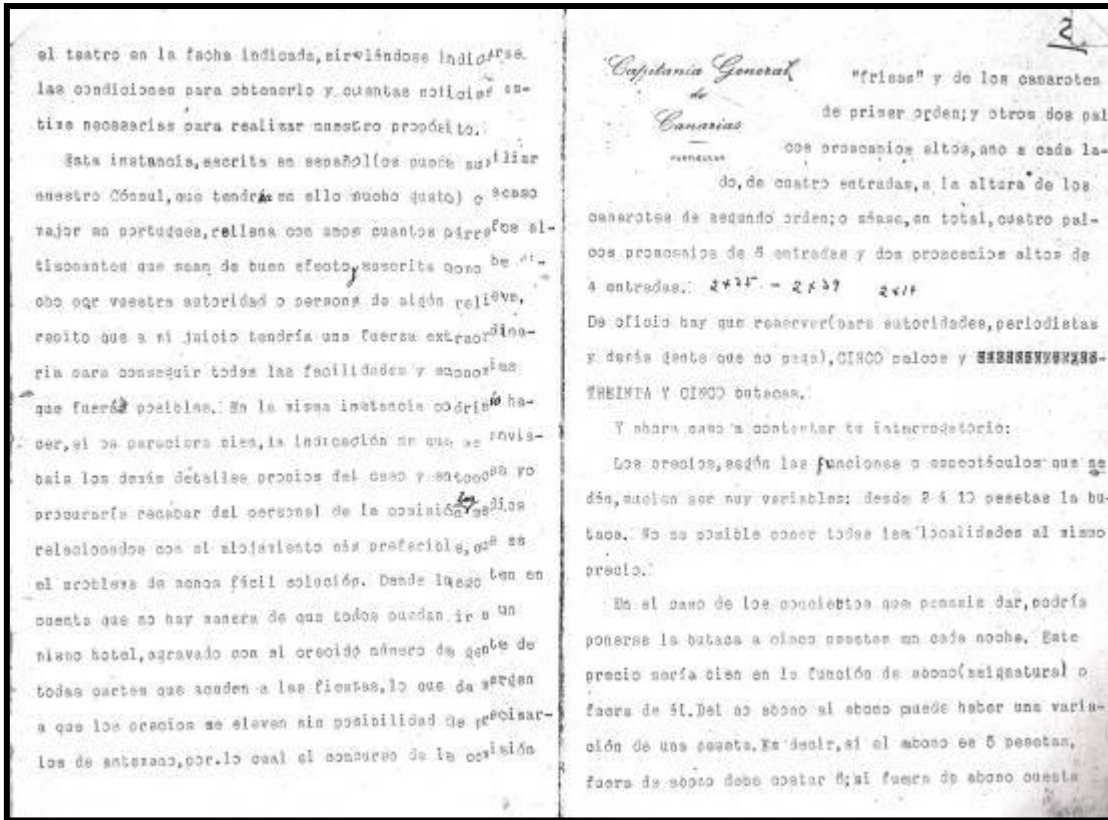
Documento 10 a – Correspondência das Canárias para o Funchal – Arquivo do Orfeão

## ANEXO XV



Documento 10 b - Idem

ANEXO XVI



Documento 10 c - Idem

## ANEXO XVII

<p>las 5 pesetas, en el abono costará 4.</p> <p>Como consecuencia, partiendo de las 5 pesetas cada butaca, las demás localidades podrían más o menos tener los siguientes precios:</p> <p>El mismo las butacas de palco.</p> <p>25 pesetas las plateas y sus correspondientes palcos proscenios.</p> <p>20 pesetas los palcos y sus proscenios.</p> <p>12 ó 15 pesetas cada palco proscenio sito de 4 entradas.</p> <p>3 ó 4 pesetas los asientos de primera fila</p> <p>2'50 ó 3 los de la fila segunda.</p> <p>2 pesetas la delantera de paraiso y una o 1'50 la entrada general.</p> <p>Durante las fiestas se pueden dar dos funciones de abono o "asignatura", y sería conveniente que figuraran en los cartales anunciadores de las fiestas, que aún no se ha mandado imprimir, para los señores de la comisión se les pida a reunirse ahora para ir proyectando el correspondiente programa.</p> <p>El teatro hay que pedirlo al Ayuntamiento, en instancia dirigida al Alcalde, que es la primera autoridad local, y además al presidente de la comisión de fiestas.</p>	<p>Se voy a permitir daros un consejo, es la creencia de que obtendríais grandes facilidades y serían los gastos bastante reducidos. Y el consejo es de que debéis conseguir que vuestra primera autoridad local, que creo es donosina Administrador de Conselho o cosa parecida, formule la instancia al Alcalde de aquí en Mérida más o menos parecida a estas:</p> <p>Excmo. Sr. Alcalde de muy noble, leal, invicta y benéfica ciudad de Santo Cruz de Tenerife (ta sérvierlo que estos son títulos que tiene y es de muy buen efecto que descubra la concepción). - El Administrador de Conselho o como se llama, de la ciudad de Funchal (ta sérvierlo que pueda hacer), a V.E. por la debida consideración expone: que alando el deseo de contribuir al realce de las fiestas que se celebrarán en esta en los próximos días de mayo próximo, para lo cual un orfede de gran voca y una agrupación de guitarras y banderines intentan dar en ese teatro dos conciertos en los días que tuviere a bien designar, en el caso de que por V.E. se nos consideraran los vedios hábiles para llevarlo a efecto, en por lo a V.E. se dirige en espera de saber si puede contar con</p>
--	--

Documento 10 d - Idem

## ANEXO XVIII

*Capitanía General*  
*de*  
*Canarias*  
PARTICULAR

es en este punto donde tie-  
ne más importancia. Claro está  
que después de hechos vuestra petición  
del teatro en decida forma y solicitados en la misma in-  
tancia los demás datos y la natural colaboración de las  
autoridades de aquí, yo se entrevistaría con ellas para  
en vuestro apoyo ver el modo de allanar las dificulta-  
des que pudieran presentarse.

Respecto a los gastos de embarque y desembarque, son  
insignificantes.

Lo que os quedo anticipar, para que vayáis tomando  
vuestras medidas (incluso las del sastré), es que en los  
cambios de etiqueta se hace necesario vendais provistos  
de vuestro correspondiente frac, y como en esto de las  
denominaciones de las prendas de vestir existe una su-  
cisa contradicción en los dos idiomas, sírvete informar  
por el padre que marcha en este mismo barco acerca de lo  
que es liano frac, es español, pues sería muy lamentable  
que lo confundierais por ejemplo con una camisa de dor-  
mir.)

Documento 10 e - Idem

## ANEXO XIX

Si te cansas de leer tan largo testamento, como resuello las veces que te parezca y sienta compasión por el que la ha escrito, aún cuando he procurado hacerlo al galope, devolviendo en lo posible satisfecho tu extenso interrogatorio.

Y te se diría lo que resuelves para providenciar aquí lo que haya lugar.

Conque id preparando esas gargantas y procurad evitar desafinaciones durante el "bello canto", que ya habrá tiempo de desafinar cuando llegue la hora del sueño y empecéis a roncar en el Hotel a cien voces distintas.

Ten la bondad de saludar a todos mis paisanos, y tu disoñ cono te plazca de tu buen amigo y compañero que te abraza

A handwritten signature in cursive script, reading "José Lamorano". The signature is enclosed in a large, decorative oval flourish. Below the name, there are several horizontal lines and a small number "3" at the end.

Documento 10 f - Idem.

## Tradução dos documentos 10 a, b, c, d, e, f.

Capitania Geral

De

Laguna 29 de Dezembro de 1921

Canárias

—

Particular

SR. D: Eduardo A. Santos Pereira.

Querido companheiro e valho amigo: obram em meu poder a tua carta, breve, concisa e o memorando extenso, amplo e detalhado, no qual demonstras os teus elevados dotes de previsão. Apraz-me dizer-te desde logo que a notícia foi recebida com agrado por aquelas pessoas a quem a dei a conhecer.

Dos vários pormenores contidos no memorando em questão passei, uma parte, a estudo de um dos meus companheiros do Regimento para que recolha informação do Músico Maior, naquele que seja da competência filarmónica; e outra, relativa ao “plano geral das Operações”, a um capitão que tem o seu destino na Zona de Recrutamento, que foi designado como um dos membros da Comissão encarregada de confeccionar o programa das próximas Festas de Maio, muito entendido em assuntos de teatro e por acaso em minúcias de gastronomia.

O primeiro ficou de me proporcionar a música e a letra da canção do soldado que é um número muito aplaudido e que seguramente causará agradável surpresa. Além disso o Regimento tem o seu hino recente e todavia de pouca popularidade, muito marcadamente de infantaria como é natural, pelo que não considero tão a propósito como a Canção do Soldado, conhecida de todos e extraordinariamente generalizada como motivo de marcha de forças a Marrocos. Por outro lado não nos é fácil conseguir aqui outros números orfeonizáveis, já que as pessoas não se organizaram com essas orientações e padecemos os mesmos inconvenientes que na Madeira com a distância que nos separa de metrópole, para num momento determinado conseguir um arquivo adequado para as vossas expansões vocais. Quisera querido conseguir-te “A Alvorada” de Veiga, que é uma canção muito conhecida e com sabores inteiramente portugueses ou galegos, que guardam muita analogia, mas não me foi possível e se acaso vos fosse mais fácil pedi-la directamente, a menos que os meus contactos possam todavia obter algum resultado.

O que me agrada muito é que venhais bem providos de fados variados, que nós gostamos extraordinariamente. Também pedem que faças o favor de enviar a partitura do vosso actual hino nacional, porque no arquivo do Regimento só existe o anterior, aquele com que as músicas madeirenses entoavam aos nossos ouvidos



quando tínhamos uns quantos anos menos, e suponho que não receberíeis bem que lançássemos aos quatro ventos, à vossa chegada, as vibrantes notas do hino que com júbilo fazíamos coro na nossa mocidade!

Relativamente à planta do teatro, teremos que deixar um pequeno espaço em branco para fazer o oportuno desenho e fazer a explicação sobre o próprio plano:

### **Ver desenho da planta do teatro**

Como podereis ver, o nosso teatro de Santa Cruz tem as seguintes classes de lugares:

- 326x5 Butacas de pátio que equivalem às vossas “cadeiras”, e com a particularidade de que todas são iguais, melhor dizendo a particularidade está no teatro da Madeira, que é o único que vi com as duas classificações de cadeiras e fauteils.
- 24x5 butacas de palco, que estão no centro e à altura do que vós chamais camarotes de primeira fila.
- 10x35 Plateias (frisas) de seis entradas cada uma.
- 14x29 Palcos (camarotes de 1ª fila), todos também de seis lugares.
- 68x4 assentos de anfiteatro primeira fila.
- 68x3 id. id. segunda fila.  
(estas duas filas de “cadeiras” substituem os camarotes de 2ª ordem do teatro da Madeira).
- 88x2 assentos do paraíso, dianteira, ou seja na primeira fila.
- 300x1,5 entradas de paraíso (isto creio que se diz igual em português, e como termo vulgar “galinheiro”).

Além disso sobre a própria boca do cenário um palco para entrada em cena de seis entradas à altura das “frisas” e dos camarotes de primeira ordem; e outros dois palcos para entrada em cena, altos, um de cada lado, de quatro entradas, à altura dos camarotes de segunda ordem; ou seja, no total, quatro palcos de entrada em cena de seis entradas e dois altos de quatro entradas.

No ofício há que reservar (para autoridades, jornalistas e demais pessoas que não pagam), CINCO palcos e TRINTA E CINCO butacas.

E agora passo a responder às tuas perguntas:

Os preços, segundo as funções ou espectáculos que se realizam, podem ser muito variados: desde 2 a 10 pesetas a butaca. Não é possível por todos os lugares ao mesmo preço.

No caso dos concertos que pensais dar, poderia pôr-se a butaca a cinco pesetas em cada noite. Este preço estaria bem em função da oferta ou fora dela. Da não oferta à oferta pode haver uma variação de uma peseta. Isto é se a oferta é de cinco pesetas, fora da oferta deve constar 6; se fora da oferta custa as 5 pesetas na oferta custará 4.

Como consequência partindo das 5 pesetas cada butaca, os outros lugares poderias ter mais ou menos os seguintes preços:

- O mesmo para as butacas de palco.
- 35 pesetas os palcos e suas entradas.
- 12 ou 16 pesetas cada palco alto de 4 entradas.
- 3 ou 4 pesetas os anfiteatros de primeira fila.
- 2,5 ou 3 os da segunda fila.
- 2 Pesetas a frente do paraíso e 1 ou 1,5 a entrada geral.

Durante as festas podem oferecer-se dois espectáculos, e seria conveniente que figurassem nos cartazes anunciadores das festas, que ainda não se mandaram imprimir, pois os senhores da comissão começam a reunir-se agora para ir projectando o correspondente programa.

Há que pedir o teatro ao Ajuntamento em carta dirigida ao Alcaide, que é a primeira autoridade local, e além disso o presidente da comissão de festas.

Vou permitir-me dar-vos um conselho, acreditando que obteríeis grandes facilidades e seriam os gastos sumamente reduzidos. E o conselho é que devíeis conseguir que a vossa primeira autoridade local, que creio se denomina Administrador do Conselho ou coisa parecida, formulasse o pedido ao Alcaide daqui em termos mais ou menos parecidos a estes:

Exmo. SR. Alcaide da mui nobre, leal. Invicta e benéfica cidade de Santa Cruz de Tenerife (Advirto-te que estes são títulos que têm e é de muito bom efeito que demonstreiis conhecê-los). O Administrador do Conselho ou como se chame, da cidade do Funchal ( e aqui os títulos que podem ter), a V. Ex.<sup>ª</sup>. Com a devida consideração expõe: que sendo o desejo de vários elementos desta Cidade contribuir para o realce das festas que se celebrarão nessa nos primeiros dias de Maio próximo, para o qual um orfeão de cem vozes e um agrupamento de guitarras e bandurrias tentam dar nesse teatro dois concertos nos dias que tiverem por bem designar, no caso de V. Ex.<sup>ª</sup> nos considerar os meios para os levar a efeito. Esperamos saber se podemos contar com o teatro na data indicada e indicar-nos as condições para o obter e quantas notícias considere necessárias para realizar o nosso propósito.

Este pedido, escrito em espanhol (pode auxiliar o nosso cônsul, que teria nisso muito gosto) ou por acaso em português, deve preencher uns quantos parágrafos altissonantes que sejam de bom efeito e subscrito como disse pela vossa autoridade ou pessoa de algum relevo, repito que em meu juízo teria uma força extraordinária para conseguir todas as facilidades e economias que fossem possíveis. No mesmo pedido poderíeis fazer, se vos parecer bem a indicação de que me enviáveis outros detalhes próprios do acontecimento e então eu procuraria recolher do pessoal e da comissão os meios relacionados com o alojamento preferível, que é o problema de menor solução. Desde logo tendo em conta que não há maneira de que todos possam ir para o mesmo hotel, agravado com o elevado número de pessoas que de todas as partes vêm às festas, o que dá margem a que os preços subam sem possibilidade os precisar de antemão, pelo qual o concurso da comissão ser neste ponto que tem maior importância. Claro está que depois de feita a vossa petição do teatro em devida forma e solicitados no mesmo pedido os outros dados e a natural colaboração das

autoridades daqui, eu me encontraria com elas para em vosso nome ver o modo de ultrapassar as dificuldades que poderão apresentar-se.

Relativamente aos gastos de embarque e desembarque, são insignificantes. O que vos posso antecipar, para que ides tomando as vossas medidas (inclusive as do sastre) é que nos bailes de etiqueta seja necessário que venhais providos do vosso correspondente fraque, e como nisto das denominações das vestimentas existe uma curiosa contradição nos dois idiomas, devo informar-te pelo meu pai que segue neste mesmo barco sobre o que se chama fraque em espanhol, pois seria muito lamentável que o confundísseis por exemplo com uma camisa de dormir.

Se te cansas de ler tão largo testamento, descansa as vezes que te pareça e sente compaixão por quem a escreveu, ainda que tenha procurado fazê-lo rápido, desenvolvendo satisfatoriamente o teu extenso interrogatório.

Dir-me-ás o que resolves para providenciar aqui o que possa fazer. Entretanto ide preparando essas gargantas e procurai desafinações durante o “belo canto” que haverá tempo de desafinar quando chegue a hora do sono e comeceis a roncar no hotel a cem vozes distintas.

Tem a bondade de saudar todos os meus compatriotas, e tu dispõe como te agrade do teu bom amigo e companheiro que te abraça.

(Assinado).

ANEXO XX

REPÚBLICA PORTUGUÊSA  
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS  
GABINETE DO MINISTRO

20/02/1922

Min. dos Assuntos  
Min. dos Negócios Estrangeiros -  
Trata de los "pasaportes".

Está empenhado em tomar a medida  
de que, esta com os referidos, apresenta uma  
fotografia pequena para o valor contido que  
viri substituir o presente. Assim sendo -

Um abraço meu de parte todos os amigos  
bons e felizes. Um com: Tod: - agr:  
suafe - Saudades

Documento 11 – Correspondência entre o Orfeão e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, sobre a aquisição dos passaportes (20/02/1922) - Arquivo do Orfeão

## Tradução do documento 11

Em 2/2/1922

Meu caro Assunção

Estou no Ministério dos Estrangeiros a tratar do caso proposto.

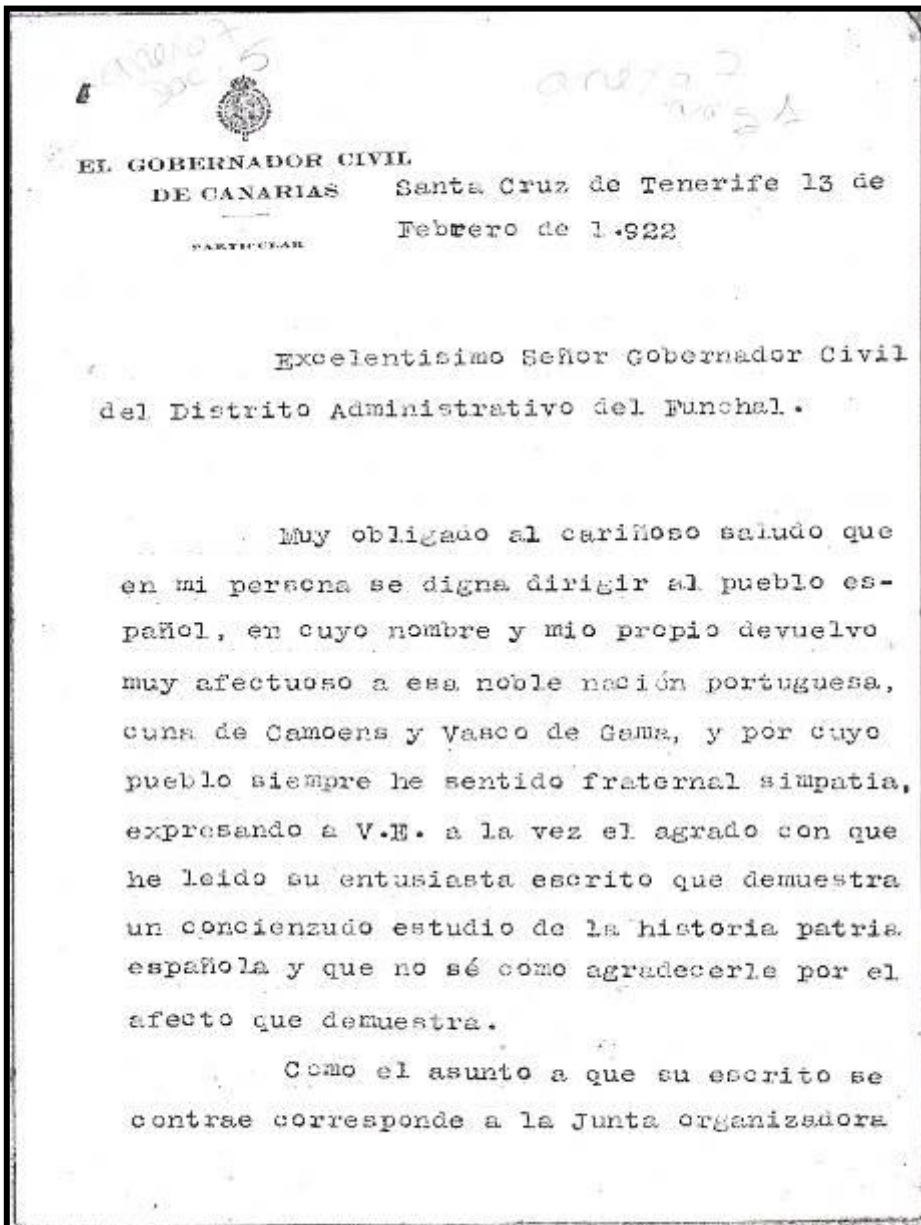
Está conseguido mas torna-se necessário que caso um dos orfeonistas apresentem uma fotografia pequena para o salvo-conduto que vai substituir o passaporte. Depois manda-mo.

Um abraço que vai para todos os amigos bons e verdadeiros

Um cum.º verd.º e agr.º.

(assinado)

ANEXO XXI



Documento 12 a – *Correspondência de Canárias* – Arquivo do Orfeão

ANEXO XXII

de los festejos de Mayo próximo, se lo he  
remitido al Presidente de dicha junta que  
es el Alcalde de esta capital y tendré una  
verdadera satisfacción en que nos visite  
ese Orfeón del que según me informan tan  
grato recuerdo se conserva de su anterior  
visita y nos proporcionará nueva ocasión  
de admirarle y aplaudirle.

Dignese V.E. aceptar el testimonio  
de la consideración con que soy suyo atto.

s. s.



Documento 12 b – Idem

## **Tradução do documento 12 a e b**

Santa Cruz de Tenerife 13 de Fevereiro de 1922

Excelentíssimo Senhor Governador Civil do Distrito Administrativo do Funchal.

Muito obrigado ao e uma carinhosa saudação que em minha pessoa se digna dirigir ao povo espanhol, em cujo o nome e meu próprio devolvo muito afectuosamente a essa nobre missão portuguesa pátria de Camões e Vasco da Gama, e por cujo o povo sempre senti fraternal simpatia, expressando a vossa excelência mais uma vez o agrado com que li o seu entusiasta escrito que demonstra um consciencioso estudo da história pátria espanhola e que não sei como lhe agradecer pelo afecto que demonstra.

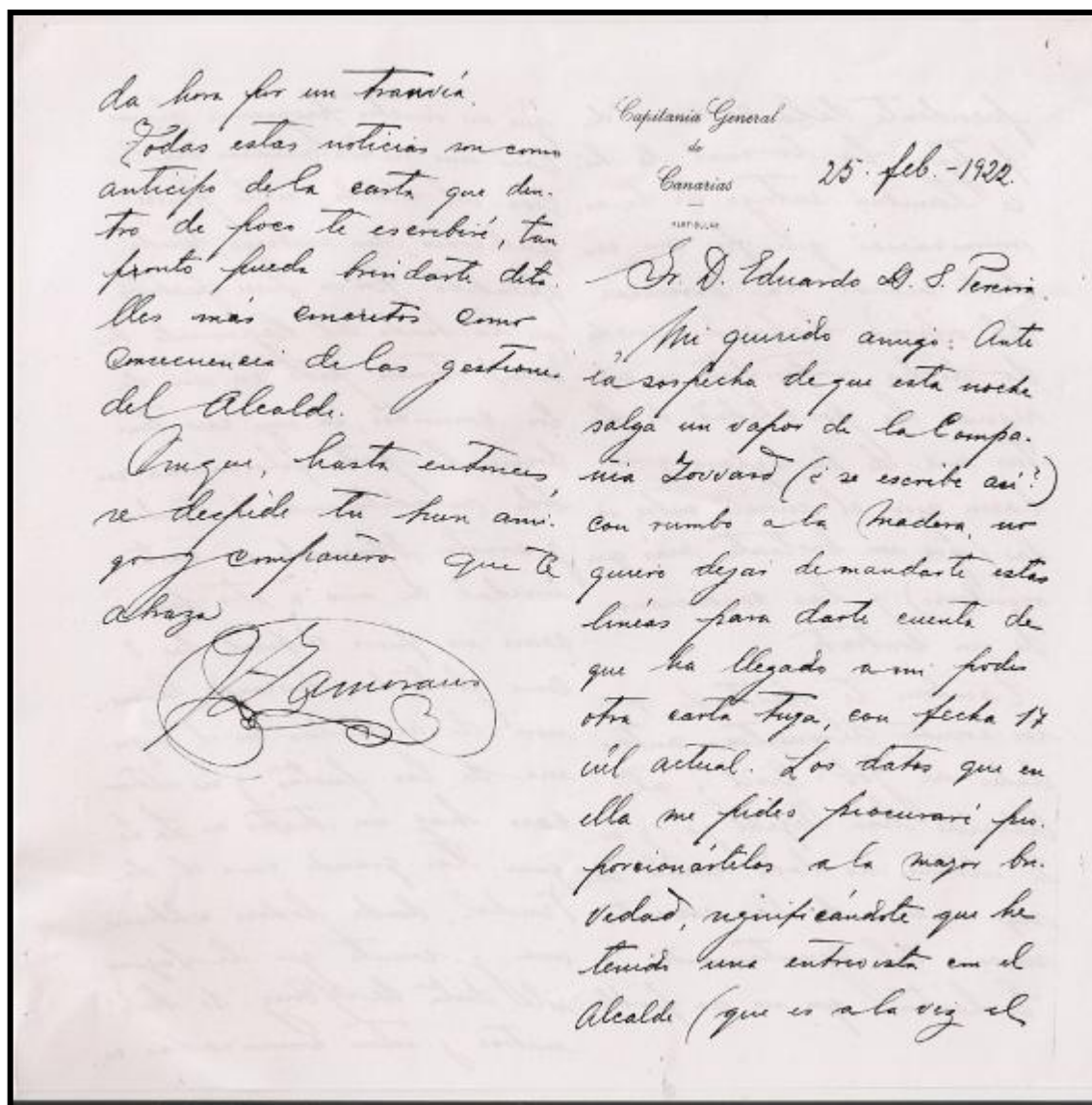
Como o assunto a que o seu escrito se refere corresponde à Junta organizadora dos festejos de Maio próximo, remeti-o ao presidente da dita junta que é o Alcaide desta capital e terei uma verdadeira satisfação em que nos visite esse orfeão do qual segundo me informam tão grata recordação se conserva da sua anterior visita e nos proporcionará nova ocasião de o admirar e de aplaudir.

Digne-se V. E. aceitar o testemunho da consideração que tenho por si atenciosamente

(assinado)



ANEXO XXIII



Documento 13 a, págs. 1 e 4 – Correspondência entre o Orfeão e as Canárias sobre o repertório a apresentar- Arquivo do Orfeão

ANEXO XXIV

presidente de la Comisión de que en nuestro programa figure  
 festejos, por lo cual le he. Como uno de los números de la  
 es también entrega de la co. Ción del soldado; si te parece,  
 municacion que por mi con. fudieras, sin embargo, tenida  
 ducto mando la Direccion aprendida, por si fuera factible  
 del oporin), habiendo queda. que la banda del Regimiento de  
 do dicha autoridad en an. Vunipe tomara parte en uno de  
 reguar la posibilidad de flu los conciertos, en cuyo caso ten-  
 tar uno de los vapores que bricis la parte filarmónica, con  
 hacen aqui el servicio entre in. fdo en aditamento de tambon  
 las (que son bastante más que y orquet. Opicuidas en cierta  
 regulares) y las condiciones novedad de una a otra funcion,  
 de un contrato. acaro no fuera dificil dar 3  
 Tambien te participo que Como pretendes, buscando la me-  
 los escritos de vuestras autori. nera de acollas en el fuego.  
 dades al Gob. Civil, y al ma de las fiestas, y en ultimo  
 Alcalde han llegado ya, y es. caso hay un teatro en la la.  
 te ultimo ha dado cubula del gana, tan grande como el de  
 sup en una de las recintas Fincha?, donde podria celebrarse  
 sesiones del Ayuntamiento. una, y cuenta que la Laguna  
 Es lastima que no sea posible solo ditta de 1/2 Cruz 10 dila.  
 metros, y estan comunicadas en.

Documento 13 b, págs. 2 e 3 – Idem

## Tradução do documento 13 a e b

25 de Fevereiro de 1925

Senhor D. Eduardo Pereira

Meu querido amigo: Perante a suspeita de que esta noite saia um vapor da Companhia lovvard (escreve-se assim?) com rumo à Madeira, não quero deixar de te mandar estas linhas para te dar conta de que chego ao meu poder outra carta tua com data de 17 do actual. Os dados que nela me pedes procurarei proporcioná-los com a maior brevidade, informando-te que tive uma entrevista com o Alcaide ( que é o presidente da comissão de festejos, pelo qual lhe fiz também a entrega da comunicação que pela minha mão mandou a Direcção do orfeão), tendo ficado a dita autorização em averiguar a possibilidade de fretar um dos vapores que fazem aqui o serviço entre as ilhas ( que são bastantes mais que regulares) e as condições de um contrato.

Também te participo que os escritos descritos de vossas autoridades ao Governador Civil e ao Alcaide chegaram já, e este último deu conta do seu numa das recentes sessões do ajuntamento.

Lamentamos que não seja possível que no vosso programa figure como um dos números a Canção do Soldado; se te parece que podereis no entanto aprende-la para se for possível que a Banda do Regimento de Tenerife tomava parte num dos concertos em cujo caso tereis a parte filarmónica juntamente com o conjunto de tambores e cornetas. Oferecendo assim nesta novidade de uma outra função, caso não fosse difícil das 3 como pretendes, buscando a maneira de juntá-las com o programa das festas, e em último caso fazer um teatro em La Laguna, tão grande como o do Funchal donde poderá celebrar-se uma, e conta que La Laguna dista de Santa Cruz 10 quilómetros e estão comunicadas por uma hora de viagem.

Todas estas notícias são como antecipação da carta que dentro em pouco te escreverei tão depressa quanto a brevidade dita.

Mais concretamente como consequência das opiniões do Alcaide.

Ainda que até então se despede o teu bom amigo e companheiro que te abraça.

(Assinado)

El Alcalde  
 de  
 Santa Cruz de Tenerife

Saluda

D. José Fauroano Lomelino,  
 su distinguido amigo, y tiene  
 el gusto de participarle que se  
 está ocupando del viaje y aloja-  
 miento de las personas que com-  
 ponen las entidades musicales  
 "Orfeón Maderense y "Pasos  
 de Preitas", y de cuyo asunto po-  
 drá contestarle definitivamente el  
 próximo sábado.

Esteban Maudillo Lejoro  
 aprovecha esta ocasión para a di-  
 cho señor el testimonio de su más distinguida  
 consideración personal.

Santa Cruz de Tenerife 15 de Marzo  
 de 1922.

Documento 14 – Informação sobre os procedimentos da viagem do Orfeão às  
 Canárias -Arquivo do Orfeão

## **Tradução do documento 14**

O Alcaide de Santa Cruz de Tenerife Saúda D. José Zamorano Lomelino seu distinto amigo e teu o gosto de lhe participar que se está a ocupar da viagem e alojamento das pessoas que compõem as entidades musicais “Orfeão Madeirense” e “Passos de Freitas”, e de cujo assunto poderá responder-lhe definitivamente no próximo sábado Esteban Mandello e aproveita esta ocasião para reiterar ao dito senhor o testemunho da sua mais distinta consideração pessoal

Santa Cruz de Tenerife 15 de Março

Finado 16 de março de 1922.

Querido e velho amigo,

Continuamos aqui em Carta tua, a fim de saber o que mais  
 conseguiremos acerca do pagamento do voto que nos obriga, pois que  
 para certeira a pronta execução não poderia realizar-se sem que  
 com dificuldade esteja resolvido, visto que para prophecedores  
 não é fácil, demora <sup>nos</sup> <sup>em</sup> <sup>algos</sup> <sup>dias</sup>, mas se por causa  
 das licenças dos papéis que são empregados, como pela despesa de  
 tel que tivemos de fazer, e que o fundo de que dispomos não  
 pode cobrir.

Tive ha dias a alegria de saber que não sei por falta de poder  
<sup>de seu governo</sup> <sup>ou</sup> <sup>de</sup> <sup>seu</sup> <sup>governo</sup> <sup>ou</sup> <sup>de</sup> <sup>seu</sup> <sup>governo</sup> <sup>ou</sup> <sup>de</sup> <sup>seu</sup> <sup>governo</sup>  
 se a execução de não poderia realizar-se sem esta política, porém  
 tem que também, porque fazendo-se tão grande preparação para  
 as comemorações, se por qualquer eventualidade não fossem o  
 do voto, ou se as condições do pagamento não fossem por não fossem  
 nos assuntos por certeira que os seus papéis não fossem  
 muito colapsados, mas enfim, continui confiante em seu valor.

Documento 15 a – Correspondência para as Canárias – Arquivo do Orfeão.

ANEXO XXVII

colinas, e no las autoridades e los miembros de Prisión  
los Teros, que quisieron de la ley de la prisión, bien  
hacia un punto de vista, de manera que se pudiese  
a realización de una actividad, y que se pudiese, -presidencia a  
partir de la ley de ser operada.

Respecto a la ley, se pudiese de una respuesta, pero  
que para que esta ley pudiese ser operada, y  
algunos pudiesen ser satisfechos para todos.

Documento 15 b - Idem

## Tradução do documento 15 a e b

Funchal, 16 de Março de 1922

Querido e velho amigo

Continuo ansioso pela tua carta afim de saber o que terás conseguido acerca do fundamento do vapor que nos traga, pois que concerteza a nossa excursão não poderá realizar-se sem que essa dificuldade esteja resolvida, visto que como compreenderás não é fácil demorarmo-nos aí mais de 8 dias, não só por causa das licenças dos rapazes que são empregados como pela despesa brutal que teríamos de fazer e que o fundo de que dispomos não pode cobrir.

Tive há dias a alegria de saber, que não será por falta de entusiasmo dos teus patrícios que a nossa excursão se não realizará, mas essa noticia contristou-me também, porque fazendo-se tão grandes preparativos para nos serem agradáveis, se por qualquer eventualidade não fretamos o vapor, ou se as condições do fretamento são tais que não possamos aceitar, com certeza que os seus patrícios não ficaram muito satisfeitos, mas em fim confiando nos seus valioso esforço, e no das autoridades e dos membros da Comissão da Festas, que creio hão-de desejar dar o maior brilhantismo às mesmas, conseguindo pela primeira vez a realização de uma novidade, que realmente, modéstia à parte, é digna de ser apreciada.

Sem mais, rogo-te uma resposta breve, que nos tire esta maldita incerteza em que estamos, e deus queira que seja satisfatória para todos.



ANEXO XXVIII

Tomar dichos en sus libertades de acción el Hotel que más convenga.

Y finalmente, te mando tres números de periódicos que han hablado de nuestra fiesta. No vieta. Algun otro, que no he leído, he abudado el asunto según me han dicho, pero en los números son los que hasta la fecha lo han tratado en mi opinión.

Y nada más por ahora. Mucho ánimo y no menos acierto.

Recuerdos a los amigos y un abrazo para ti de tu buen amigo y comp.  
E. Ferrer

Capitanía General  
de  
Canarias  
17 Marzo 1922.

Dr. D. Eduardo A. S. Torera.

Mi querido amigo: no sé como me las compongo que siempre que escribo tengo que hacerlo a gran velocidad. Por más que enigo en la cuenta de que la causa principal <sup>es</sup> escrita en que siempre a la última media hora y a que en esa última media hora tengo que despachar, aprovechando la inercia, medio docena de cartas.

Pues bien: me dicen que es

Documento 16 a, págs. 1 e 4 – Correspondência das Canárias – Arquivo do Orfeão

ANEXO XXIX

flexible que salga barco más. Pido gestiones municipales sean a  
na para la Madra, y más. es a todos flotas un barco, que  
do en esta inversión dinámica de resultados no solo más barcos, sino  
que te he hablado, precede, y que permitiera que podáis venir  
sucedo a esta carta unas veces de una vez, y que además os  
las más.  
En primer lugar, me interesa remitirte el oficio del Puro  
ante de la Comisión gestora, que es el fogio Alcalde D.  
Esteban Mandillo, en conser-  
tación al que le enviaste de la Dirección del Oficio por  
mi conducto.  
También te mando un escrito que al mismo te me manda  
opiniéndome en esta definitiva.  
Vamente mañana sobre la cues-  
tión del barco y la del al-  
gamiento.  
Pido gestiones municipales sean a  
na para la Madra, y más. es a todos flotas un barco, que  
do en esta inversión dinámica de resultados no solo más barcos, sino  
que te he hablado, precede, y que permitiera que podáis venir  
sucedo a esta carta unas veces de una vez, y que además os  
las más.  
En primer lugar, me interesa remitirte el oficio del Puro  
ante de la Comisión gestora, que es el fogio Alcalde D.  
Esteban Mandillo, en conser-  
tación al que le enviaste de la Dirección del Oficio por  
mi conducto.  
También te mando un escrito que al mismo te me manda  
opiniéndome en esta definitiva.  
Vamente mañana sobre la cues-  
tión del barco y la del al-  
gamiento.  
Pido gestiones municipales sean a  
na para la Madra, y más. es a todas flotas un barco, que  
do en esta inversión dinámica de resultados no solo más barcos, sino  
que te he hablado, precede, y que permitiera que podáis venir  
sucedo a esta carta unas veces de una vez, y que además os  
las más.  
En primer lugar, me interesa remitirte el oficio del Puro  
ante de la Comisión gestora, que es el fogio Alcalde D.  
Esteban Mandillo, en conser-  
tación al que le enviaste de la Dirección del Oficio por  
mi conducto.  
También te mando un escrito que al mismo te me manda  
opiniéndome en esta definitiva.  
Vamente mañana sobre la cues-  
tión del barco y la del al-  
gamiento.

Documento 16 b, págs. 2 e 3 – Correspondência das Canárias – Arquivo do Orfeão

## Tradução do documento 16 a e b

17 de Março de 1922

Sr. D. Eduardo Pereira

Meu querido amigo: não sei como me arranjo que sempre que escrevo tenho que fazê-lo a grande velocidade. Por mais que tenha em conta que a causa principal se estriba em que sempre espero a última meia hora e que nessa meia hora tenho que despachar, aproveitando a inércia, meia dezena de cartas.

Pois bem dizias-me que é possível que saia um barco amanhã para a Madeira, e metido nesta inércia dinâmica de que te falei procedo e sucedo a esta carta umas quantas mais.

Em primeiro lugar, interessa-me remeter-te o ofício do presidente da Comissão de Festejos que é o próprio Alcaide D. Estéban Mandillo, em resposta ao que lhe enviaste da Direcção do Orfeão por meu intermédio.

Também te mando um escrito que o mesmo senhor me mandou como resposta definitiva: somente amanhã sobre a questão do barco e a do alojamento.

Os meus gestores principais vão tratar disso: podes fretar um barco que ficará não só mais barato, mas também permitirá que possais vir de uma vez e que além disso vos acompanhem as famílias que queiram vir às festas. Acrescento mais que o barco possa sair daqui com alguns dias de antecipação para ver se é possível organizar uma excursão de elementos canários que visitem a Madeira.

Também procuro encontrar um alojamento onde possais viver debaixo de um telhado sem submeter-vos à tiranias dos hoteleiros. Conseguido isso, será mais fácil tratar a questão do condomínio, comida e incluso gerir despesas em mais liberdade de acção o hotel que mais convenha.

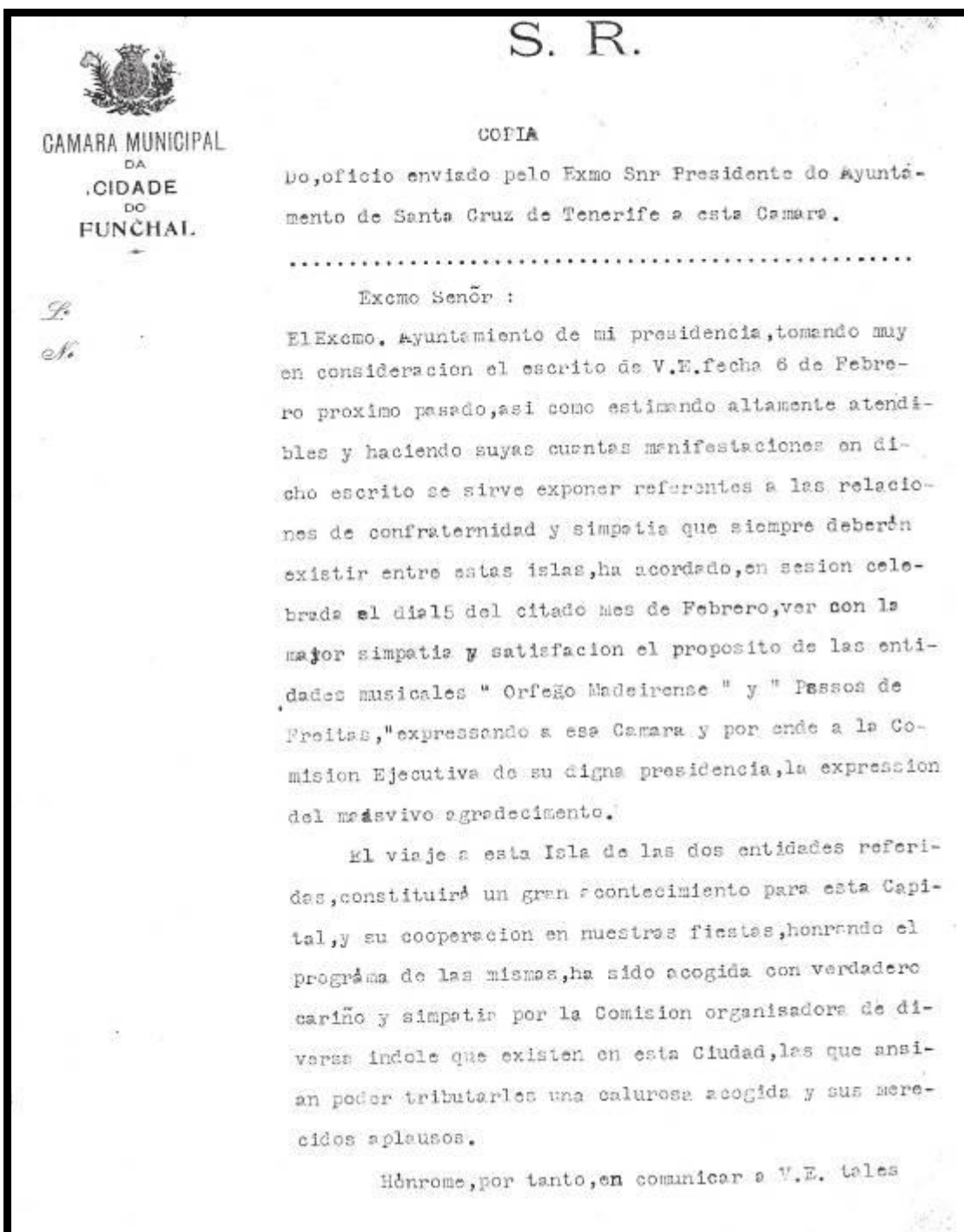
E finalmente, mando-te 3 números de periódicos que falaram da vossa futura visita. Algum outro que não tenha lido abordou o assunto segundo me disseram, mas esses 3 números são os que até à data o trataram com mais extensão.

E nada mais por agora.

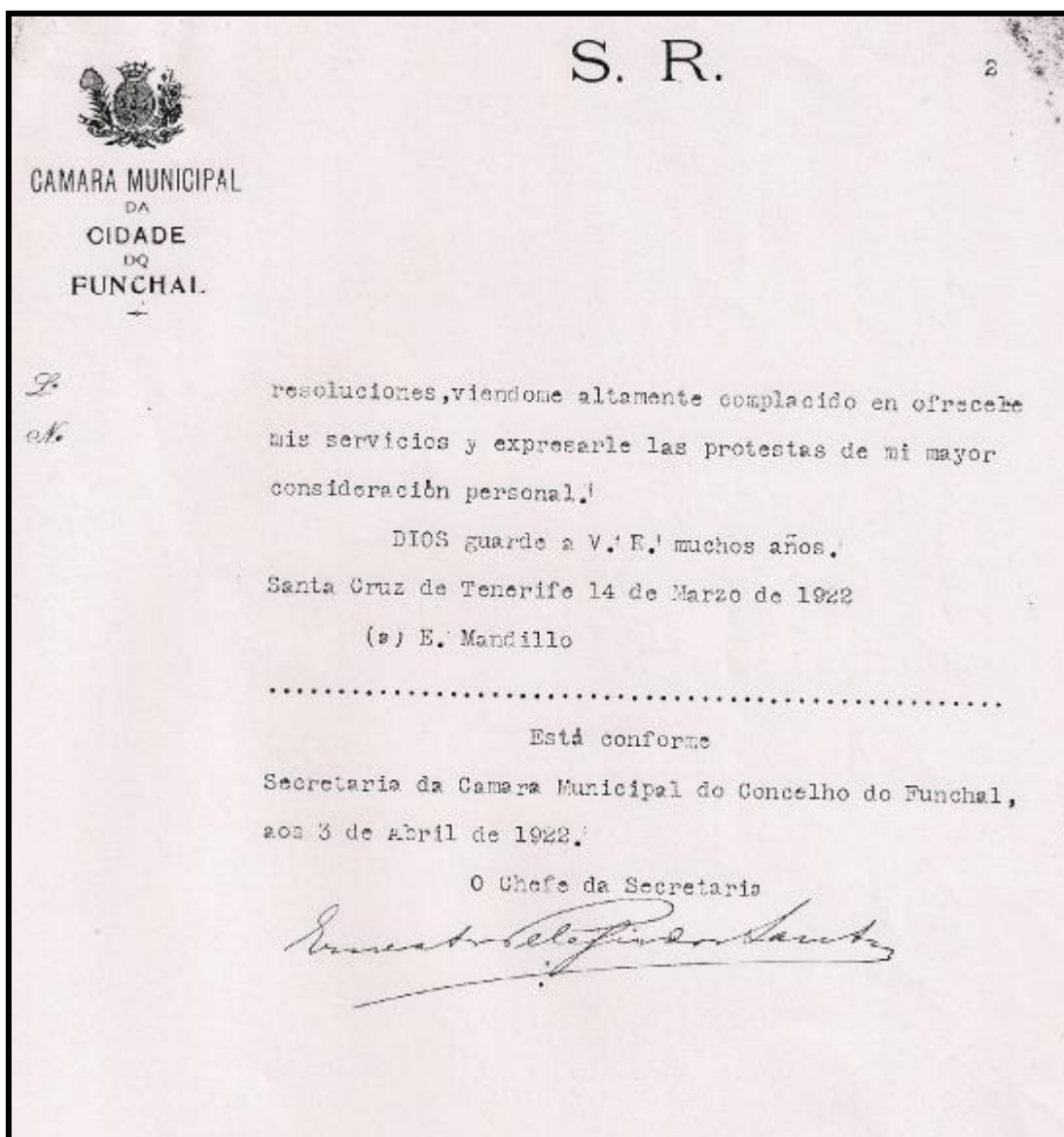
Muito ânimo e não menos acertos

Lembranças aos amigos e um abraço para ti do teu bom amigo e companheiro

(assinado)



Documento 17 a – Correspondência do Funchal – Arquivo do Orfeão



Documento 17 b – Idem

**Tradução do documento 17 a e b**

CÓPIA

Do, ofício enviado pelo Exmo. Snr. Presidente do Ajuntamento de Santa Cruz de Tenerife a esta Câmara.

.....  
Excmo. Senhor:

O Excmo. Ajuntamento da minha presidência, tomando muito em consideração o escrito de V. E. data de 6 de Fevereiro próximo passado, assim como estimando altamente atendíveis e fazendo suas quantas manifestações no dito escrito expõe as suas referências às relações de confraternidade e simpatia que sempre deverão existir entre estas ilhas, acordou, em sessão celebrada no dia 15 do citado mês de Fevereiro ver com a maior simpatia e satisfação o propósito das entidades musicais “Orfeão Madeirense” e “Passos de Freitas”, expressando a essa câmara e à Comissão Executiva da sua digna presidência, a expressão do mais vivo agradecimento.

A viagem a esta ilha das duas entidades referidas, constituirá um grande acontecimento para esta Capital, e sua cooperação nas nossas festas, honrando o programa das mesmas, foi acolhida com verdadeiro carinho e simpatia pela Comissão organizadora de diversa índole que existe nesta Cidade, as quais anseiam poder tributar-lhes um caloroso acolhimento e os seus merecidos aplausos.

Honro-me, portanto, em comunicar a V. E. tais resoluções, vendo-me altamente gratificado em oferecer-lhe oos meus serviços e expressar-lhe a minha maior consideração pessoal.

DEUS guarde a V.E. muitos anos.

Santa Cruz de Tenerife 14 de Março de 1922

(a) E. Mandillo

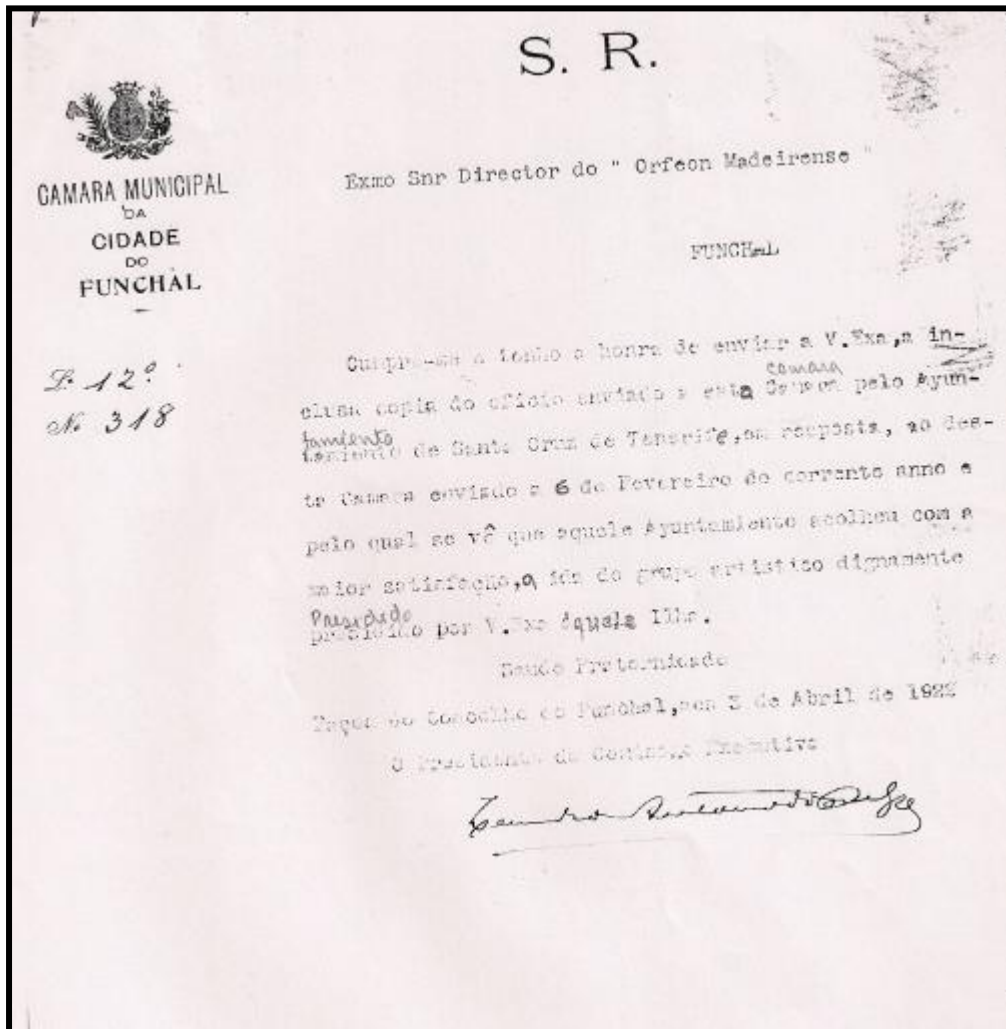
.....  
Está conforme

Secretaria da Câmara Municipal do Concelho do Funchal, ao 3 de Abril de 1922.

O chefe da Secretaria

(assinado)

ANEXO XXXII



Documento 18 – Ofício da Câmara do Funchal ao Orfeão - Arquivo do Orfeão

## **Tradução do documento 18**

Exmo Snr do “Orfeon Madeirense”

Cumpre-me e tenho a honra de enviar a V. Exa, a inclusa cópia do ofício enviado a esta câmara pelo ajuntamento de Santa Cruz de Tenerife, em resposta, ao desta câmara enviado a 6 de Fevereiro do corrente ano e pelo qual se vê que aquele ajuntamento acolheu com a maior satisfação, a ida do grupo artísticodignamente presidido por V. Exa àquela ilha.

Saúde Fraternidade

Paços do Concelho do Funchal, aos 3 de Abril de 1922

O presidente da Comissão Executiva

(Assinado)



ANEXO XXXIII

calde, que es amigo mio y  
 que desde luego continuara  
 la labor del que le precedio.  
 Ahora bien, dada la fecha en  
 que estamos, lo que necesito es  
 la confirmacion de un viaje pa-  
 ra dar la noticia como reguila  
 y que la incluyan en el pro-  
 grama de fiesta, y ademas  
 que me proporcionen el numero  
 de longos venen (y hasta una  
 relacion nominal), de lo que  
 se componen las dos agrupaci-  
 ones, de las piezas que interpe-  
 taran, etc. para encomendar  
 recomendar al Abilde la ma-  
 joral preparacion.  
 Con tal motivo se cuenta  
 de V. atto. s. s.

J. L. Amador

Capitanía General  
 de  
 Canarias 9. Abril. 1922.

D. D. Bristeros d'Acemad.

Mi distinguido Sr. Co-  
 mo quiera que mi padre  
 embarca mañana con destino  
 a eso, aprovechar la oportuni-  
 dad para que sea portador de  
 la presente en contestacion a  
 su atto. de 27 de marzo  
 e interes, relativo a la exco-  
 rion del orfeon y de la agru-  
 pacion Tasso de Tuitas.  
 Celebro la coincidencia de  
 que tengan Vds. un vapor el  
 24 y 28 de este mes, porque

Documento 19 a, págs. 1 e 4 – Correspondência acerca do transporte do Orfeão para as Canárias - Arquivo do Orfeão

ANEXO XXXIV

mis acciones para la conse. cuestioni de los transportes no emi.  
 cision de un barco fletado aplicara para Vds. un gradamen  
 tropizada con serias dificult. excesivo.  
 tades. Habia si, efectivamente. Al no presentarse el asunto ha.  
 te, la posibilidad de conseguirlo en aspecto, he de celebrar, como  
 una de las que hacen aqui a los digo, que tengan Vds. en  
 el servicio entre islas, que son tanta oportunidad un barco que  
 bastante buenos, mas para ello los frente tal servicio, pues el  
 hay que pedir autorizacion al regreso, si fuesen en el propio  
 Gobierno por tratarse de una ruta de hacerlos por las Palmas,  
 Compañia subvencionada y hay serian mas haciedo conseguirlo  
 que contar primeramente en la allí mismo, aparte de que no  
 Gerencia que radica en las Pal. faltan vapores que hagan con  
 mas; además el precio se salie frecuencia esa frecuencia.  
 de lo razonable, cuando yo, fue. Respecto al alojamiento, el  
 ciamiento, lo que trataba, incluso Alcalde me ofrecio conseguirlo;  
 al querer organizar una espe. sin embargo, tengo que insistir  
 dicion en los elementos de de nuevo sobre ello porque desde  
 aqui, y en un futuro asi. este mes, que ha empleado un  
 lia de la comision, en que la nuevo ejercicio, tenemos nuevo Al.

Documento 19 b, págs. 2 e 3 – Idem

## Tradução do documento 19 a e b

3.Abril.1922

Senhor D. Cristóvão d' Ascensão.

Meu distinguido Sr.: como quero que meu pai embarque amanhã com destino a essa, aproveito a oportunidade para que seja portador da presente em resposta à sua acta de 21 de Março anterior, relativa à excursão do orfeão e do grupo Passos de Freitas.

Celebro a coincidência de que tenham V. Exa. um vapor a 27 ou 28 deste mês, porque as minhas gestões para a consecução de um barco fretado tropeçavam com sérias dificuldades. Havia sim, efectivamente, a possibilidade de conseguir um dos que fazem aqui o serviço entre ilhas, que são bastante bons, mas para isso há que pedir autorização ao Governo por se tratar de uma companhia subvencionada e há que contar primeiramente com a gerência que radica em Las Palmas; além disso o preço se sair do razoável, quando eu, precisamente, o que tratava incluso ao querer organizar um expedição com os elementos de aqui; e com um pequeno auxilio da comissão, essa que a questão dos transportes não implicará para V: Exas. um agravamento excessivo.

Ao não se apresentar o assunto sob esse aspecto é de celebrar, como antes digo, que tenham V.Exas. com tanta oportunidade um barco que lhes preste tal serviço, pois o regresso, se persistem com o propósito de fazê-lo por Las Palmas, será mais fácil consegui-lo ali mesmo, à parte de que não faltam vapores que façam com frequência essa travessia.

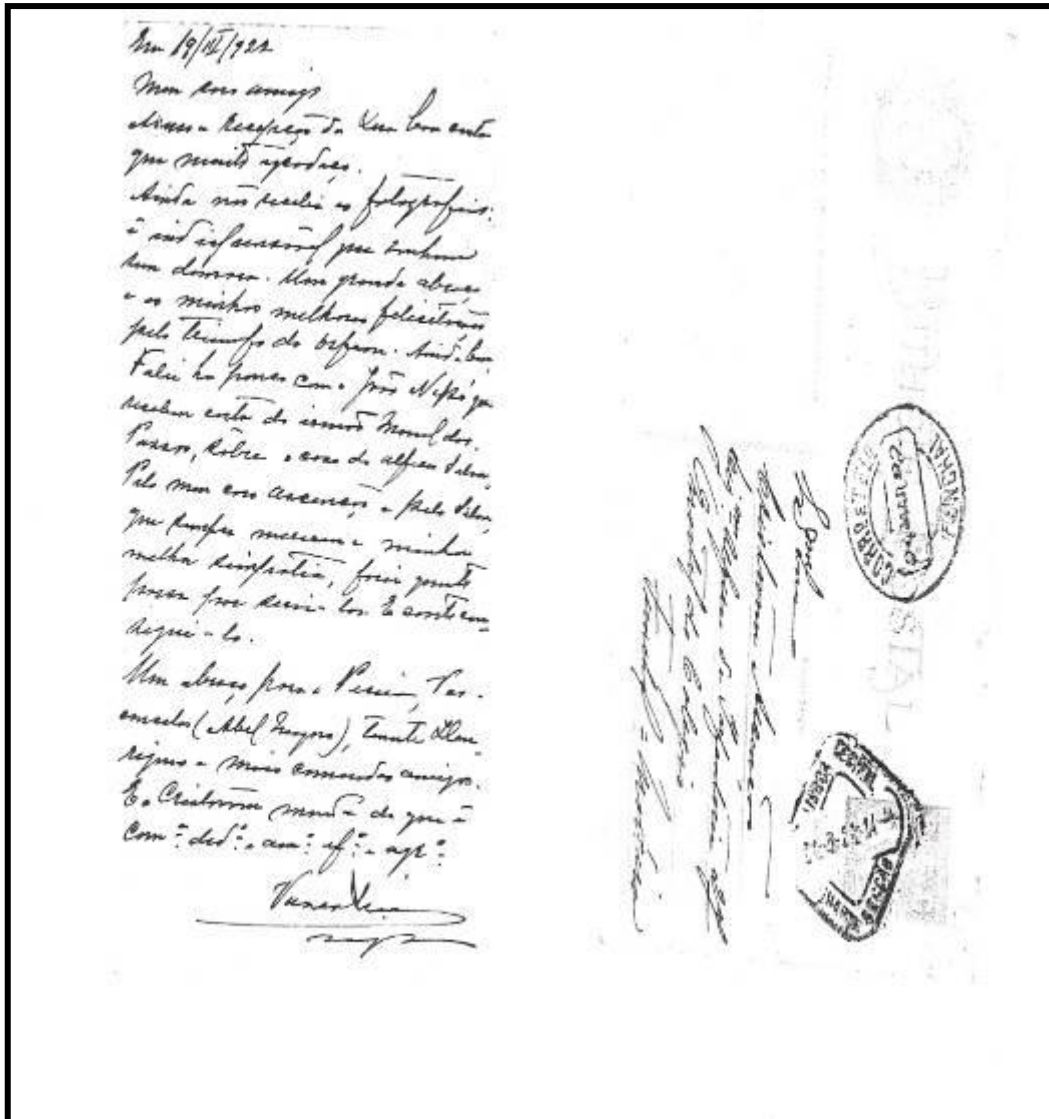
Com respeito ao alojamento, o Alcaide ofereceu consegui-lo, no entanto, tenho que insistir de novo sobre isso porque desde este mês, que começou uma nova gerência, tivemos novo Alcaide, que é meu amigo e que desde logo continuará o trabalho do que o precedeu.

Ora bem, dada a data em que estamos, o que necessito é a confirmação da sua viagem faça dar a notícia como segura e que a incluam no programa de festas, e além disso que me proporcionem o numero dos que vêm (e até uma relação nominal), do que se compõem os dois agrupamentos, das peças que interpretarão, etc. para encomendar e recomendar ao Alcaide a natural preparação.

Com tal motivo se reitera de V. Atenciosamente

(Assinado)

ANEXO XXXV



Documento 20 – Correspondência – Arquivo do Orfeão

## Tradução do documento 20

Exmo. Sr.  
Cristovão Ascensão  
Digníssimo Alferes de Infantaria 27  
Quartel do Colégio  
Funchal - Madeira

Em 19/III/922

Meu caro amigo acuso a recepção da vossa boa carta que muito agradeço.

Ainda não recebi as fotografias: é mesmo impossível que venham sem demora. Um grande abraço e as minhas melhore felicitações pelo triunfo do orfeão. Ainda bem. Falei há pouco com o João Neto que recebeu carta do irmão Manuel dos paços, sobre o caso do alferes Silva pelo meu caro Ascensão e pelo silva que sempre merecem a minha melhor simpatia. Fico grato por servi-los.

E conto consegui-lo.

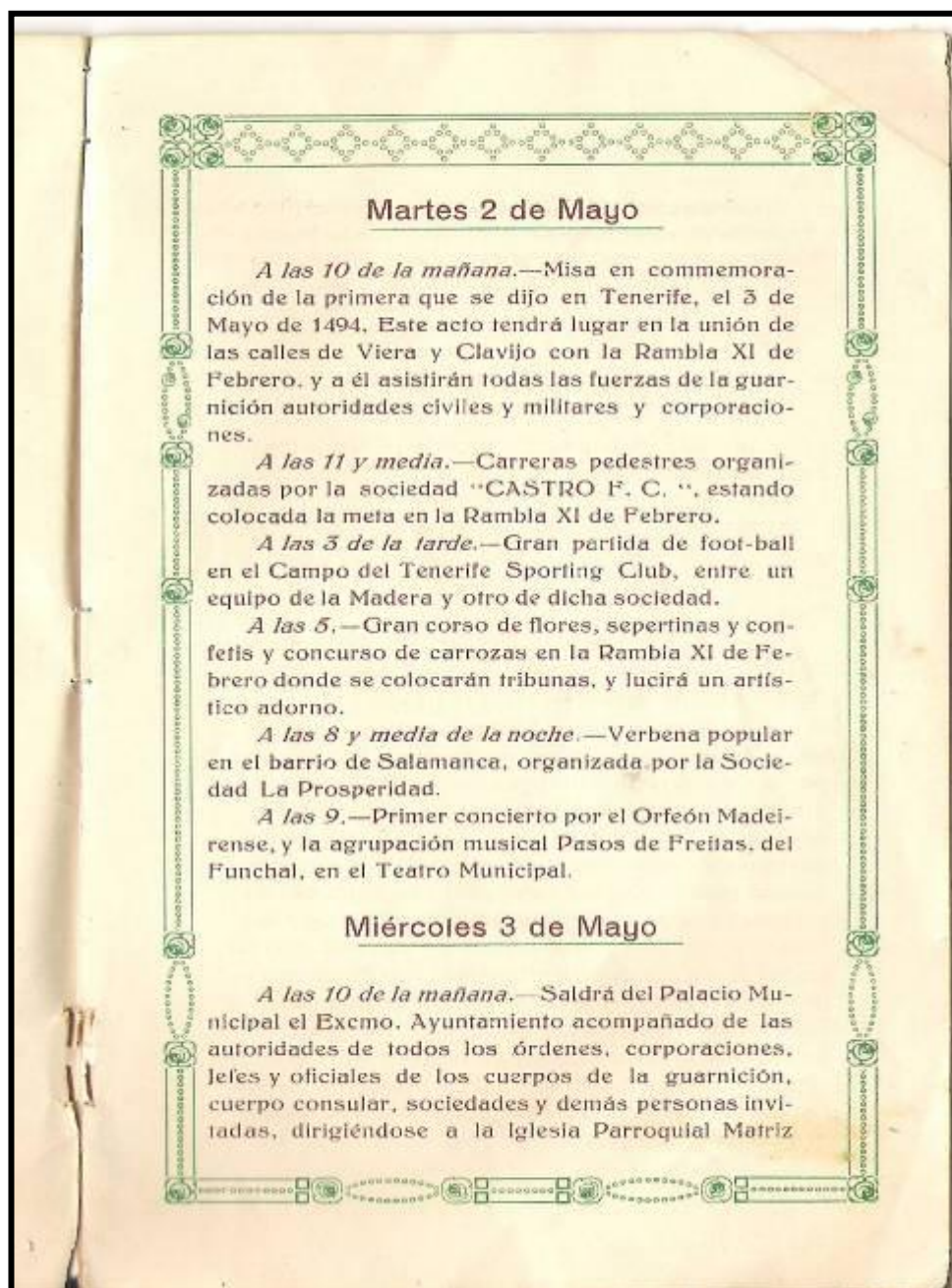
Um abraço para o Pereira, Vasconcelos (Abel Marques), tenente Henriques e mais comandos amigos.

(Assinado)

ANEXO XXXVI

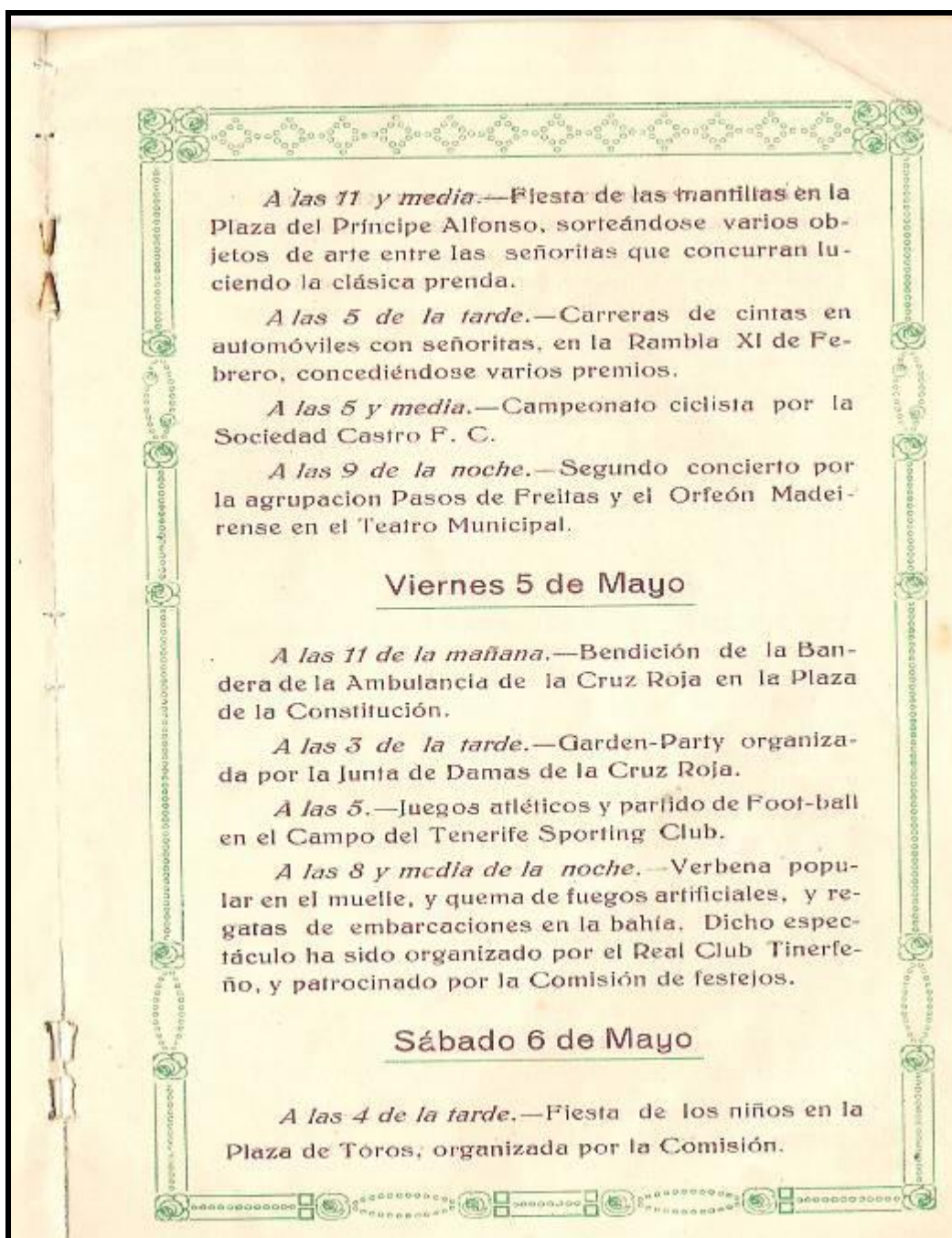


Documento 21 a-- *Programas das Festas de Maio* – Arquivo do Orfeão



Documento 21 b-- Programas das Festas de Maio – Arquivo do Orfeão

## ANEXO XXXVIII



Documento 21 c - Idem



**Segundo concierto del Orfeón Madeirense y la Agrupación "Passos de Freitas"**

Mañana, a las nueve de la noche, tendrá lugar en el Teatro Municipal, el segundo y último gran concierto a cargo del Orfeón Madeirense y la Agrupación "Passos de Freitas", que tan resonante éxito obtuvieron la noche de su primera presentación.

El selecto programa que mañana ofrecerán ambas notabilísimas entidades artísticas, será el siguiente:

**PRIMERA PARTE**

Por la agrupación musical  
Dr. Passos de Freitas

- 1) Marcia.—Mendelssohn.
- 2) Minuetto.—A. Alfieri.
- 3) Impromptu.—X. Scharwenka.
- 4) Fado núm. 4.—R. de Campos.
- 5) La mort d'Ase.—E. Grieg.
- 6) Chant sans paroles.—Tschai-kowsky.
- 7) Rhapsodia portuguesa.—M. Figueiredo.

**SEGUNDA PARTE**

8) Fados en guitarra portuguesa, por Luis Pinheiro: Variaciones sobre temas clásicos:

- a) en lá mayor.
- b) en lá menor.

9) Fados y canciones portuguesas cantados con acompañamiento de guitarras portuguesas.

**TERCERA PARTE**

Por el Orfeón Madeirense

- 10) No terreiro.—G. Coelho.
- 11) Fuga (Damnation du Faust).—Berlioz.
- 12) Canções da nossa terra (rhapsodia).—I. Aranha A. Joyce.
- 13) Coro di Cacciari (Der Freyschütz).—Weber.
- 14) L'enclume.—C. Gounod.
- 15) Coro dei soldati (Faust).—C. Gounod.

## **Tradução do documento 22**

Segundo concerto do Orfeão Madeirense e do Grupo “Passos de Freitas”

Amanhã, às nove da noite, terá lugar no Teatro Municipal, o segundo e último grande concerto a cargo do Orfeão Madeirense e do Grupo “Passos de Freitas”, que tão ressonante êxito obtiveram na noite da sua apresentação.

O selecto programa que amanhã oferecerão ambas as notabilíssimas entidades artísticas, será o seguinte:

### **PRIMEIRA PARTE**

Pelo grupo musical DR. Passos de Freitas

- 1) Marcha – Mendelssohn
- 2) Minuetto – A. Alfieri
- 3) Impromptu – X. Scharwenka
- 4) Fado num.4 – R. de Campos
- 5) La mort d’Ase – E. Grieg
- 6) Chant sans paroles – Tschaikowski
- 7) Rapsódia Portuguesa- M. Figueiredo

### **SEGUNDA PARTE**

8) Fados em guitarra portuguesa, por Luís Pinheiro: Variações sobre temas clássicos:

- a) em la maior
- b) em la menor

9) Fados e canções portuguesas cantadas com acompanhamento de guitarras portuguesas.

### **TERCEIRA PARTE**

Pelo Orfeão Madeirense

- 10) No terreiro – G. Coelho
- 11) Fuga (Danação de Fausto) – Berlioz
- 12) Canções da nossa terra (Rapsódia) – I. Aranha, A. Joyce
- 13) Coro di Cacciari (Der Freyschutz – Weber
- 14) L’enclume – G. Gounod
- 15) Coro dei soldati (Faust) – G. Gounod

**Teatro Leal** | Viernes 12 de Mayo de 1922

**A las nueve en punto de la noche**

Grandioso y colosal espectáculo artístico

POR EL

**Orfeón Madeirense**

Y LA

**Agrupación Musical**

**Dr. Passos de Freitas**

Unico gran concierto que dedica este  
**ORFEON** a la ciudad de La Laguna

Este espectáculo se sujetará al siguiente programa:

*PRIMERA PARTE*

Por la Agrupación musical:

Ouverture.—Macciochi.

Serenade.—Alfieri.

Tarantela.—Mezzacopo.

Balade.—Grieg.

Imprromptu.—X. Ccharwenka.

Rapsodia de fados.—C. Megliano.

*SEGUNDA PARTE*

Fadós y canciones portuguesas cantados con acompañamiento de guitarras.

*TERCERA PARTE*

Por el Orfeón Madeirense.

Coro dei soldati (Faust.)—C. Gounod.

Canção do Linho.—T. Borba.

Coro dei cacciatori (Der Freyschütz)—Weber.

Canções Trammontanas.—Pinto Ribeiro.

Canções do mar bravo.—A. Sarti.

L' Enclume.—C. Gounod.


**P R E C I O S**

Platez con 6 entradas . . . . .	30'00
Palcos con 6 idem . . . . .	25'00
Butaca (numerada). . . . .	4'00
Anfiteatro 1. <sup>a</sup> fila . . . . .	2'50
idem 2. <sup>a</sup> fila . . . . .	2'00
Delantera de Paraíso . . . . .	1'50
Entrada a Paraíso . . . . .	1'00

NOTAS.—Las localidades para este espectáculo puede Vd. adquirirlas en la oficina de D. José G. Rivero, hasta las 4 de la tarde. Desde esta hora en adelante en la taquilla del Teatro.

Este programa podrá ser alterado por cualquier motivo imprevisto.

Se ruega al público no entrar en la Sala una vez haya empezado el espectáculo. Empezará a la hora en punto anunciada.



# TEATRO MUNICIPAL

DE  
SANTA CRUZ DE TENERIFE

---

## FIESTA ARTÍSTICA

en homenaje de despedida a los excursionistas  
madeirenses,  
organizada por varios elementos de esta Capital,  
para hoy Sábado 13 de Mayo.

---

A LAS 9 1/2 EN PUERTO

---

PRIMERA PARTE

1.º	9.º <i>concierto</i> a) Adagio. b) Rondó.	C. DE BERIOT
2.º	Marcia.	MENDELSSON

Agrupación Passos de Freitas

3.º Fados portugueses por varios elementos del Orfeón Madeirense cantados a la guitarra.

SEGUNDA PARTE

1.º	Canção do mar bravo.	A. SARTI
2.º	Coro di soldati (Fausto)	GOUNOD
3.º	L'Enclume.	GOUNOD

Orfeón Madeirense

TERCERA PARTE

1.º	a) «Manon Lescaut» (aria).	PUCCINI
	b) «Gioconda» (suicidio)	PONCHIELLY

Maruca Santaella

2.º	a) Arabesque	DEBUSSY.
	b) Printemps	GRIEG.
	c) Sevilla	ALBÉNIZ.

Emma Martínez de la Torre

3.º	a) «Tanhauser» (Salve d'amor)	WAGNER.
	b) L'amico Fritz	MASCAGNE.
	c) Mi pobre reja	TARUYO.

Matilde Martín

4.º	«Cavalleria Rusticana»	MASCAGNE.
-----	------------------------	-----------

Duo de Santuzza y Turiddu)

Matilde Martín y Jorge Sansón

---

Las localidades se hallan a la venta en la tabaquería La Nobleza, Plaza de la Constitución, hasta las 3 de la tarde, y a partir de esta hora en la taquilla del teatro.

---

Lib. y Tip. Católica. — Tenerife.

## **ANEXO XLII**

### **Acta nº1**

(...) “Foi deferido o requerimento do “Orfeon Madeirense” e “Grupo Musical Passos de Freitas” para realizar algumas audições no Teatro Dr. Manoel D’Arriaga nos dias 1, 3, 4, 5, 6 e 7 de Março próximo e desde que o funcionamento do Teatro seja autorizado pelo chefe da Secção Electrotécnica” (...).<sup>207</sup>

### **Acta nº2**

(...) “Do “Orfeon Madeirense” e “Grupo Musical Passos de Freitas” para realizar as suas audições no Teatro Dr. Manoel D’Arriaga desde os dias 9 a 20 do corrente” (...).<sup>208</sup>

### **Acta nº3**

(...) Idem do “ayuntamiento” de Santa Cruz de Tenerife em resposta, communicando que em sessão de 15 do mez findo, resolveu ver com a maior satisfação a propósito do “Orfeon Madeirense” e o “Grupo Musical Passos de Freitas”, afirmando que a viagem destas entidades áquela Ilha constituirá um grande acontecimento para a sua capital e a sua cooperação nas festas de Maio, honrando o programa das mesmas, foi acolhida com verdadeiro carinho e simpathia pela comissão organizadora das ditas festas e por todas as entidades d’aquela cidade as quaes anseiam por poder tributar-lhes um caloroso acolhimento e os merecidos aplausos.

Agradecer e enviar copia deste officio as referidas colectividades (...).<sup>209</sup>

### **Acta nº4**

(...) “Idem da Câmara de Santa Cruz de Tenerife agradecendo a honra da visita dos madeirenses aquela ilha por ocasião das festas de Maio, bem como a representação desta Câmara, brilhantemente feita pelo Sr. Dr. Ernesto Pelágio dos Santos e bem assim o resumo da deliberação tornada pela mesma Câmara para sessão do dia 10 de Maio ultimo (...).”<sup>210</sup>

## **Documento 25 – Arquivo da Câmara Municipal do Funchal**

---

<sup>207</sup> Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 de Câmara Municipal, Acta da Sessão da Comissão Executiva de 23 de Fevereiro de 1922, pág.130

<sup>208</sup> Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 de Câmara Municipal, Acta da Sessão da Comissão Executiva de 2 de Março de 1922, pág.133

<sup>209</sup> Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 de Câmara Municipal, Acta da Sessão da Comissão Executiva de 30 de Março de 1922, pág.149V,150

<sup>210</sup> Livro de Actas de 28 de Abril de 1921 a 13 de Julho de 1922 de Câmara Municipal, Acta da Sessão da Comissão Executiva de 15 de Junho de 1922, pág.184

# Funchal Theatre

Thursday 21st February. 1924  
at 9.30 p. m.

## A grand concert

Will be given by the musical Group of Passos de Freitas  
and the Orfeon Madeirense to british visitors, in honour of the  
visit of the British Fleet to Funchal.

---

First part.

By the musical group of Passos de Freitas

- 1—La Clemenza di Tito, overture . . . *W. Mozart*
- 2—Rapsodia de fados populares . . . *C. Magliano*
- 3—Danças portuguezas n.º 2 . . . . . *M. Ribeiro*
- 4—Arias Andaluzas . . . . . *E. Lucena*

Interval, 15 minutes

Second part.

Fados tocados à guitarra com acompanhamento de viola  
Fados cantados (Portuguese Songs)

Interval, 15 minutes

Third part.

By the Orfeon

- (\*) 1—Cêro dei Soldati (Faust) . . . . . *C. Gounod*
- 2—Morena. . . . . *J. Arroio*
- 3—Choeur Bachique (Robert Bruce) *Rossini*
- 4—Canções transmontanas (Rapsodia portugueza) . . . . . *P. Ribeiro*
- (\*) 5—Canção do mar bravo . . . . . *A. Sarti*
- 6—L'Enlume . . . . . *G. Gounod*

(\*) Harmonized by the local band master of the  
27th Regiment Infantry, MR. COELHO

*Theatre box office will be open on the 19th & 20th  
February from 11 a. m. to 3 p. m. and on Thursday 21st  
the Whole day.*

---

Prices.

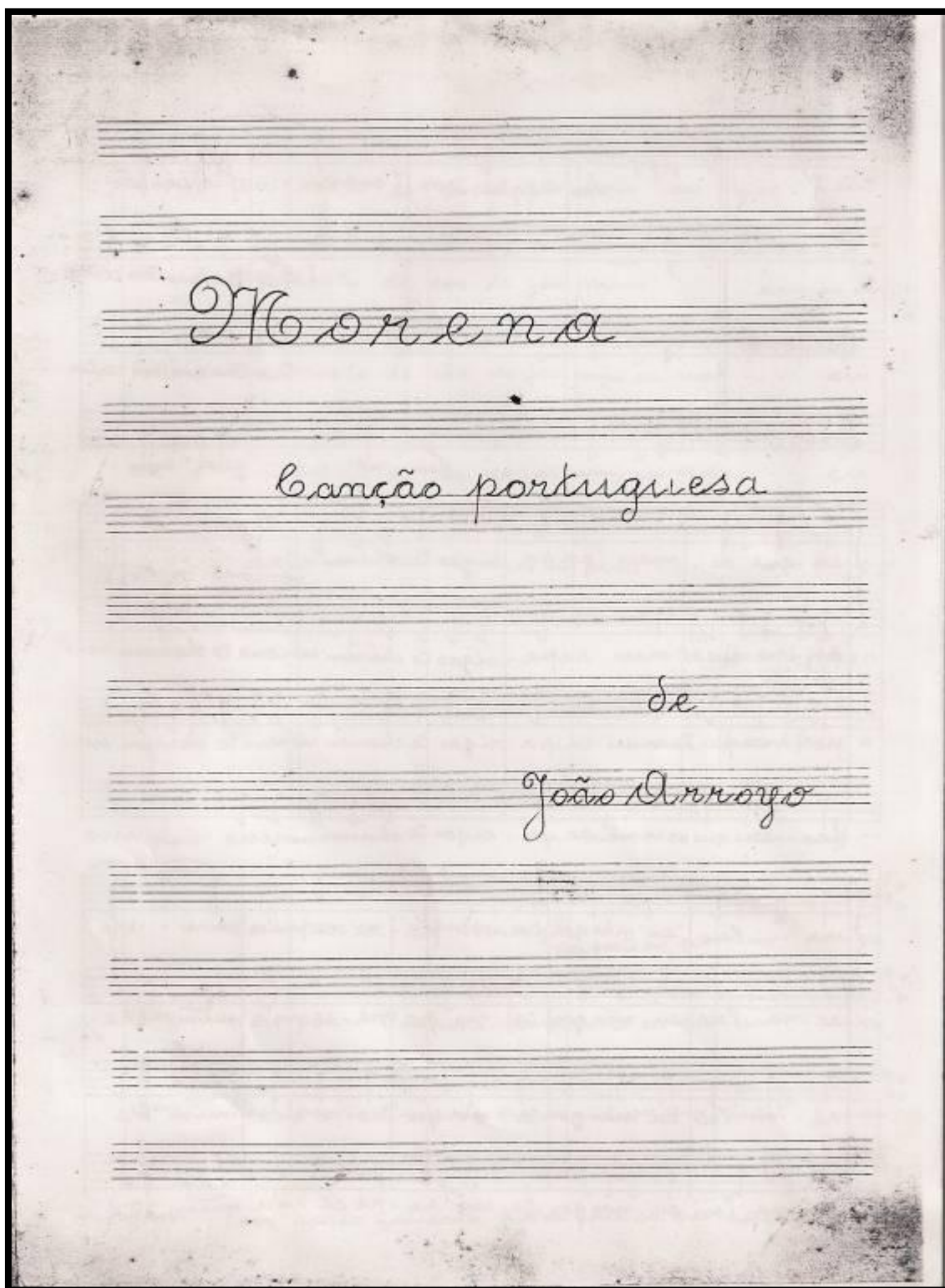
Stall, dress circle and upper circle boxes

4, Persons, £ 1.10.0
5, Persons, £ 1.15.0
6, Persons, £ 2.0.0

Orchestral Stalls, 7/- Pit Stalls, the first four files 5/-  
Other files 3/-

Documento 26 – Programa de um concerto em inglês – Arquivo do Orfeão

ANEXO XLIV



Documento 27 a – Partitura de “Morena” – Arquivo do Orfeão

ANEXO XLV

1<sup>o</sup> *longo*  $\text{F}\sharp$   $\frac{6}{8}$  *pp*

Não negues con fessa ... - - - - - con fessa ..

2<sup>o</sup>  $\text{F}\sharp$   $\frac{6}{8}$

Que tens que tens certa

Baritone  $\text{F}\sharp$   $\frac{6}{8}$

Que tens que tens certa

Baixo  $\text{F}\sharp$   $\frac{6}{8}$

Não ne - - - - - gues con - -

sa que as mais na pa - - - - - rigas te chamem mo - - - - - re - - - - -

pe - na que as mais na pa - - - - - rigas te chamem suprema te chamem mo -

pe - - na que as mais na pa - - - - - rigas te chamem suprema te chamem mo -

fes - sa que as mais na pa - - - - - rigas te chamem morena mo

na -- Pais eu não gos - ta - va pa - re - ce n'á mim - de

re - na Pais eu não gos - ta - va pa - re - ce n'á mim de

re - na Pais eu não gos - ta - va pa - re - ce n'á mim de

re - na Pais eu não gos - ta - va pa - re - ce n'á mim de

Documento 27 b – Idem



ANEXO XLVI

*P rall*

vêr o teu rosto da cor do jas-min eu não eu  
 vêr o teu rosto da cor do jas-min eu não eu  
 vêr o teu rosto da cor do jas-min eu não -- eu  
 vêr o teu rosto da cor do jas-min eu não -- eu

não -- eu não mas em fim -- em fim  
 não -- E' fraca é fraca a  
 E' fraca é fraca a  
 não -- eu não mas em f--

--- Pois pou co t'importa qui eu goste que não mas  
 ão -- Pois pou co t'importa que eu goste ou que não mas  
 ão -- Pois pou co t'importa que eu goste ou que não -- mas  
 fim Pois pou co t'importa que eu goste ou que não

Documento 27 c - Idem

ANEXO XLVII

*P rall*

ver o teu rosto da cor do jas-min eu não eu  
 ver o teu rosto da cor do jas-min eu não eu  
 ver o teu rosto da cor do jas-min eu não eu  
 ver o teu rosto da cor do jas-min eu não eu

não eu não mas em fim em fim  
 não E' fraca é fraca a  
 não E' fraca é fraca a  
 não eu não mas em fim

Pois pou co t'importa que eu goste ou que não mas  
 jas - Pois pouco t'importa que eu goste ou que não mas  
 são - Pois pouco t'importa que eu goste ou que não mas  
 fim Pois pouco t'importa que eu goste ou que não

Documento 27 d - Idem

ANEXO XLVIII

Olh'as vio - le - - - - - tas o cheiro que  
 Olh'as vio - le - - - - - tas o cheiro que  
 Olh'as vio - le tas olh'as vio le - - - - - tas o cheiro que  
 que seud'umas pretas o cheiro que tem - - - - -  
 tem - - - - - vê la que se - ri - - - - -  
 tem - - - - - vê lá que se ria a que se - ri - - - - -  
 tem - - - que tem. vê lá que se ria que se ria - - - - -  
 - - - o cheiro que tem Se Deus as fizese morenas tam -  
 a morenas tam bem - - - - - .. morenas tam bem - - - - -  
 a mo-re ... nas morenas tam bem more - - - nas morenas tam.  
 a mo re - - - nas morenas tam bem more - - - nas morenas tam.  
 bem more - - - nas - - - - - mo re - - - nas - - - - -

Documento 27 e – Idem

ANEXO XLIX

ORFEÃO MADEIRENSE

Funchal-Madeira

Funchal, 5 de Junho de 1934.

Exmo. Snr.  
Secretario do "Orfeão Portugal"  
Rio de Janeiro

Exmo. Snr.

Muito gostosamente acusamos a recepção da sua carta-circular comunicando-nos a eleição dos novos Gerentes do "Orfeão Portugal", o que pehoradamente agradecemos.

Honrou-nos sobremaneira a s/ gentileza e surpreendeu-nos que o nosso "Orfeão Madeirense", reorganizado há pouco menos dum ano, fosse já conhecido nessa Sociedade, porquanto neste período de tempo, e por motivos estranhos a nossa vontade, apenas pudemos organizar dois concertos publicos.

Gostaríamos, se para isso V. Exa. estivesse de acordo, de manter mais estreitas relações com essa honrosa Colectividade, ousando propor nesse sentido, permuta mútua de programas de concertos realizados, com indicação das peças de maior agrado publico, o que seria um ótimo elemento na escolha de futuro repertorio. A nossa Direcção luta presentemente com a dificuldade de escolha de corais portugueses, e por isso muito agradecido ficaria por todas as indicações que V. Exas. lhe pudessem facultar a esse respeito.

A nossa biblioteca, embora reduzidissima, fica ao inteiro dispor de V. Exa. para o que lhe enviaremos, dentro em pouco, uma lista detalhada.

Igualmente lhe pedimos o obsequio de nos informar de quantos elementos e naipes se compõe o v/ orfeão, se tem repertorio para cantar ~~em conjunto com orquestra~~, enfim todos os informes que nos possam dar e que para nós constituirão excelentes ensinamentos que muito contribuirão para o nosso engrandecimento.

Agradecendo de antemão o obsequio da s/ resposta, tem o "Orfeão Madeirense" a subida honra de saudar com todo o affecto os seus colegas de além Atlantico.

Pelo "Orfeão Madeirense"

*Alfredo Guerra*  
Secretario

P.S.-Queira V. Exa. dirigir a s/ correspondencia para a Rua da Alfandega, 48 e 50 Funchal-Madeira.

Documento 28 – Correspondência entre o Orfeão Madeirense e o Orfeão de Portugal no Rio de Janeiro – Arquivo do Orfeão

*Supra da Madeira*  
Sábado, 5 de Janeiro de 1935

## Ouvindo o Dr. Duarte Silva

**fundador do Orfeão Académico  
e Tuna Académica de Lisboa  
sobre a arte orfeónica na Madeira**

Para aqueles que andam directamente interessados por todas as manifestações de cultura musical no nosso país, o nome ilustre do sr. dr. Duarte Silva, que se encontra presentemente nesta ilha, não é o dum desconhecido. Antes pelo contrário. A sua acção enérgica e vigorosa se deveu à fundação de dois importantes agrupamentos musicais, que embora hoje extintos, viveram horas de muito brilho e glória.

Foram eles o Orfeão Académico de Lisboa e a Tuna Académica.

Por todos estes motivos tinhamos um grande e natural desejo de ouvir o antigo fundador e regente, falar-nos sobre o Orfeão Madeirense, e duma maneira geral sobre a arte orfeónica, que encontrou nêle um apaixonado cultor, verdadeiramente dedicado a essa nobre causa artística, que tão devotadamente serviu durante alguns anos.

Vamos encontrar o nosso ilustre entrevistado na sua residência provisória, à Rua do dr. Vieira, na «Pensão Brito», e onde muito amavelmente nos recebe com a franqueza própria dum belo espírito de homem de sociedade.

Antes de darmos começo à entrevista, o sr. dr. Duarte Silva quer prevenir-nos modestamente que não foi um maestro, não foi um profissional, mas sim um amador, mas um amador fervoroso e sincero.

Seja como for, lançamos a nossa primeira pergunta:

— Qual a opinião de V. Ex.<sup>a</sup> sobre a audição «Passos de Freitas»?

— Mas, a melhor — responde-nos prontamente. O Orfeão apresentou-se esplendidamente. Um coral que canta a «Fuga», da «Danação do Fausto», como a interpretou o Orfeão Madeirense, tem já muito merecimento artístico. Encantou-me também o «Coral» de Bach.

«De resto o Orfeão Madeirense apresentou um programa muito variado, dando a cada uma das peças a interpretação justa e adequada.

«O conjunto é sobretudo equilibrado e homogêneo, não se fazendo destacar *solistas* — que é como eu chamo aos que, consciente ou inconscientemente, sobressaem-se do conjunto orfeónico...»

«Deixe que lhe diga, que a alma do Orfeão, é o sr. dr. Manuel Passos de Freitas, que eu não conheço pessoalmente, mas a quem rendo as minhas maiores homenagens. Reconhece-se a sua admirável intuição artística, a sua direcção sempre atenta e constante.

«Enfim, fiquei com uma bellissima impressão dessa inesquecível noite de Arte — e eu que andava desde há muito sequioso de boa música...»

— E os naipes femininos? — inquirimos.

— Muito harmoniosos. Podia-se, com efeito, uma vez por outra, mas muito raramente, notar aqui ou ali uma garganta mais educada, que se elevava — e isto é prejudicial — mas também a verdade é que a direcção e o cuidado constante do maestro, limava e fazia desaparecer desde logo, essas pequeninas falhas.

Isto não quer dizer que não fosse brilhante a actuação dos naipes femininos, pelo contrário.

— Acha V. Ex.<sup>a</sup> que o Orfeão tal como se apresentou, está em condições de poder, possivelmente, deslocar-se ao continente ou a qualquer outra parte, e de não desmerecer-se artisticamente ao lado de outros agrupamentos congêneres?

— Mas, incontestavelmente: em qualquer parte de Portugal o Orfeão Madeirense marcaria, tal como se apresentou com um conjunto simplesmente admirável.

— Que diz V. Ex.<sup>a</sup> ao Grupo «Dr. Passos de Freitas»?

— Creia que me entusiasmou. Muito bem escolhido repertório, uma afinação maravilhosa, um mimo de interpretação. Uma grande maleabilidade no volume de sons, desaparecendo assim a aspereza que é costume ouvir-se em instrumentos daquelle género.

O grupo tirou belos efeitos das peças, realçando os «fortes», sendo perfectos também os «pianíssimos». Deu, mesmo, a algumas peças, uma interpretação magistral.

Um comentário nosso, para fechar.

Dois factos importantes se nos ressaltam no nosso conceito pessoal sobre duas verdades claras: 1.<sup>o</sup> O Orfeão e o Grupo «dr. Passos de Freitas» pelo seu valor incontestável, devem merecer do publico um especial carinho e incentivo. 2.<sup>o</sup> A Madeira tem uma dívida a solver perante o sr. dr. Manuel Passos de Freitas. No salão-nobre do Teatro Municipal a falta dos nomes de artistas consagrados falta uma placa onde se deverá esculpir em letras douradas o nome honrado de quem tanto tem glorificado a arte musical na Madeira: E' o do dr. Manuel Passos de Freitas. Não o dizemos para merecer-lhe consideração ou agradecimentos.

A Porque não é favor — é justiça.

A. Gomes

que teve a honra de alguns recitais a benefício do Asilo «Antonio Feliciano Castilho». Era composto de 130 vozes mixtas. Realizámos alguns interessantes recitais.

— Reportório clássico?

— Interpretámos obras de Verdi, Mendelssohn, Puccini, canções regionais como a *Serrana* de Keil, e outras de Henrique Sigado de Kell, e chegou a acompanhar-nos com a sua orquestra. Entre as obras de maior responsabilidade, figuravam as páginas magistrais de Wagner, de quem sou um grande admirador, tais como o *Coro dos Cantores*, do *Tannhauser*, e o sublime *Coro dos peregrinos*. E' uma peça musical difficil, especialmente para os naipes de barítonos e baixos, que se subdividem em determinadas passagens. Deí-lhe uma interpretação tanto quanto possível rigorosa, não lhe alterando uma nota.

Digo isto, porque já a tenho ouvido, e creio que levemente deturpada, o que é lamentável.

Não queremos voltar mais tempo ás occupações do nosso amável entrevistado.

O sr. dr. Duarte Silva, sempre gentil, e já de pé, novamente nos fala da sua muita admiração pelo sr. dr. M. Passos de Freitas.

E diz-nos:

— Creia que muito admiro as grandes qualidades artisticas do sr. dr. Manuel Passos de Freitas, como regente do Grupo e Orfeão Madeirense. E' uma bôa alma de artista.

E deixa dizer-lhe com franqueza, que me causa admiração não ter o Estado, ou emfim o Municipio reconhecido ainda os esforços de tão ilustre madeirense, prestando-lhe uma homenagem pública de agradecimento pelos seus serviços, pelo seu trabalho persistente e espinhoso.

E com mais algumas elogiosas palavras sobre a nossa ilha, o sr. dr. Duarte Silva, despede-se, sempre amável, sempre solícito.

Documento 29 – Entrevista a Duarte Silva - Arquivo Regional do Funchal

ANEXO LI



Documento 30 a – Programa das Festas da Cidade de 29 de Dezembro de 1935 –  
Arquivo do Orfeão

## ANEXO LII

**PROGRAMA**

**PRIMEIRA PARTE**

- 1 - Egmont (Ouverture) . . . . . L. Beethoven
- 2 - Cármenes Grandísimas . . . . . V. Millán
- 3 - Mon Cœur est pour toi . . . . . L. Silesu
- 4 - Casse Noisette no. 3 (Marche) . . . . . P. Tchaikowsky
- 5 - Patrouille Arabe . . . . . A. Manfred
- 6 - Rapsódia Slava . . . . . David de Sousa

Pelo Grupo «Dr. Passos de Matos»

**SEGUNDA PARTE**

- 1 - Canta pe' me (Canção Napolitana) . . . . . E. de Curtis
- 2 - Aria da Favorita (Ó mia Fernanda) . . . . . G. Donizetti

Pela Srs. Sra. D. Matilde Yeiga Pestana Nunes

- 3 - Plaisir d'Amour . . . . . G. Martini
- 4 - Vivo Bacco e il suo liquor  
(Der Freyschütz) . . . . . C. Weber

Pelo Exco. Ser. Tenente Carlos Silva

Acompanhamentos ao piano pelo distinto pianista  
españolista Exco. Ser. Santos Freitas

**TERCEIRA PARTE**

- 1 - Fausto (Coro dei Soldati) . . . . . G. Gounod
- 2 - Oração da Tarde . . . . . G. Gounod
- 3 - L'Enclume . . . . . G. Gounod

Pelo «Orfêo Madeirense» (vozes masculinas)

ENTREACTO DE 1 MINUTO

- 4 - Canção da bisbilhoteira . . . . . A. Sarti
- 5 - Canções transmontanas . Brito Aranha e A. Joyce
- 6 - Canção dos moínhos . . . . . A. Costa Ferreira
- 7 - Marcha das Ruínas de Atenas . . . . . L. Beethoven

Pelo «Orfêo Madeirense» (vozes mistas)

Este programa pode ser alterado  
por qualquer motivo imprevisto

Documento 30 b – Idem

ANEXO LIII

**Empreza Cinema Sonoro da Madeira**

FOLHA N.º 1

Folha de RECEITA do espectáculo realizado em 29 de Dezembro de 1934  
 com o titm. Grupo 'Dr. Passos de Sousa' e 'Orfeão madeirense'

Lotação do teatro entregue ao bilheteiro	Poltrons Primeiros	Poltrons Segundos	Poltrons Terceiros	Preços	Total Escudos
5 Poltrons para 4 pessoas	-	-	5	50 00	250 00
4 " " 5 "	-	-	4	62 50	250 00
8 " " 6 "	2	-	6	75 00	450 00
5 Camarotes 1.º ordem para 4 pessoas	-	-	5	50 00	250 00
6 " " " 5 "	-	-	6	62 50	375 00
8 " " " 6 "	1	-	7	75 00	525 00
5 " " 2.º " 1 "	-	-	6	50 00	300 00
5 " " " 5 "	-	-	6	62 50	375 00
6 " " " 6 "	1	-	5	75 00	375 00
<sup>124</sup> <del>126</del> Fantocils 1.ª platina	26	-	98	12 50	1225 00
98 Cadeiras de Galeria	7	2	89	6 00	534 00
124 Fantocils complementares 3.ª platina	-	-	124	12 50	1550 00
<sup>50</sup> <del>205</del> Geral todo	15	28	43	3 00	210 00
70 Entradas avulsas	-	10	10	12 50	125 00
70 - Poltrons	10	-	62	12 50	800 00
					7605 00
				Diferença	15 00
					7390 00

Documento 31 – Receita do espectáculo realizado em 29 de Dezembro de 1934 –  
 Arquivo do Orfeão



ANEXO LIV

Recibo N.º **23** 8

## Teatro Municipal

Empresa *Sarau Musical com o Grupo do Orfeão Feitas - Orfeão Madureira - Grupo Guitara*

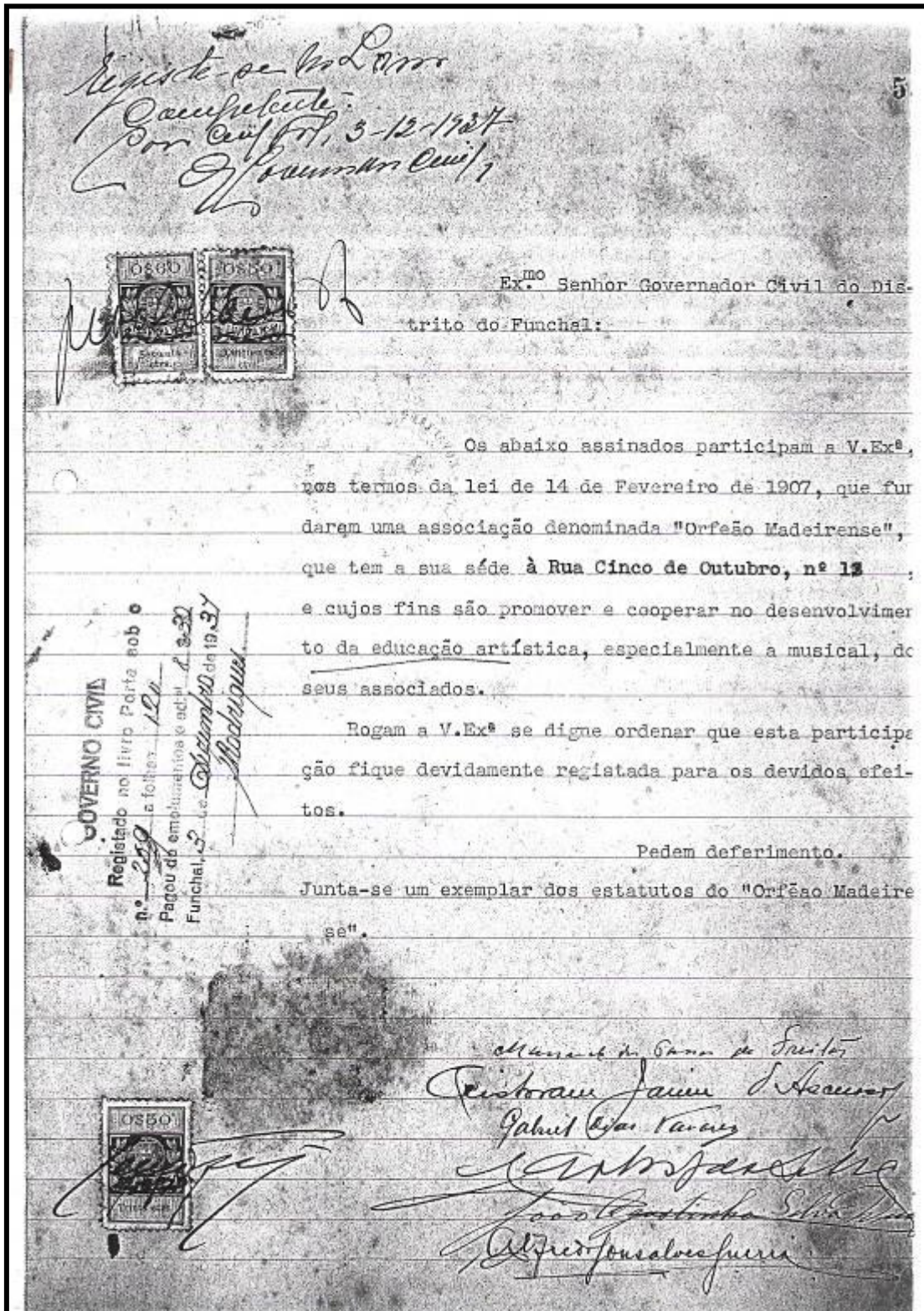
Folha da noite

Espectaculo da noite de *29 de Dez* de 1934

Movimento da scena do dia	60 \$ -
" " " da noite	30 \$ -
Electricista	15 \$ -
Porteiros (diferentes ramos de serviço)	81 \$ -
Fiscalisação	- \$ -
Serviço interno dias (Art. 32 § unico do Reg.)	15 \$ -
<i>Emprego durante ensaios = 15 + 12 = 27 @ 3.00</i>	81 \$ -
Limpeza do edificio	30 \$ -
Serventes	5 \$ -
<i>Seguro de carpinteiros</i>	20 \$ -
Pertences de Scena	\$ -
<i>Baldeteiro</i>	30 \$ -
Figurantes	\$ -
Iluminação Suplementar	8 \$ 50
Electricidade <i>73 KW</i>	39 \$ 50
<i>Resistencia durante ensaios 108 KW</i>	58 \$ 50
<i>Reparação de Teatru</i>	5 \$ -
Despesas	\$ -
<i>Gratificação a operadores</i>	40 \$ -
<i>" " " carpinteiros</i>	20 \$ -
	\$ -
Importancia total deste documento, Esc. . .	538 \$ 50

O Fiscal  
*J. Andrade*

Documento 32 – Recibo do Sarau Musical de 29 de Dezembro de 1934 – Arquivo do Orfeão



Documento 33 – Pedido para formar a associação do Orfeão Madeirense – Arquivo Regional do Funchal

Funchal, 23 de Março de 1953

Exm<sup>a</sup> Snr<sup>a</sup>  
D. Maria Campina  
Digm<sup>a</sup> Directora da  
Academia de Música da Madeira  
          N E S T A          

O "Septeto Dr. Passos de Freitas" e o "Orfeão -  
Madeirense", agora reconstituído com os seus antigos componen-  
tes, para colaborar na festa de homenagem que a Exm<sup>a</sup> Câmara  
Municipal desta cidade deliberou prestar ao seu falecido Direc-  
tor, desejando prestar, também, homenagem ao seu velho Chefe,  
resolveu realizar uma audição no dia 26 do corrente, cujo pro-  
duto reverterá a benefício da "Academia de Música da Madeira"  
de que V.Ex<sup>a</sup> é digna Directora, afim de ser instituído um pré-  
mio ou prémios com o nome do Dr. Manuel dos Passos de Freitas,  
ficando ao vosso esclarecido critério a sua regulamentação.

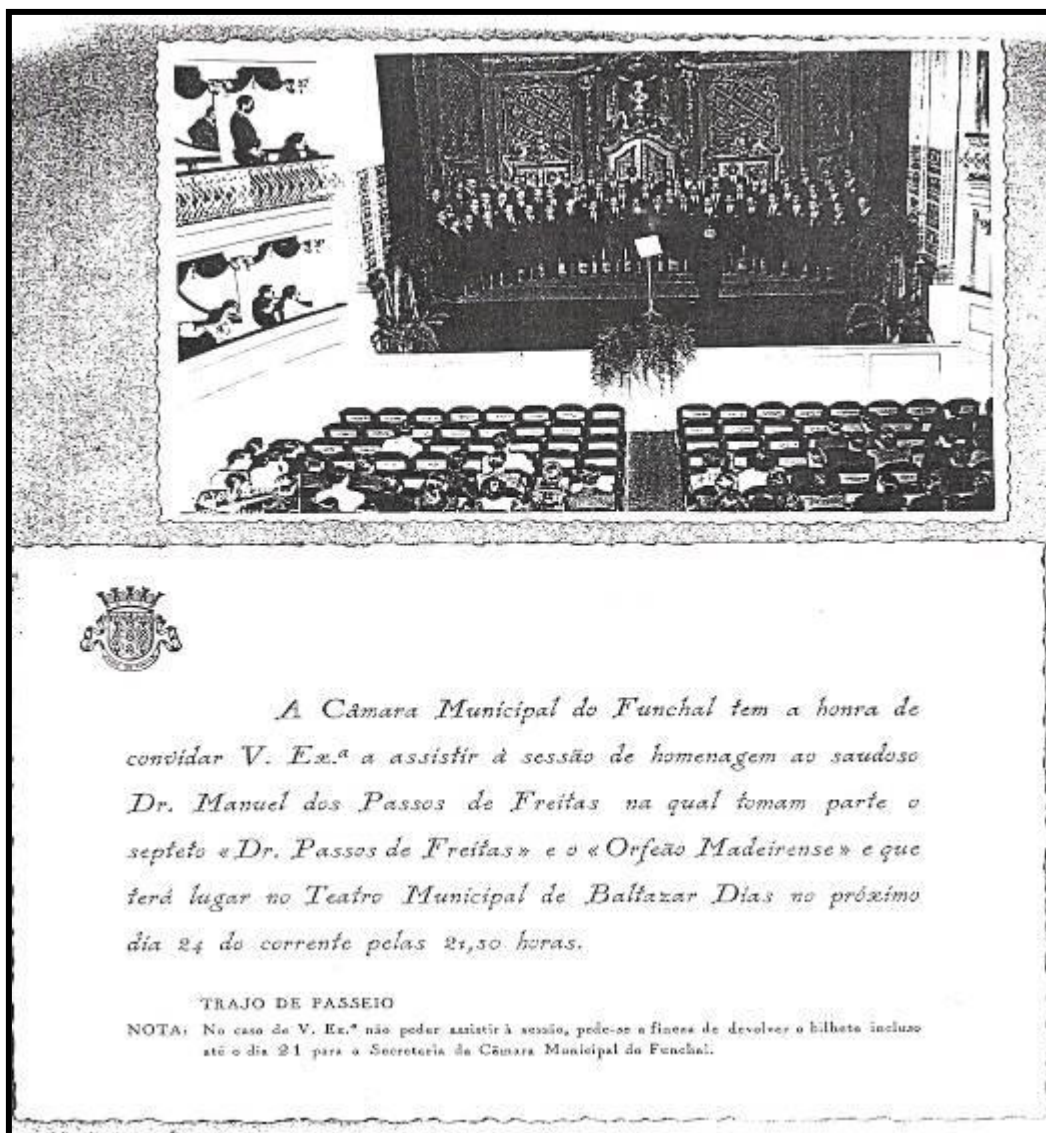
Com os protestos da nossa mais elevada considera-  
ção, subscrevemo-nos

De V.Ex<sup>a</sup>  
Attos. Vend. Obgdos.  
Pelo "Septeto Dr. Passos de Freitas" e "Orfeão Madeirense"



Documento 35 – *Entrada do Teatro Municipal do Funchal* - Fotografia da autora

ANEXO LVIII



*A Câmara Municipal do Funchal tem a honra de convidar V. Ex.<sup>a</sup> a assistir à sessão de homenagem ao saudoso Dr. Manuel dos Passos de Freitas na qual tomam parte o septeto «Dr. Passos de Freitas» e o «Orfeão Madeirense» e que terá lugar no Teatro Municipal de Baltazar Dias no próximo dia 24 do corrente pelas 21,30 horas.*

TRAJO DE PASSEIO

NOTA: No caso de V. Ex.<sup>a</sup> não poder assistir à sessão, pede-se a fimosa de devolver o bilhete incluído até o dia 21 para a Secretaria da Câmara Municipal do Funchal.

Documento 36 – Convite para a sessão de homenagem - Arquivo do Orfeão

ANEXO LIX

Funchal, 14 de Abril de 1953

Exm<sup>o</sup> Snr<sup>o</sup>  
D. Maria Campina  
Dign<sup>a</sup> Directora da  
Academia de Música da Madeira  
N E S T A

Como complemento ao nosso último officio, temos a honra de enviar a V.Ex<sup>sa</sup> a quantia de

Esc:1:586\$00

importância líquida da récita realizada em 26 do mês findo e cujo produto se destina à criação de um prémio ou prémios com o nome do nosso saudoso Chefe -Dr. Passos de Freitas- a distribuir por essa Academia de Música.

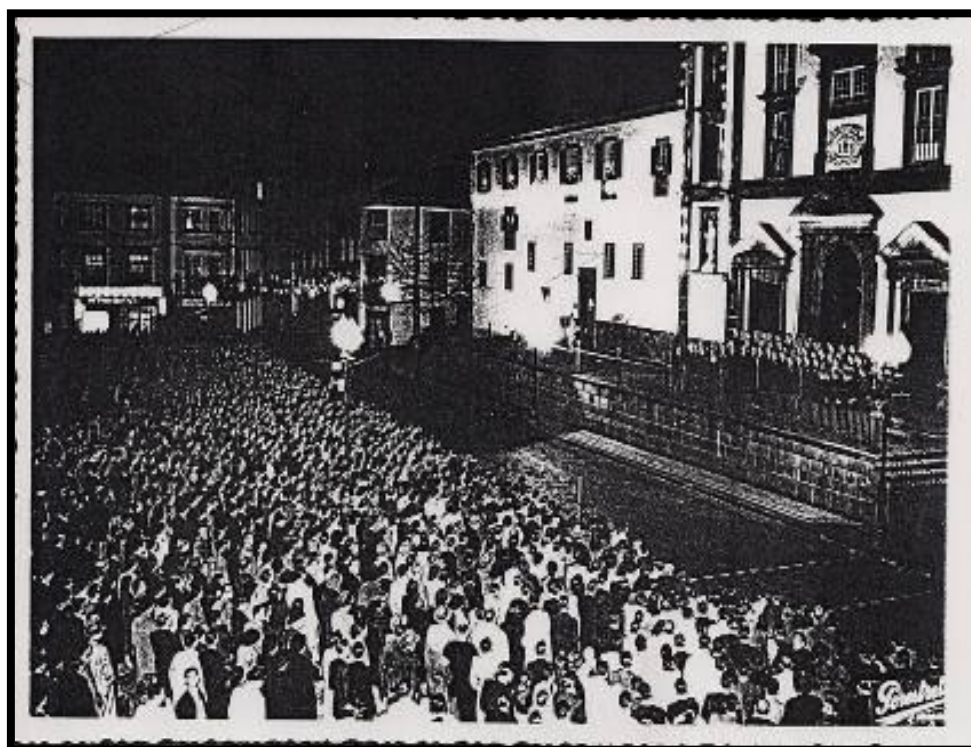
De lamentar é que o público não tivesse correspondido plenamente ao nosso desejo de perpetuar a memória do madeirense que, neste século, mais se esforçou por levantar o nível musical da sua terra e crear o gosto pela boa música, mas resta-nos a consolação de termos contribuido da melhor forma que soubemos e pudemos para que essa homenagem em nada desmerecesse do fim que se pretendia atingir.

Queira V.Ex<sup>sa</sup> aceitar, em nome do "Septeto Dr. Passos de Freitas" e "Orfeão Madeirense", a expressão do nosso maior respeito e consideração.

De V.Ex<sup>sa</sup>  
Atto. Vend. Obgd<sup>o</sup>


Documento 37 – *Quantia apurada na récita de 26 Março de 1953* – Arquivo do Orfeão

ANEXO LX



Documento 38 – *Foto do Largo do colégio* – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXI

  
CÂMARA MUNICIPAL  
DO  
FUNCHAL

Exmo. Senhor Presidente da Direcção do  
Orfeão Madeirense e Septeto Dr. Passos  
Freitas

—————  
Livre N.º 48  
Ofício N.º 29  
Proc.º N.º 58

F U N C H A L

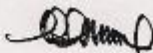
N.º. — Fada-se a favor de, em toda a correspondência, referir o n.º do livro, do Ofício e do Processo.

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que esta Câmara em sessão de 30 de Dezembro findo deliberou examinar na acta um voto de louvor ao Orfeão Madeirense e Septeto Dr. Passos Freitas pelo admirável concerto realizado no dia 29-12-1954 na Praça do Município, que constituiu um verdadeiro acontecimento artístico e uma feliz iniciativa cultural na nossa terra.

A bem da Nação

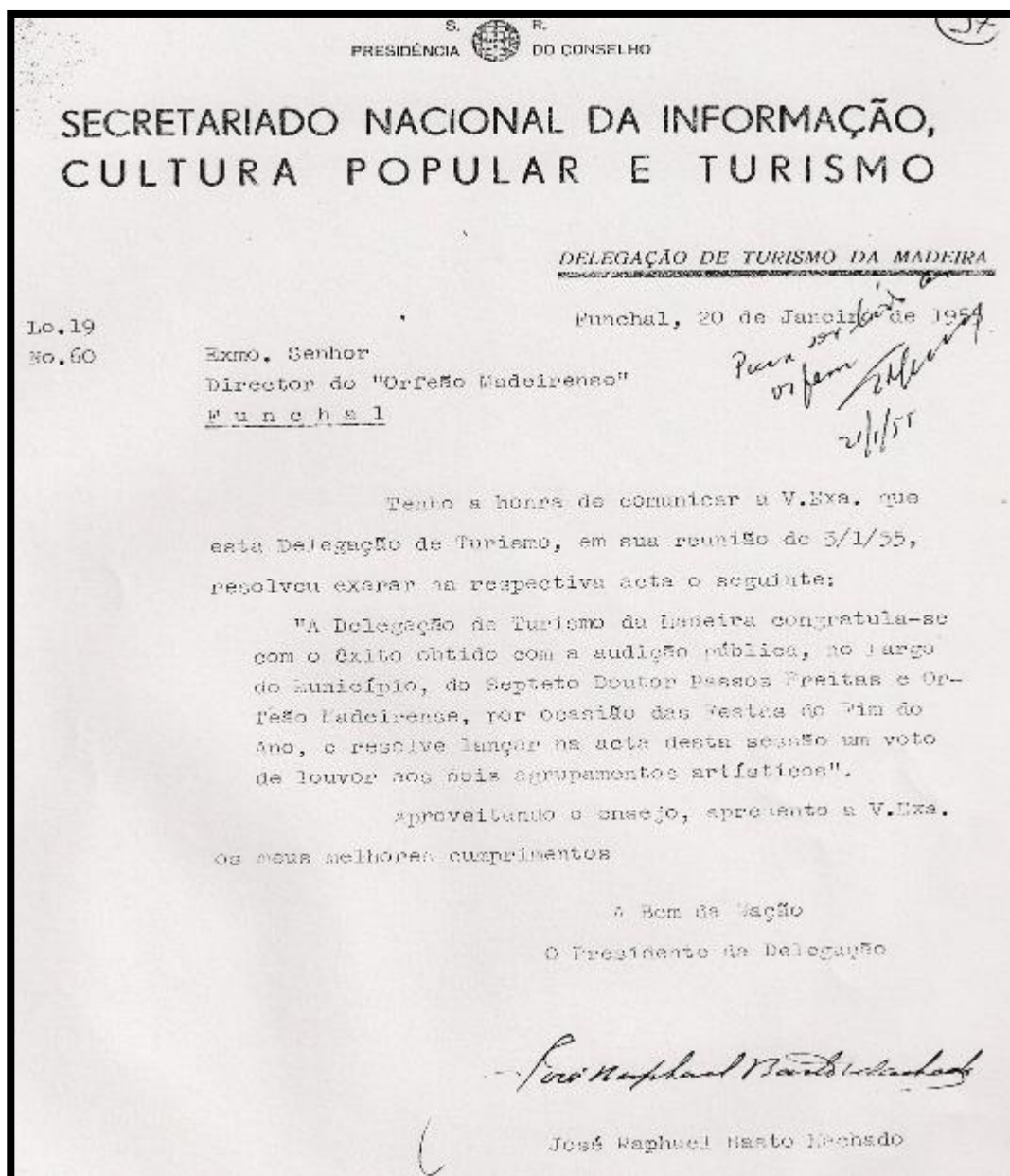
Paços do Concelho do Funchal, aos 6 de Janeiro de 1955

O PRESIDENTE DA CAMARA

  
António Bettencourt Sardinha

Documento 39 – Voto de louvor da Câmara Municipal do Funchal – Arquivo do Orfeão





Documento 40 – Voto de louvor da Delegação de Turismo da Madeira – Arquivo do Orfeão

## **Tradução do documento 40**

Exmo. Senhor  
Director do “Orfeão Madeirense”  
Funchal

Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que esta delegação de Turismo, em sua reunião de 5/1/55, resolveu exarar na respectiva acta o seguinte:

“A Delegação de Turismo da Madeira congratula-se com o êxito obtido com a audição pública, no Largo do Município, do Septeto Doutor Passos de Freitas e Orfeão Madeirense, por ocasião das Festas do Fim do Ano, e resolve lançar na acta desta sessão um voto de louvor aos agrupamentos artísticos”.

Aproveitando o ensejo, apresento a V.Exa. os meus melhores cumprimentos.

A Bem da Nação

O presidente da Delegação

(Assinado)

*Círculo Cultural Scalabitano*

SEDE: TRAVESSA DOS BACELOS TELEF. 379

SANTARÉM  
(PARTE)  
4 - 1 - 956

SECÇÕES:

ORFEÃO SCALABITANO  
(Agradado com o  
Ordem de Reconhecimento)

ORQUESTRA TÍPICA

CORAL INFANTIL SCALABITANO

INICIAÇÃO TEATRAL  
ACTOR TABORDA

BIBLIOTECA  
GUILHERME D'AZEVEDO

CINEMA CULTURAL

NUMIFILATELEX  
(Monetários, Filatelia  
• Co-Librança)

Exmos Senhores  
Directores do Orfeão Madeirense  
Funchal

Exmos Senhores

O CÍRCULO CULTURAL SCALABITANO, colectividade, quer saultou da fusão do ORFEÃO SCALABITANO e do CLUBE LITERÁRIO GUILHERME DE AZEVEDO, com sede nesta cidade de Santarém, Capital do Ribatejo, uma das mais típicas e características províncias de Portugal, tendo conhecimento, por um dos seus associados e antigo orfeonista, Sr. Abraão da Silva Matos, da existência desse Coral, tem o prazer de saudar o Orfeão Madeirense, todos os seus corpos directivos e directores artísticos e componentes, desejando a esse Orfeão as maiores venturas e os mais assinalados êxitos artísticos.

Para que V. Exas possam, de alguma maneira, tomar conhecimento das actividades da nossa colectividade, da sua obra cultural e artística, das suas realizações e dos seus anseios no campo da Cultura e do Desporto, tomamos a liberdade de enviar alguns exemplares de Circulares publicadas, de programa de vários espectáculos, resenha das nossas actividades, e afirmamos a V. Exas que nos darão grande prazer as notícias do vosso Orfeão, da sua obra cultural e artística.

Aceitem V. Exas os nossos cumprimentos e o protesto da nossa mais elevada consideração.


Pela Direcção.

*Manuel d'A. Ginestat Mabele*

*Respondido  
em 26/1/56.*

Documento 41 – Carta do Orfeão Scalabitano – Arquivo do orfeão

ANEXO LXIV



Santa Cruz de Tenerife 1º de Febrero 1956

COMISIÓN DE FIESTAS  
Y RECEPCIONES

—

CAJMO. AYUNTAMIENTO DE SANTA CRUZ DE TENERIFE

13-2-56  
-----  
16-2-56

Sr. Don Vasco de Athonquia  
Porto da Cruz  
Isla de la Madera

Querido amigo:

Con sumo placer recibí tu grata de fecha 11 de Julio del pasado año, a la cual contesto hoy.

Ya estamos iniciando las reuniones para la confección del programa de nuestras próximas Fiestas de Primavera y como en tu carta me indicas la posibilidad de un desplazamiento a ésta del magnifico Orfeón DAMADEIRA e indicando a los compañeros la posibilidad de contar con tan esplendido conjunto, lo que nos haría recordar su estupenda actuación en el año 1922, y que nunca ha sido olvidada a pesar de los años transcurridos.

Por ello recorro a tu amistad, para que antes de iniciar las gestiones oficiales me informes lo más ampliamente posible sobre los siguientes puntos:

- 1º posibilidad de traslado a ésta Isla del Orfeón, número de conciertos, condiciones económicas etc.
- 2º traslado de un equipo de foot-ball, a ser posible el Marítimo para jugar por lo menos dos partidos y también condiciones económicas del mismo.

Documento 42 – Correspondência de Santa Cruz de Tenerife – Arquivo do Orfeão

## Tradução do documento 42

Santa Cruz de Tenerife 1º de Fevereiro 1956

Sr. Don Vasco de Athonquia  
Porto da cruz  
Ilha da Madeira

Querido Amigo

Com subido prazer recebi a tua carta datada de 11 de Julho do passado ano, à qual respondo hoje.

Já estamos a iniciar as reuniões para a confecção do programa das nossas próximas Festas de Primavera e como na tua carta me indicas a possibilidade de um deslocamento a esta do magnífico Orfeão da Madeira e indicando aos companheiros a possibilidade de contar com tão esplêndido conjunto, o que nos faria recordar a sua estupenda actuação no ano 1922, e que nunca foi esquecida apesar dos anos passados.

Por isso recorro à tua amizade, para que antes de iniciar as gestões oficiais me informes o mais amplamente possível sobre os seguintes pontos:

1º Possibilidade de virem a esta ilha do orfeão, número de concertos, condições económicas, etc.

2º Vinda de uma equipa de futebol, a ser possível o marítimo para jogar pelo menos duas partidas e também condições económicas do mesmo

(Assinado)

ANEXO LXV

Funchal 5 de Marzo de 1956

Exmo Sr. Tagores

Mui señor mio.

Por ser yo uno de los directores del orfeon, quiso el vuestro amigo Vasco Athougia darme conocimiento de vuestra carta, en que Vd solicitava informaciones sobre la posible deslacion de nuestro orfeon a esa bella Isla, en las fiestas de maio cercano.

Por su contestacion ya está Vd enterado que infelizmente no es posible lo hacermos en esa fecha, pero que tenemos grande deseo de en setiembre, por las fiestas de la Laguna, colaborar en su brillantismo, si es que nos puede ser dado ese gran honor.

Nuestra excursion deverá ser en el total de unas doscientas personas, o quizás más. El orfeon en sus audiciones, cantará musicas a 4 voces de hombres e 6 voces de hombres y señoras, va tambien el septeto Dr. Passos de Freitas, el grupo de bandurrias, y quizás un grupo folclorico.

Creo sin vanidad, que nuestros grupos les han de gustar a Vds, y que os hará recordar la actuacione 1922, que jamás olvidaré.

Dispense Vd que aproveche la ocasion que me ha permitido la libertad de escribirle, para tambien, muy convencido que no le molesto, pedir algunos informes que tengo, por necesarios y que son los siguientes:

Quando empiezan las fiestas de setiembre y quando terminan.

Las fiestas son solo en la Laguna o conjuntamente en Santa Cruz.

Siendo el teatro de la Laguna pequeño en relacion al de Santa Cruz, será posible dar algunas audiciones en esta ciudad.

El presupuesto de los teatros que será preparar las audiciones, con todos los encargos de su preparacion.

En el caso, que importancia nos puede dar por cada audicion, considerando que podemos dar dos espetáculos con programas diferentes, pero que daremos otros, segun considere necesario sea combinado.

Cual la media diaria de los hoteles decentes pero sin lujo por persona.

Será mejor realizar la excursion en setiembre o en Maio de 1957.

Espero que no molestaré a Vd con tantas preguntas, pero si así es, tenga Vd paciencia, pues por cierto comprenderá la necesidad de pensarnos con cuidado en todas estas cosas, por la gran de responsabilidad que representa la deslacion de tan grande numero de personas.

Reciba Vd los más afectuosos saludos, y las más reconocidas gracias, y créame su buen amigo que pide perdon de tanta molestia.

Su amigo muy reconocido

### Tradução do documento 43

Funchal 5 de Março de 1956

Exmo. Snr. Tugores

Meu senhor.

Por ser eu um dos directores do Orfeão, quis o vosso amigo Vasco Athougua dar-me conhecimento da vossa carta, em que você solicitava informações sobre a possível deslocação do nosso Orfeão a essa bela Ilha nas festas de Maio próximo.

Por sua resposta já está você inteirado que infelizmente não é possível fazê-lo nessa data, mas que temos grande desejo de em Setembro, pelas festas de La Laguna, colaborarmos no seu brilhantismo, se é que nos pode ser dada essa grande honra.

A nossa excursão deverá ser no total de umas duzentas pessoas, ou talvez mais. O Orfeão nas suas audições, cantará músicas a 4 vozes de homens e 6 vozes de homens e senhoras; vai o Septeto Dr. Passos de Freitas, o grupo de bandúrrias e, talvez o grupo folclórico.

Creio sem vaidade, que gostaram dos nossos grupos, e que os fará recordar a actuação de 1922, que já mais esquecerei.

Dispense você que aproveite a ocasião que me permitiu a liberdade de lhe escrever, para também muito convencido que não o aborreço, pedir algumas informações que tenho por necessárias e que são as seguintes:

Quando começam as festas de Setembro e quando terminam.

As festas são só em La Laguna ou conjuntamente em Santa Cruz.

Sendo o teatro de La Laguna pequeno em relação ao de Santa Cruz, será possível dar algumas audições nestas cidades.

O empresário dos teatros querará preparar as audições, com todos os encargos da sua preparação.

No caso, que importância nos pode dar por cada audição, considerando que podemos dar 2 espectáculos com programas diferentes, mas que daremos outros, segundo considere necessário e seja combinado.

Qual a média de área dos hotéis decentes mas sem luxo por pessoa.

Será melhor realizar a excursão em Setembro ou em Maio de 1957.

Espero que não o aborrecerei com tantas perguntas, mas se assim é paciência, pois por certo compreenderá a necessidade de pensarmos com cuidado em todas estas coisas, pela grande responsabilidade que representa a deslocação de tão grande número de pessoas.

Receba as mais afectuosas saudações, e os mais reconhecidos agradecimentos, e creia-me seu bom amigo que perde perdão de tanto aborrecimento.

Seu amigo muito reconhecido

(Assinado)

ANEXO LXVI

Punchal 21 de Março de 1956

Ex<sup>o</sup> Snr. Carlos Alleluia

Estou a escrever-lhe por indicação do nosso amigo comum, Dr. Antonino Pestana, a quem havia solicitado a aquisição de musicas para o Orfeão Madeirense, e em boa hora o fiz, pois é com imensa satisfação que me dirijo ao meu Ex<sup>o</sup> Amigo, para afirmar-lhe, sem lisonja, mas com absoluta justiça, a grande admiração que tenho pelo seu magnifico Orfeão, cujas audições através da Emissora Nacional grande prazer espiritual me tem proporcionado.

Sou um velho carola pela musica coral, e porque circunstancias varias me levaram após alguns anos de pausa, a nova actividade, talvez ainda com mais entusiasmo que antes, esses factos motivaram o meu pedido ao Dr. Antonino Pestana, de que como disse, me rejubilo pela feliz interferencia que me proporcionaram.

Lutamos com grande falta de musicas do nosso folclore, e porque no vosso repertorio, ha bellissimas orfeonisações, que muito nos orgulharia fisessem parte dos nossos programas, pedta-lhe a gentileza de nos enviar algumas copia á sua escólha, e sem querer abusar, sendo possivel, mencionava os arranjos do Mestre Sampaio Ribeiro; - tres canções do nosso Folclore - nas quaes está incluída a Tia Anica, e - Josézinho já te tenho dito - do Dr. Antonino Pestana.

O nosso Orfeão tem as modalidades de vozes de homens e vozes mixtas, esta organizada em Janeiro p.p<sup>o</sup>; estamos em ensaios das seguintes musicas: Canção dos Moinhos, Canção das ceiteiras, Canções Transmontanas e Marcha da Ruína de Athenas, as quaes ficam desde já a vossa disposição, bem como todas as que constituem o nosso programa para vozes de homens, cujo programa do nosso ultimo concerto incluso, vos envio.

Esperando da vossa amabilidade a satisfação dos nossos desejos, permita-me V Ex<sup>a</sup> que o saúdo com a mais sincera estima, e desde já agradeça bem penhoradamente a sua valiosissima colaboração.

Com a mais elevada consideração, subcreve-se:

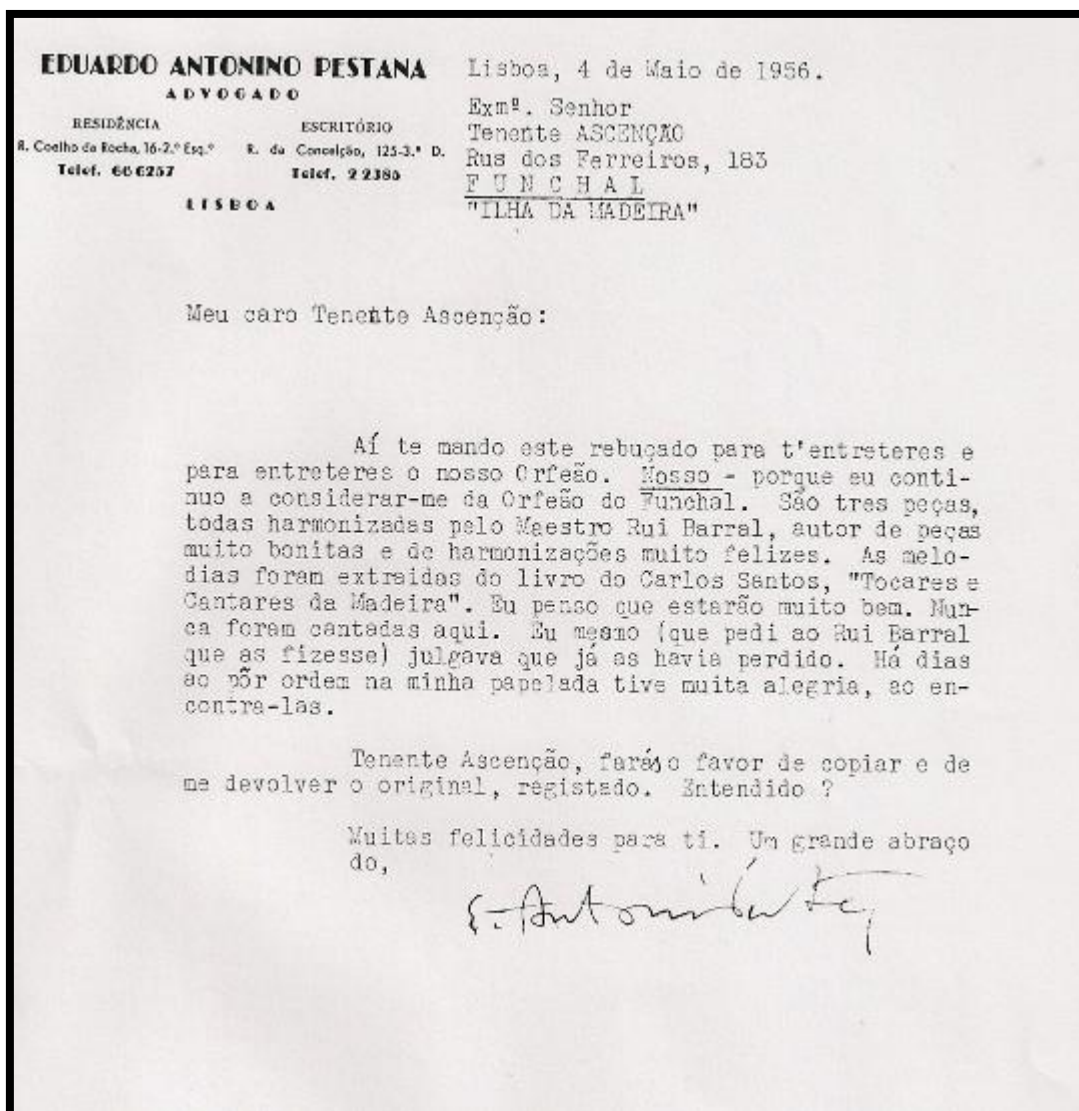
De V Ex<sup>a</sup>

Att<sup>o</sup> Vend. Obrigado

Cristovão de Ascensão.  
Rua dos Ferreiros n<sup>o</sup> 183.  
Punchal.



ANEXO LXVII



Documento 45 – Resposta do Sr. Carlos Alleluia – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXVIII

Funchal, 17/VI/56.

Ex<sup>to</sup> Senhor Dr. E. Antonino Pestana,  
Rua da Conceição, 125-31, D.,  
Lisboa.

Meu caro Antonino,

Escreveste ao Ascensão, e afinal quem te responde sou eu.  
Não ganhas com a troca, mas tem paciência.

Por esta mala se devolvem as músicas que fizeste o favor  
de nos emprestar.

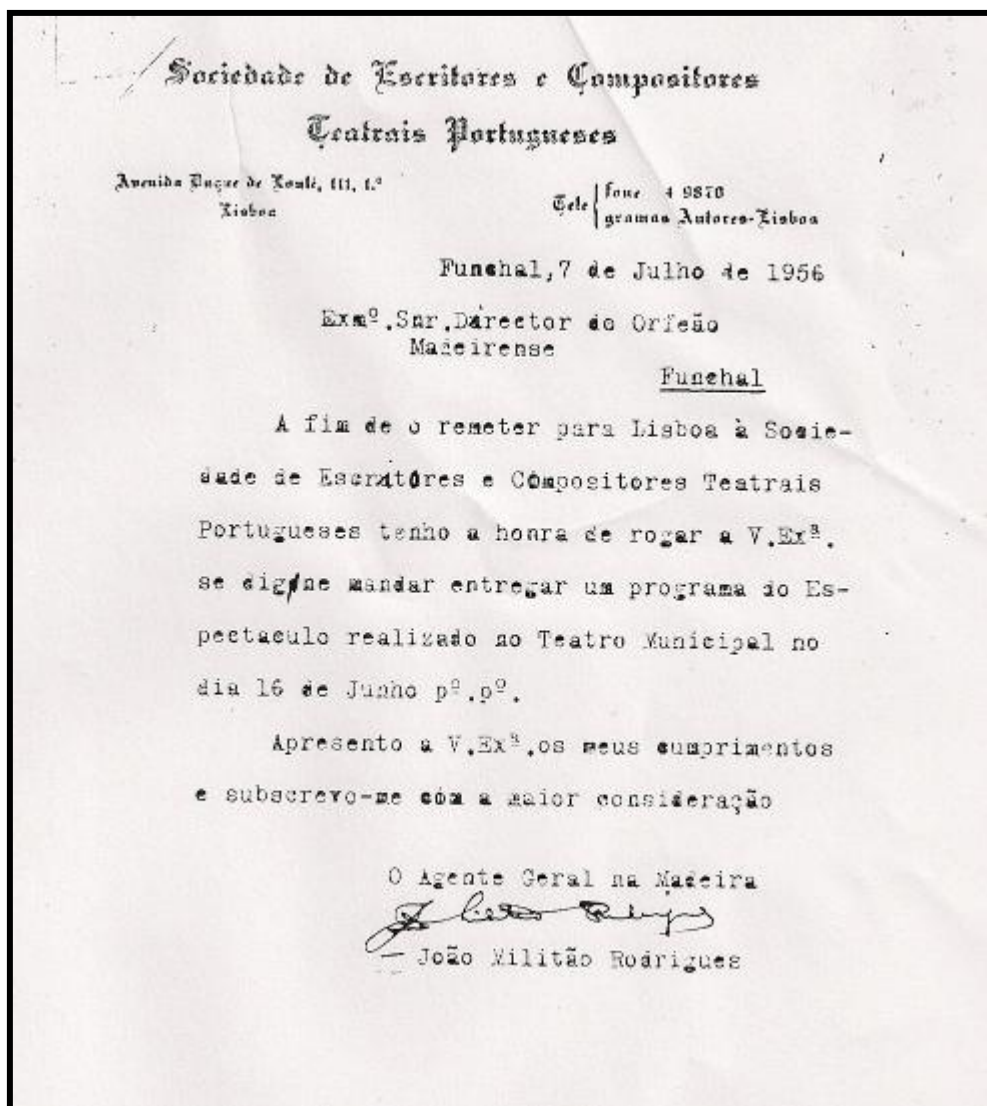
O nosso regente, tenente chefe de música António Francis  
Marques, pessoa estudiosa e com muito gosto, achou muito boas as o  
feonizações: muito bem feitas, digna obra de um bom técnico e de um  
artista inspirado. Das partituras, o nosso regente fez um arranjo  
para as nossas set vozes—2 femininas e 4 masculinas—, que estamos  
desejando de experimentar.

Os nossos melhores agradecimentos e cumprimentos de boa  
amizade, com um abraço do velho e dedicado

*o Carlos J. de Silva*


Documento 46 – Resposta ao Sr. Antonino Pestana – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXIX



Documento 47 – Pedido do programa de 16/06/1956 – Arquivo do Orpheo

ANEXO LXX

S.  R.  
GOVERNO DO DISTRITO AUTÓNOMO DO FUNCHAL

148

Livro... 6... N.º 1805  
Processo N.º 123

Exmo. Senhor Director do Orfeão Madeirense

Roga-se que na resposta sejam indicados os números supra.

F U N C H A L

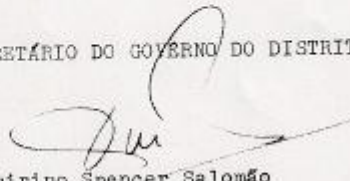
R 1-7-56  
5-7-56

Conforme pedido feito pelo Ministério da Educação Nacional, rogo a V.Ex.ª a fineza de remeter uma lista de todos os membros que constituem a comissão organizadora do Orfeão Madeirense, com indicação das respectivas filiações, idades, naturalidades, profissões e moradas.

A BEM DA NAÇÃO

Funchal, 28 de Junho de 1956

O SECRETÁRIO DO GOVERNO DO DISTRITO

  
Quirino Spencer Salomão

FF

Documento 48 - *Pedido de envio da lista dos membros da comissão organizadora do Orfeão Madeirense* – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXXI

149

Funchal, 29 de Junho de 1956.

A Sua Ex<sup>ta</sup> o Senhor Alcaide da cidade  
de Santa Cruz,  
Ilha de Tenerife,  
Ilhas Canárias.

Ex<sup>to</sup> Senhor,

No regresso do nosso Delegado, Sr. Tenente Cristóvão Jaime de Ascensão, de Santa Cruz de Tenerife, ficámos por ele cientes da forma agradabilíssima como V. Ex<sup>ta</sup> o recebeu e das gentilezas de que foi alvo.

O nosso Delegado tinha ido, simplesmente, informar-se sobre o número de espectáculos que o nosso Agrupamento poderia af realizar por ocasião das Festas de Maio do ano próximo, bem como do produto provável que deles se poderia obter. Tais informações eram indispensáveis aos nossos cálculos quanto à importância que deveríamos reunir para a nossa viagem.

Devo dizer a V. Ex<sup>ta</sup> que, do nosso Orfeão, assim como do Septeto Dr. Passos de Freitas, fazem parte alguns elementos que a eles pertenciam já em 1922, quando se realizou a primeira visita a Tenerife, e dessa visita lhes ficou recordação que ainda hoje se mantém vivíssima, e que para sempre nos ficará nas nossas recordações: os que lá foram, não a podem esquecer; e os que não gozaram a excursão, têm dela recebido tais descrições que, encantados, desejam também ingressar na futura.

Assim, foi com a mais funda satisfação, que recebemos a

Documento 49 a – *Correspondência para Tenerife* – Arquivo do Orfeão

comunicação do nosso Delegado, a qual nos enche de gratidão pela muito amável promessa de V.V.Ex<sup>as</sup>, assim como de adoração pela forma inteligente e rasgada como encararam o problema e lhe deram tão pronta solução.

Com efeito, a proposta de nos libertarem das preocupações financeiras, e também da organização das récitas, é enorme ajuda, que merece o nosso mais sincero e entusiástico agradecimento.

É isto que pretendo agora exprimir a V.Ex<sup>ta</sup>, com o pedido de que se digne crer que aguardamos com grande ansiedade as notícias de V.Ex<sup>ta</sup> sobre o caso, a fim de nos prepararmos condignamente.

Acredite V.Ex<sup>ta</sup>, que faremos tudo que ao nosso alcance esteja para corresponder à sua amabilidade e que todos ficamos desejosos de ir à sua belíssima Ilha, levar o nosso abraço fraterno e testemunho da nossa mais vívida gratidão.

Com os nossos mais respeitosos cumprimentos, receba V.Ex<sup>ta</sup> a afirmação de que nos subscrevemos,

De V.Ex<sup>ta</sup>

m<sup>to</sup> at<sup>to</sup> ven<sup>or</sup> e m<sup>to</sup> obgt

António Francisco Marques,

Tenente Chefe de Música do Ex.<sup>to</sup>

ANEXO LXXIII

Punchal, 29 de Junho de 1956.

Ex.<sup>to</sup> Senhor Adalberto Benitez Tugores,  
S. José, 32,  
Santa Cruz,  
Tenerife.

Ex.<sup>to</sup> Senhor,

Nesta data acabo de escrever a Sua Ex.<sup>ta</sup> o Senhor Alcalde de Santa Cruz, a exprimir a nossa gratidão por tudo quanto V.V.Ex.<sup>tas</sup> fizeram pelo nosso Delegado, Sr. Tenente Cristóvão Jaime de Ascensão, assim como pela proposta que ele de aí nos trouxe.

As expressões da minha carta a Sua Ex.<sup>ta</sup>, as quais desejava reproduzir aqui, apenas dizem um pouco da nossa muita alegria e do nosso veemente reconhecimento por tudo quanto o nosso Delegado nos comunicou.

É V.Ex.<sup>ta</sup> credor da nossa gratidão pela solução proposta, para a nossa viagem, a qual representa para nós inestimável auxílio, tanto quanto ao aspecto financeiro da operação, como quanto à organização dos espectáculos.

Receba, pois, V.Ex.<sup>ta</sup> a expressão do nosso vivo reconhecimento, assim como os nossos melhores cumprimentos.

Subcrevo-me,

De V.Ex.<sup>ta</sup>,  
m.<sup>to</sup> att.<sup>to</sup> ven.<sup>to</sup> e m.<sup>to</sup> obgt.,

António Francisco Marques,  
Tenente Chefe de Música do Ex.<sup>to</sup>

Documento 50 – Correspondência para Tenerife – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXXIV

Funchal, 3 de Julho de 1956.

Ex<sup>to</sup> Senhor Secretário de Governo do Distri-  
to,

Funchal.

Ex<sup>to</sup> Senhor,

Em resposta ao officio de V.Ex<sup>a</sup>, nº 1.805, L<sup>a</sup> 6, Proc, 12  
de 28 de Junho findo, cumpre-me informar que as pessoas que compõe  
a comissão organizadora do Orfeão Madeirense são as seguintes:

Dr. Ivo do Sacramento Nunes Pereira, casado, filho do Dr. José  
Flácido Nunes Pereira e de D. Cristina Beatriz de Oliveira Nu-  
nes Pereira, de 61 anos de idade, natural da freguesia do Mon-  
te, deste concelho, e residente à Rua das Hortas, nº 76-A, des-  
ta cidade, M<sup>to</sup> Juiz do 2º Juízo do Tribunal Judicial desta co-  
marca,—presidente da comissão;

Tenente António Francisco Marques, casado, tenente chefe de mú-  
sica na situação de reserva, filho de Francisco José Marques  
e de D. Eufilia Bonito, de 56 anos de idade, natural de Póvoa e  
Meadas, concelho de Castelo de Vide, distrito de Portalegre,  
residente à Rua de Santa Luzia, nº 52, desta cidade,—directo-  
r artístico do Orfeão;

José Jorge Gomes Caldeira, casado, filho de Agostinho, digo, fi-  
lho de Romano Marcos Caldeira e de D. Maria Catarina Gomes Cal-  
deira, de 60 anos de idade, natural da freguesia de Santa Lu-  
zia, deste concelho, e morador à Rua do Conde de Carvalhal, nº  
90-C, desta cidade; é comerciante;

João Agostinho da Silva Dinis, casado, comerciante, filho de A-  
gostinho António Dinis e de D. Juliana Augusta Dinis, natural  
da freguesia do Monte, deste concelho, e residente à Rua dos  
Netos, nº 29, desta cidade; tem 60 anos;

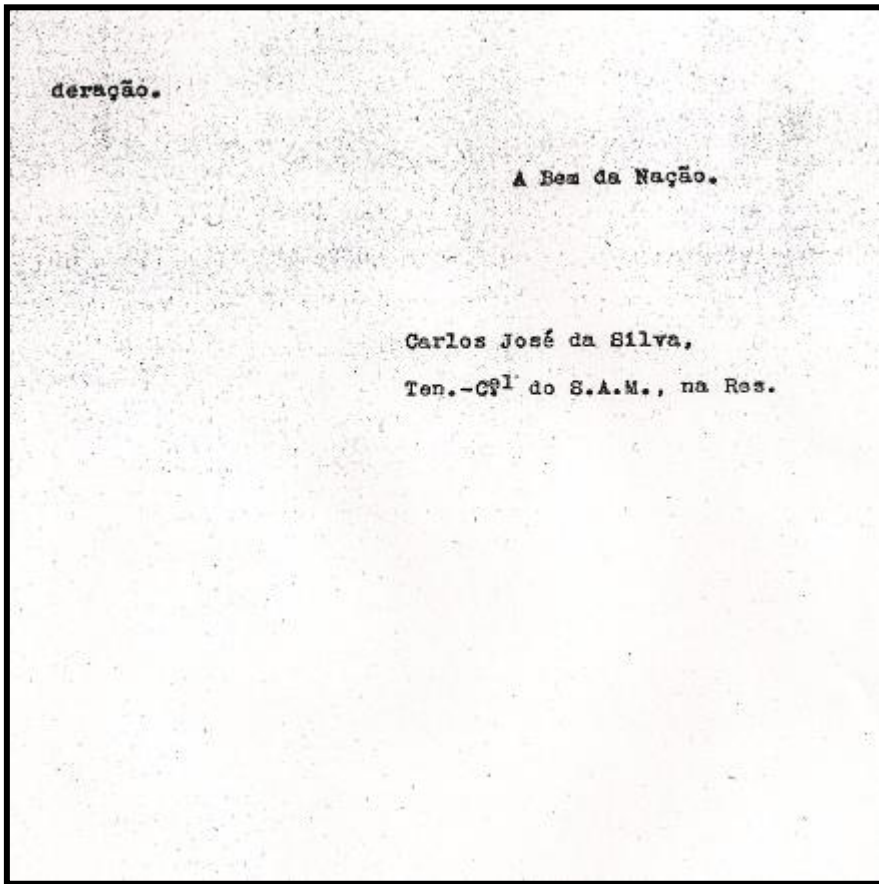
Carlos José da Silva, casado, tenente-coronel do Serviço de Ad-  
ministração Militar na situação de reserva e advogado, de 60  
anos de idade, filho de José César da Silva e de Maria Consta-  
ça Pereira e Silva, natural da freguesia da Sé, deste conce-  
lho e morador à Rua de Silvestre Quintino de Freitas, nº 15,  
desta cidade,—servindo de secretário da comissão, signatário  
do presente.

Digne-se V.Ex<sup>a</sup> aceitar a expressão da nossa melhor consi-

Documento 51 a – *Comissão Organizadora do Orfeão Madeirense* – Arquivo do  
Orfeão

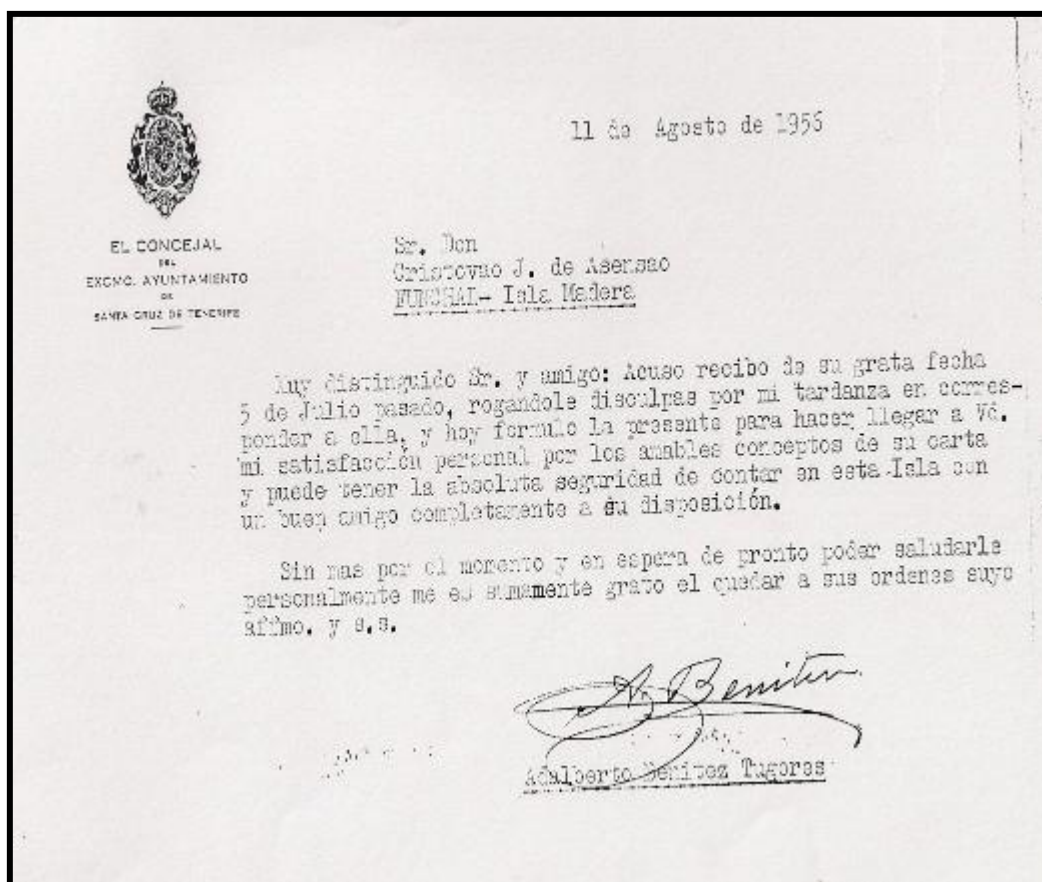


ANEXO LXXV



Documento 51 b – Idem

ANEXO LXXVI



Documento 52 – Correspondência de Tenerife – Arquivo do Orfeão

## Tradução do documento 52

11 de Agosto de 1956

Sr. Don

Cristóvão J. de Ascensão

FUNCHAL – Ilha da Madeira

Muito distinto senhor e amigo: acuso recepção da sua carta datada de 5 de Julho passado, pedindo-lhe desculpas pelo meu atraso em corresponder a ela, e hoje formulo a presente para lhe fazer chegar a minha satisfação pessoal pelos amáveis conceitos da sua carta e pode ter a absoluta segurança de contar nesta Ilha com um bom amigo completamente à sua disposição.

Sem mais pelo momento e esperando em breve poder saudá-lo pessoalmente me é sumamente grato ficar às suas ordens.

(Assinado)

ANEXO LXXVII

Punchal - Quinta Elisabeth - Trav.do Coronel Cunha,1-A

Domingo, 10 de Fevereiro de 1957

Exmos Senhores Directores do Orfeão Madeirense :

Venho agradecer a V.Excias o bilhete-convite que tiveram a amabilidade de me enviar para o concerto realizado ontem, sábado, no Teatro Municipal, deferência que muito me sensibilizou. Aproveito o ensejo para exprimir a V.Excias, pedindo-lhes o obséquio de o transmitirem a todos os membros do Orfeão Madeirense e bem assim ao Septeto Dr. Passos Freitas, o meu entusiástico aplauso, não só ao grande valor artístico destes magníficos agrupamentos musicais como ao alto significado social e exemplo de persistência, solidariedade e gosto pela cultura que eles tão admiravelmente concretizam.

Todos os louvores são devidos - e todos os incitamentos também - a iniciativas deste género, que devem ser consideradas e apreciadas como de autêntica utilidade pública. A Madeira pode orgulhar-se do seu Orfeão ! O serão de ontem proporcionou-me momentos inesquecíveis e estou certa de que o mesmo sucedeu a todas as pessoas que tiveram a felicidade de assistir ao vosso concerto.

Tive ocasião de observar vários estrangeiros que se encontravam na plateia e de ouvir alguns dos seus comentários : estavam entusiasmados ! Na realidade não se trata dum êxito local, devido em grande parte ao natural bairrismo, mas dum êxito justíssimo, que se repetirá, com certeza, nas Canárias ou em qualquer outro sítio onde o Orfeão Madeirense se apresente. E porque não irão até Lisboa ? Assim o desejo sinceramente, neste meu interesse, tão profundo - mais que interesse, amor - pela vossa maravilhosa Ilha.

Aqui deixo os meus votos dum futuro brilhante, com os maiores triunfos e, sobretudo, que este empreendimento se desenvolva cada vez mais, elevando constantemente o seu nível, já excepcional, para honra e glória da Madeira e bem da cultura da sua população.

Com os melhores cumprimentos e veementes felicitações, sou,

De V. Excias.  
Mto. Atenta e Agradecida

Maria Lamas

Documento 53 - Felicitações ao Orfeão - Arquivo do Orfeão

**CASINO DA MADEIRA**  
**HOJE – Sábado**

Festa de confraternização do Orfeão Madeirense e do Septeto Dr. Passos Freitas

Após o espectáculo realizado no Teatro Municipal, o Casino da Madeira, homenageia estes dois apreciados núcleos artísticos, que tão elevadamente honram a nossa terra, apresentando-lhes:

**Ementa da Ceia:**

- Canja à Portuguesa
- Peixe «Orly»
- Arroz
- Escalopes Panados
- Batatas Fritas
- Caramelo
- Frutas Variadas

Música e Variedades pelos artistas privativos deste Casino

Traje a rigor — Inscrições limitadas — Telefone, 172

8895

Documento 54 – Referente à festa de confraternização do Orfeão Madeirense –  
Arquivo do Orfeão

Lubeira Brava, 15-11-1957

Amigo e Sr. Tenente Marques

Pedi ao Sr. Tenente Accunção para apresentar ao meu amigo os meus cumprimentos de parabéns pela ótima apresentação do orfeon no sábado ultimo. Lamento não ter tido tempo de o abraçar, pessoalmente por não me poder demorar, após a audição. Entretanto quero dizer-lhe que sai do teatro maravilhado. O orfeon madurense deve sentir-se orgulhoso pelo feliz êxito do seu trabalho. Quantas canções! quantas preocupações! quantas ansiedade! quantas tardes de extenuantes ensaios para todos os componentes e em especial para o seu regente! De Deus sabe. Mas agora só resta uma intima alegria e satisfação. Tudo correu bem. A todos agradeço!

Sr. Tenente Marques, digo-lhe com toda a tranquilidade, não se pode exigir mais do seu Orfeon e não há dúvida que se pode apresentar em qualquer parte do mundo, na cer-

teza de dar nome à nova terra. Haverá algum que seja mais? Então me algum <sup>que</sup> se lance a um empreendimento, mas só se for com cantores profissionais.

O maior masculino esteve muito afinado e bem disciplinado. Houve, da parte de todos, toda a atenção e obediência ao seu Regente: ao principiar cada número, nos crescendo ou diminuendo e no acabamento. A dicção era boa e a união perfeita das vozes.

Na 3ª parte do programa foi maior a beleza de conjunto tanto para a lista como para o coro. A impecável alvura do traje das senhoras com seus enfeites brilhantes, com o traje negro do grupo masculino, só por isso valia a pena ir ao teatro; mas maior encanto teve para mim a união dessas vozes argentinas com as vozes dos tenores, barítonos e baixos.

Sr. Tenente Marques permitia-me uma consideração amiga e só para si. Exija das senhoras a atenção de todas para a regência. Nenhuma fugiu ao combaste mas uma ou outra desviava os olhos para a assistência distraidamente. É o defeito mais perigoso num grupo coral.

Permita-me também, Sr. Tenente Marques

que lhe fale duma impressão que tive na au-  
 dição de sábado. Parece-me que nalguns mi-  
 neros, os orfeonistas entravam a medo.  
 Seria porque não ouviam bem a nota? seria  
 porque se esqueciam do tom? ... Tendo de  
 dar-se a nota a quatro e sobretudo a seis  
 naipes, não admira que haja algum esqueci-  
 mento ou possível distração. Há uma rela-  
 tiva demora. Em vez de repente dar o som  
 a cada naife, deixava-se no seu lugar e  
 aí, por meio duma paila-diápassão, dava uma  
 so nota, a do diápassão e cada naife ia bus-  
 car o som que lhe competia. É difícil? Não  
 que não desde que se acostumam assim nos  
 ensaios sa trêz e sobretudo nos jogos.  
 É um abutre amigo e sem pretensões.

Queria receber as minhas felicitações sa-  
 ra si, Sr. Tomé. Mas que se para a todo  
 os companheiros se fez o com voto de  
 reserva e a seguir

o bem da Natureza

Amigo e admirador  
 P. Joaquim Casado



## Tradução do documento 55

Ribeira Brava, 15 - II-1957

Amigo e Sr. Tenente Marques

Pedi ao Sr. Tenente Ascensão para apresentar ao meu amigo os meus cumprimentos de parabéns pela óptima apresentação do Orfeão no sábado último. Lamento não ter tido tempo de o abraçar pessoalmente por não me poder demorar após a audição. Entretanto quero dizer-lhe que saí do teatro maravilhado. O orfeão Madeirense deve sentir-se orgulhoso pelo feliz êxito do seu trabalho. Quantas canseiras! Quantas preocupações! Quanta ansiedade! Quantas tardes de extenuantes ensaios para todos os componentes e em especial para o seu regente! Só Deus sabe. Mas agora só resta uma íntima alegria e satisfação: Tudo correu bem. A todos agradou!

Senhor Tenente Marques, digo-lhe com toda a franqueza: não se pode exigir mais do seu Orfeão e não há dúvida que se pode apresentar em qualquer parte do mundo, na certeza de dar nome à nossa terra. Haverá alguém que exija mais? Então esse alguém que se lance a esse empreendimento, mas só se for com cantores profissionais.

O naipe masculino esteve muito assinado e bem disciplinado. Houve, da parte de todos, toda a atenção e obediência ao seu regente. Ao principiar cada número nos crescendos ou diminuendos e no acabamento. A dicção era boa e a união perfeita das vozes.

Na terceira parte do programa foi a beleza de conjunto tanto para a vista como para o ouvido. A impecável alvura do traje das senhoras com os seus enfeites brilhantes com o traje negro do grupo masculino, só por isso valia a pena ir ao teatro; mas maior encanto teve para mim, a união dessas vozes argentinas com as vozes dos tenores, barítonos e baixos.

Senhor Tenente Marques, permita-me uma confiança amiga e só para si. Exija das senhoras atenção de todas para a regência. Nenhuma fugiu ao compasso mas uma ou outra desviava os olhos para a assistência distraidamente. É o defeito mais perigoso num grupo coral.

Permita-me também, Senhor Tenente Marques que lhe fale numa impressão que tive na audição de sábado. Pareceu-me que nalguns números os orfeonistas entravam a medo. Seria porque não ouviam bem a nota? Seria porque se esqueciam do tom?...tendo de dar-se a nota a 4 e sobretudo a 6 naipes, não admira que haja algum esquecimento ou possível distração. Há uma relativa demora. Em vez de o regente dar o tom a cada naipe, deixava-se no seu lugar e aí, por meio de uma gaita-diapasão, dava uma só nota, a do diapasão e cada naipe ia buscar o som que lhe

competia. É difícil? Acho que não desde que se acostumem assim nos ensaios particulares e sobretudo nos gerais.

É um alvitre amigo e sem pretensão.

Queira receber as minhas felicitações para si, senhor Tenente Marques e para todos os componentes do Orfeão com votos de perseverança e progresso.

A bem da Madeira.

Amigo e admirador

(Assinado)

# Aquilo é Poesia!

A tudo que é belo, sentimental e humano, preside a Poesia. — Mãe de todas as Artes e de quanto re-  
cuma beleza e sentimentalidade.

É o Poeta — ser privilegiado que vive acima do trivial, bem longe nas regiões do ideal, (onde entretece sonhos que deveriam converter-se em gloriosa realidade...) sabe admirar o sublime, e sabe sentir, amar e ser justo.

Pela sua inata bondade e irrepreensível conduta, ele deveria até presidir aos destinos do Mundo, conduzir povos e orientar multidões, porque sabe dizer a verdade, tem consciência, é incapaz de atrair.

Não me refiro, precisamente, ao Poeta que verseja, mas ao homem culto e de sentimentos puros, pois considero maior Poeta quem, não sabendo, embora, rimar, se revela amigo da beleza, do ritmo, da disciplina, da justiça — e da alegria e felicidade das gentes...

Hã, deste quilate, algumas pessoas na Terra, pessoas com muito coração e pouco bofê, mas sua voz perde-se, não chega a ouvir-se no meio do borbórinho dos grosseiros hábitos modernos, ditados pelo prevalente cinismo das bárbaras maiorias.

Poetas, maiores que os dos tempos calmos e felizes de outrora, são os poucos, verdadeiros Homens que se arrojam a ir contra a rotina e a desordem espiritual dos nossos dias, contra o corrupto materialismo imperante, conjugando esforços pró subida do nível vital e cultural da Humanidade. São, em suma, os bons, os escrupulosos, os não am-

biciosos, os filósofos e os pacifistas...

... E por que não serão os Poetas também os devotados cultores da Arte, pioneiros dum ideal imaculado, inocente, talvez ingenuo, mas pujante de elevado sentido humanista?...

Tudo isto me aflorou a propósito, e muito bem, da existência, na Madeira, de dois núcleos musicais de alta categoria artística: O «Orfeão Madeirense» e o «Septeto Dr. Passos Freitas».

Cultivando a mais enternecedora de todas as criações do Espírito — a Música — os prestantes e prestigiosos componentes d'aqueles núcleos são Poetas porque constituem fontes irradiantes de Poesia — de autêntica Poesia!

Eu quisera ser também Artista para poder enaltecê-los, para poder corresponder, em estrofes de ouro, ao ouro do seu encanto melódico, à sua oirescente interpretação de riquezas sónicas da mais requintada oirescência estética.

Surja um Artista — enfim um Poeta! — que na Imprensa os saiba cantar como merecem!

Que eu, como apenas apagado ouvinte, deslumbrado limito-me a render meu comovido preito de admiração ao brio e galhardia d'aqueles notáveis Agrupamentos, nas pessoas distintas dos senhores Tenente-Musicista António Francisco Marques, Dr. Carlos Silva, Tenente Cristóvam Ascensão, Alfredo Guerra, Hermógenes de Barros e Rafael de Sousa — pelo Orfeão, e Edmundo Olim — pelo Septeto.

*Mário Alves*

Documento 56 – “Aquilo é Poesia” – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXXXIII

Funchal 27n de Febrero de 1957

Ex<sup>o</sup> Sr.  
D. Adalberto Benitez

Mui Señor mio

He recibido finalmente las condiciones de precios que la compañía de los aviones establece para hacer los viajes con nosotros.

La excursión sería hecha en dos aviones, uno de la carrera normal que saldrá de esta ciudad en el 27 de abril por las 8,45 con destino a Las Palmas, al precio de ida y vuelta por 8 o 15 días de 978.00 moneda portuguesa, por pasajero; otro que saldrá de aquí en el día 28 de abril para Santa Cruz a las 11 horas este es fletado, siendo el gasto total de ida y vuelta por 8 o 15 días, para 58 pasajeros, de 93.669.00 moneda portuguesa. Es claro que el avión va a ponernos allí, y vuelve 8 o 15 días después a buscarnos.

Estas son las condiciones utilizando los aviones para ida y vuelta.

Pero quizás haya posibilidad de ser hecha una combinación que debe traer alguna economía y eso será ó no conseguido por Vd. junto de la compañía "Royal Mail". Es que en el día 9 de maio ~~1957~~ sale para Madera el buque Alcantara de esa compañía, que hará puerto en Las Palmas, desde que Vd. consiga de garantía de poderemos utilizarlo para el viaje de vuelta, ya no sería necesarios los aviones para el regreso y así el costo del viaje de vuelta con seguridad sería más barato que en los aviones.

Una otra manera de también hacer disminuir los gastos sería el seguirmos en el buque Santa Maria que sale de aquí el 2 de maio, y volver en el buque Alcantara el día 9, ó en los aviones en el día 12.

Nosotros comprendemos que los gastos con los aviones son grandes y que exceden los que Vd. ha considerado como probables caso tuviera conseguido el flete del buque, y que además a considerar los gastos en Las Palmas, y el viaje de ida para Santa Cruz, y la vuelta otra vez a Las Palmas, en el caso de nosotros no conseguimos que el avión de la carrera haga puerto en Santa Cruz, y así deseabamos contribuir con nuestras economías para ayuda de los gastos con los 40.000.00 que tenemos en el banco.

Yo creo tener expuesto con toda la lealtad todo lo que he hecho, ahora será Vd que contestará lo que sea, lo que acordemosca mui pronto, pues en el caso de ser acatada alguna de las condiciones indicadas, tenemos que reservar el mayor número de lugares en el avión de la carrera, para que el Orion pueda ir completo, esto en el caso de seguirmos en alguna de las condiciones de los aviones.

En resumen;

2-Viaje-ida y vuelta avion carrera-	50x978.00	=	48900.00
" " " "	x fletado -58 lugares		93669.00
Hospedaje Las Palmas 1 dia	-50 do.00		2500.00
Viaje buque Las Palmas-Tenerife	-		?

Documento 57 a – Condições da viagem para Tenerife – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXXXIV

2º-ida avion carera	50	80800	40.400.00
avion fletado	58		49.402.00
viaje Las Palmas-Tenerife			?
" Tenerife-Las Palmas			?
hospedaje Las Palmas			2.500.00
Pasajes Alcantara	108		?
3º-Viaje Santa Maria	108	350.00	37.880.00
" Alcantara			?
Vuelta avion carera			40.000.00
" " fletado			49.402.00

Quedo mui ansioso por vuestra respuesta, y le pido por favor le haga lo más pronto posible. y hasta mejor todavía por telegrama a mis señas, pues hay que tratar de pasaportes, y muchas gestiones más que necesitan tiempo para resolver. Enfim Vd, Diré lo que sea.

Deseandole muchas felicidades creame su sincero amigo mui reconocido que desea pronto abrazarlo.

## Tradução do documento 57 a e b

Funchal 27 de Fevereiro de 1957

Exmo. Sr.

Don Adalberto Benitez

Meu Senhor

Recebi finalmente as condições de preços que a companhia dos aviões estabelece para fazer as viagens connosco.

A excursão seria feita em 2 aviões - um da carreira normal que sairá desta cidade a 27 de Abril pelas 8, 45h com destino a Las Palmas, ao preço de ida e volta por 8 ou 15 dias, para 58 passageiros de 93.669.00 moeda portuguesa. É claro que o avião vai por lá e volta 8 ou 15 dias depois a buscar-nos.

Estas são as condições utilizando os aviões para ida e volta.

Mas talvez haja possibilidade de ser feita uma combinação que deve trazer alguma economia e isso será ou não conseguido por vocês junto da companhia "Royal Mail". É que no dia 9 de Maio sai para a Madeira o buque Alcantara dessa companhia, que fará porto em Las Palmas, e desde que você consiga a garantias de podermos utilizá-lo para a viagem de volta, já não seriam necessários os aviões para o regresso e assim o custo da viagem de volta com segurança seria mais barata que nos aviões.

Uma outra maneira de também fazer diminuir os gastos seria seguirmos no buque Santa Maria que sai daqui a 2 de Maio, e voltar no buque Alcantara no dia 9, ou nos aviões no dia 12.

Nós compreendemos que os gastos com os aviões são grandes e excedem o que você considerou como prováveis caso tivesse conseguido o frete do buque, e além disso há a considerar os gastos em Las Palmas, e a viagem dessa ilha para Santa Cruz, e a volta outra vez a Las Palmas, no caso de nós não conseguirmos que o avião da carreira faça porto em Santa Cruz, e assim desejávamos contribuir com as nossas economias para ajuda dos gastos com os 40.000.00 que temos no banco.

Creio ter exposto com toda a lealdade tudo o que fiz, agora será você que responderá o que seja, o que aguardo fosse rápido, pois no caso de ser acatada alguma das condições indicadas, temos que reservar o maior número de lugares no avião da carreira, para que o Orfeão possa ir completo, isto no caso de seguirmos em algumas das condições dos aviões.

Em resumo:

1ª viagem – ida e volta avião de carreira-50x978.00-48900.00

“ “ “ “ fretado-58 lugares – 93669.00

Hospedagem Las Palmas 1 dia – 50x50.00 – 2500.00

Viagem do buque Las Palmas – Tenerife - ?

2º Ida de avião carreira – 50x8800 – 40.400.00

Avião fretado 58 49.402.00

Viagem Las Palmas – Tenerife ?

“ Tenerife - Las palmas ?

Hospedagem em Las Palmas 2.500.00

Passagens Alcantara 108 ?

3º Viagem Santa Maria 108 350.00 37.880.00

“ Alcantara ?

Volta avião de carreira 40.000.00

“ “ fretado 49.402.00

Fico muito ansioso pela vossa resposta, e peço-lhe por favor a faça a mais rápido possível. E até melhor seria por telegrama para mim, pois há que tratar de passaportes, e muitas gestões mais que necessitam tempo para resolver. Enfim você, dirá o que for.

Desejando-lhe muitas felicidades creia-me seu sincero amigo muito reconhecido que deseja abraçá-lo em breve.

(Assinado)

ANEXO LXXXV

VIA PORTUGALE


COMPANHIA PORTUGUESA  
**RADIO MARCONI**

DE TODO O MUNDO PARA TODO O MUNDO

2378 TENERIFE 22 19 1410 NCR/1555

ELT 77

CRISTOBAM ASCENSAO RUA FERREIROS 184 FUNCHAL  
ONTEM COMISSA OFESTAS AYUNTAMIENTO RESOLVERAM SUSPENDER VINDA  
ORFEON DERIVADO VARIAS DIFICULDADES PRESENTADAS ,ESCREBEM  
SALUDOS SILVA +

  
EL CONCEJAL  
EXCMO. AYUNTAMIENTO  
DE  
SANTA CRUZ DE TENERIFE

22 de Marzo de 1957

Sr.D.Cristovan de Ascensao  
Rua dos Ferreiros nº 183  
Funchal-Madeira

Muy Sr.mio:

A su debido tiempo fué en nuestro poder su carta fecha 27 de Febrero ppd; a la cual no hemos podido contestar por tener pendiente gestiones relacionadas con su proyectado traslado a ésta, coincidiendo con nuestras Fiestas de Mayo. Hoy lo hago rogándole disculpas por mi tardanza.

Vistas las dificultades con que tropezamos para su desplazamiento a esta capital, y como nuestras intenciones era cubrir con Vdes la parte artistica, que diera tono y altura de verdadero acontecimiento a sus actuaciones, nos vimos precisados a enfocar nuestras gestiones hacia algún espectáculo que fuera digno sustituto de la ausencia de Vdes.

Esto lo hemos logrado a través del Excmo. Ayuntamiento de las Palmas, que nos ofreció la actuación en nuestro Teatro de una magnífica compañía de Opera, y con la cual hemos comprometido las fechas a Vdes reservadas.

Es nuestra idea el no interrumpir las relaciones que tenemos iniciadas en la seguridad de que para una fecha próxima éstas pudieran dar el resultado apetecido, lo que nos daría la oportuni-

Documento 58 – *Telegrama de Tenerife* – Archivo do Orfeão



## Tradução do documento 58

CRISTOVÃO ASCENSÃO RUA FERREIROS 184 FUNCHAL

ONTEM COMISSÃO FESTAS AJUNTAMENTO RESOLVERAM SUSPENDERAM VINDA  
ORFEÃO DERIVADO VÁRIAS DIFICULDADES APRESENTADAS ESCREVEM

SAUDAÇÕES SILVA

22de Março de 1957

Sr. D. Cristóvão de Ascensão

Rua dos Ferreiros nº183

Funchal – Madeira

Meu Senhor:


O seu devido tempo veio em nosso poder a sua carta datada de 27 de Fevereiro próximo passado, à qual não podemos responder por ter pendentes gestões relacionadas com a sua projectada viagem a esta ilha, coincidindo com as nossas Festas de Maio. Hoje faço-o pedindo-lhe desculpas pelo meu atraso.

Vistas as dificuldades com que tropeçamos para a sua deslocação a esta capital, e como as nossas intenções era cobrir com vocês a parte artística, que dera tom e altura de verdadeiro acontecimento nas suas actuações, vimo-nos obrigados a enfocar as nossas gestões para algum espectáculo que fosse digno substituo da vossa ausência.

Isto foi combinado através do excelentíssimo Ajuntamento de Las Palmas, que nos ofereceu a actuação no nossos Teatro de uma magnífica companhia de Ópera, e com a qual temos comprometidas as datas reservadas para vós.

Na nossa ideia o não interromper as relações que temos iniciadas na segurança de que para uma data próxima estas pudessem dar o resultado apetecido...

ANEXO LXXXVI

S.  R.

**MINISTÉRIO  
DA  
EDUCAÇÃO NACIONAL**

INSPECÇÃO SUPERIOR  
DO  
ENSINO PARTICULAR

Campo dos Mártires da Pátria  
LISBOA

IMPORTANTE

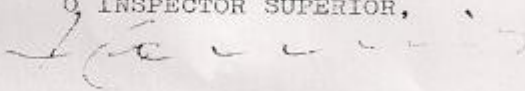
Na resposta indicar as seguintes referências: Livro N.º B  
Processo N.º 163  
Alvará N.º .....

Lisboa, 30 de Maio de 1957

Exm.º. Senhor  
Tenente António Francisco Marques  
Rua de Santa Luzia, 52


F U N C H A L

Para os devidos efeitos, junto se devolve a V. Ex.ª. o duplicado dos Estatutos do "Orfeão Madeirense", aprovados por despacho de Sua Exce-  
lência o Ministro da Educação Nacional, de 23 do  
mês findo.

A bem da Nação  
O INSPECTOR SUPERIOR,  


MS/GO

Documento 59 – Aprovação dos Estatutos do Orfeão – Arquivo do Orfeão



**INSTRUMENTOS MÚSICAIS**

COUESNON  
VADECA  
BESSON  
STOWASSER  
CONDESTÁVEL  
ETC. ETC.

**Santos Beirão, L.<sup>da</sup>**

Casa fundada em 1846  
Rua 1.ª de Dezembro, 2-C o 8 (Rossio -- frente à Rua do Carmo)

DUPLICADO Lisboa, 20 de Setembro de 1957

TELEFONE 2 21 80  
TEL. CLAVE-LISBOA

Fornecimentos completos para

- BANDAS
- ORQUESTRAS
- TUNAS
- JAZZ
- PIANOS
- ORGÃOS
- T. S. F.
- DISCOS E GRAMOFONES
- HARMONICAS
- BOCAES
- ACCORDEONS
- CONCERTINAS
- BANDONEONS

Músicas e Acessórios para todos os instrumentos

— Oficina de Reparações e Niquelagem

Meu Exm<sup>o</sup>. Amigo

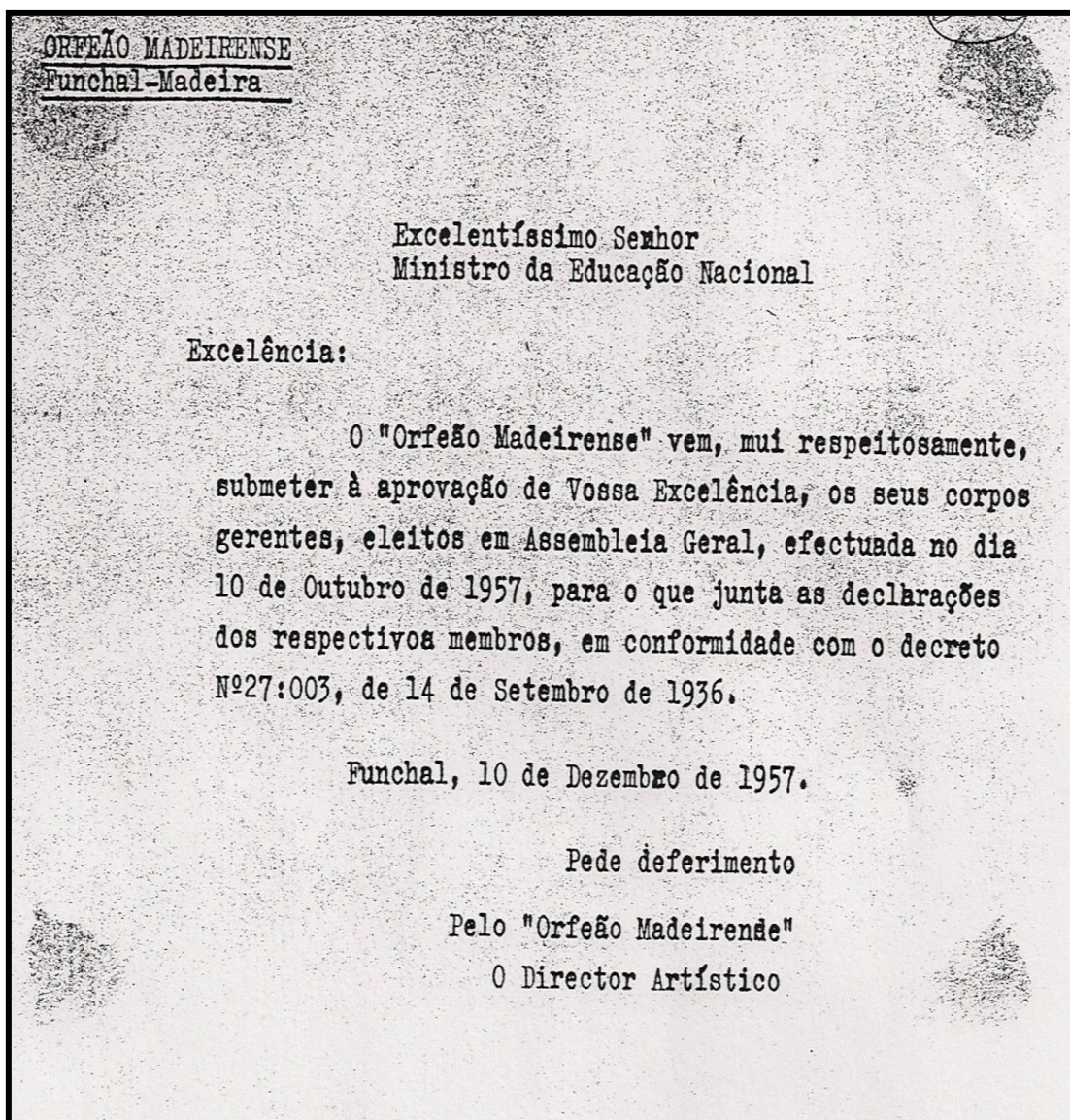
Com os meus respeitosos cumprimentos para V. Ex<sup>a</sup>. e sua Exm<sup>a</sup>. Família, venho por esta agradecer-lhe todas as gentilezas dispensadas á minha pessoa quando aí estive e que jámais esquecerei.

Igualmente peço que apresente os meus melhores cumprimentos ao Orfeanistas, que tiveram a gentileza de me convidar para o seu passeio, a que fiquei muito grato. Sobre a vinda Orfeão ao Continente ainda me não foi possível tratar, pois desde que cheguei que tenho sido todo o tempo ocupado em assunto do Exército, mas logo que me seja possível tratarei do caso e lhe escoreverei na primeira ocasião, que espero seja em breve.

Peço que apresente os meus respeitosos cumprimentos a sua Exm<sup>a</sup>. Espôsa bem como ao Exm<sup>o</sup>s Sr<sup>e</sup>. que fizeram parte da n/ mesa de almoço, e o meu Exm<sup>o</sup>. Amigo receba um abraço deste seu amigo sempre ao vosso inteiro dispor


Mt<sup>o</sup>. Obgd.  
*Armando Fernandes*  
Cap. Armando Fernandes  
Chefe de B. de Música

Documento 60 – Pretensão da ida do Orfeão ao Continente – Arquivo do Orfeão



Documento 61 – Para aprovação dos corpos gerentes – Arquivo do Orfeão

ANEXO LXXXIX

S.  R.

MINISTÉRIO  
DA  
EDUCAÇÃO NACIONAL

INSPEÇÃO SUPERIOR  
DO  
ENSINO PARTICULAR

Campo dos Mártires da Pátria  
LISBOA

IMPORTANTE

Na resposta indicar as seguintes referências: Livro N.º B  
Processo N.º 163  
Alvará N.º

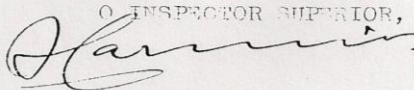
Lisboa, 23 de Dezembro de 1957

Exm.º Senhor  
António Francisco Marques  
Orfeão Madeirense  
FUNCHAL

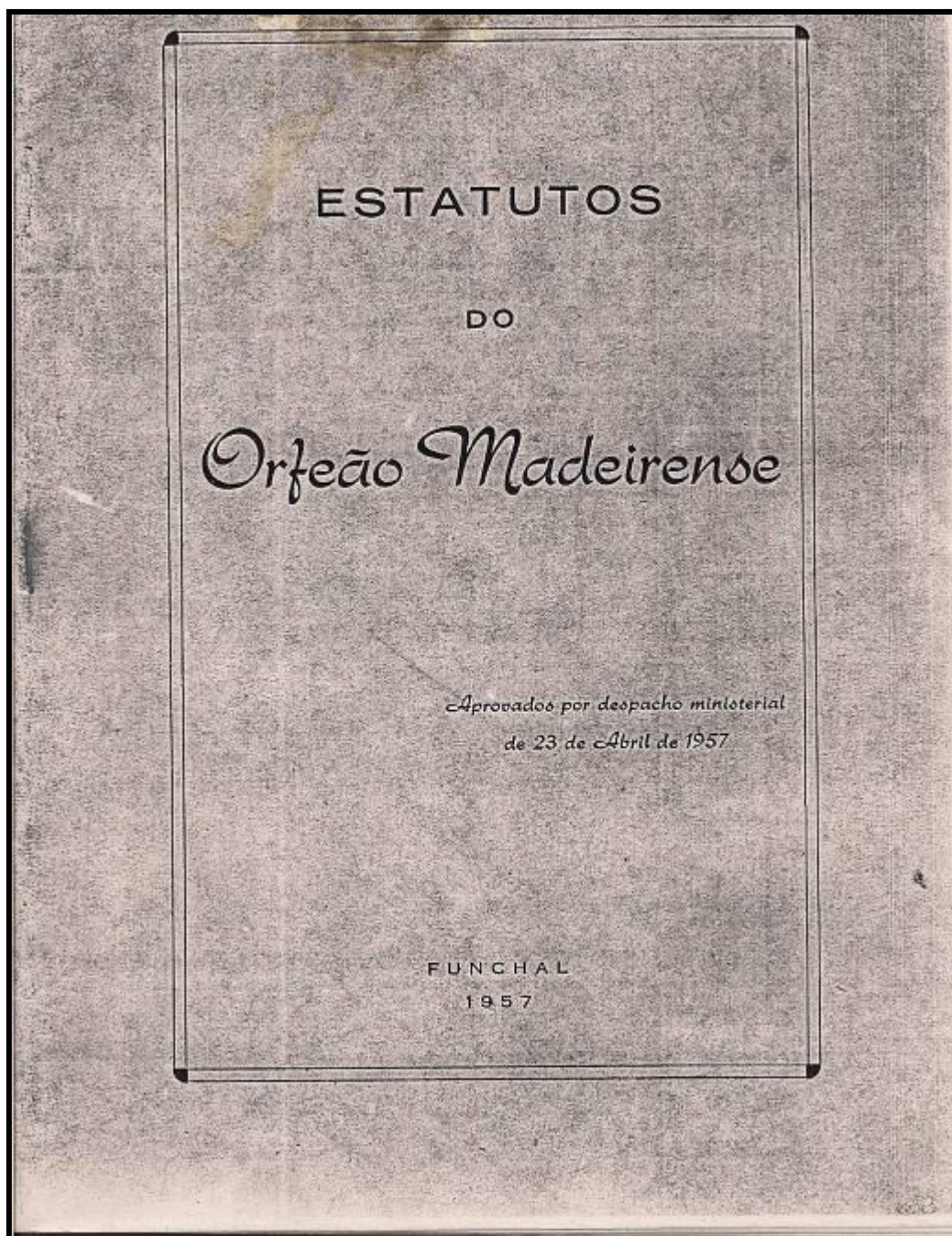
Em officio de 10 do corrente solici-  
tou V. Exã. fosse homologada a eleição dos  
corpos gerentes do "Orfeão Madeirense".

Como os elementos de *id*entificação  
que acompanharam o referido officio são insu-  
ficientes, dicne-se enviar uma outra donde  
conste: datas de nascimento, estado civil e  
números dos bilhetes de identidade (com indi-  
cação de datas e respectivos arquivos de  
identificação).

MS/ML

A Bem da Nação  
O INSPECTOR SUPERIOR,  


Documento 62 – Falta de elementos de identificação dos corpos gerentes – Arquivo do Orfeão



Documento 63 a – Estatutos do Orfeão madeirense – Arquivo do Orfeão

## CAPÍTULO I

### Denominação, sede e fins

Artigo 1.º—O ORFEÃO MADEIRENSE, que existe desde 1919 e foi reconstituído em 1954, após vinte anos de interrupção, continua a existir com a mesma denominação.

Artigo 2.º—A sede do Orfeão é na cidade do Funchal, onde, para todos os efeitos, estabelece o seu domicilio.

Artigo 3.º—Os fins a que se destina o Orfeão Madeirense são: promover e cooperar no desenvolvimento da educação artística—especialmente a musical—dos seus associados e do público.

Artigo 4.º—Nos termos do artigo que antecede, o Orfeão deverá auxiliar, sempre que as circunstâncias o permitam ou aconselhem, quaisquer manifestações artísticas que se destinem a elevar o nível cultural dos seus sócios e de todo o público, demonstrando assim o seu carácter de associação de utilidade pública.

## CAPÍTULO II

### Sócios, suas categorias e admissão

Artigo 5.º—Haverá no Orfeão Madeirense as seguintes categorias de sócios:

- 1.ª) efectivos;
- 2.ª) protectores;
- 3.ª) honorários;
- 4.ª) beneméritos.

§ 1.º—Sócios efectivos são os que colaboram efectivamente nos espectáculos da agremiação, tomando parte nas suas exhibições musicais.

§ 2.º—Sócios protectores são os que prestam o seu auxilio, monetário ou outro, ao Orfeão, por meio de pagamento de quotas ou quaisquer dádivas.

§ 3.º—Sócios honorários são os que, sócios de qualquer categoria, ou estranhos ao Orfeão, prestem relevantes serviços à propaganda da Madeira e à sua educação artistica.

§ 4.º—Sócios beneméritos são os que, sócios ou não do Orfeão, tenham a este prestado assinalados serviços.

Artigo 6.º—De modo geral, podem ser sócios do Orfeão os individuos nacionais ou estrangeiros, de qualquer dos sexos, que tenham bom comportamento moral e civil.

Artigo 7.º—As condições especiais para a admissão dos sócios e sua classificação nas diferentes categorias são as seguintes:

1.ª—Serão admitidos como sócios efectivos os individuos contra cuja proposta, assinada por qualquer sócio e levada ao conhecimento dos sócios efectivos existentes, não receba nota de rejeição de um terço dos mesmos sócios ou de um único voto de rejeição de algum dos membros dos Corpos Gerentes em exercício.

2.ª—A admissão para as restantes categorias de sócios é da competência da Direcção.

§ 1.º—O número de sócios efectivos é limitado a cento e cinquenta e sete, dos quais cento e cinquenta cantores e sete executantes do «Septeto Dr. Passos de Freitas».

§ 2.º—Attingido o limite indicado no parágrafo anterior, a admissão de um novo sócio só poderá fazer-se para preenchimento de vaga que se dê, a não ser que, convocada a Assembleia Geral extraordinariamente e



especialmente para esse fim, seja votada por unanimidade a referida admissão.

§ 3.º—A admissão dos sócios efectivos será sempre dependente do parecer favorável que o Conselho Técnico der sobre o exame artístico a que deverá sujeitar-se o candidato.

§ 4.º—Contra qualquer admissão feita nos termos do número 3.º deste artigo haverá recurso para a Assembleia Geral (convocada especialmente para esse fim pela Direcção, espontaneamente ou a pedido de dez sócios), que poderá impor a exclusão do admitido, por voto conforme de um terço dos sócios presentes à sessão.

Artigo 8.º—Quando a data da admissão do sócio, que fique obrigado ao pagamento de quota, for posterior ao dia 20 do mês, considerar-se-á, para efeito daquele pagamento, como admitido no mês imediato.

### CAPÍTULO III

#### Deveres e direitos dos sócios

Artigo 9.º—Os sócios protectores pagarão a mensalidade de dez escudos (10\$00). Podem, todavia, substituir aquela mensalidade por dádivas cujo valor não seja inferior a cento e vinte escudos (120\$00) anuais.

Artigo 10.º—Os sócios efectivos, além do caso do artigo 17.º, só poderão ser obrigados temporariamente ao pagamento de quota, cujo montante e duração só poderão ser fixados pela Assembleia Geral no caso de absoluta necessidade de angariar fundos.

Artigo 11.º—Os sócios não indicados nos artigos 9.º e 10.º só pagarão quota quando o desejarem, em quantitativo fixado por eles.

Artigo 12.º—As quotas dos sócios protectores consi-

deram-se vencidas no dia 1 de cada mês, e deverão ser pagas dentro desse mês.

§ 1.º—Os sócios obrigados ao pagamento de quota, que completarem o atraso de três meses nesse pagamento, sem que apresentem motivo justificado e por escrito, serão avisados pela Direcção e, se dentro de oito dias a contar do mesmo aviso, não pagarem, serão demitidos.

§ 2.º—Os sócios demitidos nos termos do parágrafo anterior só poderão ser readmitidos se pagarem o seu débito com o acréscimo de cinquenta por cento (50 %).

Artigo 13.º—O sócio tem os seguintes deveres:

1.º—Contribuir por todas as formas para o engrandecimento da colectividade.

2.º—Observar e cumprir rigorosamente os Estatutos e regulamentos, obedecendo às decisões da Assembleia Geral e dos Corpos Gerentes.

3.º—Aceitar os cargos para que for nomeado ou eleito, desempenhando-se deles com zelo e dedicação.

4.º—Ser assíduo aos ensaios combinados ou determinados, não podendo faltar senão por motivo justificado.

5.º—Abster-se, em qualquer reunião da colectividade, dentro ou fora do edificio da sede, de se envolver em discussões sobre quaisquer assuntos de carácter político.

6.º—Abster-se de jogar qualquer jogo de azar dentro do edificio da sede.

7.º—Participar por escrito à Direcção quando queira demitir-se de sócio da colectividade.

Artigo 14.º—O sócio tem os seguintes direitos:

1.º—A entrar livremente no edificio da sede do Orfeão devendo apresentar o seu bilhete de identidade quando tal lhe for solicitado.

2.º—A frequentar os cursos que funcionem no Orfeão, nos termos dos respectivos regulamentos.

3.º—A utilizar-se de quaisquer livros ou peças existentes na biblioteca ou no arquivo musical, respeitadas

que sejam as respectivas disposições regulamentares.

4.º—A apresentar qualquer indivíduo por quem se responsabilize, e que não tenha sido rejeitado nem excluído, não podendo, porém, esse indivíduo frequentar o edificio da sede do Orfeão mais de três vezes em cada ano, nem assistir a quaisquer ensaios.

5.º—A preferência, sobre qualquer pessoa estranha à colectividade, na aquisição de bilhetes para os seus espectáculos, contanto que esses bilhetes se destinem ao adquirente ou a pessoas de sua família.

6.º—A beneficiar dos descontos nos preços dos bilhetes dos espectáculos, quando a Direcção delibere concedê-los.

#### CAPÍTULO IV

##### Penalidades

Artigo 15.º—O sócio de qualquer categoria, que infrinja os Estatutos e regulamentos, promova directa ou indirectamente o descrédito ou prejuízo da colectividade, desacatar as deliberações dos Corpos Gerentes, ofender qualquer outro sócio (membro ou não dos Corpos Gerentes), usar de palavras ou actos impróprios de pessoas de boa educação ficará sujeito às seguintes penalidades:

- 1.ª—admoestação;
- 2.ª—repreensão registada;
- 3.ª—suspensão;
- 4.ª—multa;
- 5.ª—privação de alguns dos direitos definidos no artigo 14.º;
- 6.ª—expulsão.

§ 1.º—Destas penalidades, só a última deverá ser sempre da competência da Assembleia Geral.

§ 2.º—As cinco primeiras são da competência da Direcção, que as poderá aplicar espontaneamente ou por proposta que lhe seja dirigida por algum membro dos Corpos Gerentes ou por um grupo de seis sócios, pelo menos, devendo, neste último caso, o assunto ser presente ao Conselho Técnico.

§ 3.º—Das penalidades referidas no parágrafo anterior haverá sempre recurso para a Assembleia Geral, a pedido do sócio punido, depois do parecer favorável do Conselho Técnico.

Artigo 16.º—Ao sócio efectivo que deixe de comparecer sem motivo justificado a mais de um ensaio em cada quatro, poderá ser aplicada a pena de multa, nos termos seguintes:

1.º—Passará a ser obrigado ao pagamento da quota, como se fosse sócio protector, com todas as consequências indicadas no artigo 12.º e seus parágrafos.

2.º—Por cada falta a mais das permitidas no corpo deste artigo, será devido, pelo menos, um mês de quota.

Artigo 17.º—Será aplicada a pena de expulsão, sem intervenção da Assembleia Geral, e sem recurso para esta, aos sócios que não se sujeitarem ao cumprimento das penalidades que lhes forem legitimamente impostas.

Artigo 18.º—Os indivíduos excluídos nos termos do artigo anterior não poderão ser readmitidos em caso algum.

Artigo 19.º—A aplicação de qualquer penalidade a um sócio, inibe-o de pertencer aos Corpos Gerentes do Orfeão.

## CAPÍTULO V

### Assembleia Geral

Artigo 20.º—A Assembleia Geral é a reunião dos

sócios das duas primeiras categorias do artigo 5.º, de maior idade, e sem exclusão de sexos.

Artigo 21.º—Para que os sócios possam ter assento na Assembleia Geral, é necessário que tenha decorrido um ano após o cumprimento de alguma das penalidades 2.ª, 3.ª, 4.ª ou 5.ª, constantes do artigo 15.º.

Artigo 22.º—A Assembleia Geral funcionará em primeira convocação com a maioria dos sócios.

§ único—Se não for atingido o *quorum* indicado no corpo deste artigo, a Assembleia funcionará, em segunda convocação, com qualquer número de sócios, uma hora depois da indicada para a primeira reunião.

Artigo 23.º—A Assembleia Geral reúne ordinariamente na segunda quinzena do mês de Março de cada ano, a fim de apreciar, discutir, aprovar ou rejeitar as contas da gerência do ano anterior, apresentadas pela Direcção, e eleger os Corpos Gerentes que hão de exercer no ano imediato.

Artigo 24.º—A Assembleia Geral reunir-se-á extraordinariamente nos diferentes casos indicados nestes Estatutos, e sempre que o requeiram a Direcção, o Conselho Fiscal, o Conselho Técnico ou dois terços dos sócios votantes.

§ único—Do pedido de convocação da Assembleia Geral deverá constar sempre, com clareza, o assunto a debater, e só esse poderá ser tratado na sessão requerida.

Artigo 25.º—As convocações da Assembleia Geral são feitas com oito dias de antecedência, pelo menos, por meio de aviso no edifício da sede, e publicado em um dos jornais mais lidos do Funchal.

Artigo 26.º—As decisões da Assembleia Geral ficarão consignadas no livro de actas e terão validade, desde que não infrinjam os Estatutos, os quais somente poderão ser alterados nos termos do artigo seguinte.

Artigo 27.º—Os Estatutos só poderão ser alterados

em sessão da Assembleia Geral convocada especialmente para esse fim.

§ único—Quando, em qualquer reunião da Assembleia Geral, for apresentada proposta que implique alteração de alguma disposição estatutária, deverá essa proposta ser retirada da discussão, e só poderá ser discutida em sessão extraordinária especialmente pedida para esse fim, nos termos do artigo 24.º.

Artigo 28.º—Compete à Assembleia Geral:

- 1.º—Impor a rigorosa observância dos Estatutos;
- 2.º—Discutir, e aprovar ou rejeitar quaisquer propostas que lhe sejam submetidas nos termos destes Estatutos;
- 3.º—Eleger para os Corpos Gerentes os sócios que não-de exercer no ano imediato;
- 4.º—Eleger quaisquer comissões que sejam propostas, e cuja criação tenha sido votada.
- 5.º—Demitir do seu cargo qualquer membro dos Corpos Gerentes, sempre que tal se demonstre necessário à vida do Orfeão.

§ único—A deliberação do número 5.º deste artigo só poderá se tomada sobre parecer do Conselho Técnico, devendo ser consentida ao arguido a mais ampla defesa.

## CAPÍTULO VI

### Direcção

Artigo 29.º—Compete à Direcção:

- 1.º—Cumprir e fazer cumprir os Estatutos, regulamentos e deliberações da Assembleia Geral.
- 2.º—Velar pela boa ordem e conservação da casa, mobiliário e haveres do Orfeão.
- 3.º—Administrar os rendimentos do Orfeão.
- 4.º—Nomear sócios da 3.ª e 4.ª categorias descritas.

## ANEXO XCIX

— 9 —

no artigo 5.º e dar parecer sobre a admissão de sócios das restantes categorias.

5.º—Participar ao sócio proponente de qualquer candidato, ou a este mesmo, se foi ou não admitido.

6.º—Requerer ao Presidente da Assembleia Geral a convocação da mesma.

7.º—Reunir semanalmente, e sempre que o julgar conveniente.

8.º—Eleger um ou mais dos seus membros, quando o julgar conveniente, para assistentes às reuniões do Conselho Técnico, onde, todavia, não terão voto consultivo nem deliberativo.

9.º—Organizar os regulamentos necessários ao funcionamento dos serviços.

10.º—Dispensar do pagamento de quotas os sócios a esse pagamento obrigados, quando estes tenham necessidade de se ausentarem do Punchal por prazo superior a três meses.

11.º—Representar o Orfeão, para todos os efeitos legais, assinando nessa qualidade qualquer escritura ou contrato, e submetendo à prévia apreciação da Assembleia Geral aqueles que representem importantes encargos para a vida da agremiação.

12.º—Permitir, em circunstâncias especiais, a frequência no edifício da sede, e a assistência aos ensaios, a indivíduos estranhos, quando a tal se não oponha algum membro do Conselho Técnico.

13.º—Nomear mensalmente, de entre os seus membros e os do Conselho Técnico, um que exerça a vigilância no edifício da sede, e que vele pela boa ordem e fiel cumprimento dos Estatutos e regulamentos.

14.º—Aplicar as penas para que tiver competência e propor à Assembleia Geral aquelas que por esta devam ser aplicadas aos sócios que nelas incorram.

15.º—Fazer as aquisições que forem indispensáveis,

Documento 63 j – Idem

de livros, músicas, instrumentos, mobiliário, etc.

16.º—Organizar as récitas, sobre proposta do Conselho Técnico, excursões e quaisquer diversões para recreio dos sócios e suas famílias.

17.º—Organizar a biblioteca.

18.º—Organizar aulas de música e de canto para os sócios.

19.º—Franquear ao Conselho Fiscal todos os documentos relativos à administração, sempre que aquele exija, e a todos os sócios, durante os oito dias que antecedem a sessão ordinária da Assembleia Geral.

20.º—Apresentar em cada ano, ao Conselho Fiscal, com 15 dias de antecedência, pelo menos, da data da sessão ordinária da Assembleia Geral, o relatório da sua gerência, acompanhado do balanço das contas do ano anterior.

Artigo 30.º—A Direcção é solidariamente responsável por todas as suas resoluções até à aprovação do seu relatório e contas em sessão ordinária da Assembleia Geral.

## CAPÍTULO VII

### Conselho Fiscal

Artigo 31.º—Compete ao Conselho Fiscal:

1.º—Assistir, quando o julgar conveniente, às sessões da Direcção;

2.º—Examinar as contas da Direcção, e sobre elas apresentar à Assembleia Geral o seu parecer, que deverá estar formulado, pelo menos, oito dias antes da reunião da referida Assembleia, a fim de o franquear aos sócios que o desejem.

3.º—Solicitar a convocação da Assembleia Geral quando tenha conhecimento de que a Direcção tomou



resoluções contrárias aos Estatutos e regulamentos, a fim de expor o que julgar conveniente aos interesses do Orfeão.

## CAPÍTULO VIII

### Conselho Técnico

Artigo 32.º -- Compete ao Conselho Técnico:

1.ª — Sindicar escrupulosamente acerca dos factos constantes das propostas cujos originais ou cópias lhe forem entregues pela Direcção, e dar sobre eles o seu parecer dentro do prazo máximo de sete dias.

2.º — Dos pareceres de que trata o número anterior, e que serão sempre fundamentados, deverá constar a proposta da penalidade a aplicar.

3.º — Solicitar a convocação da Assembleia Geral para resolver sobre quaisquer discordâncias que surjam entre o Conselho e a Direcção.

4.º — Examinar e dar parecer sobre a aptidão ou competência artística dos candidatos a sócios efectivos.

5.º — Propor à Direcção a realização de espectáculos ou excursões colaborando com ela em todos os pormenores da sua organização.

6.º — Assistir, quando o julgar conveniente, às reuniões da Direcção, onde, porém, não terá voto deliberativo nem consultivo.

CAPÍTULO IX

**Membros dos Corpos Gerentes**

**Sua eleição—Sua competência**

**Secção I—GENERALIDADES**

Artigo 33.º—Os membros dos Corpos Gerentes, à excepção dos do Conselho Técnico, serão eleitos por escrutínio de lista na sessão ordinária da Assembleia Geral do ano anterior àquele em que hão-de exercer.

Artigo 34.º—Com os membros efectivos eleitos dos Corpos Gerentes, serão também eleitos os respectivos suplentes, em número igual ao daqueles.

Artigo 35.º—Serão eleitores, e terão voto deliberativo em todas as sessões da Assembleia Geral, todos os sócios indicados nos artigos 20.º e 21.º.

Artigo 36.º—Todos os membros eleitos dos Corpos Gerentes serão sempre reelegíveis.

Artigo 37.º—Os componentes do Conselho Técnico serão sempre os chefes dos naipes presididos pelo Director Artístico do Orfeão.

**Secção II—Mesa da Assembleia Geral**

Artigo 38.º—Serão elegíveis para a Mesa da Assembleia Geral os sócios eleitores indicados no artigo 35.º.

Artigo 39.º—A Mesa da Assembleia Geral compõe-se de um Presidente, um vice-presidente, um primeiro secretário e um segundo secretário.

Artigo 40.º—Compete ao Presidente:

1.º—Convocar a Assembleia Geral e dirigir os seus trabalhos.

2.º—Rubricar os livros de actas da Assembleia Geral

e da Direcção, e os demais livros principais do Orfeão, assinando os termos de abertura e de encerramento.

3.º—Investir nos respectivos cargos os sócios eleitos ou nomeados pela Assembleia Geral, assinando com eles os autos de posse.

4.º—Assinar, juntamente com os secretários, as actas das sessões da Assembleia Geral.

5.º—Representar o Orfeão em todos os actos públicos para que for convidado.

6.º—Participar aos sócios, cuja expulsão tenha sido proposta pela Direcção, o dia e hora em que será debatida a sua exclusão, convidando-os a defenderem-se directamente ou por intermédio de outro sócio em quem deleguem a sua defesa.

Artigo 41.º—Compete ao vice-presidente substituir o presidente no seu impedimento temporário.

Artigo 42.º—Compete ao primeiro secretário:

1.º—Prover o expediente da Mesa.

2.º—Lavrar e assinar os autos de posse.

3.º—Lavrar e assinar as actas das sessões da Assembleia Geral.

Artigo 43.º—Compete ao segundo secretário coadjuvar o primeiro e substituí-lo no seu impedimento temporário.

#### Secção III—DIRECÇÃO

Artigo 44.º—São elegíveis para a Direcção os sócios efectivos e protectores que estejam no pleno gozo dos seus direitos.

Artigo 45.º—A Direcção compõe-se de cinco membros; um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, um primeiro secretário e um segundo secretário.

Artigo 46.º—Compete ao presidente:

1.º—Dirigir os trabalhos e as sessões da Direcção.

2.º—Convocar a Direcção para as suas reuniões.

3.º — Assinar quaisquer documentos que exijam a sua assinatura.

Artigo 47.º — Compete ao vice-presidente:

1.º — Substituir o presidente no seu impedimento.

2.º — Elaborar o relatório da gerência a apresentar à sessão ordinária da Assembleia Geral.

3.º — Auxiliar, em geral, o presidente, em todos os actos da sua função.

Artigo 48.º — Compete ao tesoureiro:

1.º — Assinar os recibos das quotas.

2.º — Arrecadar o numerário do Orfeão, depositando as quantias que não forem indispensáveis para a vida normal do mesmo.

3.º — Fiscalizar as cobranças.

4.º — Satisfazer os pagamentos ordenados pela Direcção.

Artigo 49.º — Compete ao primeiro secretário:

1.º — Lavrar as actas das reuniões da Direcção, e assiná-las com os restantes membros da mesma.

2.º — Assinar o expediente.

3.º — Organizar a lista dos sócios eleitores e elegíveis para os Corpos Gerentes.

Artigo 50.º — Compete ao segundo secretário:

1.º — Admitir, suspender ou demitir pessoal assalariado, conformando-se sempre com o parecer da Direcção, quando esta rejeite alguma das suas deliberações.

2.º — Elaborar os regulamentos internos para as diversas secções da colectividade.

3.º — Organizar e manter em dia o inventário de todos os bens pertencentes ao Orfeão, fornecendo anualmente à Direcção, ou quando esta o solicite, uma cópia do referido inventário.

4.º — Atender os sócios nas suas reclamações, sempre dentro da observância dos Estatutos e regulamentos.

5.º — Comunicar à Direcção as ocorrências que possam prejudicar a vida ou a ordem do Orfeão.

**Secção IV — CONSELHO FISCAL**

Artigo 51.º — São elegíveis para o Conselho Fiscal quaisquer sócios eleitores indicados no artigo 35.º.

Artigo 52.º — O Conselho Fiscal compõe-se de três membros, que designarão entre si o presidente e o relator.

**Secção V — CONSELHO TÉCNICO**

Artigo 53.º — O Conselho elegerá entre si aquêle que há-de desempenhar as funções de relator.

Artigo 54.º — Compete ao presidente:

1.º — Convocar e dirigir os trabalhos das reuniões do Conselho.

2.º — Rubricar os autos e dirigir todos os trabalhos do Conselho.

Artigo 55.º — Compete ao relator:

1.º — Elaborar e assinar os pareceres do Conselho.

2.º — Organizar os processos, assinando os autos.

Artigo 56.º — Compete aos vogais assinar os pareceres e os autos do Conselho.

**CAPÍTULO X**

**Disposições Gerais**

Artigo 57.º — No caso de impedimento definitivo de qualquer dos membros dos Corpos Gerentes, entrará em exercício o respectivo suplente.

Artigo 58.º — A Direcção poderá reunir em sessão permanente sempre que o exijam os interesses do Orfeão.

Artigo 59.º — Quanto à administração, o ano social do Orfeão deverá coincidir com o ano civil.

§ único — Quanto, porém, a actividade artística, considerar-se-á o ano começado em 1 de Outubro de cada ano.

Artigo 60.º—Os Corpos Gerentes, ao terminar o seu mandato, entregarão aos novos eleitos todos os haveres da agremiação confiados à sua guarda, por meio de inventário.

Artigo 61.º—No caso de dissolução do Orfeão, os seus haveres serão entregues a uma comissão liquidatória, eleita pela Assembleia Geral, que se encarregará da sua liquidação, distribuindo o respectivo produto pelas casas de caridade do Funchal.

Artigo 62.º—Os cargos de membros da Direcção e do Conselho Técnico são acumuláveis.

§ único—Os sócios que exerçam por acumulação mais de um cargo nos termos do corpo deste artigo, poderão ser substituídos, a seu pedido, por outros sócios eleitos em Assembleia Geral.

Artigo 63.º—Não poderá efectuar-se em cada trimestre mais de uma sessão da Assembleia Geral para se proceder à eleição a que se refere o artigo anterior.

Artigo 64.º—Os sócios eleitos para os Corpos Gerentes e os eleitos ou nomeados para quaisquer funções de direcção ou orientação só podem entrar em exercício depois de o Ministro da Educação Nacional ter sancionado a eleição ou nomeação.

*Aprovado por despacho ministerial  
de 23 de Abril de 1957, nos termos  
do disposto na alínea a) do n.º 5 do art.º 2.º do Estatuto  
do Ensino Particular (Decreto 37545,  
de 8 de Setembro de 1949.*

**ANEXO CVII**



**Documento 64 – Discos gravados na «His Master's voice» - Arquivo Particular**

ANEXO CVIII



The image is a vintage advertisement for records. At the top center is a circular logo of a gramophone with a large horn, with the text "The Master's Voice" written below it. Below the logo, the text reads "DISCOS E GRAMOFONES" in a bold, serif font. Underneath that is the phrase "A impressão mais perfeita, nitidez absoluta." followed by "—DISCOS DO—". The main title "SEXTETO DR. PASSOS FREITAS" is prominently displayed in a large, bold, serif font. Below the title, it says "Acaba de despachar" followed by "—A—". The title of the record, "“Maison Blanche”", is written in a large, elegant, serif font. The entire advertisement is enclosed in a decorative border with a repeating geometric pattern. In the bottom right corner of the border, there is a small number "N. 444".

DISCOS E GRAMOFONES

A impressão mais perfeita, nitidez absoluta.

—DISCOS DO—

**SEXTETO DR. PASSOS FREITAS**

Acaba de despachar

—A—

**“Maison Blanche”**

N. 444

Documento 65 – *Informação sobre os discos do Sexteto* – Arquivo do Orfeão



**SEPTETO PASSOS FREITAS**

Obega hoje, no vespere *Lima*, a *Madeira*, este notavel grupo musical, que, em *Lisboa*, alcançou os maiores triunfos nas suas audições.

Como temos noticiado, o *Septeto Passos Freitas* fez se ouvir no *Teatro da Trindade*, no *Salão de Belas Artes*, com a assistencia do sr. *Presidente da Republica*, na *Academia dos Amadores de Musica* e no *Conservatorio*, a convite do seu director, o grande pianista *Viana da Mota*.

Ao notavel Grupo de artistas madeirenses, dirigimos os nossos cumprimentos de boas-vindas, congratulando-nos com os seus grandes triunfos.

Sabemos que alguns membros do antigo Grupo Passos Freitas, do que fazia parte o *Septeto*, vai oferecer-lhe amanhã, uma banquete que será presidido pelo sr. *Dr. Manuel dos Passos do Freitas*.

Documento 66 – Artigo sobre a digressão do Septeto a Lisboa – Arquivo Regional do Funchal

ANEXO CX

**Orfeão Madeirense e Septeto Dr. Passos de Freitas**  
**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO**

*Sócio Efectivo N.º* 1/3

*Nome completo* José Florêncio Pedro de Abreu

*Filho de* José Pedro de Abreu

*E de* Carlota Cândida Pimenta de Abreu

*Nascido a* 7-II-1894

*Freguesia de* S. Pedro

*Concelho de* Funchal

*Distrito de* Funchal

*Profissão* Empregado do Comércio

*Morador em* Rua do Jasmineiro, 5-A

*Telefone n.º*


*Freguesia de* São Pedro

*Concelho de* Funchal

*Portador do B. I. N.º* 198892-A, do *Arq. Ident. de* Lisboa, 24-7e 1943

*Admitido em reunião de* Maio de 1915

*Naípe* Septeto



42-64

Documento 67 – Inscrição no Septeto – Arquivo do Orfeão

Thursday 23<sup>rd</sup> February 1933

A concert will be held at the "Teatro Manoel de Arriaga"

in aid of the poor house of Funchal

AT 9 O'CLOCK P. M.

by the

**GRUPO DR. PASSOS DE FREITAS**

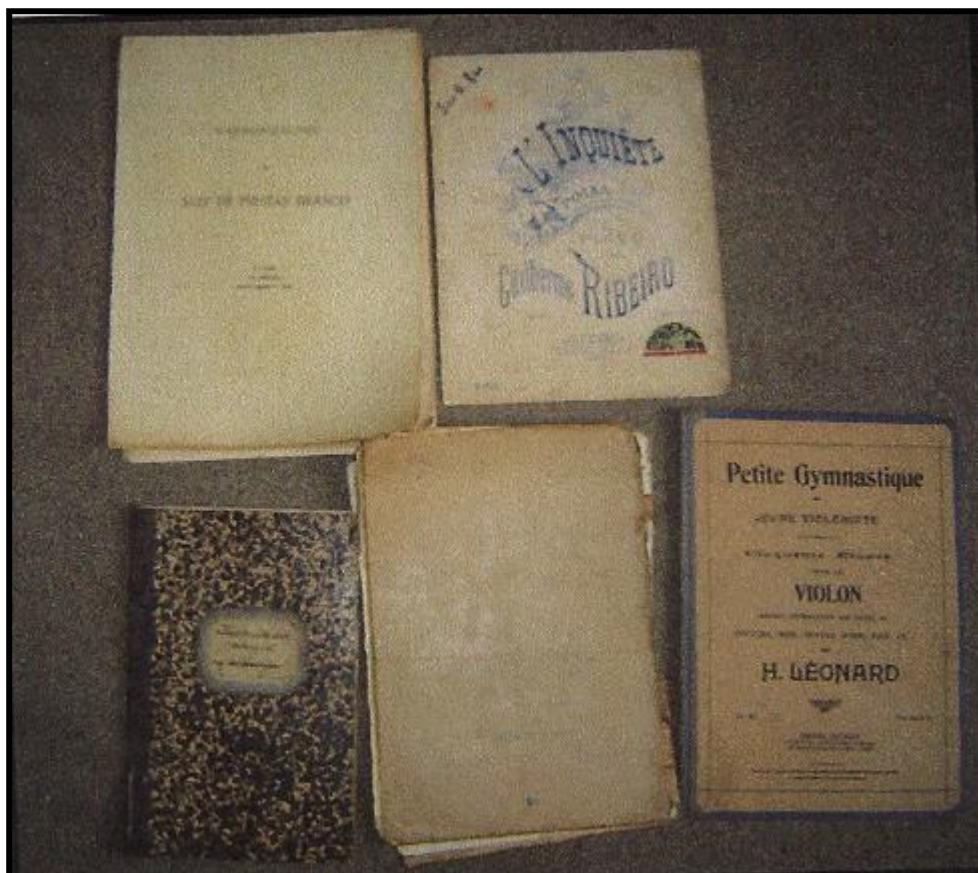
(MANDOLINES, GUITARS, &c)

PRICE ESC. 10\$00 PER PERSON

Tickets on sale at MAISON BLANCHE

Documento 68 - Anuncio do espectáculo do Septeto em Inglês – Arquivo do Orfeão

ANEXO CXII



Documento 69 – Livros de partituras do Septeto – Arquivo Particular

The image shows a page from a handwritten musical score. At the top left, there is a handwritten note: "aba do an". The title "Partitura" is written in a large, decorative cursive font at the top right. Below it, the composer's name "Dr. Passos de Freitas" and "Ilha da Madeira" are printed in a small, inverted font. The main title "Na Baía do Funchal" is written in a large, decorative, stylized font across the middle of the page. Below the title, the text "Septeto Dr. Passos de Freitas Ilha da Madeira" is printed. At the bottom, there is a dedication: "Dedicado ao Septeto Dr. Passos de Freitas Ilha da Madeira" and a date "Funchal 6-4-84". The page is filled with musical staves, though the notes themselves are not clearly legible.

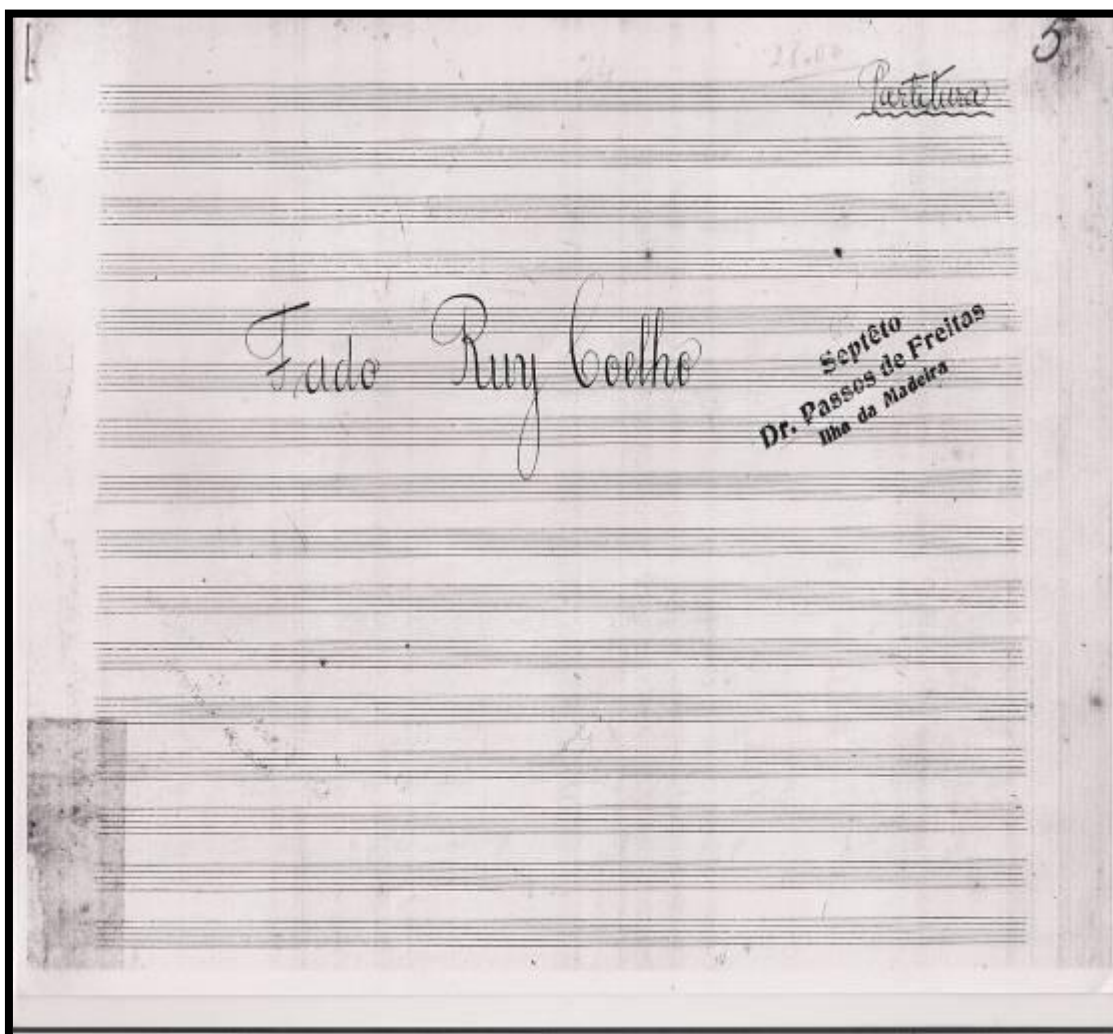
Documento 70 a – Partitura da música Na Baía do Funchal – Arquivo Particular

ANEXO CXIV

The image shows a page of handwritten musical notation for a band. At the top, the tempo is marked "Andante". The score is organized into two systems. The first system includes staves for Flute (1.º Fl.), Clarinet (1.º Clarinet), Bandoneon (2.º Bandoneon), Bandoneon (Bandoneon), Viola (Viola), and Guitarra (Guitarra). The second system continues the notation for these instruments. The notation is dense, with many notes and rests, and includes various musical symbols such as clefs, time signatures, and dynamic markings.

Documento 70 b - Idem

ANEXO CXV



Documento 71 a – *Partitura do Fado Ruy Coelho* – Arquivo Particular

Fado Rui Boelho

*Allegro ma non troppo*

Bandolim  
Baudium  
Baudista  
Baudibueira  
Viola

*pp* *pp* *pp* *pp* *pp*

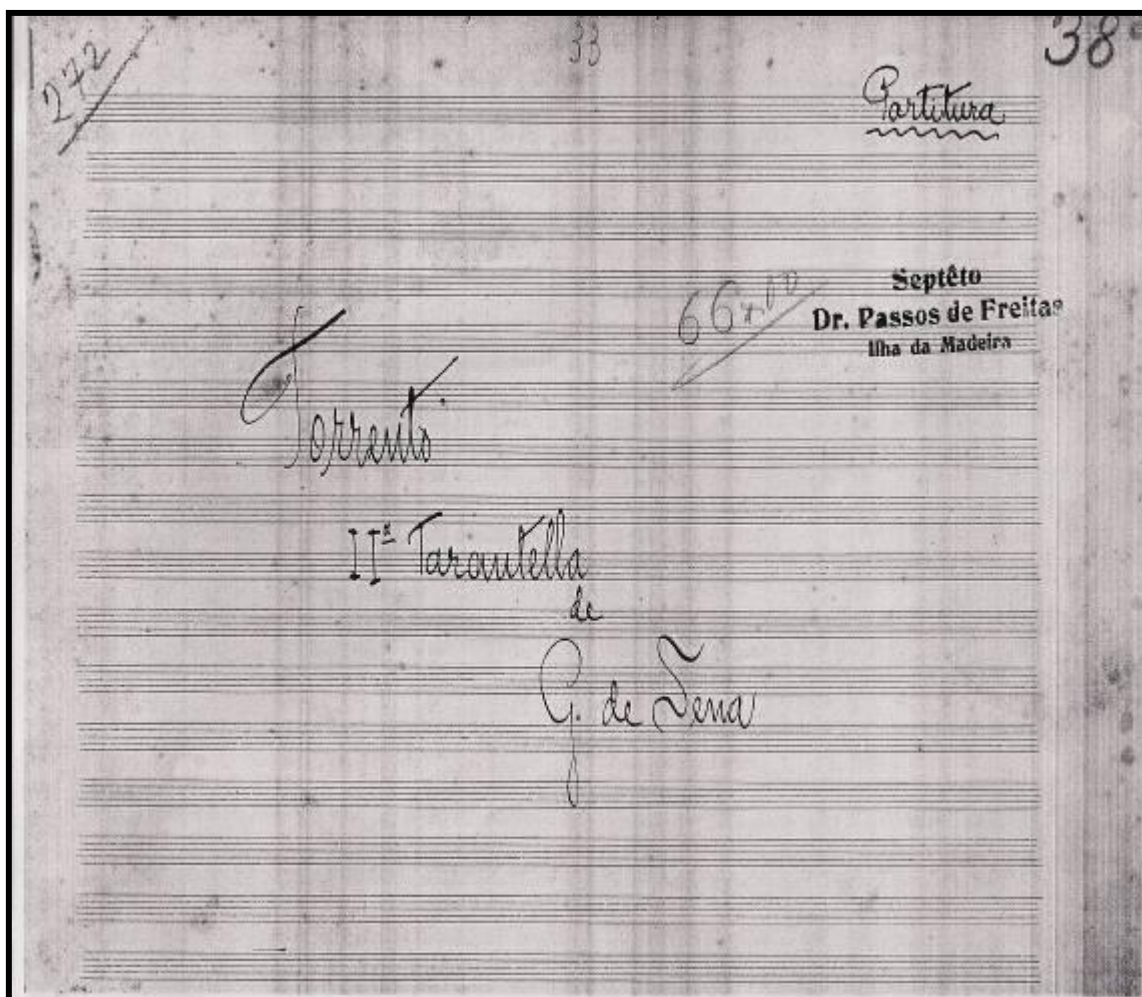
*crec* *crec* *crec* *crec* *crec*

*ritto* *allegro* *ritto* *allegro* *ritto*

*largo* *allegro* *ritto* *allegro* *ritto*

Documento 71 b - Idem





Documento 72 a – Partitura “Torrento-IIª Tarantella” de G. de Sena – Arquivo Particular

ANEXO CXVIII

The image shows a handwritten musical score for a piece titled "Torrento IIª Tarantella por Q. de Sena". The score is written on a single page with a dark border. At the top left, the word "Trombas" is written in a large, stylized script. Below it, the title "Torrento IIª Tarantella por Q. de Sena" is written in a similar script. The tempo/mood is indicated as "All'ombra". The score is arranged in two systems. The first system consists of six staves, each with a different instrument part: (a) Saxophone, Saxophone, Saxophone, Saxophone, Viola, and Cello. The second system consists of three staves, likely for piano accompaniment. The notation includes various musical symbols such as clefs, time signatures, notes, rests, and dynamic markings. There are some handwritten annotations and corrections throughout the score, including a circled "1" above the second system.

Documento 72 b – Idem

33

Septeto  
Dr. Passos de Freitas  
Ilha da Madeira

The image shows a handwritten musical score for a septet. The title is 'Septeto' by 'Dr. Passos de Freitas' from 'Ilha da Madeira'. The score is written on two systems of staves, each with three staves. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings like 'cres' and 'p'. There are also some handwritten annotations and a circled '3' in the top right corner.

Documento 72 c - Idem

36

Septeto  
Dr. Passos de Freitas  
Ilha da Madeira

*Serenade Galante*      Virgílio Ranzato

Flautas  
Clarineta  
Fagote  
Violoncello  
Viola

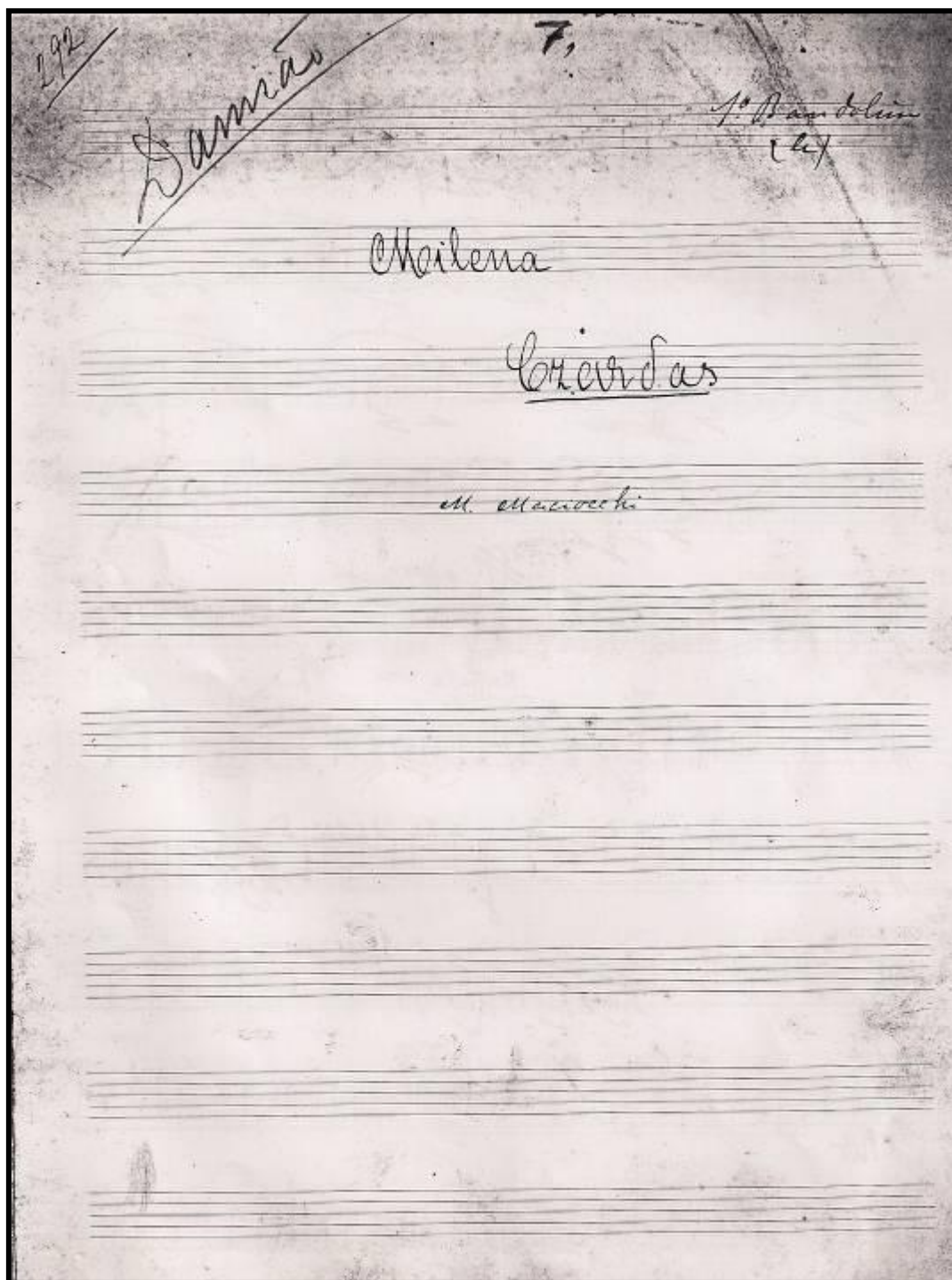
Documento 73 a – Partitura “Serenada Galante” de Virgílio Ranzato – Arquivo do Orfeão

ANEXO CXXI

The image displays a page of handwritten musical notation, identified as Documento 73 b - Idem. The score is written on two systems of three staves each. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and dynamic markings. The first system begins with a 'Rall.' marking. The second system includes markings for 'poco rit.' and 'Rall.'. The handwriting is clear and legible, typical of a composer's manuscript. The page is framed by a black border.

Documento 73 b – Idem

ANEXO CXXII



Documento 74 a – Capa da partitura “Milena Czardas”– Arquivo do Orfeão

ANEXO CXXIII

The image shows a page of handwritten musical notation for a piece titled "Milena Czardas". The score is written on ten staves. At the top left, the tempo marking "Adagio" is written. The music begins with a treble clef and a key signature of two flats (B-flat and E-flat). The first staff starts with a dynamic marking of *f* (forte). The notation includes various rhythmic values, including eighth and sixteenth notes, and rests. There are several slurs and phrasing marks throughout the piece. In the fifth staff, there is a change in time signature to 2/4, indicated by a double bar line and the new signature. A dynamic marking of *mf* (mezzo-forte) appears below this section. The sixth staff contains the handwritten text "1.º Mod." (first mode). The seventh staff has a dynamic marking of *f*. The eighth staff is marked with *rit.* (ritardando) and *tempo*. The ninth staff has a dynamic marking of *f*. The notation is dense and characteristic of early 20th-century manuscript notation.

Documento 74 b – Partitura “Milena Czardas”– Arquivo do Orfeão

ANEXO CXXIV

Handwritten musical score for a piece titled "ANEXO CXXIV". The score is written on six staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a common time signature (C). It contains a melodic line with various note values and rests, ending with a double bar line and the word "ale" written below. The second staff starts with a treble clef, a key signature of one sharp, and a 2/4 time signature. It features a melodic line with a "Cresc." marking above and a "p" dynamic marking below. The third staff continues the melodic line with a "p" dynamic marking. The fourth staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp, and a 4/4 time signature. It contains a melodic line with a "p" dynamic marking and a "cresc." marking. The fifth staff continues the melodic line with a "p" dynamic marking and a "cresc." marking. The sixth staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp, and a common time signature. It contains a melodic line with a "p" dynamic marking and a "cresc." marking. The score concludes with a double bar line and a final note. The handwriting is in ink on aged paper.

Documento 74 c – Idem